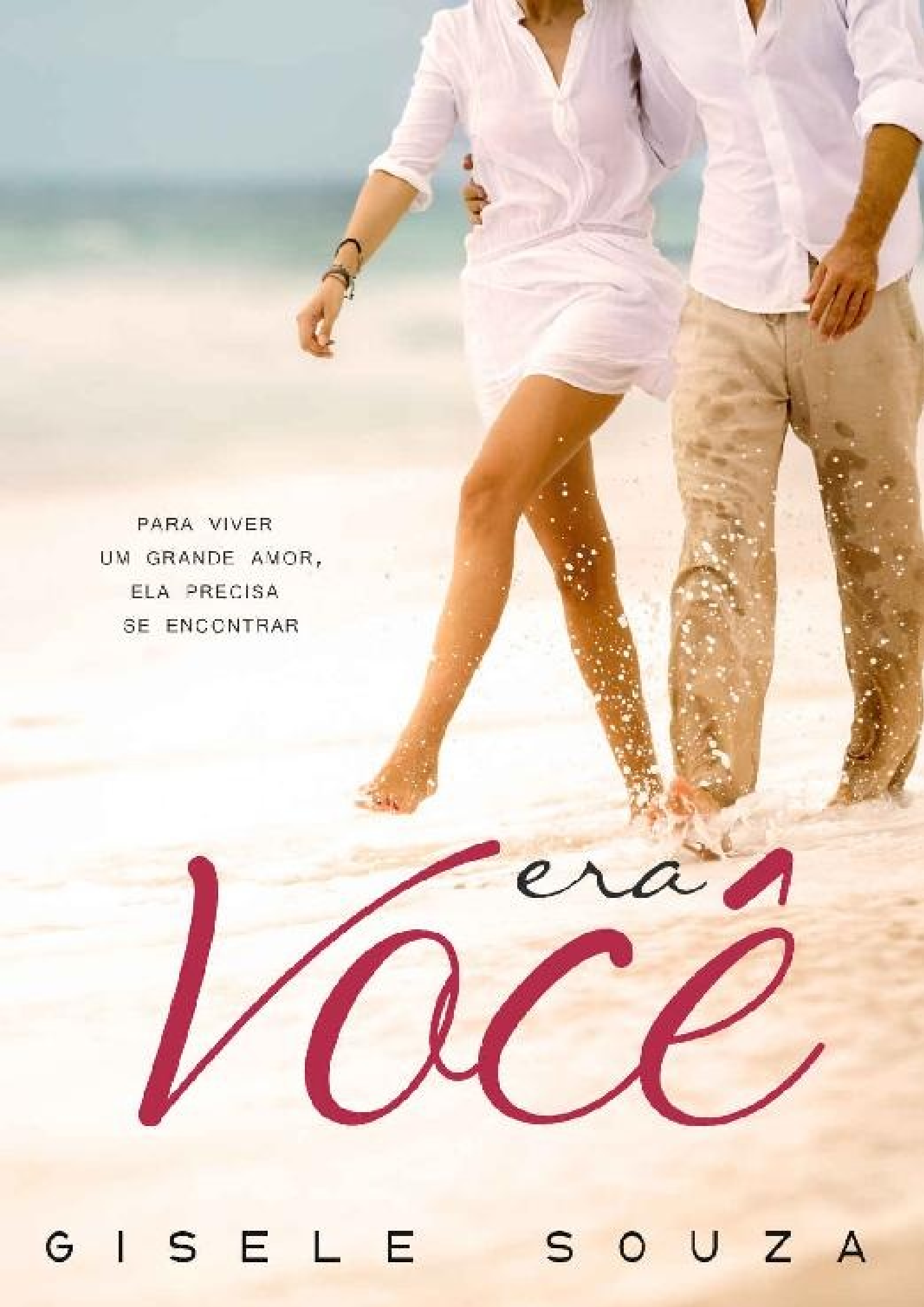

PARA VIVER
UM GRANDE AMOR,
ELA PRECISA
SE ENCONTRAR
era
Você
GISELE SOUZA

era você

GISELE SOUZA

ERA VOCÊ

GISELE SOUZA

Copyright © 2016 Gisele Souza

Capa: Gisele Souza

Revisão e Copidesque: Carla Santos

Diagramação Digital: Carla Santos

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Prólogo
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Epílogo

Bônus

Agradecimentos

Biografia

Outras obras

Prólogo

Andrew

Existe certa diferença quando você realiza um sonho próprio e quando o faz pelo bem e a felicidade geral da família. No meu caso, podemos dizer que foi um pouco das duas coisas. Talvez se eu não tivesse crescido rodeado de militares e sendo “preparado” para, no futuro, seguir essa carreira, teria escolhido outra coisa. Mas, como não foi bem assim, estava satisfeito por minha conquista. Me alistei e tinha passado com louvor na Marinha dos Estados Unidos. Meu objetivo? Ser um SEAL!

Minha família inteira seguiu carreira militar, mas nenhum deles chegou a ingressar numa organização desse tipo.

E por esse feito eu tinha que comemorar em alto estilo! Afinal, no dia seguinte eu começaria uma nova vida.

Organizei uma festa na praia, um luau bem gostoso com muita mulher bonita. Seria um bota fora de arrasar.

Apesar de ter tantas opções de mulheres loucas para estarem comigo, porque eu não seria hipócrita, era um cara bonito, e não muito difícil. As garotas queriam estar com um militar, isso era fato. Só que eu queria uma especial, estava secando a garota desde a hora que ela chegou com algumas amigas. Como eu não a tinha visto antes? Linda demais!

Cabelos loiros, olhos azuis, lábios carnudos e vermelhinhos, um sorriso encantador… O corpo dela não vou nem comentar, meio que perdi as palavras

no meio do caminho em observar aquelas coxas torneadas um pouco cobertas pela enorme camisa branca.

Aproximei-me de um amigo e o chamei para um canto.

— Steve, quem é a loirinha que chegou com a Tiffany?

Ele se virou e observou as meninas rindo e batendo papo num canto do outro lado da fogueira.

— Não sei bem, parece que é nova na cidade. Por quê? Já quer fisgar a menina?

— E porque não? — Abri meu sorriso sedutor quando ela se virou como se desconfiasse de que estávamos falando dela.

— Talvez porque você está indo embora sem data pra voltar.

— E daí? Isso não me impede de ter uma noite deliciosa com uma menina encantadora. Não acha?

Ele deu de ombros e nem liguei para a palhaçada e sermão do Steve, pois meu amigo não sabia como eram bons os relacionamentos de uma noite. Afinal, o cara estava amarrado desde os quinze anos.

Quando me aproximei, vi que suas amigas a cutucaram quando me viram chegando, fui logo sentando ao lado dela e sorri.

— Você é nova aqui, né?

A loirinha riu e arregalou os olhos. Pisquei pra ela, pois sabia que essa cantada idiota iria aliviar o clima.

— Essa é sua melhor cantada?

— Na verdade não, mas percebi que você não é conquistada com cantadas.

— Hum, e por isso decidiu que era melhor se fazer de besta?

Cara, a mulher foi feita no molde perfeito para mim. Balancei a cabeça e estendi a mão, pegando o queixo delicado entre o polegar e o indicador.

— Mais ou menos. Qual o seu nome, linda?

Ela estreitou os olhos e eu prendi a respiração. A garota parecia prestes a me dar um fora. Eu nunca levava foras, e a sensação de estar para tomar o primeiro, meio que me deu um frio na barriga.

— AJ!

Respirei aliviado, não tinha nem ideia que estava prendendo a respiração.

— Só AJ?

— Hum-hum… E você, como se chama, cara das melhores cantadas?

— Andrew. — Ela assentiu e já estava se virando para falar com a amiga quando continuei: — Drew para os íntimos.

Isso chamou a sua atenção, pois eu disse como se tivesse duplo sentido. Ela sorriu amplamente, inclinou-se e falou algo com a amiga, mas logo se levantou e achei que iria me deixar plantado como um idiota no meio das garotas. Tudo bem, eu merecia por ser tão arrogante.

— Então vamos dar uma volta, *Drew*.

Fiquei olhando para ela, se afastando, pensando se aquilo estava mesmo acontecendo. Não pensei em mais nada, não era disso mesmo, limpei a areia da bermuda, alcançando-a já a quase dois metros de distância.

— Isso quer dizer, então, que você é uma amiga íntima?

Ela sorriu e não olhou pra mim, dando de ombros.

— Depende de alguns fatores. — Fiquei olhando para o perfil delicado da garota sem saber o que dizer, nunca me deparei com alguém como ela. Era destemida, falava o que queria e o melhor… linda pra caralho!

— Então, *AJ*. Há quanto tempo está morando aqui?

— Me mudei faz alguns dias.

— Então não conhece bem o pessoal, talvez não saiba bem com quem está passeando por uma praia deserta, pode ser perigoso.

AJ me olhou, rindo, e sacudiu a cabeça.

— Na verdade, eu sei sim. Estava em casa sem fazer nada e quando minha vizinha convidou para a festa do amigo que iria para a Marinha, vi uma chance de sair da loucura da minha casa. Caixas e mais caixas espalhadas não é um bom sinal para alguém desastrada como eu.

Droga, ela sabia com quem estava, e talvez soubesse da minha fama de galinha. Precisava ser o mais cuidadoso possível.

— Entendo, mas você não me parece desastra…

Quase engoli minha língua quando a vi parando no meio da areia e desabotoando a blusa.

— Acho que vou entrar na água. Você vem? — Andamos para bem longe da festa e não tinha ninguém por perto, mas será que eu não estava louco, vendo coisas?

AJ terminou de tirar a blusa e ficou apenas de sutiã e o short minúsculo que usava. Pelo jeito, a enorme blusa, que agora estava esquecida na areia, cobria a maior parte das pernas. Engasguei-me com a saliva e comecei a tossir feito um idiota, enquanto ela só sorria para mim.

— Como assim? — Eu não estava entendendo bem o que a menina queria, ou estava e não podia acreditar na minha sorte.

Ela revirou os olhos e apoiou as duas mãos na cintura, ficando ainda mais sexy com os seios redondos empinados em minha direção.

— Olha, *Drew*. Não precisa fingir nada, sei o que você queria com essa festa e o notei me olhando desde que cheguei, talvez eu queira a mesma coisa. — Sorriu amplamente como se fosse uma gata prestes a comer o canário. — Então, você vem?

E andou para a beirada da água, tirando o short. Fiquei parado sem acreditar, era aquilo mesmo? Ela estava me chamando apenas para um banho ou algo mais? Eu não sabia muito bem o que fazer, e se tivesse entendido errado? Ela já tinha submergido dentro d’água, mas quando retornou sorriu e me chamou com as duas mãos.

Que se foda, eu não vou ficar aqui pensando demais.

Tirei minha roupa e entrei no mar atrás dela. Quando a alcancei, AJ me observava intensamente, seus lábios estavam mais vermelhos e agora molhados, enquanto seus olhos azuis brilhavam, me hipnotizando.

— Então, será que depois de um beijo vou me tornar íntima o bastante para te chamar de Drew?

Meu corpo todo se arrepiou e senti meus músculos retesando de vontade de tê-la. Senti meu coração bater mais descompassado e me aproximei colando nossos corpos. Eu era mais alto e AJ levantou a cabeça para olhar em meus olhos.

— Teremos que provar essa tese, não?

Ela assentiu e era tudo que eu precisava. Enlacei sua cintura e encostei meus lábios nos dela provando o sabor salgado do mar. Meu corpo formigava de desejo e tive que intensificar o beijo suave que comecei. Deslizei minha língua pra dentro da boca dela e gemi com o contato, o que a fez se grudar ainda mais em mim. Meu corpo pedia pelo dela e sentia que poderia enlouquecer se não a tivesse logo.

Soltei da boca deliciosa e esperei que abrisse os olhos.

— Acho que não somos íntimos o suficiente.

AJ assentiu e olhou para a praia deserta. Ela parecia em dúvida e peguei seu queixo entre meus dedos.

— Se quiser, a gente volta agora.

— Não, só estou pensando se naquela sua bermuda jogada na areia tem camisinha — falou sem olhar para mim.

Puta merda, e eu tentando ser cavalheiro…

— Tem sim!

Sorriu de lado e piscou um olho.

— Então vem, eu preciso te chamar de Drew.

Engoli em seco e a acompanhei até a praia. Quando chegamos, ela pegou sua roupa, andou até um local mais afastado da beira da praia que tinha um pouco de grama. Porém, chegando lá, estendeu a blusa e deitou-se, olhando para mim.

— Não gosto de areia atrapalhando.

Respirei fundo e passei os dedos entre meus cabelos molhados. Aquilo estava acontecendo mesmo? Meu coração batia tão acelerado que achei que teria um ataque a qualquer momento. Nem parecia eu, o cara que gostava de fodas de uma noite. Mas ela era diferente, seu beijo ainda estava na minha boca.

AJ me observava com um pequeno sorriso nos lábios e eu percorri meus olhos por todo seu corpo, desde os pés delicados com as unhas pintadas de rosa até o pescoço delgado, e percebi uma pequena tatuagem no quadril direito: uma borboleta com as asas abertas.

Porra, além de ela ser o sonho de qualquer cara, ainda tinha uma tatuagem que, com certeza, continha um grande significado.

— Eu acho que estamos prestes a ficar íntimos. — Ela sorriu, me recebendo em seus braços e no seu corpo.

Nunca senti nenhuma das sensações que experimentei com AJ naquela praia. Foi inesquecível! Enquanto estava dentro dela, olhava nos olhos azuis, tão intensos, a boca me chamava para mais um beijo e tive a impressão de que nunca me esqueceria daquele gosto, do sorriso lindo que ela me presenteou quando se jogou no mar de prazer. Eu me perdi completamente, senti que estava viciado no sabor e no calor que emanava dela.

AJ era uma garota diferente de todas que conheci, desinibida, segura dos seus desejos, divertida e muito quente.

Quando terminamos, eu fiquei deitado e ela encostada em meu ombro, enquanto olhávamos para o céu negro cheio de estrelas. Porém, do nada levantou-se, começando a se vestir, e fiz o mesmo, pois estávamos deitados em cima da enorme blusa dela.

Não sei bem o porquê, mas tive uma vontade louca de segurá-la em meus braços e não a deixar ir, estava parecendo uma menininha sentimental.

— Eu vou voltar! — Desde que a vi dizia e fazia coisas que não eram do meu estilo, talvez fosse toda a animação de que, no dia seguinte, eu partiria para uma vida nova e tinha encontrado uma mulher que poderia me sossegar.

Ela riu e se virou para olhar em meus olhos, seu pescoço estava todo vermelho, resultado do que fizemos intensamente.

— Tudo bem, mas não vou te esperar. — E saiu andando sem ao menos olhar para trás. Eu não esperava por isso, imaginei que AJ se jogaria em meus braços e choraria para que retornasse logo.

Bem, me diz se eu não era um idiota? Tinha conhecido a menina menos de duas horas e queria que ela já estivesse apaixonada por mim.

Olhando-a ir embora, tive uma vontade louca de desistir de tudo. Jogar para o alto toda a carreira que sonhei, e seguir o desejo que ainda ardia em meu corpo. Mesmo depois de ter sido saciado algumas vezes.

Mas não o fiz, como sempre, ser um SEAL vinha em primeiro lugar. Porém, eu deveria ter feito!

1

Andrew

Dois anos depois…

Não saberia dizer quantas noites perdi pensando em como seria quando eu entrasse para a Marinha. Foi um sonho que consegui realizar, mas a realidade não era como eu imaginei. Para chegar onde eu queria teria que batalhar muito ainda, e eu iria.

Por dois anos não consegui voltar para casa, algumas vezes por opção, lê-se mulheres lindas e bem-dispostas à minha espera. Outras vezes porque fiquei preso em serviço, porém, agora estava retornando, minha mãe iria entrar em depressão se eu demorasse mais.

Mas o caminho de volta foi permeado de lembranças da minha última noite em Beach Point[1] na Carolina do Sul. Por mais que eu tenha passado por várias camas, me afundado em vários corpos, beijado tantas bocas… o gosto dela não saía da minha lembrança. Não sei dizer se foi porque fui literalmente usado, ou porque ela era realmente diferente.

AJ! Será que ainda estava na cidade? E se eu a encontrasse? Sorri ao pensar nisso, faria com que ela implorasse para que eu não fosse embora, como devia ter sido desde o início. Eu sei que pareço um idiota, mas não é fácil ser rejeitado depois de ter sempre o que desejava.

Esperava encontrá-la e tentar entender por que, nesse tempo todo, eu

não consegui esquecê-la.

— Ei, Cooper! Pronto para voltar pra casa depois de todo esse tempo?

Olhei para Ethan Turner, que sorria para mim do outro lado do ônibus que nos levava.

— Não vejo a hora, não percebi que senti tanta falta. — Ele assentiu e olhou para a janela. — E você, tá animado? Sei que sua namorada está te esperando, né?

Ethan era um cara legal que conheci dentro da Marinha, morávamos na mesma cidade há séculos e nunca tínhamos tido contato. Ele retornou para casa sempre que pôde e conheceu uma garota legal. Passaram a namorar e o cara estava apaixonado, sabia que ele queria pedi-la em casamento. O que eu achava uma loucura, mas Turner era um bom amigo. Ficamos bem próximos nos últimos anos.

— Vou sim, ela está me esperando.

— Que bom, cara. Enfim, vou conhecer a mulher que virou sua cabeça.

— Sim, não vejo a hora. Aí, então, vai entender o porquê do meu encantamento. — Sorri e abaixei a cabeça tentando esconder o que eu realmente achava daquilo. O cara só tinha vinte anos e queria se amarrar, eu o zoava bastante por isso e ele sempre dizia que quando a conhecesse entenderia. — E a tal garota que você conheceu, vai procurá-la?

— Com certeza, preciso entender o motivo de não tê-la esquecido ainda.

— Espero que ela te dê uma lição. Galinhar como você faz, não pode ser muito bom, não se apega a ninguém…

Fiz uma careta, sorrindo.

— Só porque você não sabe o que é bom, cara. Sua mulher deve ser daquelas comportadinhas que não gostam de aventuras, vai enjoar fácil se casar com alguém assim.

Ethan sorriu e passou as mãos na cabeça parecendo estar se divertindo

com o que eu disse.

— Eu não vou fazer propaganda da minha mulher pra você, seu babaca. Sei que tá querendo pescar e o fato de você ser quem é se torna muito arriscado, o quero longe da Aly.

Arregalei os olhos e percebi que ele falava sério.

— Uma coisa que sempre respeitei é a mulher dos outros, *brother*. Pode ficar tranquilo quanto a isso, sua namorada está segura comigo, será como um homem pra mim, ou melhor, como se ela fosse minha irmã. Eu te considero pra caramba, nunca ia te sacanear.

— Eu sei, só estou dizendo… Ela não é como imagina.

Ok, confesso que parei para fantasiar um pouco com a mulher algum tempo atrás, de tanto ele falar. Pelo que dizia, ela devia ser perfeita… e chata demais! Formei em minha mente uma pessoa que faz tudo correto, sem errar. Uma verdadeira dama da sociedade, que para mim é sinônimo de tédio.

E o cara ainda vinha com medo de eu roubar a namorada dele?

— Pra te deixar tranquilo. Se você casar com ela, me candidato a padrinho do primeiro filho de vocês, aí não precisa se preocupar. Nunca iria magoar uma criança. Sente-se melhor?

— Você é um otário, mas eu concordo. Tenho poucos amigos e os que sobraram se afastaram quando fui pra Marinha.

— Perfeito! Agora só precisamos avisar a senhorita maravilhosa disso.

Ethan riu e sacudiu a cabeça. Os olhos verdes do meu amigo sempre dançavam de alegria, ele era de bem com a vida, amigo de todo mundo, prestativo, mas muito certinho e, pelo que eu tinha ouvido dele, muito controlado pela família. Não era à toa que estava tão ansioso para se amarrar.

— Você vai se candidatar ao curso?

Ele se referia ao curso que nos levaria a nos tornarmos um SEAL. E isso queria dizer mais tempo longe de casa, mais sofrimento, mais alguns anos sendo burro de carga.

— Foi pra isso que entrei. E você?

— Ainda não sei.

— Tem medo da senhora perfeitinha te deixar?

Ele sorriu de lado e piscou um olho, parecia convencido demais, certo do que tinha com a namorada.

— Isso não vai acontecer, tenho habilidades que a deixaram dependentes.

Franzi a testa e fingi que estava enfiando o dedo na garganta.

— Porra, cara, sem detalhes! Não gosto dessa visão. Já vi essa bunda magra e branca por vezes demais na minha vida, argh!

— Não seja tão melodramático.

Assenti, revirando os olhos, e olhei para o lado de fora, estávamos quase chegando e me mudei para sentar ao lado dele. Não sabia que estava tão nervoso por estar em casa.

— Mas se eu fosse você entrava para o curso sim, afinal foi pra isso que entrou também. Seus planos mudaram depois que a conheceu?

— É, vou pensar nisso. Ainda penso em continuar, mas preciso ver certinho.

Dei de ombros e coloquei as mãos atrás da cabeça.

— Bom, então vamos combinar de sair. Vou tentar encontrar minha “droga” e a gente sai em grupo, o que acha?

Ethan riu.

— Pare de chamar a garota assim, se ela souber não vai gostar.

Lembrei-me daqueles olhos azuis nublados de desejo, as mãos dela que passeavam por meu corpo, os gemidos roucos e os lábios deliciosos. A garota era boa demais pra ser verdade. E realmente uma droga que me viciou.

— Acho que não se importaria, nunca encontrei alguém como ela.

— E olha que você procurou.

Ele se referia às vezes que fiquei atormentado demais pensando nela e saí à procura de alguém que nublasse meus sentimentos, os pensamentos e sensações. Porém, nunca encontrei. Voltava frustrado e muito puto.

— Exatamente. — Empurrei-o com o ombro e fitei a praia, que já estava lotada. — Mas não há nome melhor pra ela, o gosto ilícito dela me viciou, preciso disso agora que estou aqui. Sou dependente, o que posso fazer?

Meu amigo riu e levantou-se, puxando a mochila do compartimento de bolsas em cima dos bancos. Sentou-se de novo e me observou.

— Então, quando achá-la nessa enorme cidade, boa sorte, aliás, nós podemos sair em grupo.

Ele estava certo, Beach Point era muito grande e muito habitada, mas eu sempre acreditei que quando algo tem que acontecer, não tem jeito; se fugir, ele te encontra. O destino era uma cadela, às vezes, mas outras era muito bom.

O restante do caminho falamos de amenidades. Porém, quando o ônibus parou pude ver uma horda de pessoas que esperavam os marinheiros que estavam chegando. Estávamos em nossos uniformes completos, eu ficava bem de branco, as mulheres gostavam bastante. Podia procurar minha AJ vestido daquela forma, assim seria mais fácil convencê-la de que éramos feitos um para o outro, ficaria louquinha pelo meu charme e todo o resto debaixo do uniforme.

Avistei minha mãe bem na frente gritando e dando pulinhos de alegria, tirei o quepe e não precisei fazer mais nada. Ela me abraçou tão forte que fiquei pensando: de onde vinha aquilo tudo de uma mulher de um metro e meio? Ela simplesmente batia no meu peito.

— Mãe, você vai me esmagar.

— Cale a boca, Andrew Cooper. Mamãe está com saudades, não te vejo há muito tempo.

Sorri e pisquei um olho para o meu pai que nos observava. Robert

Cooper era um capitão aposentado do Exército. Nunca havia perdido os costumes militares e era um pouco frio comigo, mas tudo bem, minha mãe tinha calor por um batalhão inteiro.

Contudo, eu a entendia, era filho único. Apesar de tentar constantemente me dar um irmão, mesmo contra a minha vontade, porque pra mim estava muito bom ser sozinho, não conseguiu. Com o tempo eles desistiram e se conformaram em realizar todos os sonhos em mim.

Enfim, ela me soltou chorando feito criança; levei minha mão até seu rosto e enxuguei delicadamente. Apesar de tudo que fiz na vida, por ser galinha demais e provavelmente ter destroçado corações, sempre fui muito carinhoso. Minha mãe me ensinou a ser assim, ela tinha amor para dar e vender.

— Desculpe, mãe. Não vou ficar tanto tempo fora.

Ela fungou e assentiu devagar, logo a expressão doce deu lugar a uma careta de desgosto.

— Eu sei porque ficou tanto tempo fora, estava ligado demais nas vadias que encontrava, né? Eu sei como funciona, Drew! A família inteira é de militares galinhas.

Meu pai deu um passo à frente e me deu aquele meio abraço estranho de homens.

— Aí que se engana, Ash, eu nunca fui galinha. Entrei para o exército comprometido.

Revirei os olhos quando minha mãe sorriu apaixonada para ele. Meus pais estavam juntos desde sempre, se conheceram crianças e de amigos tornaram-se um casal. Não se largaram desde então.

— Você não conta, Rob! — Virou-se pra mim estreitando os olhos. Lá vinha bronca. — Estou achando você muito magrinho, Andrew. Estão forçando você demais?

Então, foi a vez do meu pai revirar os olhos. Eu sorri e a abracei

carinhosamente, tinha me esquecido como era bom estar com eles, minha mãe parecia uma anã perto de mim, mas era maior que qualquer um de nós. Sua superproteção me sufocava anos atrás. Agora, só me sentia protegido mesmo que sua crítica tenha sido sem sentido. Tinha engordado dez quilos desde que saí de casa, tudo bem que a gordura havia se transformado em músculos e não parecia tanto.

— Estou bem, mãe. Ainda tenho muito que trabalhar para chegar onde quero.

Ela sorriu e me puxou, dando tapinhas carinhosos no meu rosto.

— E você vai conseguir!

Abracei-a e fomos andando até o carro.

— Ei, Cooper. Venha conhecer a razão da minha vida.

Ouvi a voz do Ethan me chamando e parei. Meus pais continuaram e me virei, já sabia o que ele queria. Enfim, iria conhecer a namorada perfeita dele. Meu sorriso morreu assim que foquei nos dois que vinham em minha direção, achei que a sorte havia se virado contra mim.

De mãos dadas com Turner estava minha AJ, a menina que permeou meus pensamentos por dois anos. O motivo de eu não ter retornado foi porque, covarde, me assustei com o que provocou dentro de mim. E, pelo visto, ela não tinha me esperado mesmo.

— O que foi, Andrew? Parece ter visto um fantasma. — Ethan sorria e parecia se divertir. *Ah, se ele soubesse que fantasma era*. — Bem, já que acho que perdeu a língua, Andrew Cooper essa é Alysson, minha namorada. Drew é meu melhor amigo, Aly. Ele me ajudou muito quando começamos, se não fosse ele eu teria desistido.

Lembra quando disse que o destino poderia ser uma cadela? Pois então, ele era nesse exato momento. Alysson sorria parecendo não me reconhecer, era como se estivéssemos sendo apresentados naquele instante. Será que fui tão fácil de esquecer assim?

Mas eu precisava parar de encarar a garota e pegar a mão estendida em minha direção. Apertei rapidamente e sorri forçado.

— Muito prazer, Alysson. Ethan me falou muito de você.

Ela abraçou o namorado pela cintura, parecendo encantada com o fato e assentiu.

— O prazer é todo meu, ele disse muito sobre o Cooper também. Tenho a impressão de que já te conheço de tanto ouvir ele comentar.

Estreitei meus olhos, desconfiado, mas logo dispersei. Ela não estava brincando, não tinha dubiedade no que disse, era simplesmente o que era.

AJ estava proibida para mim agora, teria que me conformar.

Contudo, a mulher à minha frente não parecia com a minha AJ, talvez ela tivesse mudado com os dois anos e se tornado uma frígida sem coração, seca e sem graça.

Ei, meninas, não me julguem! Precisava de algo para amenizar a dor que sentia. E por que estava com tanta dor assim? Droga!

— Bom, vou indo. Minha mãe está ansiosa para me mostrar as novidades na casa e me parece que meu prato preferido me espera.

Ethan sorriu e assentiu com um aceno.

— Se encontrar a sua “droga” me avisa para sairmos juntos, só não chama ela assim ou vai levar um fora.

Senti um frio na barriga e arregalei os olhos encarando Alysson, que apenas sorria como se não entendesse o que estava acontecendo. Com o coração acelerado concordei e virei as costas indo até o carro dos meus pais. Mal sabia meu amigo que eu já havia encontrado.

2

Alysson

— Tudo bem, mas não vou te esperar.

Essa frase ecoou em minha mente por algum tempo.

Eu realmente quis dizer isso. Como alguém espera por um cara que acabou de conhecer? Foi só uma transa casual, algo de uma noite só. Não devia ser nada de mais, nem deveria ficar com isso na cabeça…

Bom, só que tinha um problema. Eu esperei!

Por meses achei que voltaria, tentei saber notícias sobre ele da única amiga que tínhamos em comum. Tiff nunca sabia de nada e também partiu um ano depois para fazer faculdade.

Então, eu cansei e deixei pra lá. Afinal, eu fui apenas um bota-fora. Mesmo sendo minha escolha ter ido “andar” na praia com ele, eu o desejei desde que pisei na festa, me senti um pouco ofendida com a sua atitude quando terminamos. Mas o que eu queria? Juras de amor eterno e que o cara desistisse da carreira?

Engoli minha mágoa e decepção por ele não ter retornado e tentei esquecer. E parece que quando uma porta se fecha uma janela se abre.

Conheci Ethan — coincidência ou não — em uma festa na praia. Fomos apresentados pela irmã dele, que era minha amiga. Eu sabia que ele era da Marinha. Não liguei os pontos e nem pensei que eram semelhanças demais. Resolvi fazer diferente dessa vez e parei de ser AJ, agora era apenas Alysson.

Contudo, confesso que projetei o outro cara no novo por alguns minutos, eles tinham a mesma constituição física, fortes e charmosos, mas percebi meu erro logo. Eram completamente diferentes.

Enquanto Ethan era carinhoso, atencioso, romântico, galanteador e muito simpático, o outro era safado e tinha perigo estampado na testa. Só isso foi o bastante para eu saber o que era melhor para a minha sanidade.

Um ciclo da minha vida se fechou quando Ethan me pediu em namoro algumas semanas depois de nos conhecermos, ele foi e retornou. Parei de pensar no Drew e segui minha vida. Pelo menos, enquanto estava acordada fazia, porque em meus sonhos o filho da mãe sempre estava presente. Era praxe, eu fechava os olhos e voltava para aquela noite na praia, revivendo todos os momentos. Porém, eu ignorava isso, não me faria nenhum bem viver no passado.

E por isso resolvi mudar tudo em minha vida, aceitei o pedido do Ethan, o tempo passou e quase não me lembrava do cara. Até que consegui, mas as malditas coincidências que decidi ignorar voltaram para rir da minha cara.

Drew nada mais era que o amigo que o meu namorado adorava e falava o tempo todo. Porém, como eu saberia sendo que ele se referia ao cara somente pelo sobrenome? Droga!

Eu o reconheci assim que se virou quando ouviu sendo chamado, era impossível não reconhecê-lo. Aqueles olhos azuis intensos e o sorriso de menino ficaram gravados em minha memória. Porém, o corpo havia sofrido mudanças drásticas. Quando nos conhecemos, ele era grande e forte, mas nada comparado com agora, caramba!

Contudo, eu precisava decidir o que faria. Afinal, o que tivemos não foi nada além de algo casual sem importância. E agora quem mais me importava era o Ethan, não queria que a amizade deles mudasse por minha causa. Ele adorava o amigo, então fingi que não o reconheci. Agi como se não o conhecesse, até me surpreendi com a minha calma diante de uma situação tão desconfortável. *Daria uma ótima atriz!*

Ele não teve tanto êxito, ficou realmente surpreso e frustrado. Mas logo se despediu e foi embora. Confesso que fiquei com aquilo na cabeça enquanto dirigia para a casa do Ethan e me mantive em silêncio. O que eu ia fazer agora?

— O que foi, Aly? Está estranha desde que encontramos com o meu amigo.

Senti um frio na barriga e tentei disfarçar. Eu tinha que resolver isso logo, mas como iria chegar no cara e dizer que não queria que Ethan soubesse? E será que *ele* se lembrava de mim?

Forcei um sorriso e olhei para o meu namorado.

— O quê? Não foi nada, só estou um pouco cansada, a semana foi bem agitada.

Ele me olhou carinhosamente e assentiu, apoiou a cabeça no banco e estendeu a mão depositando-a em minha perna.

— Eu imagino, linda. Mas agora estou aqui pra te ajudar com a livraria.

Respirei fundo e continuei a olhar para a estrada, eu me apaixonei por Ethan no decorrer do tempo. Não foi algo rápido e arrebatador, porque o sentimento que tinha por ele nasceu gradativamente a cada toque, beijo e palavras de carinho. Sentia muita falta dele quando tinha que partir de novo.

— Mas até quando você fica dessa vez, Ethan?

Fiz uma curva e entrei na rua dele. Olhei de relance para o seu rosto, sua testa estava franzida de preocupação.

— Eu ainda não sei, não decidi se vou continuar.

— Mas ser um SEAL sempre foi seu objetivo na Marinha. O que mudou?

Ethan respirou audivelmente e ficou em silêncio por algum tempo. Até pensei que não diria mais nada, ele tinha esse costume de não gostar de dar satisfações das decisões que tomava, o que me irritava um pouco, mas eu acabava deixando de lado. E foi quando sua voz grave fez meu corpo todo

arrepiar.

— Você mudou, Aly!

Engoli em seco e continuei dirigindo até parar em frente à casa dele. Quando estacionei vi que a mãe e a irmã o esperavam na porta, ansiosas para sua chegada.

— Você não tem que mudar nada na sua vida por minha causa, Ethan! Somos um casal, não somos? Devemos nos apoiar e lutar por nossos sonhos.

Ele torceu a boca e olhou pela janela, acenou para a família e me encarou.

— Eu não sei qual é mais o meu sonho, Alysson. Estou confuso…

Soltei o cinto e me aproximei envolvendo seu rosto entre minhas mãos. Colei nossos lábios num beijo delicado e sorri ao me afastar.

— Seus sonhos não mudaram porque estamos juntos, isso não pode acontecer. Entre nós não deve ter arrependimentos e o chato do *e se*. Por favor, pare com isso. Você vai continuar com seus planos e se tornar um SEAL como sempre quis desde que ingressou na Marinha. Ok?

Ethan me puxou para aprofundar o beijo que comecei e fui ao céu. Sempre me sentia segura em seus braços, mal podia esperar para que nossa noite começasse. Quando se afastou vi que pensava da mesma maneira, seus olhos verdes estavam brilhantes de desejo.

— Conversaremos sobre isso com mais calma, agora preciso ir. Ou aquelas duas podem vir aqui e me arrastar pra dentro de casa. Te vejo à noite?

Mordi o lábio e assenti. Notei que meu namorado respirava mais rapidamente e me afastei, ajeitando-me no banco do carro; se não fizesse, as coisas poderiam começar a ficarem desconfortáveis. Na verdade, já estavam!

Ele saiu e foi ao encontro da irmã, que já estava impaciente no portão. Faltou pouco para vir buscá-lo. Nós éramos amigas, mas algumas coisas mudaram quando me envolvi mais seriamente com Ethan. Ela era muito possessiva com o irmão e nos afastamos um pouco. Me despedi com um

aceno e parti. Eles precisavam desse tempo a sós. À noite seria só meu, tínhamos uma festa para ir, mas antes precisava dele só pra mim.

Contornei a rua do Ethan e entrei na principal novamente, minha casa ficava um pouco longe da dele, na verdade, bem longe. Morávamos em lados extremos da cidade. Eu morava numa casa à beira da praia, adorava aquele lugar. Quando saí da casa da minha mãe e resolvi morar sozinha não houve outro lugar que eu quisesse morar a não ser ali. Adorava acordar com o barulho das ondas quebrando na areia.

Levei um tempo, mas, enfim, cheguei em casa. Precisava me preparar para a noite. Estava ansiosa para a noite, pois fazia algum tempo que não saía. Tinha meu próprio negócio que tomava todo meu tempo livre, mas quando Ethan estava na cidade eu largava tudo para ficar com ele.

Abri a porta e Snow veio correndo ronronar em minha perna.

— Ei, baby! Ficou bem sem a mamãe? — Afaguei seu pelo branco até que ele adormeceu. Que gato preguiçoso! — Parece mesmo com o seu pai, não? Acho que vai ficar por aí mesmo, né?

É, acho que sim… Ganhei Snow no Natal passado do Ethan, ele apareceu com o gatinho dizendo que seria uma companhia para quando ele estivesse fora. Só esqueceu de comentar que o bichano mais dormia do que qualquer coisa.

Fui até os fundos e abri a porta que dava para a varanda que eu costumava sentar lendo um livro e olhando o mar ir e voltar, adorava a brisa que entrava dentro de casa.

Encostei-me ao batente da porta e, sorrindo, vi uma criança correndo pela areia sendo seguida pelo irmão maior e o pai. Me bateu uma nostalgia, apesar de apoiar Ethan a seguir seu sonho, eu sentia muito a sua ausência. Sabia que ele pretendia me pedir em casamento em breve, era tão transparente que conseguia adivinhar tudo o que ele pensava e queria sem precisar dizer nenhuma palavra. Contudo, minha vida seria um pouco solitária e isso me trazia certa tristeza. Respirei fundo e entrei, não adiantava ficar me

lamentando e pensar no que poderia ser, pois há muito tempo comecei a aceitar o que me era concedido.

***

— Como você está, AJ? Estou preocupada com você!

Revirei os olhos e sentei-me no sofá, estava com uma toalha enrolada nos cabelos e outra em meu corpo. Tinha acabado de sair do banho quando o telefone tocou, não foi surpresa quando atendi e ouvi a voz da minha melhor amiga do outro lado.

— Não me chame assim, já te falei. AJ se foi há algum tempo.

— Alysson Joana Thompson… Eu não sei o que deu na sua cabeça de querer mudar assim, mas eu te conheci como a louca da AJ e vou continuar te chamando do jeito que quiser.

Dana era minha amiga desde sempre, crescemos juntas na cidade que eu nasci e, quando me mudei, ela quase surtou. Disse que se a excluísse da minha vida eu iria morrer lentamente enquanto ela se divertia pintando as unhas. Era um pouco louca, mas eu a amava com todo meu coração. Ah, só ela sabia sobre Drew.

— Eu sei, mas você sabe o porquê de eu não querer ser chamada assim. Minha vida só estava indo para trás quando era AJ, agora consigo visualizar um futuro.

— Chato e entediante…

— Cale a boca, Dana. Você fala isso porque encontrou o amor da sua vida aos quinze anos e tem uma carreira brilhante pela frente. Sabe que comigo as coisas são mais complicadas.

— Se você está falando daquele salafrário da praia, já está na hora de esquecer, mesmo que em seus sonhos o cara seja quente como o inferno. Tem um homem lindo ao seu lado que te ama, acho que não é tão complicado.

Eu tive uma vontade imensa de gargalhar, mas ela precisava daquele choque de realidade da minha vida.

— Não, é complicado! Você tá sentada, Dana?

— Estou deitada na minha cama só esperando Scott chegar, por quê?

— Droga, sem detalhes. Bom, porque se prepare, minha amiga.

— Ai, que porcaria, Alysson, fale logo. Vou acabar tendo um treco aqui.

Respirei fundo e tirei a toalha que estava enrolada em meus cabelos deixando que os fios molhados descansassem em meus ombros, aplacando um pouco o nervoso que sentia ao contar toda a confusão para alguém.

— O defunto retornou, amiga. E pior, ele é o melhor amigo do Ethan! O Cooper que tanto fala.

Houve um silêncio, nada mais que a calmaria de nenhum barulho. Bom, até que um grito estridente me fez afastar o aparelho do ouvido.

— Puta que pariu, Alysson! Onde você encontra tanta complicação na sua vida? O gostoso da praia, o que você não consegue esquecer, é amigo do seu namorado fofo que você pensa em casar?

— Eu disse que minha vida não é fácil. Talvez tenha sido algum mal que fiz nas vidas passadas, vai saber. Mas, cara, eu estava esquecendo ele, conscientemente, pelo menos. Agora essa, mas preciso saber o que fazer.

— Como assim?

— Não quero que Ethan saiba sobre ele, tenho medo da amizade ficar abalada por minha causa e não quero isso.

— Vai dar merda, mas acho que está certa. Foi só uma noite e, pelo que me contou, você deu um fora no cara. Acho que se disser a ele que não quer que Ethan saiba, vai ficar entre amigos. Porra, não queria estar na sua pele.

— Obrigada, você é uma grande amiga!

Ela deu uma risadinha e suspirou alto.

— Eu sei, agora vou indo. Scott chegou e, pelo olhar que me deu, está

com a corda toda. Até mais, te amo.

E a maluca desligou, me deixando sozinha com meus pensamentos. Porém, precisava deixar em *stand by* por enquanto, logo Ethan estaria chegando e não queria ninguém em meus pensamentos a não ser ele.

Arrumei-me cuidadosamente, coloquei o vestido de verão que ele gostava, sem alças, rosa com flores lilás. As horas passaram e nada dele chegar, devia estar sendo difícil sair de casa. Mas se continuasse assim não conseguiríamos ir à festa.

Para deixar o tempo passar sentei na varanda olhando as gaivotas voando por cima do mar, adorava essa hora da tarde. Ali era meu pedaço no paraíso.

Estava tudo bem até que ouvi uma voz que nunca esqueceria chamar meu nome. Olhei na direção da praia e o vi vestido de bermuda branca e camiseta azul andando em minha direção.

— Olha só o que o pôr do sol me trouxe. Alysson, ou seria AJ?

Puta que pariu, minha vida não podia ficar mais complicada do que já estava, né?!

3

Andrew

Apesar do choque inicial consegui disfarçar muito bem. Era uma situação muito complicada e delicada. Não só pelo fato de eu ter transado com a namorada do meu amigo — mesmo que tenha sido há anos; afinal, éramos solteiros e desimpedidos na época —, mas por ainda desejá-la ardentemente e *ele* saber disso.

A volta pra casa serviu para que eu pudesse pensar um pouco. Apesar da minha mãe falar sem parar, pude colocar as ideias em ordem e ver como proceder dali em diante.

Qual seria o melhor caminho? Será que ela realmente me reconheceu, ou, pelo menos, se lembrou de mim? Talvez eu não tenha sido nada mais do que um cara aleatório que ela resolveu ter em uma noite diferente e não tenha significado nada. E por que significaria? Afinal, eu sumi por dois anos. E Ethan? O que seria certo fazer? Se eu não tinha a intenção de roubar a mulher do cara, achei desnecessário dizer qualquer coisa. Infelizmente, AJ estava perdida para mim, nunca trairia a confiança de um amigo assim. Porém, na verdade, eu acreditava que a garota estava apaixonada por ele, podia dizer só pelo olhar.

Depois de passar uma tarde maravilhosa em casa com meus pais, matando a saudade de tudo que amava, resolvi dar uma volta na praia e espairecer um pouco. Minha cabeça nunca esteve tão confusa como agora. Lutava entre a lealdade com Ethan e o desejo que ainda sentia por ela. Mas

não podia acontecer! E o pior era que ela estava ainda mais linda do que antes.

Acho que precisava ser realista. O tempo passou, perdi uma oportunidade com alguém que seria maravilhoso, diga-se de passagem, ela tinha seguido em frente. Não tinha mais nada a ser feito a não ser continuar a viver.

Saí de casa com a intenção de não ir muito longe, meus pais se mudaram para a beira-mar quando eu tinha nove anos, eles queriam acordar com o som das ondas quebrando na praia, era um sonho romântico da mamãe. E eu adorava, o que intensificou minha paixão pela Marinha. Quando dei por mim já estava no final da praia e ia voltar quando a vi na varanda de um bangalô. Era a oportunidade perfeita para resolver as coisas.

Quando chamei sua atenção percebi o susto que levou, ficou um pouco receosa, mas vi em seus olhos a menina impertinente que conheci na praia dois anos atrás.

— É Alysson! — disse respondendo a minha pergunta quanto ao nome dela.

Sorri e assenti, ela ficou encostada no batente da porta me observando atentamente, como se esperasse mais alguma reação.

— Tudo bem, *AJ,* quanto tempo, não? E que coincidência a vida nos preparou, certo?

Ela estreitou os olhos quando disse o apelido no qual se apresentou dois anos antes e suspirou cruzando os braços na altura dos seios, que tentei com muita força de vontade não reparar, o que se tornou um pouco impossível.

— Olha, Andrew! Não sei o que quer aqui e o que pretende com esse papo furado. Diz logo o que está na sua mente, não quero passar mais por situações desconfortáveis. E não acredito em coincidência.

Ali estava a menina que ficou em minha mente por tanto tempo. A mulher que Ethan descrevia não chegava perto da minha AJ, isso deveria ter matado meu interesse, mas apenas aguçou a minha vontade de conhecê-la

mais.

— Direto ao ponto, sim? — Ela sacudiu a cabeça e continuou a me olhar firme. Suspirei resignado e a imitei cruzando os braços no peito. A casa era simples e bonita, o que nos separava era uma pequena cerca de madeira que dividia seu quintal da areia da praia. Encostei-me ao portão, olhando-a atentamente. — Quero saber o que pensa sobre o que aconteceu conosco há dois anos. Agora temos Ethan no meio.

Ela franziu a testa e virou a cabeça de lado, ficando linda demais!

— Não entendi o que quer dizer. Ethan não está no meio de nada, ele é tudo. O que está insinuando, *Drew*?

O sarcasmo em sua voz quando disse meu apelido foi evidente e não consegui conter o sorriso que formou em meus lábios. Ela tinha garras e estava pronta para arranhar.

Levantei as mãos na frente do corpo, como se estivesse me defendendo de um possível ataque.

— Calma, não quis dizer nada do que está pensando. Bem, já que qualquer coisa possa ser interpretada de forma errada, melhor dizer de uma vez: Acho que não devemos dizer ao Ethan o que aconteceu conosco.

Ela me olhava desconfiada. Não a culpava, eu estava parecendo um louco dizendo todas essas coisas.

— E por que não?

— Porque acho que você também sabe que será um desconforto desnecessário, já que faz tanto tempo e evidentemente você seguiu em frente. — Respirei fundo e balancei a cabeça tentando colocar as ideias em ordem para que pudesse me expressar direito. — Olha, Ethan é meu melhor amigo. Na verdade, o único que considero. Depois de tudo que passamos juntos, não consigo visualizar o cara ficando diferente comigo.

— E por que ele ficaria, se faz tanto tempo, como você mesmo disse?

Olhei nos olhos azuis dela e deixei que o desejo viesse à tona.

— Porque ele sabe que eu ia te procurar, que queria retomar de onde paramos. — Ela parecia ter levado um soco no estômago, não conseguiu nem mesmo disfarçar a surpresa. — Mas pode ficar tranquila, eu não farei nada que te prejudique. Você é a mulher dele agora, sei o quanto é importante para o Ethan. Por isso estou dizendo isso, te encontrar enquanto eu colocava minhas ideias em ordem foi um golpe de sorte. Acha que podemos manter o que aconteceu no passado e sermos amigos?

Ela não estava muito certa de minhas intenções e eu não a culpava. Nós éramos praticamente desconhecidos, sabíamos um do outro por meio de um terceiro.

Por fim, Alysson suspirou pesadamente e assentiu, aliviada.

— Eu não sabia o que fazer, mas acho que informar isso ao Ethan é um pouco desnecessário, já que não significou nada mais que algo casual, certo?

Ok, confesso que senti como se tivessem puxado meu tapete naquele momento. Apesar de saber que não iria acontecer nada conosco, ainda assim a sua rejeição doeu um pouco. Mas ela estava certa, o que tivemos foi algo casual. Porém, significou mais do que deveria.

— Certo! Então, podemos ser amigos? Afinal, acredito que depois do que está prestes a acontecer, nos veremos com frequência.

Alysson ficou sem saber o que dizer, mas também não tinha como. Eu sabia dos planos do Ethan, ela não.

— Tudo bem, acho que posso suportar seu egocentrismo por Ethan.

Ficamos nos encarando por algum tempo que ficou bem desconfortável. Sabe aquela sensação que você perdeu algo que seria incrível? Eu estava sentindo aquilo olhando para a mulher linda com um vestido tomara que caia e os olhos brilhantes como as estrelas que logo apareceriam no céu.

— Ótimo! Eu vou indo então, Alysson. Nos vemos por aí?

Eu estava fugindo mesmo, pois percebi que não seria tão fácil ser apenas amigo dela quanto pensei.

— Bem provável. — Sorriu amistosamente, se despedindo.

Dei-lhe as costas com um aceno e voltei em direção à minha casa.

Droga, tinha me esquecido como o sorriso dela era tão bonito quando era direcionado a mim. Apesar de todo o desconforto da conversa rápida, estava me sentindo mais aliviado. Eu me coloquei no lugar do Ethan e percebi que não gostaria de saber que a mulher maravilhosa que queria para minha esposa já tinha passado pela vida do meu melhor amigo e que ainda significava algo para ele.

Mas o que eu faria com tudo que estava dentro de mim? Eu ainda a desejava e agora ela era proibida, o pior que isso a tornava ainda mais atraente. Contudo, eu era um homem adulto e sabia colocar rédeas ao que sentia. O melhor a fazer seria encontrar alguém que pudesse suprir o desejo que queimava em meu corpo, talvez me relacionar de verdade.

Só que eu não ficaria por muito tempo. Logo ingressaria no curso para me tornar um SEAL e não tinha tempo para namoros. O lance seria ir a uma festa e ter uma transa casual que me fizesse relaxar e esquecer toda a surpresa que a vida me preparou.

Assim que pisei em casa, minha mãe veio da cozinha e me recepcionou com um sorriso.

— Ainda bem que chegou, querido! Lembra da sua prima, Taylor?

— Claro, mamãe. Como me esqueceria daquela pentelha?

— Ela acabou de ligar e disse que tem uma festa de uma amiga, e se você gostaria de ir. Acho que vai ser bom para você se socializar. O que acha?

Taylor era uma chatinha que sempre pegava no meu pé. Um ano mais nova, ela cismava que poderia me acompanhar nas baladas, mas eu sempre a deixei de fora. Era incômodo quando eu queria sair com alguém e ter que cuidar da minha prima. Porém, agora soava atraente ter alguém para me distrair, talvez ela pudesse me apresentar algumas amigas.

Sorri para a mamãe e me aproximei, dando-lhe um abraço e um beijo no

rosto.

— Diga a ela que vou.

— Ah, maravilha! Vou pedir para te pegar aqui mais tarde.

Assenti e subi as escadas, a noite seria bem proveitosa. Era só despachar Tay antes de sair com alguém.

Bem, o que eu não esperava era a mulher linda que estava parada na porta do meu quarto, duas horas depois para me “pegar”.

— Ora, primo! Por que está me olhando assim?

— O que aconteceu com você, menina?

— O quê? Achou que eu ficaria criança para sempre? Cresci, seu idiota!

Olhei-a de cima a baixo, não gostei de ver tanta pele exposta, a garota estava vestida com dois pedaços de pano que cobria os seios e os quadris. Ela era como uma irmã insuportável que eu não gostava de ter por perto e não me senti confortável de tê-la tão sensual à minha frente.

— Porra, você não vai vestida assim, isso é demais pros caras! Eles vão te engolir inteira.

Ela sorriu de lado e piscou.

— Essa é a intenção, agora deixa de ser besta que minhas amigas estão loucas pra te conhecer. Sabe como é, o que um uniforme não faz com a cabeça dessas meninas?

Estreitei os olhos para ela e assenti, não gostei nada daquele lance da “intenção”. E por que eu estava tão ciumento com a minha prima? Credo, nem parecia o cara que nem ligava pra ela anos atrás. Agora estava parecendo um velho rabugento.

Me aproximei e dei-lhe um beijo no rosto. Tay sorriu e me abraçou pela cintura, assim descemos as escadas.

— É bom te ver de novo, senti falta de sair com você.

— Sentiu falta de encher meu saco, isso sim. Mas também senti sua

falta, Tay. Só não pensei que estivesse tão bonita e que eu ficaria com tanto medo assim.

Ela gargalhou com vontade e me empurrou quando paramos ao lado do carro que nos levaria para a tal festa.

— Medo do que, seu maluco?

— Sei lá, vai que algum maluco se aproveita de você?

Taylor entrou no carro e eu a acompanhei.

— Querido, acho que você ficou enfiado em um barco por muito tempo. Se alguém vai se aproveitar aqui sou eu, minhas amigas ficarão loucas por você e por retribuição você me apresenta os seus amigos, se ainda os encontrar por aí. Mas de qualquer forma sou bem crescida e sei o que faço. As mulheres não são donzelas à procura de príncipes, Drew. Nós queremos o mesmo que vocês, homens, uma noite de diversão e nada mais.

Em seguida, deu partida no carro e fiquei pensando no que minha prima disse. Eu deveria ter aprendido isso anos atrás, porque não estaria passando pelo que estava agora. Mas eu iria saciar a vontade que tinha em mim, não ficaria preso ao passado. Era hora de seguir em frente e esquecer uma noite incrível que vivi na praia. Mesmo que me matasse vê-la constantemente e ignorar o que sentia, AJ não existia mais!

4

Alysson

Sempre acreditei que tudo tinha um motivo para que algo acontecesse, nada era por acaso e a vida toda fui cética a coincidências. Mas o que veio a bombardear a minha vida perfeita me deixou em dúvida das minhas crenças.

Após Andrew me dar as costas eu percebi que não daríamos certo, afinal, a mulher que ele conheceu anos atrás não existia mais. Eu precisei mudar para preservar a minha sanidade mental. Depois que o conheci e ele partiu, eu perdi alguém importante para mim. Foi um grande golpe na minha estrutura familiar e em tudo que acreditava. Meu pai não morreu, mas era como se tivesse. Depois de vinte anos de casamento, ele disse não amar mais minha mãe e foi embora com sua nova paixão. Percebi que não era por acaso que tudo aconteceu, talvez tudo estivesse na nossa frente e nem nos demos conta do que estava errado. Até que foi tarde demais! Então, eu prometi fazer meu futuro diferente, não dependeria de ninguém como a minha mãe, e quando encontrasse alguém seria uma pessoa estável e que me amasse, mas que eu não ficasse tão encantada como tinha sido com ela.

Bem, eu amava Ethan, porém minha vida não girava em torno dele. Eu planejava um futuro com ele, era seguro, certo e podia visualizar uma vida feliz com amor e carinho em vista.

— Ei, Aly! O que foi? Ficou aérea de repente.

Olhei para o meu namorado lindo e pensei como ele ficava sexy com aquele corte de cabelo.

— Não é nada. Só pensando no motivo que você não quis ficar em casa depois de meses sem nos ver!

Ethan suspirou pesadamente e estendeu a mão apoiando em minha coxa.

— Desculpe, amor! É que minha irmã insistiu para que eu te levasse a essa festa. Disse que andou muito reclusa nesse tempo em que estive fora, não quero que se isole.

Droga! Apesar de amar a família do Ethan, eu achava que eram muito enxeridas quando se tratava da minha vida. Só não tinha como reclamar, ele era apaixonado pela irmã. Eram como unha e carne.

— Ellen tem que parar de se meter onde ninguém a chamou, Ethan. Eu estou bem, só muito atarefada com a livraria. Graças a Deus ando vendendo bem e posso continuar com meu próprio negócio, o fato de eu não querer frequentar o estilo de vida que ela gosta não quer dizer que estou reclusa.

Virei-me para o outro lado olhando pela janela. Sinceramente, eu preferia ficar em casa com ele, jantar uma comidinha caseira e saborosa e depois apenas curtir meu tempo ao lado do meu namorado. Mas ele preferiu sair e interagir com “amigos” que não davam a mínima se ele estava bem ou não. Fazia dois anos que ele entrou para a carreira militar e não tinha sobrado nenhum dos que diziam estar sempre ali pra quando precisasse.

— Amor, você sabe que ela só quer o seu bem. Ellen tem medo do que pode acontecer com você quando não estou. Disse se preocupar com seu isolamento.

Olhei para ele tentando ver se realmente estava falando sério. Eu entendia o quanto gostava da irmã e confiava que ela queria o meu bem, mas nossa relação não tinha andado muito bem e eu preferia ficar afastada.

— Tudo bem, Ethan! Eu prometo a você não me isolar tanto. — Me virei e vi que ele sorria prestando atenção na estrada. Era tão lindo quando ficava feliz com algo, seu semblante sempre preocupado se suavizava e parecia quase um menino. — Você sabe quanto tempo vai ficar dessa vez?

E o sorriso morreu em seu rosto adotando uma expressão de temor no lugar. Respirou fundo e me olhou por alguns minutos.

— Eu não sei bem, se for tentar ser um SEAL não vou ficar por muito tempo. Ellen acha…

— O que ela acha, Ethan? — Eu já estava chateada com tantas menções ao nome de Ellen ligado ao que ela achava.

Não disse mais nada, o silêncio imperou no carro tornando nosso caminho desconfortável e tenso. Quando ele estacionou em frente à casa onde havia uma enorme festa, pois se ouvia o som há quilômetros de distância, olhou em meus olhos e passou a mão pela cabeça raspada.

— Ela acha que eu devo ir, que não posso ficar por medo.

— Medo de que, Ethan? Não estou entendendo esse drama todo. Ser um SEAL sempre foi seu objetivo.

— Eu já te disse, Aly. As coisas mudaram, minhas prioridades são outras agora. Eu tenho você. E Ellen acha que não devo mudar meus planos porque não suporto essa distância toda.

Apesar de sentir uma pontada de veneno da minha cunhada, eu concordava com ela. Sabia de primeira mão o que acontecia quando anulávamos nossos planos em prol de outra pessoa.

Desafivelei meu cinto e me aproximei envolvendo seu rosto forte entre minhas mãos. Olhei nos seus olhos verdes e colei meus lábios na boca de Ethan num beijo suave.

— Eu já disse a você que não precisa sentir esse medo, estarei te esperando sempre.

Ele fechou os olhos e me puxou para mais um beijo.

— Eu sei que é loucura, Alysson, mas esse sentimento me mata!

— Te entendo! Sinto sua falta todos os dias, mas você não pode deixar seus sonhos por mim, querido. Não é assim que nossa vida deve começar.

Ethan assentiu e abaixou a cabeça. Voltou seu olhar pra mim e vi o

quanto sofria por tudo que passávamos. Ele estava em dúvida se seguia seus sonhos ou se ficava comigo.

— Nós não somos seus pais, Aly. Eu não sou como ele!

Meu coração deu um solavanco. Não esperava que ele tocasse nesse assunto. Apesar dos meus pais terem se separado e eu já ser adulta doía pensar em tudo que minha mãe deixou para trás por amor.

— Nunca pensei que fôssemos, mas eu não quero carregar em minhas costas o peso de ter sido empecilho de um sonho. Então, Ethan… você vai continuar com seus planos, nisso eu concordo com a Ellen.

— Droga, Alysson! Por que tem que ser tão perfeita? Deveria pedir para que eu ficasse…

Sorri para ele e o abracei forte.

— Eu estou longe de ser perfeita, Ethan!

— Pra mim você é, por isso que te amo cada vez mais. Mas acho que temos que ir, Ellen está na porta acenando feito louca.

Nos afastamos e nos entreolhamos mais um pouco, Ethan saiu e respirei fundo engolindo o nó que havia se formado em minha garganta. Apesar de saber que era o melhor, sentia falta dele também!

A porta abriu e sua mão estava estendida para mim, nossos dedos entrelaçaram-se e quando saí do carro e olhei nos olhos dele percebi que o esperaria sim, pois Ethan era o meu coração.

— Vocês demoraram demais, estou aqui fora esperando faz algum tempo!

Ellen nos separou com o braço e ficou entre nós nos arrastando para a varanda da casa.

— Ellen, eu disse para não me esperar.

— Own, irmãozinho! Sabe que morri de saudades de você e Alysson precisava sair um pouco. Amiga, você está parecendo uma eremita.

Olhando para o rosto da irmã mais nova do Ethan me perguntei onde no mundo pude ser amiga dela. Era tão diferente de mim. A única coisa boa que resultou da nossa amizade foi eu ter conhecido o irmão dela. Se Dana a conhecesse sabia exatamente o apelido que daria à minha cunhada: vaca. Bem, acho que não faria mal apelidá-la assim em silêncio, certo?

— Tá tudo bem comigo, não sou eremita. Apenas tenho minhas responsabilidades!

Ela revirou os olhos enquanto ainda nos puxava para dentro da festa.

— Eu sei, sua livrariazinha. Mas, amiga, aquilo lá só te dá prejuízo.

— Ellen, pare com isso, por favor. Já te pedi — Ethan interveio parando no meio do caminho, me puxando para seu abraço. Agradeci a ele mentalmente. O pouco caso que ela sempre fez do meu sonho me matava de ódio. — A livraria da Aly está indo muito bem, melhor do que ficar à custa dos pais, né?

Minha cunhada fez uma careta dando de ombros olhando em volta, como se não tivesse sido insultada pelo irmão. Ela não fazia nada, nem mesmo ajudava a mãe em casa. Dizia que não tinha encontrado sua vocação. Para mim estava esperando apenas um casamento milionário para sustentar suas excentricidades.

— Desculpa, Aly! Minha irmã sabe ser inconveniente quando quer. Mas acredito que vai parar por agora. Vou pegar algo pra gente beber, tudo bem?

A casa estava lotada de gente conhecida e desconhecida, mas não queria ficar sozinha com a Ellen. Fazia muito tempo que não tínhamos essa “privacidade” e preferia assim. Mas o que eu poderia fazer?

— Ok, amor! Vou ficar bem. — Me aproximei e dei um beijo em seu rosto sussurrando em seguida: — Não demora, quero ir para casa logo e ficar a sós com você!

Afastei-me e sorri ao ver os olhos brilhantes de desejo do Ethan.

— Agora já quero ir embora. Não vamos demorar, ok?

Assenti e ele me puxou para um beijo forte saindo logo após. Fiquei olhando ele sumir no meio da multidão e parecia anestesiada de todo o resto. Por que estava me sentindo daquela maneira? Não gostava nada disso.

— Você tá se saindo muito bem, Alysson! Se eu soubesse o quanto meu irmão se encantaria por você, não teria apresentado os dois.

A voz de Ellen estava ácida, como nunca tinha ouvido. Me virei e a encarei. Ela era tão bonita, loira, olhos verdes, lábios vermelhos e carnudos, um rosto perfeito que até parecia de porcelana. O corpo da minha cunhada era talhado na academia. Dito isso tudo, não entendia toda aquela amargura e sarcasmo.

— Como assim, Ellen?

Desdenhou com a mão e olhou para trás de mim vendo se Ethan poderia ser visto.

— Eu queria alguém que ele pudesse se divertir, sempre foi muito complicado para o meu irmão arrumar alguém e, como sabia da sua fama no passado, achei que seria você a distrair um pouco ele. Mas você ficou e isso é péssimo porque não está à altura dele.

Eu conheci Ellen numa festa bem parecida com essa. Tinha acabado de presenciar um dia inteiro de lamentação da minha mãe e briga via telefone com meu pai. Acabei enchendo a cara e me identifiquei com ela, estava na mesma vibe. Só que eu estava mais alta que ela, acabei contando da minha vida péssima e das minhas noites loucas na outra cidade. Contei também sobre Drew, sem revelar nomes, graças a Deus. Semanas depois ela me apresentou Ethan. Achei que, apesar das diferenças, fôssemos amigas, mas me enganei. Para ela eu era apenas um brinquedo para o irmão se divertir. Bem, azar o dela se seus planos não deram certo.

— Bom, ainda bem que não é você quem decide isso porque seu irmão é grandinho para saber quem está à *altura* dele ou não, certo?

Vi os olhos verdes escurecendo de ódio e ela se aproximou, sorrindo.

— Fomos amigas todo esse ano, Alysson. Acho que não deu pra você

conhecer meu outro lado ainda. Não me provoque.

Franzi a testa. Ela estava me ameaçando?

— Olha, Ellen… não sei que bicho te mordeu, se está há muito tempo sem sexo, ou sem dinheiro. Será que seu pai cortou a mesada? Não sei, querida. Mas não pense que me bota medo ou pode me ameaçar. Não tenho nada a esconder do seu irmão!

Sorriu de lado e puxou uma mecha do cabelo que caía em seus olhos.

— Ele, por acaso, sabe que a perfeita namorada, dona da livraria, transou com muito mais caras em um ano do que ele teve mulheres em toda sua vida?

— Meu passado não tem nada a ver com o que sou hoje. Eu era livre e não tinha que dar satisfações a ninguém. Acho que deve procurar algo melhor para fazer com que seu irmão se decepcione, se é isso que deseja. Achei que queria que ele fosse feliz.

Apesar de estar sendo firme, meu coração batia acelerado com a possibilidade do Ethan se decepcionar comigo. Logo ele que era tão certinho, gostava das coisas em seu lugar. Nunca disse nada sobre meu passado por não achar importante, já que eu não era mais a mesma mulher. Mesmo que ainda sentisse ela dentro de mim, eu não a deixaria sair, por isso não me preocupava.

— Acho que isso é mais fácil do que imagina, cunhada. Um passado sujo como o seu não deve ser difícil de ser remexido.

Onde aquela víbora queria chegar com aquele papo? Quem era ela pra dizer alguma coisa? Me julgar? A maior caça-fortuna que eu já conheci.

Virei-me, pronta para ir embora, quando estaquei no lugar vendo Ethan se aproximar sorrindo com dois copos nas mãos. Mas o que me fez sentir um frio na espinha não era isso, mas quem vinha atrás dele.

— Ei, Ellen! Olha quem eu achei, queria te apresentar um amigo meu da Marinha. Andrew, essa é minha irmã caçula, acho que vão se dar bem.

Droga, era só o que faltava!

5

Andrew

— Sabe que você dança bem pra caramba? Para um cara do seu tamanho achei que fosse mais… travado!

Sorri para a mulher que se esfregava em mim sem parar e me aproximei para falar baixinho, queria que apenas ela ouvisse. Não gostava de tanta exposição como ela estava provocando ao gritar daquela maneira.

— Eu sou tudo, querida, menos travado. Se quiser, posso te mostrar como posso ser… desinibido.

A morena sorriu e passou a se mover com mais precisão. Estava ficando louco com aquela provocação e precisava aliviar a tensão que emanava do meu corpo em ondas. Fazia algum tempo que não conquistava uma mulher dessa maneira. Eu simplesmente as queria e as tinha. A arte da sedução era algo que sempre me encantou.

Deslizei minhas mãos pela cintura delineada contornando o quadril farto e a segurei exatamente onde queria, na frente do meu pênis que latejava de desejo. Ela jogou a cabeça para trás encostando-a em meu ombro enquanto nos movíamos de acordo com a música eletrônica que tocava alto.

— Acho que já percebi que não há nada de travado em você. Mas estou ansiosa para entender melhor, o que acha de terminar essa dança num dos quartos?

Eu estava muito tentado, afinal, a mulher era muito gostosa e estava

disposta a ter algumas horas de sexo louco e suado comigo. Na verdade, ela esperava por isso há algum tempo, segundo a Tay. Era uma das amigas da minha prima que estava louca para transar com um militar livre e cheio de fogo.

— Você sabe que não será nada mais que isso, não é, Ivy?

Ela se virou e olhou em meus olhos. Os dela estavam entorpecidos, nublados de desejo. Assentiu, mordendo a boca sensualmente. Porra, eu nunca fui nenhum santo e a garota estava me provocando. Eu estava sendo cauteloso porque, apesar de ser gostosa e disposta, era amiga da minha prima, o que poderia ficar estranho para as duas. Mas meu limite havia sido atingido.

Capturei aquela boca rosada e invadi com minha língua sedenta por um gosto. Segurei-a pela garganta, prendendo-a para que não se movesse. A garota gemeu e pressionou mais a bunda em minha ereção latejante.

— Acho bom você ter bastante fôlego, garota! Conseguiu o que queria e me deixou louco.

Peguei-a pela mão e fui em direção à escada que levava para o andar de cima, onde eu foderia aquela deusa de ébano até meu pau cansar. Estava quase chegando ao primeiro degrau, que me levaria a horas de luxúria, quando ouvi alguém me chamando. Merda! Logo agora?

Me virei e vi Ethan vindo em minha direção segurando dois copos. Puxei a mão da garota e ela parou, ainda um pouco ofegante da nossa esfregação alguns minutos antes.

— Ei, Ethan! O que tá rolando? Achei que não sairia de casa por algum tempo.

Meu amigo sorriu, preferindo ignorar a menina descabelada ao meu lado.

— Tive que vir e trazer a Alysson para sair um pouco. Ela andou muito reclusa quando estive fora.

Droga, tinha conseguido esquecer desse detalhe da minha vida enquanto

estava com a morena. Agora me veio a loira de sorriso meigo e corpo sensual à mente.

— Ah, sim. É bom sair um pouco… — Estava louco para me livrar dessa situação e voltar a me esquecer.

— Sim, eu queria te apresentar uma pessoa. Será que você pode agora?

Franzi a testa e olhei para ele. Estava falando sério? Qualquer um podia perceber o que eu estava indo fazer, mas, pelo que conhecia do ingênuo do Ethan, poderia realmente não ter notado nada.

— É que eu estava indo fazer uma coisa importante.

Ivy deu uma risadinha ao meu lado e percebi que estava começando a esfriar. Ela soltou da minha mão e me virei para olhá-la.

— Pode ir, Andrew. Eu vou dançar um pouco, depois nos encontramos de novo, ok? — Piscou um olho e se afastou rebolando, voltando para a pista.

Me virei para Ethan, que ria sarcasticamente.

— Porra, cara! Eu ia me dar bem, você é um empata foda, filho da puta.

Ele me deu um empurrão com o ombro e olhou para onde a minha transa tinha sumido.

— Você vai me agradecer. Sabe quem é ela?

— Sim, uma amiga gostosa da minha prima que estava disposta a transar a noite toda.

Ele negou com um aceno e me encarou de volta.

— Não, seu idiota, ela é noiva e gosta de sair com caras aleatórios. Mas o foda é que o noivo dela é barra pesada e sempre enche os idiotas com os paus em chamas, como você, de porrada.

Bem, eu não estava à procura de briga, mas não nego que seria uma boa via de escape para a energia acumulada. Dei de ombros e olhei para ele, que agora me encarava sério.

— Tá, não quero nada com quem é comprometida. Então, me diga logo

quem quer me apresentar, pé no saco. Espero que, pelo menos, seja solteira.

Ele assentiu e acenou com a cabeça, o segui um pouco entediado e quando nos aproximamos vi Alysson nos encarando com os olhos azuis arregalados. Como ela era linda…

Mal ouvi o que Ethan disse de tão hipnotizado que fiquei com o simples fato dela estar ali. Saí do transe quando uma loira platinada parou à minha frente. Consegui entender que era Ellen, a irmã mais nova do Ethan.

Desviei o olhar da mulher que eu não devia estar tão encantado e olhei para quem podia. A irmã do meu amigo era linda, gostosa e estava interessada em mim. Descaradamente! Podia perceber pelo jeito que ela me encarava.

— Ora, então você é o famoso Andrew que meu irmão tanto fala.

Resolvi jogar um pouco do meu charme, afinal, eu era muito bom nisso. Não tinha vergonha de admitir.

— Bem, se sou famoso não sei, mas pode me chamar de Drew. — Ouvi Alysson bufar e sorri.

Ethan abraçou a namorada e me empurrou com o ombro.

— Ok, os dois apresentados. Eu vou dar uma volta com Alysson. Podem se divertir, mas cuidado com minha irmãzinha, Cooper!

Piscou e puxou a namorada pela mão afastando-se de nós, fiquei parado onde estava, ouvindo a irmã do meu amigo falar sobre como estava ansiosa em me conhecer e havia ficado feliz por finalmente ter um rosto à sua imaginação. Mas tudo se desvanecia porque eu só conseguia pensar em como AJ estava linda e como eu a queria e não podia ter.

— Então, depois de tanto tempo sem vir pra casa, quais são seus planos?

Me virei um pouco confuso e encarei Ellen atentamente, ela sorria, mas podia ver em seus olhos que desejava dizer mais do que falava, na verdade. Ela me queria e estava sondando se era correspondida. Não podia negar que a menina era gostosa e muito interessante.

— Sem planos, sou um cara que deixa a vida se encarregar de tudo.

— Entendo! Não gosta de se decepcionar, talvez?

Ela era muito perspicaz e perigosa, precisava ter mais cuidado quando estivesse ao redor. Não podia dar bandeira cobiçando a mulher do meu amigo daquela forma.

— Sim, é mais fácil quando você não espera muito das coisas e das pessoas.

Ellen se aproximou e pude sentir o perfume adocicado que desprendia do corpo da mulher. Ela era sedutora, não podia negar que estava tentado a algo mais do que uma conversa inocente.

— Também não gosto de criar expectativas. Elas são superestimadas, é gostoso se surpreender, não acha?

Assenti um pouco hipnotizado. Ok, eu admito que era um cara fácil. Não resistia muito a uma mulher bonita. O que podia fazer? Era solteiro e não devia satisfações a ninguém.

Ela se afastou e sorriu, ficamos conversando sobre amenidades por algum tempo, parecia querer conquistar certa intimidade comigo e a achei muito simpática. Gostava de mulheres que falavam de todos os assuntos, sem restrições ou pudores. Ellen era bem extrovertida e percebi que queria o mesmo que eu num relacionamento: sexo sem compromisso.

E o melhor… ela não criava expectativas. O que para mim era perfeito!

Quando me chamou para dançar fui sem nem mesmo pensar duas vezes, era a oportunidade perfeita para ver se tínhamos química em algo mais do que conversa e indiretas. Percebi que estava em perigo quando ela se aproximou mais se insinuando descaradamente. Não me fiz de rogado e envolvi a cintura delgada da loira e me movimentei da melhor maneira possível.

Não falamos nada, não precisava de mais conversa. Agora só tinha uma coisa em mente. Mas será que seria ruim por causa do Ethan?

— Você está me provocando, depois seu irmão me dá uma coça e a

culpa é sua.

Ela virou o rosto e olhou em meus olhos, maliciosa.

— Meu irmão não tem nada com a minha vida. Sou bem crescida e faço o que quero.

Estreitei meus olhos e a puxei de encontro ao meu quadril, demonstrando o que realmente queria dela.

— Você sabe que não quero brincar, ou melhor. Quero sim! Mas isso não passa de uma coisa casual. Não estou procurando compromisso, nem nada.

Ellen virou-se e envolveu os braços em meu pescoço, prendendo minha atenção.

— Eu não sei quanto tempo vocês ficaram presos naquele navio, mas nós, mulheres, queremos o mesmo que vocês. Talvez em maior intensidade! E eu, querido, preciso me fartar em seu corpo delicioso.

Bem direta! Resolvi deixar Ethan pra lá, já que eu não podia ter quem realmente queria, precisava me distrair. E, pelo jeito, minha companheira pensava o mesmo.

— Então, eu acho que já está bom de papo, não?

Assentiu sem desgrudar os olhos dos meus e tomou à frente para a escadaria que dava para os quartos. Dessa vez, eu sentia que me daria bem naquela noite… Até que a mesma voz que me parou no meio do caminho nos fez voltar.

Ethan sorria amplamente e trazia uma Alysson feliz em seu encalço.

— Vocês não vão acreditar!

Ellen revirou os olhos para o irmão e franzi a testa para a súbita mudança nela. De doce e receptiva parecia prestes a atacar a cunhada, só pelo olhar eu podia deduzir a acidez que emanava de uma para outra.

— Ai, que chato você! O que é tão importante para essa empolgação toda?

— Deixa de ser implicante, Ellen. Bem, eu queria fazer isso de modo diferente, mais romântico. Mas não consegui esperar.

Meu coração deu um solavanco. Eu sabia o que era antes mesmo dele dizer. Não tinha noção de qual reação teria quando ele finalmente anunciasse, mas sentia um frio em todo meu corpo. Olhei para ela, que sorria olhando o namorado. Um sorriso sincero e perfeito. Os olhos brilhavam encantados e seu rosto delicado estava tingido de vermelho, parecia feliz e envergonhada.

Droga!

Precisava sair antes, arrumar alguma desculpa. Mas como, se Ellen segurava minha mão como se dependesse disso viver? Amaldiçoei meu pau por ser tão impulsivo e ficar animadinho com qualquer esfregação. Tinha que ter mais controle em minha libido ou acabaria me dando muito mal.

— Ethan, meu irmão. Diz logo que eu e Drew estamos indo ver uma coisa.

O semblante de Alysson caiu por um segundo, mas ela logo disfarçou abraçando Ethan pela cintura. Meu amigo assentiu, acatando o pedido da irmã.

— Tudo bem, não vou tomar muito o tempo de vocês. Bem, eu pedi e ela aceitou. Nós vamos nos casar. — Sorriu amplamente enquanto eu sentia que enfiavam uma faca em meu estômago. — E será antes de voltarmos para o curso dos SEALS.

Senti como se cambaleasse numa corda bamba e não podia voltar. Se caísse seria devorado pelos jacarés à espreita, só tinha um caminho a percorrer. Seguir em frente, sem olhar para trás, para não correr o risco de perder o equilíbrio.

Não sabia que mesmo sabendo a quem minha AJ pertencia, eu ainda tinha esperanças de tê-la. Mas agora estava impossibilitado, pois eu respeitava demais o casamento. Com aquele anúncio, ela estava perdida para mim.

Entrelacei meus dedos aos de Ellen e sorri amplamente, mesmo que meu peito estivesse apertado.

— Parabéns aos dois! Quero ser o padrinho, viu? — eu brinquei para aliviar o clima.

Alysson sorriu e assentiu, agradecendo. Ethan soltou a agora noiva e se aproximou para dar um meio abraço em mim.

— Com certeza, não há outra pessoa que eu escolheria para esse posto tão importante. E ainda será padrinho do nosso primeiro filho, assim como falamos no ônibus.

Eu e minha maldita língua grande!

6

Alysson

Eu aprendi há algum tempo que não se consegue tudo o que quer. E muitas vezes o que queremos pode nem ser o ideal para nossa felicidade. Porém, mesmo assim, eu sempre tentei alcançar aquilo que desejava. Sempre fui uma garota extrovertida e de bem com a vida, mas minha personalidade única foi sendo esmagada aos poucos.

A primeira porrada da minha personalidade foi na escola, sofria muito *bullying* por conta do meu estilo e roupas excêntricas em minha fase de roqueira. Até que superei bem, apesar de ainda carregar em meu coração a rejeição daqueles que eu achava serem meus amigos. Isso só me fez crer o quanto a sociedade pode moldar um adolescente em fase da construção da personalidade. É muito triste “ter” que mudar para ser aceita.

A segunda foi em casa quando descobri o quanto a vida dos meus pais não era tão perfeita assim. Muitas brigas, xingamentos e falta de amor de ambos os lados. Via minha mãe sofrendo cada dia e ficava muito frustrada, pois parecia que nada daria certo, já que meus pais, que antes eram apaixonados, não se amavam mais.

Quando conheci Andrew foi a terceira bordoada que levei da vida, apesar de carregar em meu coração a certeza de que nada durava, que eu não teria mais do que diversão com os caras. Como ele me pareceu diferente, me fiz de forte, mas ainda assim o esperei. E me decepcionei, achei que era como tinha acontecido na escola. Eu precisava “mudar” para minha vida seguir um

rumo certo.

O fechamento foi quando meu pai nos abandonou e todos os meus sonhos infantis de que relacionamentos duravam eternamente foram por água abaixo. Sinceramente não acreditava mais no amor.

Até que conheci o Ethan!

Ele foi como um ar fresco em minha vida turbulenta. Um cara doce, carinhoso e que me apoiava em cada decisão. Era seguro estar com ele. O seguro era mais confortável.

Quando deixamos Ellen com Andrew percebi que dali poderia nascer muitas coisas. O que seria bom e não. Minha cunhada era maliciosa e eu a conhecia bem, não confiava mais nela como fiz há muito tempo. Sabia o quanto poderia ser ardilosa e era um perigo estar próximo a ela. Por isso, eu mantinha distância, gostava muito da família do Ethan, mas preferia um relacionamento educado do que íntimo.

Mas Ellen estava se mostrando muito mais complicada do que eu imaginava. Fiquei realmente surpresa com todo o veneno que destilou em mim.

Não esperava toda a repugnância que ela demonstrou pelo meu relacionamento com o irmão.

Quando Ethan me puxou para um canto e começou a falar sobre o que ele sentia por mim, me desliguei de tudo. Confesso que minha parte carente ficou muito feliz com todo aquele amor.

O pedido de casamento foi rápido, dito de maneira simples e sincera. Eu aceitei sem hesitar. Meu coração estava cheio de felicidade e ele queria dividir isso com o mundo. Eu não, preferia ficar na minha bolha e não contar a ninguém.

— Você não acha que isso é prematuro demais, Ethan? — Era como se Andrew não tivesse dito nada, Ellen parecia prestes a explodir.

Meu namorado me abraçou mais forte como se assim mostrasse seu

apoio quanto ao desprezo da irmã.

— Na verdade, acho que esperei demais, soube desde o princípio que Alysson era a mulher certa para mim. Por que esse desdém todo, Ellen? Não estou te reconhecendo.

Ela revirou os olhos e abraçou Ethan me ignorando completamente.

— Ei, não é nada. Sabe que só quero sua felicidade, só pensei que seria complicado para minha cunhadinha ficar longe do marido.

Falsa do caramba!

Dei um passo mais perto do Ethan, que ela havia retirado discretamente de perto de mim e a encarei.

— Pode ficar tranquila que sei de todo o empecilho da distância, Ellen. Sou bem grandinha e sei me cuidar. Estar com Ethan é o que eu quero!

Na verdade, aquilo já não era uma conversa, mas um ataque claro. Percebi Andrew se mexendo desconfortavelmente enquanto digladiávamos pelo olhar. Provavelmente percebeu a tensão que acontecia. Aquilo me fez pensar como ele notava isso e Ethan não? Achava que a irmã era um doce de pessoa. Isso me irritava muito nele, mas não podia reclamar. Pelo menos, ainda não.

— Tá certa, cunhada! Sei que é capaz de se cuidar e que serão muito felizes! — Sorriu amplamente e estreitei meus olhos quando Ethan se soltou dos braços grudentos da irmã e se aproximou.

— Acho que precisamos comemorar. O que acham de sairmos e beber alguma coisa? Andrew, você, como padrinho de honra, tem que nos acompanhar. Vejo que se deu bem com a Ellen, sabia que se conectariam. São muito parecidos.

Meu estômago embrulhou com aquela declaração. Andrew não era nem um pouco parecido com a bruxa. Ela era ardilosa e nojenta.

Apertei a mão do Ethan tentando dizer discretamente, por pensamento seja lá o que fosse, mas que ele pudesse entender, para parar com esses

convites. Eu queria apenas ficar a sós com ele. Não tivemos um momento de intimidade e não havia melhor maneira de comemorar do que na segurança do nosso quarto.

Andrew parecia estranho, eu entendia o desconforto da situação. Mas acreditei que acabaríamos nos acostumando com a presença um do outro, já que, pelo visto, ele estaria mais próximo do que eu queria. Seus olhos azuis estavam nublados, parecia encobrir alguma coisa. Ele se remexeu estranhamente e colocou as mãos nos bolsos da bermuda.

— Ethan, eu vim com a Tay, preciso voltar pra casa com ela. Sabe como é, tenho que tomar conta dela ou minha tia tem um infarto.

Meu noivo parecia desapontado, dei mais um apertão na mão dele, que me encarou com a testa franzida. Sorri do jeito que ele conhecia bem, então pareceu perceber a minha intenção de como terminaria nossa noite. Seus olhos ficaram brilhantes, ele sorriu amplamente e se virou para o amigo e a irmã.

— Bem, então temos que marcar em breve. Logo te dou notícias sobre o casamento.

Andrew assentiu e me encarou.

— Parabéns aos dois, desejo muita felicidade! — Agradeci com um aceno e ele se virou para Ellen. — Nos vemos por aí, Ellen. Até mais!

Ele se virou e misturou-se à multidão que nos cercava. Fiquei com um sentimento estranho no meu peito, mas o ignorei. Apesar do passado estar presente, ele teria que ficar para trás porque meu destino estava segurando minha mão naquele momento.

Mais que depressa nos despedimos de uma Ellen emburrada. E explodindo de felicidade voltamos para minha casa na praia. Assim que passamos pela porta, Ethan me puxou e encostou-me na parede colando todo seu corpo forte no meu.

— Vou ser o cara mais feliz do mundo quando se tornar minha esposa.

Beijou meu rosto e pescoço causando um arrepio por todo meu corpo. Era nessas horas com ele que eu me permitia ser livre, me entregava ao desejo que borbulhava em meu sangue. Levantei uma perna envolvendo-me nele e sussurrei em seu ouvido:

— Você não precisa que eu seja sua esposa para ser feliz, meu amor. Eu estou bem aqui para fazer o que você quiser.

Ethan se afastou arfando e me olhou intensamente. Seus olhos verdes estavam turvos.

— Você me deixa louco quando fica assim, Aly. O sexo te transforma.

Sorri de lado e me esfreguei sensualmente causando uma fricção deliciosa entre nós.

— Talvez ele só me liberte.

Ethan desceu os lábios carnudos em meu pescoço e deu beijos molhados até chegar em meu colo.

— Eu gosto do que ele faz com você.

Fechei meus olhos sentindo aquela carícia e a felicidade invadir meu peito com cada toque do homem que eu escolhi para passar a vida. Ele era perfeito em todos os sentidos. Me fazia sentir um prazer imenso e conseguia me libertar em seus braços nesses momentos. Cada gemido de prazer que arrancava de mim era como uma música, era como retornar para casa.

Naquela noite selei meu futuro, não percebi que estava reticente até que minha mente se livrou de todas as dúvidas. Nós nos amávamos e estávamos juntos de verdade agora.

***

Eu não tinha noção de que o tempo era um inimigo. Ele passava muito rápido quando não devia e muito devagar quando precisava ser mais veloz. Nosso tempo juntos foi perfeito, até que chegou a carta de aceitação da

Marinha para o curso dos SEALS. Com o coração partido, eu o apoiei e insisti para que seguisse seu sonho.

Mais que depressa Ethan começou a preparar a papelada para o nosso casamento. Era hora de contar para a minha mãe que, em quatro dias, eu faria o que ela sempre disse para não fazer.

Respirei fundo umas três vezes antes de abrir a porta com a minha chave. A chamei e esperei até que apareceu na sala com as mãos sujas de doce.

— Alysson, resolveu visitar sua mãe então? Será que a livraria anda tão cheia assim que não lhe sobra tempo de me ver?

Sorri e me apressei para abraçá-la, ignorando seus protestos que iria me sujar de doce.

— Que nada, quem me dera fosse isso. Nesse último mês o movimento tem andado bem devagar. Ethan tá na cidade.

Ela fez uma careta de desaprovação e me chamou para a cozinha. Elizabeth Thompson era uma mulher de quarenta e cinco anos, linda, trabalhadora e independente. Quando nasci, ela saiu do emprego que a mantinha estável para cuidar da casa e da família. Foi quando descobriu a paixão por doces de todos os tipos. Ela costumava dizer que trocou um trabalho rentável e entediante por um prazer que não abria mão. Mas, apesar disso tudo, minha mãe era amarga e não acreditava no amor e no casamento. Confesso que também era um pouco desconfiada quanto a isso, por esse motivo que escolhi o seguro. Talvez o problema de tudo era quando se entregava por inteiro, mas se você segurasse um pouco pra si, não corria o risco de se deixar atropelar.

— Sabe que não gosto dessa devoção que tem com ele. Não é porque está na cidade que sua vida tem que parar. Ethan é um bom garoto, mas ainda assim um homem.

— Ele não é assim, mãe. Mas eu não paro minha vida, continuo trabalhando normalmente, só que quero ficar com ele, afinal são tantos meses

longe.

Ela fez um muxoxo e se virou para pegar os ingredientes para adicionar ao doce que havia acabado de enrolar.

— Tá, mas acho que você deveria viver mais. Mudou tanto de um ano pra cá. — Olhou pra mim, sabendo exatamente o que eu havia feito ao me deparar com a separação dela e do meu pai.

— Eu não mudei, simplesmente selecionei o que quero e o que não quero na minha vida, e foi isso que me trouxe aqui, mãe. Tenho uma notícia para te dar.

Ela assentiu e ficou me olhando de rabo de olho. Me conhecia tão bem que nem precisei dizer nada.

— Não faz isso, Alysson. Você não ama esse garoto. É muito nova, menina. Ainda está começando a vida.

— Não começa, por favor. Eu tenho vinte e um anos, mãe, sou dona do meu próprio negócio…

— Besteira. É nessa fase da vida que temos as inseguranças e medos. Não se baseie nisso para começar um relacionamento mais sério, namore por mais tempo.

Tenho que admitir que o que ela dizia fazia ainda mais sentido pra mim, que era um pouco cética quanto ao relacionamento eterno. Mesmo que eu não quisesse ser, e mostrasse que podia acreditar, era mais forte que eu.

— Ele pediu e eu aceitei. Estamos partindo para Las Vegas amanhã à noite, volto casada.

— Você tem certeza de que é isso que quer, AJ?

Meu coração disparou ao ouvir meu apelido da boca da mulher que era tão importante para mim. Só nós duas sabíamos o que era a dor de ser rejeitada por alguém que confiávamos cegamente. Eu prometi não fazer isso, confiar em um ser humano dessa forma era perda de tempo.

— Tenho sim, mãe! Ele é o cara que fará minha vida feliz.

— E quem vai *te* fazer feliz, minha filha?

Sorri para ela e não respondi nada, não precisava. Tínhamos uma ligação que ia além da relação mãe e filha… Éramos amigas!

Depois de algum tempo ajudando-a a enrolar e embalar os doces, que, por coincidência eram para um casamento, voltei para casa. Precisava avisar a louca da Dana ou ela seria capaz de me matar lentamente.

Quando entrei, dei de cara com Snow lambendo as patinhas deitado na minha cama de barriga para cima, o sem-vergonha nem se deu ao trabalho de se virar para me cumprimentar, estava bem concentrado em sua tarefa.

Eu poderia ter ligado para minha amiga da rua, mas preferi estar confortável e em privacidade caso ela surtasse em meu ouvido. Peguei o celular e disquei esperando que sua voz me saudasse.

— Fale, sua vaca! Esqueceu que tem amiga? Dois dias que não me liga.

— Desculpe, amiga! Fiquei enrolada.

Ela deu uma risadinha e revirei os olhos.

— Sei, enrolada… ficou é perdida contando os gominhos do abdômen do seu marinheiro gostoso. Mas diz aí, o que tá rolando?

Respirei fundo e fiz uma careta já prevendo o grito histérico do outro lado da linha.

— Eu vou me casar em quatro dias e quero que esteja lá, será em Las Vegas!

Silêncio… Só isso eu tive de volta. Bem, se Dana não tinha palavras, isso era pior do que imaginava. Ela estava guardando para quando me visse pessoalmente. Esperava que não me matasse lentamente com uma tortura bem elaborada. Ou seja: horas de discursos para me fazer desistir.

Quando ela finalmente falou, sua voz estava dura como nunca havia ouvido.

— Estarei lá, te encontro no saguão do hotel que vou ficar. Mando o endereço por mensagem.

Engoli em seco e ouvi o barulho de desligado. Por que me sentia tão errada se aquilo foi minha escolha? A opinião dos outros não deveria me afetar. Sabia que Dana estava irritada por achar que estar com Ethan não era o melhor. Apesar de ela achá-lo lindo, dizia que algo nele a incomodava. Minha amiga acreditava que eu me escondia em um relacionamento morno e seguro. Ela queria que eu explodisse, mas isso causaria estragos irreversíveis em minha alma já machucada pelas consequências da vida.

Droga! O melhor era esquecer de tudo aquilo e ir de encontro ao meu futuro, que, aliás, acabava de entrar pela porta, sorrindo, com um lindo buquê de rosas nas mãos.

— Oi, princesa! Vim te buscar para comemorar, Cooper vai nos encontrar no bar em uma hora. Temos tempo para namorar um pouco antes disso.

Cooper queria dizer Andrew, né? Merda, tinha me esquecido dele! Mas, enfim, precisava me acostumar com a presença do meu passado no meu futuro.

7

Andrew

Confesso que fui um pouco covarde nas semanas que seguiram. Depois daquela noite em que foi anunciado o casamento de Ethan com a minha AJ, eu me afastei o máximo que pude. Apesar da insistência dele para me enturmar com a noiva consegui não vê-la por um tempo.

Até que uma noite encontrei com Ellen, que começou a falar dos planos do irmão. Para calar a boca dela, eu a beijei, pois não queria ouvir nada que envolvesse Alysson e Ethan. Uma coisa levou a outra e acabamos num quarto de motel, transamos até o corpo pedir por clemência. Só que no dia seguinte me arrependi. A mulher estava grudenta e enjoada.

Bem, mas se eu não era o rei das complicações?

O foda foi que alguns dias depois Ethan me colocou num beco sem saída. Iríamos comemorar porque no dia seguinte ele embarcaria pra Las Vegas para se casarem. Foi uma tortura inimaginável. Nunca me senti tão fora de lugar como naquela noite.

— Que cara é essa, Cooper?

Levantei os olhos do copo de refrigerante, que já deveria estar quente, e olhei para Ethan, que sorria. Pisquei algumas vezes tentando voltar à terra e dei de ombros.

— Nada, só pensando…

— Hum, deve estar pensando naquela garota, não? A tal que te viciou.

Ao lado do meu amigo estava ela, Alysson, ou AJ. Alheia ao que falávamos, ela olhava os casais dançando. A lanchonete que escolhemos tinha jukebox e algumas pessoas fizeram uma pista de dança. Mas quando ela ouviu o que o noivo disse se virou para mim com as sobrancelhas arqueadas.

— Na verdade, eu já me esqueci dela, estou pensando no curso.

Ethan assentiu e passou um braço em volta dela, fazendo com que meu estômago se revirasse. Precisaria me acostumar àquela cena.

— Ah, eu também estou ansioso para começar, apesar que agora tenho outras coisas na cabeça. Aliás, Alysson, eu estava pensando, não acho que você precise continuar com a sua livraria. Meu salário vai aumentar, não há necessidade que você trabalhe. Pode ficar com o tempo livre para fazer outras coisas. Por que não entra no clube das mulheres com a minha mãe? Ela disse que será muito bom pra você se enturmar com as esposas.

No segundo que ele terminou de falar percebi que a sugestão não tinha sido recebida da maneira que ele gostaria. Alysson franziu a testa e olhou para o noivo um pouco espantada.

— Como assim, Ethan? Não! Não posso me desfazer da minha livraria, ela é meu sonho.

Ele sorriu e acariciou o rosto dela.

— Eu sei, amor! Mas você se cansa demais. Ellen me disse que, às vezes, fecha muito tarde e abre muito cedo. Depois que nos casarmos vai te deixar exausta cuidar de tudo e ainda ter seu próprio negócio.

— Não, não vou fazer isso. Abrir a livraria foi uma das coisas que me fez mais feliz.

— Mais feliz do que me conhecer?

Alysson revirou os olhos e mesmo contrariada pegou o queixo dele entre os dedos.

— Você sabe o que quero dizer. Por favor, não misture as coisas. Sabe que eu te amo!

Fiquei um pouco desconfortável de estar presenciando aquela discussão, me ajeitei no banco e olhei para os lados tentando fingir que nem estava ali. Mas percebi que Ethan não gostou da negativa dela e fechou a cara.

— Bem, então tá ok. Mas se você se cansar demais conversaremos mais pra frente sobre isso. Agora, que tal dançarmos uma música romântica naquela jukebox?

Alysson estava um pouco chateada, mas assentiu e foi com ele para a pista de dança se juntar aos outros casais apaixonados.

Ver a felicidade estampada no rosto dela me fez crer que as esperanças que tinha eram infundadas.

Consegui me safar indo embora mais cedo com a desculpa de que precisava descansar para partir no dia seguinte para Vegas. Não aguentaria horas vendo a felicidade do lindo casal que não tinham problemas de exibir sua felicidade na frente dos outros.

Nunca dois dias passaram tão depressa. O que me aliviava era que logo estaria embarcando em direção ao que sempre sonhei. Estava feliz de poder me afastar de tudo aquilo. Resistir ao que sentia pela mulher do meu amigo estava se tornando difícil demais. Às vezes, queria ser mais egoísta e roubá-la para mim.

Ao chegar no hotel fui logo tomar um banho relaxante, nem mesmo pensei em olhar o celular. Sabia que teria mensagens de Ethan querendo saber se eu havia chegado. Queria alguns minutos de paz da tortura que se seguiria, tinha algumas horas até o casamento. O lugar era muito luxuoso e caro, tudo por um acontecimento importantíssimo.

Tirei toda a minha roupa e entrei debaixo da enorme ducha, quis que a água ficasse gelada, seria bom pra acalmar meu corpo que ameaçava entrar em combustão espontânea. Fiquei por algum tempo deixando que meu ânimo se acalmasse e minha pele esfriasse, quando saí já estava começando a sentir frio. Enrolei uma toalha na cintura e com a outra enxuguei meu tórax e cabelos, parei de frente para o espelho e observei meu reflexo com atenção.

Tinha olheiras bem notáveis em volta dos olhos, resultado das minhas horas de sono perdido. Acho que ficaria bem claro a todos que não andava bem, teria que ser frio para ficar tranquilo durante toda a cerimônia.

Estava cansado antes mesmo de tentar!

Saí do banheiro, pois não aguentava mais olhar minha cara de idiota que perdeu a mulher por pura arrogância achando que ela me esperaria o tempo que fosse.

Quem eu achava que era? O senhor do sexo inesquecível? Lógico que me dei muito mal!

Me vesti com o terno cinza que havia comprado exatamente para a ocasião e olhei no espelho. Era um cara boa-pinta, as mulheres gostavam do meu jeito cafajeste, e depois de anos acreditei que podia ter quem eu bem quisesse. Estava ficando com raiva e me virei pegando o celular que havia jogado em cima da cama, como previsto estava cheio de mensagens de Ethan. Respondi a ele que o encontraria no saguão como combinado e que já estava pronto.

Respirei fundo e decidi enfrentar logo tudo que me aguardava. Desci de escada para prolongar ainda mais, porém esqueci que estava no segundo andar e logo estava em frente a um grupo bem animado, que adivinhei estar ali somente para o casamento que eu queria fugir.

Logo avistei o noivo feliz no centro daquelas pessoas. Meio que relutei em ir lá, não era de fingir estar feliz quando não estava.

— Você deve ser o Andrew, certo?

Me virei em direção àquela voz rouca e uma mulher de mais ou menos vinte e dois anos me encarava com os olhos escuros investigadores.

— Sim, sou eu. Quem é você? Te conheço?

Ela sorriu de lado torcendo a boca carnuda pintada de vermelho para o lado.

— Na verdade, não pessoalmente, mas deveria caso tivesse voltado

como prometeu. Sou Dana, o prazer é todo seu.

Nunca me deparei com uma mulher tão segura como ela. Pelas poucas palavras que trocamos pude perceber muito dela.

— Não estou entendendo, voltado de onde?

— Sou amiga da AJ, seu idiota! Sei tudo sobre o que aconteceu entre vocês e o que se passou depois. O que viemos fazer hoje aqui é tudo culpa sua.

Olhou em meus olhos e pude perceber que ela falava sério, o que se tornou um fardo maior de aguentar. Eu estava sofrendo aquela merda toda somente por minha culpa.

— O que aconteceu depois, Dana?

Ela desdenhou com as mãos e se aproximou ficando ombro a ombro comigo. A mulher era bem alta, parecia uma modelo de ébano, de salto alto, estava quase na minha altura. Olhou para frente e balançou a cabeça.

— Pra que quer saber se a deixou nas mãos de alguém que não sabe dar valor a quem ela realmente é?

— Não sei o quanto você sabe, mas ela disse que não ia me esperar e estarmos aqui é a prova disso!

Dana revirou os olhos e bufou.

— Vocês homens são tão idiotas, mas você tem razão. Agora é tarde, né? Só fique ciente de que minha amiga está se escondendo nesse casamento, AJ não existe mais e boa parte disso é culpa sua. Nos vemos por aí, galã. — Piscou um olho e foi em direção a um armário em forma de homem que nos observava a pouca distância. Quando se aproximou, o cara a enlaçou pela cintura e foram embora.

Droga, já não faltava mais nada. Já estava com o coração apertado e com essas insinuações de Dana fiquei ainda mais angustiado quanto a tudo que poderia ter sido e ao que ainda iria acontecer.

***

Quando chegamos à pequena capela que realizava casamentos achei que seria algo simples e impessoal, mas estava errado. Estava tudo muito lindo, sofisticado e romântico.

Ethan disse que fez questão que o momento fosse memorável para Alysson, que quando ela se lembrasse do dia do casamento sorriria feliz. Disso eu não tinha dúvida já que, desde que a vi entrando pela porta, ela só tinha olhos para o noivo e um sorriso radiante.

Senti como se estivesse no meio de uma brincadeira sem graça do destino. Percebi no instante em que ela se aproximava que estava apaixonado por uma mulher proibida.

O sorriso dela fazia com que sentisse um frio na barriga, meu coração disparou quando constatei a verdade. E a verdade doía como uma lâmina afiada. Eu havia perdido algo que tinha nas mãos.

Tive vontade de sair correndo, não ficar naquele minúsculo altar onde podia praticamente sentir o perfume que emanava de seus cabelos loiros.

Dana me encarava com seriedade, parecia querer que eu fizesse algo. Porém, eu não podia fazer nada, Ethan era meu melhor amigo e isso era muito importante para mim. Zelava uma amizade verdadeira como a dele com unhas e dentes. Mas eu não posso negar que desejava interferir, ir contra tudo que acreditava e roubar a noiva.

Confesso que, quando o cara que fazia o casamento disse aquelas palavras de praxe sobre alguém ter algo a dizer, minha língua coçou, mas me mantive no papel que me propus a fazer. Era o padrinho e tinha que fazer de tudo para que desse certo.

A tortura durou muito mais do que eu esperava, e o que mais me doeu foram os votos de matrimônio que improvisaram na hora. Do Ethan eu imaginava, eram palavras de devoção e paixão sem freio que ele tinha pela noiva. Eu conhecia bem o sentimento que tinha por ela, sempre deixou claro o

quanto era apaixonado.

Mas não esperava ouvir o que *minha* AJ diria sobre Ethan.

Alysson se virou, ficando, infelizmente, de frente pra mim. Pude ver cada reação em seu rosto em cada palavra proferida.

— Quando eu te conheci senti como se fosse um sinal. Era a minha chance de que desse tudo certo, seus olhos verdes, tão doces, me encantaram desde o primeiro momento. A cada dia que passei com você tornei-me uma mulher diferente, estava sendo consertada de volta, depois de ser quebrada em alguns pedaços. Cada sorriso, palavra de carinho, toque de amor eu fui conhecendo a felicidade. Dizem que Deus tem maneiras para nos mostrar a felicidade que muitas vezes não conseguimos enxergar, mas eu vi isso em você desde que apareceu em minha vida. E por isso, Ethan, eu te agradeço de todo o coração. Se hoje consigo caminhar de cabeça erguida é por sua causa. Eu te prometo amor e fidelidade eterna.

Os olhos dela não desviaram um só segundo, pude ver a verdade estampada em cada trecho que disse. E quando o beijo foi anunciado eu, covardemente, fechei os olhos. Minha garganta estava com um nó enorme que não descia de forma alguma.

Esse nó permaneceu até o final das comemorações no restaurante do hotel em que estávamos hospedados. Até que foi bastante gente para a cerimônia. Ethan era um felizardo por ter capturado o amor de AJ. Ela era maravilhosa.

Fiquei pelos bastidores observando o vai e vem dela, como cumprimentava as pessoas sempre com um sorriso no rosto e nunca deixava de olhar onde o marido estava. Encontravam-se em meios aos cumprimentos dos entes queridos e amigos e se beijavam, faziam carinho um no outro.

Masoquista, sabia bem!

— Chega a ser estranho o quanto você olha para minha cunhada, Andrew!

Quase caí da cadeira quando a voz de Ellen me tirou do devaneio em

que me encontrava, virei-me e a vi encostada numa pilastra bebendo uma taça de champanhe e olhando na direção que Alysson e Ethan agora dançavam.

— Oi, Ellen. Não sei do que está falando. — E me virei tentando ignorá-la para ver se saía dali percebendo que eu não queria conversa.

Claro que isso não aconteceu!

Ela riu com vontade e se sentou cruzando as pernas que estavam expostas pela enorme fenda do vestido longo que usava.

— Você pode enganar a todos com sua amizade incondicional ao meu irmão. Mas desde o primeiro dia que vi você perto da Alysson percebi que tinha um interesse maior nela. Acho que meu irmão não percebeu isso, certo?

Olhei pra ela com os olhos estreitos em duas fendas, sempre soube que essa mulher era perigosa e foi um erro enorme transar com ela. Pois sabia que poderia me trazer problemas. Agora percebia que tinha sido um erro duplo, além de perigosa era falsa e dissimulada.

— Eu acho que você bebeu demais e não tem muito o que fazer, já que está perturbando a paz alheia.

Ela fez uma careta de ódio, nem parecia a mulher linda que não me deu sossego até que teve o que queria.

— Você se acha esperto! Deixa meu irmão saber que o melhor amigo é louco pela mulher dele, espere e verá.

Levantou-se e saiu em direção ao casal que dançava feliz e alheio a tudo ao redor. Ela não estava blefando! Corri em direção a ela e, antes que se aproximasse demais, a puxei pelo braço. Arrastei-a em direção aos banheiros e a encostei na parede olhando em seus olhos.

— Eu não sei o que você está querendo com esse showzinho, Ellen. Se é a felicidade do seu irmão que você tanto preza não faça da vida do cara um inferno.

Ela levantou o queixo e me desafiou com o olhar.

— Ele precisa saber da verdade, talvez a vadia também goste de você e

tá fazendo ele de otário. Ethan é bem ingênuo pra perceber certas coisas.

— O que você quer de mim? Não estou entendendo esse ataque todo!

Ellen sorriu e levantou uma coxa esfregando-a no meio das minhas pernas.

— Você sabe bem o que eu quero, estar com você foi maravilhoso e tem fugido de mim descaradamente. — Sorriu maliciosa e, então, fechou o semblante. — Então, eu percebi o que te incomoda tanto. É a Alysson que você quer.

Minha respiração ficou acelerada e comecei a suar frio. Fechei os olhos e tentei acalmar a raiva que queimava dentro do meu peito. Ter essa verdade jogada na minha cara, dita em voz alta, me tirou o ar. Meu coração zumbia em meus ouvidos e eu só queria estar no meio de uma guerra agora. Não nas garras dessa mulher.

Levantei minha cabeça e olhei dentro dos seus olhos verdes.

— Você não vai ter nada de mim, Ellen. Me enoja ter tocado em você dessa maneira. É mais ardilosa que imaginei, mas fique ciente que se disser alguma coisa que vá deixar seu irmão infeliz eu vou atrás de você.

Ela sorriu e mordeu os lábios tentando me provocar, só que isso agora me dava apenas asco.

— E vai fazer o quê? Me bater? Talvez eu possa gostar de alguns tapinhas seus. — Virou a cabeça de lado tentando parecer sensual. Só que havia uma coisa relacionada a caráter: podia ser a pessoa mais linda do mundo, mas depois que você descobre a podridão que habita dentro dela não consegue ver mais nada do que o monstro que é. As aparências enganam desde que o mundo é mundo. E, apesar de eu ser apaixonado por mulheres bonitas, não suportaria tocar em um fio de cabelo dela.

— Não preciso de agressão física para acabar com você. Mantenha-se longe de mim e não provoque a Alysson. Eu prezo a felicidade dos meus amigos.

Me virei e ignorei o chamado da gralha atrás de mim. Ao sair do saguão dei uma última olhada onde os noivos ainda dançavam abraçados. Teria que enterrar o sentimento que tinha por AJ, mas seria para ver aquele sorriso que eu sempre retornaria.

8

Alysson

Cinco anos depois…

— Você sabe que minha mãe não gosta de atrasos, Alysson! Por que não a arrumou mais cedo?

Olhei para Ethan sentado ao volante e fechei os olhos contando até três.

— Ontem ela dormiu tarde, estava cansada.

Ele respirou fundo e balançou a cabeça.

— Eu disse para não deixá-la olhando aqueles livros até tarde. Sabe que nem gosto que fique contando aquelas histórias pra ela. Só vai encher a cabeça da menina de sonhos inalcançáveis.

Sophie estava dormindo no carro, na verdade eu a vesti ainda dormindo de tão cansada que estava. Ethan quis sair tão cedo de casa em um final de semana que precisei fazer isso, já que ela estava acostumada a dormir até tarde aos sábados.

Constatando que realmente estava e não ouvia o que falávamos me virei para o meu marido outra vez.

— E quem disse isso? Sua mãe ou sua irmã?

Ele me olhou por um segundo e voltou a prestar atenção à estrada.

— O que você quer dizer com isso, Alysson? Não está querendo

implicar com elas de novo, não é?

Várias vezes nesses anos, parei para pensar onde tinha ido parar o rapaz doce e carinhoso que conheci. Não que ele não fosse mais, era sim, porém Ethan havia mudado muito.

— Não é implicância, só não gosto que elas fiquem dando palpites na criação da nossa filha. — Olhei pela janela tentando acalmar meu coração. Já estava com vontade de chorar e precisava me controlar.

Ouvi Ethan suspirando pesadamente e olhei de rabo de olho. Meu marido colocou a mão em meu joelho tentando me dar algum conforto.

— Amor, você tem que entender que elas ficam preocupadas com vocês duas. Eu passo muito tempo fora de casa e meu trabalho é muito perigoso, a única coisa que me deixa tranquilo quando estou em missão é saber que se você precisar poderá contar com minha mãe e Ellen. Então, por favor, não crie desavenças com as duas. Sabe que as amo muito e não quero ter que discutir com você por isso.

Apesar de querer gritar com ele para que parasse de ver somente o que queria eu fiquei em silêncio mais uma vez e abaixei a cabeça assentindo.

— Quanto tempo você vai ficar fora dessa vez? — Olhei para ele que ficou mais aliviado.

Tinha que mudar o foco do assunto para evitar brigas desnecessárias que não iriam dar em nada.

— Eu não sei, amor! Acredito que uns vinte dias, a missão é muito importante e perigosa.

— E pra onde você vai?

— Sabe que isso é confidencial!

— Não pode falar nem pra sua esposa?

Ele fechou a cara e respirou fundo, entediado. Eu me encolhi um pouco no banco do carro. Odiava que ele não confiasse em mim para me dizer pra onde iria.

— Alysson, não vamos discutir isso mais uma vez. Já basta você saber o que sabe. Não precisa de mais informações.

Assenti e olhei para fora de novo tentando me encontrar em alguma esquina. O que havia feito da minha vida que permiti estar naquela situação?

— Ainda bem que Andrew estará com você, fico mais aliviada que vocês se protegem.

— É!

Um silêncio horrível se instalou no carro e sabia que Ethan tinha ficado chateado por tanto questionamento da minha parte. Então fiz o que ele esperava, me mantive quieta sem interromper a concentração dele na rua.

Assim que chegamos na casa da minha sogra, Sophie acordou e Ethan a pegou no colo levando-a ainda sonolenta para dentro de casa. Como de costume eu fui ignorada por alguns minutos enquanto Emma cobria Ethan de questionamentos e críticas de como minha filha estava magra, porque estava dormindo ainda… e todo seu repertório que me enlouquecia.

Quando me notou fez uma careta de desgosto. Não me importava, porque eu nem queria estar ali no último dia que meu marido estava em casa.

— Oh, Alysson nem vi que estava aí atrás! Mas também tão quieta e encolhida que nem dá pra te notar.

Dei-lhe um sorriso amarelo.

— Sem problemas, eu não gosto de ser notada mesmo. Tá tudo bem, Emma?

Ethan se afastou e foi se sentar no sofá enquanto Sophie ainda estava em processo de despertar.

— Sim, só muito triste que meu filho mais velho vai para um campo de guerra tão perigoso. — Colocou a mão sobre o peito e olhou para ele, que falava com Sophie.

— E como você sabe que ele vai para um campo de guerra?

Senti meu corpo todo se arrepiar, meu estômago estava embrulhado e

podia sentir as lágrimas se formando atrás dos meus olhos.

— Oh, ele me disse! Está nessa missão há meses contra o tráfico humano. Você não sabia?

Ela sabia que eu não tinha conhecimento disso e estava feliz em ver cada reação que eu demonstrei em saber que ela sabia de tudo. Respirei fundo e sorri.

— Você me dá licença, Emma? Preciso ir ao banheiro.

Ela assentiu e me deu passagem, nem mesmo olhei para Ethan quando passei por ele a caminho do banheiro. Meu coração batia acelerado e não conseguia respirar direito. Senti como se ele me traísse ao negar-se a me incluir em suas coisas, mas com a mãe ele se abria. E, ao mesmo tempo, me sentia como uma ciumenta sem sentido, afinal ela era mãe dele. Era esperado que fossem confidentes.

Joguei água no rosto enquanto sentia meus batimentos se acalmarem. Assim que me senti melhor consegui voltar para a sala, quando pisei no corredor percebi que meu tormento só tinha começado. Ellen já estava ali destilando seu veneno. Parei no meio do caminho apenas ouvindo o que ela dizia.

— Você sabe que não é uma boa ideia, irmão. Com você longe, ela vai manter a menina afastada da gente com a desculpa de que não tem tempo de trazê-la por causa da livraria. Por que não a manda fechar aquele lugar?

Senti meu coração se acelerar de novo. Esperei por um minuto longo pela resposta de Ethan, mas antes dele dizer qualquer coisa, Emma também deu sua opinião.

— Concordo, aquilo lá nem dá tanto dinheiro assim. Se ela não tivesse que trabalhar poderia cuidar melhor da menina e não deixá-la sonhar tanto com bobagens. Você sabia que ela quer ser jogadora de beisebol? Uma menina? Pelo amor de Deus!

Fechei meus olhos orando a Deus que ele não as ouvisse dessa vez, não gostava de discutir com ele, mas por Sophie eu sempre tentava fazer o melhor.

— Eu já tentei que ela fechasse a livraria, mas ela se recusa e não posso fazer nada. Ela a tem antes de nos casarmos. Eu procurei saber…

Como assim, procurou saber?

— Mas você pode mandar ela fechar, se quiser. — A voz de Ellen me dava nojo. O que aquela mulher tinha que a fazia ser tão má?

Ele respirou fundo e pude praticamente vê-lo com os dedos nas têmporas.

— Não quero deixá-la com discussões inacabadas, fica uma situação ruim entre nós e agora não é um bom momento.

— Tudo bem, meu filho. Mas não seja frouxo, tem que saber se impor. E não deixe a menina ficar sonhando em ser algo que mulheres não deveriam ser.

Não deveriam ser? Minha filha seria quem ela quisesse! Estava na hora de eu tomar de volta as rédeas da minha vida. Não poderia expor minha menina aquela vida mais!

Dei um passo à frente pronta para dizer a eles o que pensava quando ouvi um barulho à minha esquerda. O pai de Ethan vinha com Sophie no colo comendo um biscoito.

Ele era o menos pior da família, apesar de nunca me tratar mal, assistia ao que as duas faziam sem dizer uma palavra. Devia ser algo genético entre os homens Turner.

— O que está fazendo aí, Alysson? Está passando bem?

— Estou sim, estava à procura da Sophie.

Ele sorriu e olhou para ela e a colocou no chão. Sophie veio em minha direção e estendeu um biscoito para mim.

— O vovô que fez, mamãe!

Sorrindo, eu peguei o biscoito que ela me oferecia e mordi um pedaço.

— Está muito bom! Vamos ao quintal jogar um pouco?

Olhei para minha filha que sorria e quando eu disse a palavra jogar seus olhinhos brilharam.

— Sim, é a minha segunda coisa preferida!

— Então vamos lá, você pode avisar ao Ethan que estamos nos fundos, Harry?

Ele parecia muito mais velho do que realmente era e seus olhos haviam perdido o brilho há muitos anos.

— Você acha que ele não vai achar ruim? Sei que não quer que a menina jogue.

Tive vontade de gritar com ele para que parasse com isso porque muitas vezes eu o vi jogando com Sophie e só por causa de Emma e Ellen ele mudou de opinião também. Mas ele não tinha mais jeito, a obediência cega estava enraizada em seu coração.

Sorri para meu sogro e peguei a mão da Sophie.

— Qualquer coisa peça a ele para vir falar comigo, ok?

Sem dar chance para que ele dissesse alguma coisa fui para o quintal com Sophie. Ela jogou não só beisebol, mas também amarelinha, pulou corda e fingiu estar em uma floresta encantada.

Ethan não nos procurou até a hora do almoço e quando o fez apenas me olhou com cara feia. Passamos uma tarde entediante e eu engoli muitos sapos em prol da família feliz e satisfeita.

Quando a tortura terminou fomos para casa e eu fui direto para colocar Sophie na cama. Acabei dormindo com ela e nem vi Ethan partindo. Esperava que ele esfriasse a cabeça na missão e voltasse pensando diferente, ou nosso casamento não aguentaria por muito tempo.

9

Andrew

— Cooper, eu preciso que vá para o avião agora, preciso de você na missão Alfa.

Me virei e olhei para meu comandante que estava tenso atrás da sua mesa. Estávamos no meio de uma missão, eu tinha sido designado para a Beta e já me encontrava a caminho quando recebi a mensagem que ele precisava de mim.

— Senhor, eu já fui designado para a Beta.

— Não, Turner vai liderar essa missão. Eu preciso que você fique à frente da Alfa. Não confio em mais ninguém para esse cargo.

Engoli em seco e não sabia como responder a ele. Tínhamos uma boa reputação. Permaneci em sua equipe desde que me formei, três anos atrás, que fez nascer um laço maior do que a hierarquia da Marinha.

— Com todo respeito, senhor, não acho uma boa ideia me separar do Ethan. Somos mais fortes juntos. Temos êxito em 100% de nossas missões por causa da confiança que temos um no outro.

Ele assentiu e suspirou massageando as têmporas. Max parecia bem cansado, toda a responsabilidade que carregava nas costas com o cargo que ocupava acabava refletindo em seu emocional.

— Eu entendo, Andrew! E tenho muito orgulho dos dois. Tê-los em minha equipe me poupou de muitas preocupações, mas, infelizmente, isso é

uma ordem superior e temos que cumprir. Alfa é mais importante que Beta, preciso do melhor nisso!

Não gostei nada daquilo, mas aceitei, não tinha outra opção. Ordens são ordens!

— Sargento Andrew Cooper se apresentando, senhor! — Prestei continência como devia ser, a não ser o fato de que pouco fazíamos isso, pois éramos mais amigos do que qualquer outra coisa.

— Descansar, sargento! Te vejo em dez dias!

Dei meia volta e saí da sala, sabia que Ethan receberia suas ordens, mas precisava informá-lo das mudanças. Mandei uma mensagem desejando-lhe sorte e que nos encontraríamos em dez dias.

Sua viagem não seria agora, estava marcada para a próxima noite. Eu embarcaria imediatamente.

Nós estávamos enfrentando uma rede de tráfico de crianças no Irã. A missão já completava seis anos, porém, quando entramos, ela já estava em andamento e todas as missões que tivemos, fizemos um apoiando o outro. Em todas obtivemos sucesso. Já havíamos derrubado vários pontos de tráfico no mundo e estávamos muito perto do cabeça de toda a rede. A operação Alfa, Beta e Ômega consistiam em capturar e prender os responsáveis principais por todo o mal que acontecia com as crianças.

Mas não me sentia bem sem meu parceiro!

Cinco anos servindo juntos fez com que nossa amizade se fortalecesse ainda mais. Nosso curso para ser um SEAL se mostrou intenso e complicado, e foi nisso que se baseou toda a estrutura da nossa amizade. Um não deixou o outro desistir. Tinha um respeito enorme por Ethan Turner.

Porém, nunca me perdoaria pelo que guardava dentro do meu peito. O que sentia por Alysson não diminuiu, apenas aumentou com o passar dos anos. Inevitavelmente nos tornamos amigos também, e eu consegui esconder o que sentia por ela como um verdadeiro ator. Só que nunca foi fácil vê-la a distância por todos esses anos.

Estar envolvido na vida deles foi tão normal quanto qualquer coisa que veio depois. E quando Sophie chegou foi automático me tornar o protetor da garotinha, fruto do meu melhor amigo com a mulher que amava.

Alysson nunca demonstrou para mim nada mais que amizade e gratidão. Eu era um idiota por ainda guardar aquele sentimento, apesar de tentar com muita vontade me livrar daquilo!

Com o passar dos anos tentei me envolver em relacionamentos, mas apenas projetava AJ nas mulheres e, conforme o tempo se passou, cansei e decidi continuar solteiro até que aparecesse alguém capaz de superar a mulher que era proibida para mim.

Nem era uma questão do fato de Ethan ser meu amigo, mas o meu caráter me impedia que tomasse qualquer atitude para tê-la.

Embarquei no avião junto com dez homens para eliminar de vez o cabeça de uma rede nojenta de tráfico infantil. E como era de costume fechei os olhos e guardei o sorriso de AJ em meu coração, era para vê-lo mais uma vez que encontrava forças para voltar.

***

Dez dias se passaram desde que embarquei naquela missão. Era tudo muito bem planejado e precisava ser feito com precisão, não era admissível nenhum erro. Qualquer falha colocava em risco toda a operação.

Ficamos de vigília por noites a fio, nos revezávamos para que não fôssemos pegos de surpresa enquanto tirava duas horas de sono. Quando recebemos o *ok* do informante, invadimos a estrutura enorme que guardava um dos mandantes da rede de tráfico.

Não foi fácil entrar sem ser visto, algo que se tornou impossível assim que fomos vistos pelos seguranças do complexo. Uma chuva de tiros nos assolou e, infelizmente, tivemos duas baixas na equipe.

Quando paramos de frente para o cômodo que o mandante estava, olhei

para o meu braço direito na missão.

— Danny, cubra minha esquerda que vou entrar no quarto.

Ele assentiu e mudou de posição enquanto outros três se mantinham às nossas costas.

Com um gesto, eu informei que já estava pronto, dei um chute na porta e entrei. Quando chegamos ao quarto do homem que tínhamos ido capturar, ele havia se suicidado com um tiro na cabeça. Era comum esse tipo de atitude, pois eles não gostavam de correr o risco de ter toda a rede revelada por interrogatórios.

Nossas ordens eram levá-lo vivo ou morto.

Confesso que não senti nem um pouco de pena do infeliz. O modo que ele vivia era simplesmente repugnante, estar nessa profissão era de embrulhar o estômago e muitas vezes pensei em desistir.

Os rapazes entraram e começaram a vasculhar tudo. Tiramos fotos de todo o local, conseguimos prender alguns envolvidos e levamos o corpo do nosso alvo.

— Sargento, vem aqui, por favor? Preciso que veja uma coisa. — Ouvi a voz de Danny e fui em sua direção. Chegando lá me surpreendi com o que encontrei. Isso não devia acontecer depois dos três anos como um SEAL, mas acontecia.

Entrar naquele quarto era a prova viva de que existiam pessoas más demais para estarem respirando. O inferno era exatamente ali. Havia mulheres e crianças escondidas num buraco feito no chão dentro de um armário escuro, elas estavam tremendo de medo quando nos viram, mas podia ver em seus olhos o alívio de estarmos ali.

— Vá até o Perez e peça ajuda imediata, provavelmente elas vão precisar de cuidados médicos. — Agachei-me enquanto ele se afastava para cumprir a ordem. Elas me encaravam com atenção e temerosas. — Está tudo bem, nós viemos para ajudar. Estarão livres em breve.

Sabia que não poderiam me entender, pois não deviam falar inglês, mas depois do tempo em serviço aprendi que falar em voz baixa e com calma acalmava os reféns.

Podia ver que estavam ficando inquietas ali e precisava tirá-las daquele buraco imundo. Olhei de um lado ao outro no quarto e vi uma cadeira ao lado da cama. Onde elas estavam não era tão fundo e se eu descesse com a cadeira poderia fazer com que elas subissem.

Sem hesitar fiz um degrau para que elas saíssem do cativeiro que se encontravam, uma por uma saiu com os olhos baixos e foram se amontoando num canto longe da cama que seu algoz se encontrava sem vida.

Algumas meninas choramingavam, mas uma se desesperou ao ver o homem assim que saiu do buraco. Tentei acalmá-la, mas ela gritava em agonia e logo pensei em Sophie. Quando se machucava, minha doce menina corria para meus braços confiando que iria protegê-la. Ajoelhei-me e aproximei devagar para não a assustar, fiz do mesmo modo que fazia com minha afilhada. Comecei a cantar baixinho até que ela parou de gritar e olhou para mim. Um sorriso temeroso apareceu em seu rostinho e tomei o tempo que precisava para que se acalmasse.

Logo o médico da equipe apareceu e cobrimos o corpo do homem que as aterrorizava.

Pensar no que aquelas meninas — a mais velha não devia nem ter vinte anos — faziam no quarto com aquele monstro me fazia querer tê-lo encontrado vivo. Faria questão de matá-lo com as minhas próprias mãos.

Num caso como este, em que trabalhamos por três anos, vimos atrocidades que eram inimagináveis e me fazia questionar toda a evolução dos seres humanos.

Conseguimos deixar as meninas em segurança e despachamos os presos. Estávamos exaustos, mas precisava fazer toda a burocracia para voltar pra casa.

Olhei para Smith e Evan e os chamei com um aceno. Quando se

aproximaram percebi o que os dias naquele lugar inóspito havia feito para eles.

— Vamos agilizar tudo para que possamos retornar logo.

— Sim, senhor! Só mais uns minutos e conseguimos embarcar. As reféns já estão em segurança.

— Muito bom! Preciso de uma cama por uns dez dias e mais nada.

Todos sorriram em concordância. Estávamos exaustos naquele momento.

— Já preparei os corpos do Martinez e do James — disse Evan com tristeza.

Perder membros da equipe era muito doloroso, e para os dois guerreiros que morreram naquele dia ficaram as boas lembranças de bons homens que fariam falta nas vidas de todos nós.

Embarcamos naquele avião desconfortável, e mesmo presos por um cinto que quase nos esmagava, dormimos a viagem toda. Ao chegar, eu ainda tinha trabalho a fazer. Estava acostumado com isso, era líder nas missões fazia algum tempo, mas não queria dizer que gostava.

A única coisa que queria agora era deitar na minha cama e dormir por uns dez dias.

Despedi-me da equipe, marcando de encontrá-los para uma cerveja em breve. Morávamos em lugares diferentes; e, apesar de meu coração morar na em Beach Point, Carolina do Sul, eu fixei moradia na base mesmo. Manter-me à distância se tornou menos doloroso.

Ao chegar à sala do comandante vi que todos estavam tensos, não gostei nada daquilo. Fui autorizado a entrar e depois de uma missão, mesmo sendo amigo do Max, era normal ter toda a formalidade. Bati continência a ele, que assentiu, mandando-me sentar.

— O que foi, Max? Deu algum problema com os presos? — perguntei, já me sentando.

Meu comandante estava com o semblante abatido e parecia ter muito mais do que seus cinquenta e poucos anos, porque as olheiras de cansaço eram visíveis em volta dos olhos.

— Nada com eles, já foram encaminhados e não estão mais em nossas mãos. A missão foi um sucesso.

Isso era bom, pois quando acontecia algum desvio era um tormento. Nosso trabalho tinha sido em vão.

— Nós tivemos duas baixas, ficou sabendo?

— Sim e sinto muito! As famílias já foram informadas.

Engoli em seco e meu coração deu um pulo. Era terrível quando isso acontecia. Além de sermos uma equipe, nós éramos amigos e conhecíamos a família um do outro intimamente. Perder alguém da equipe era como falhar a missão inteira.

— Tudo bem, quando será o enterro? Estarei lá!

Max assentiu e digitou algumas coisas em seu notebook. Estranhei sua atitude, porque, apesar de tudo, ele devia estar acostumado com algumas perdas. Mas acredito que nunca se acostuma a isso.

— Depois eu te mando tudo certinho por e-mail, mas temos algo maior que você precisa saber.

Isso definitivamente não era bom.

— Tudo bem…

Esperei que ele me encarasse e tive um pressentimento de que era pior do que imaginava. Max respirou fundo e abaixou a cabeça, massageando a têmpora. Isso se tornou comum nos últimos meses.

— Tivemos alguns problemas com a missão Beta — disse ainda de cabeça baixa. — Quando a equipe chegou ao local estava tudo vazio e tiveram que rastrear para onde o alvo havia ido.

Isso era bem comum nas missões. Às vezes encontravam nossos informantes e os torturavam perguntando sobre toda a operação. Tínhamos

que começar do zero, o que demorava muito mais para concluirmos a missão.

Encostei-me à cadeira e assenti esperando que ele me olhasse e terminasse de dizer o que havia acontecido.

— Encontraram o bando dentro de uma caverna, foram informados que tinha um contingente de reféns e tudo entrou em pane. — Quando tinha reféns precisava tomar muito cuidado, muitas vezes a missão era abortada. — Quando entraram e se depararam com a quantidade de civis no local tiveram que agir prontamente e virou um pandemônio. A quantidade de homens armados era muito maior do que previmos. O chefe da quadrilha estava lá e não fomos informados.

— Por que omitiram isso?

— Foi tudo muito bem planejado, Andrew. Não sabíamos de nada, que as coisas estariam naquele estado. Segundo relatórios, os reféns estavam em situações deploráveis. Os homens se desesperaram.

Engoli em seco e assenti. Max fechou os olhos tomando ar e quando os abriu senti como se meu chão tivesse sido tirado dos meus pés.

— A equipe Beta foi completamente abatida. Não sobrou ninguém. Sinto muito!

Fiquei por algum tempo olhando para ele tentando assimilar o que tinha dito, se era alguma brincadeira de mau gosto ou um mal-entendido. Então, minha visão foi começando a embaçar e parecia que via tudo de longe.

Minha mente tentava processar todas as informações e automaticamente refazer os passos dos homens caso estivesse lá. Um erro pode ter colocado tudo a perder.

Tinha medo de perguntar, mas precisava.

— Ethan?

Eu não olhei para o comandante, não conseguia.

— Alysson já foi informada, sinto muito!

Fechei meus olhos tentando conter todo o ódio e a dor que sentia, minha

vontade era gritar e matar um por um daqueles que eram a escória da sociedade. Eu não conseguia imaginar um mundo onde não houvesse Ethan Turner e, apesar de sentir profundamente a perda do meu melhor amigo, meu maior pensamento era em AJ.

E me puni por isso!

-

10

Alysson

Desde que a gente nasce é esperado alguma coisa de nós. Mesmo sendo um bebê, a construção da personalidade de uma criança é aguardada com ansiedade pelos pais; e quando se é mulher e está crescendo, a sociedade impõe que você se comporte da maneira como *eles* acham correto. Você tem que se portar da forma socialmente aceitável para não se transformar em um "intruso" num mundo onde a mentalidade da população é restrita e moldada de acordo com os "bons" costumes.

Eu tentava ser quem esperavam de mim naquele momento. Tentava ser forte e posar de esposa controlada. Desde que nos casamos e Ethan passou a fazer parte dos SEALS era esperado certa postura da minha parte. Ele mesmo chegou a pedir isso muitas vezes. Eu fiquei um pouco chateada, mas acatei para que não levasse problemas para nossa casa. Agora seria minha prova de fogo, por mais que estivesse destruída precisava ser alguém que não queria, estar em um lugar que não gostaria, me manter firme, algo que não estava.

Contudo, se fosse ser sincera, não era para manter a aparência de esposa perfeita que eu não me entreguei à dor que sentia, apenas por Sophie que mantinha meus olhos secos, porém o coração estava sangrando. Ela custou um pouco a entender o que havia acontecido. O corpo de Ethan demorou dois dias para chegar, tinha uma burocracia enorme. Mas quando minha menina se deu conta de que o pai não estava mais entre nós, eu senti como se tirassem o meu chão, ela ficou arrasada. E por isso eu não podia fraquejar. Estávamos a

caminho do cemitério e ela tinha agarrado meu braço desde que saímos de casa. A independência que sempre mostrou e a garra que eu via nela se esvaiu quando se deu conta de que o pai havia partido.

Um carro da corporação havia ido nos buscar, e o silêncio estava confortável, o que fez com que a viagem fosse mais rápida do que gostaria. Se pudesse prolongaria ainda mais minha chegada naquele lugar de tristeza e dor. Quando paramos olhei pela janela e podia ver todos os companheiros de Ethan vestidos impecáveis com a farda de honra, seria uma linda homenagem ao amigo perdido.

Olhei para Sophie que tinha os olhos verdes tristes e marejados, ela estava com o rostinho vermelho de tanto chorar e me encarava com medo. Tentei sorrir e parecer forte, passei as costas dos dedos em seu rosto e ela abaixou a cabeça.

— Vamos, princesa?

— Eu não *quelo* ficar aqui, mamãe. — Sua voz estava baixa quase com medo de dizer isso.

Eu a entendia, se pudesse nem eu estaria naquele lugar.

— Eu te entendo, minha lindinha. Mas vamos combinar uma coisa? Se você for forte por mim, eu serei forte por você. Assim apoiamos uma a outra, o que acha?

Sabia que ela não resistiria à chance de cuidar de alguém. Sophie tinha um instinto protetor mais que aflorado e sempre demonstrou isso. Levantou os olhinhos, soltou meu braço, respirou fundo e assentiu estendendo sua pequena mão. Sorri para minha guerreira e abri a porta esperando que ela passasse.

Quando saímos e bati a porta, algumas pessoas que estavam mais próximas se viraram e nos viram caminhando pela trilha de pedras que separava as sepulturas, a pena em seus olhos me deu um calafrio que me fez encolher interiormente. Sophie tentava se esconder atrás de mim e não poderia culpá-la porque eu também queria fazer isso.

De todos os olhos que nos encaravam não vi nenhum familiar que esperava que estivesse ali. Andrew se tornou um grande amigo ao longo dos anos, amava minha filha como se fosse dele e muitas vezes chorei em seu ombro quando estava em meu limite. Queria muito que ele chegasse a tempo para estar ali. Ele e Ethan tinham uma ligação muito forte e, por mais que estivesse rodeada de amigos e familiares, me sentia sozinha. Me aproximei da minha sogra e a cumprimentei com um aceno, ela abriu os braços para envolver Sophie, que se retraiu escondendo-se às minhas costas. A mãe de Ethan fez uma careta e me olhou acusatória.

— Sinto muito, Emma. Ela não está levando bem toda a situação.

Minha sogra franziu a testa e torceu a boca com desgosto.

— Essa menina está muito mimada, Alysson. Vocês sempre fizeram tudo que ela queria.

Respirei fundo e tentei relevar, afinal a mulher acabara de perder o filho. Mas estava cansada de tantas críticas em relação a forma que eu criava minha filha. Ethan nunca me deixou rebater, porém eu não sabia muito bem por quanto tempo conseguiria aguentar aquilo.

Ellen estava sentada ao lado do pai e nem mesmo arriscou um olhar em nossa direção.

A solenidade de sepultamento começou assim que nos acomodamos, alguns dos caras que eu já conhecia se colocaram em posição de sentido ao lado do caixão coberto pela bandeira dos Estados Unidos e no centro de todos eu o vi. Andrew não olhava para os lados, mas percebi sua expressão abatida e senti um alívio por saber que ele estava ali. A honra de carregar o caixão era atribuída aos mais chegados e também aos superiores. Quando chegou a hora, eles se aproximaram e cada um pegou de um lado marchando para a cova que estava preparada. Eu queria fechar os olhos nesse momento, a ideia de estar a sete palmos do chão me sufocava de uma forma que eu quase tive um ataque.

Envolvi o braço em volta de Sophie que logo se acomodou escondendo o rostinho em meu peito. Dei-lhe um beijo nos cabelos loiros e aspirei seu

perfume. Ela me acalmava sem nem mesmo tentar.

A marcha fúnebre começou e todos de pé prestamos uma última homenagem ao guerreiro abatido em função de seu país. A mãe de Ethan chorava desesperada. Quando o caixão foi baixando para a cova, ela passou mal e teve que ser levada dali. Peguei Sophie no colo quebrando toda a tradição e me aproximei da cova proferindo uma oração de olhos fechados para que Ethan encontrasse a paz.

Quando abri os olhos, me deparei com Andrew me encarando sério e intensamente. Direcionei a ele um pequeno sorriso e com minha filha nos braços me afastei antes mesmo que a solenidade terminasse. Ela estava abalada e chorando, eu não iria expor minha filha a mais sofrimento.

Nos afastamos um pouco e a coloquei no chão, agachando-me para ficar à sua altura. Minha menina se parecia muito comigo, mas tinha os olhos do pai. Ela estava com um vestido rodado azul-escuro com florzinhas rosa, não quis colocar preto na minha menina. Seu rostinho estava banhado em lágrimas.

— Ô, princesa, não fique assim. Não dissemos que seríamos fortes?

Ela assentiu e enxugou o rosto com a mãozinha.

— Eu sei, tô tentando. Mas dói, mamãe.

Sorri tristemente e a abracei, imediatamente Sophie envolveu meu pescoço com os bracinhos e me apertou bem forte.

— Sim, querida. Dói muito, mas temos que seguir em frente, ok? Papai não gostaria de te ver chorando. Lembra quando você caiu, machucou o tornozelo e chorou muito e papai contou uma história para se acalmar? Ele dizia que seu sorriso era lindo demais para se apagar com lágrimas.

Ela assentiu e se afastou olhando para onde as pessoas ainda se reuniam em volta do caixão.

— Mas eu não vou ver mais meu papai, mãe.

Senti um nó em minha garganta e foi um pouco complicado segurar o

choro que ameaçava explodir em minha garganta. Apesar de nossa vida não ser um mar de rosas, eu senti muito sua perda. E mesmo tendo pensado em me separar de Ethan por causa de tudo que estava errado em nossas vidas, sempre soube que Sophie sentiria muito a falta do pai. Agora que ele tinha partido para sempre não sabia como lidar com os sentimentos confusos em meu peito. Mas minha filha precisava de consolo.

— Nos seus sonhos você pode encontrar com ele, dizer como foi seu dia, pode conversar com ele em suas orações, amor. Não precisa esquecer seu pai! Ele te ama e cuidará de nós onde estiver.

Ela fez um biquinho e a peguei no colo novamente pronta para ir embora, ainda tinha uma recepção na casa de Emma e eu precisava me preparar psicologicamente para ir até lá. Quando me virei para pegar a trilha, que me levaria até o carro, vi que não estávamos mais sozinhas. Andrew estava parado nos observando com a cabeça meio abaixada e o quepe nas mãos.

— Não quis interromper.

Não foi fácil me acostumar com a presença dele, mas depois de algum tempo nos transformamos em grandes amigos. Sophie adorava Andrew e quando ouviu sua voz pulou do meu colo se jogando em cima dele, que não vacilou e a pegou em seus braços fortes. Em seguida, murmurou algumas palavras de conforto em seu ouvido acariciando os cabelos dela.

Meu coração se apertou diante da visão. Esperava encontrá-lo exatamente por isso, sabia que não me deixaria na mão e ajudaria a consolar minha filha. Fiquei afastada dando a privacidade que eles precisavam e quando olhou pra mim senti como se minhas barreiras desmoronassem, estava prestes a quebrar.

Andrew sorriu tristemente e balançou a cabeça.

— Você não precisa ser forte, Aly. Vem cá! — Abriu o braço enquanto segurava Sophie no outro.

Fiquei em dúvida se deveria ou se seria correto me jogar nos braços ele.

Era isso que se esperava de mim? Meus olhos já se enchiam de lágrimas contra a minha vontade e fui movida pelo simples fato de estar recebendo conforto. Em alguns passos, o alcancei e seu cheiro me envolveu juntamente com o da minha filha acalmando o meu coração.

As lágrimas não paravam de descer e Drew acariciava minhas costas me dando o conforto que tanto precisava. Desde que recebi a notícia me mantive forte e só me permitia sentir quando estava em meu quarto sozinha onde ninguém poderia ver a minha fraqueza.

— Eu sinto muito, Andrew. Estava me controlando bem.

— Você não tem que se controlar, Aly. Seu marido se foi, precisa deixar sentir.

Balancei a cabeça negando e me afastei de seu ombro onde eu havia deitado. Sophie ainda estava enfiada no lugar e sabia que não sairia tão cedo, tinha encontrado o esconderijo perfeito.

Dei um passo para trás e enxuguei as lágrimas com a manga do vestido.

— Ela precisa de mim.

— Sim, e inteira. Se guardar a dor ela vai te sufocar, acredite, eu já vi acontecendo.

Ao longo dos anos eles perderam muitos amigos e participamos de muitas solenidades como essa, apoiando e ajudando as famílias a superar.

Mordi os lábios e observei o carinho que ele tratava minha filha, Drew era um ótimo padrinho. Melhor até do que esperava.

— Fiquei com medo de você não chegar a tempo, sabia que ela precisaria de você aqui.

Ele sorriu e abraçou Sophie mais apertado, seus olhos azuis estavam longe e ele parecia pensativo.

— Eu vim o mais rápido que consegui, só recebi a notícia ontem. Cheguei hoje de manhã, queria ter passado na sua casa antes, mas infelizmente não deu.

— Imagine, agradeço por ter vindo. Ela precisava muito do seu abraço.

— Só ela? — Seus olhos agora estavam cravados em mim e estranhei a intensidade da pergunta.

— Claro que não, quando não te encontrei me senti sozinha e deslocada. Você é um grande amigo e sabe disso. Fico muito grata por ter vindo, Ethan merecia que todos estivessem presentes.

Ele assentiu, parecendo estranho, e se virou olhando para as pessoas que estavam se afastando.

— Quase não acreditei quando Max me contou. Fiquei louco querendo arrumar uma forma de chegar mais rápido. Sinto muito por isso, Alysson.

— Eu sei, foi uma fatalidade. Ele fará muita falta.

Virou-se e assentiu. Colocou Sophie no chão e agachou-se.

— Ei, agora chega de chorar, ok? Esse sorriso lindo precisa alegrar nossas vidas. Cadê ele? — Ela não resistiu ao charme do padrinho e sorriu. — Isso aí! Agora o tio Drew vai precisar ir, mas nos encontramos lá na casa da vovó, ok?

Ela franziu a testa exatamente da forma que Andrew fazia, ela achava tão engraçado isso nele que tentou até imitar exatamente igual.

— Eu não *quelo* ir pra lá. A tia Ellen é chata.

Andrew sorriu e apertou o queixo de Sophie com dois dedos.

— Mas eu estarei lá e vou te contar a história de como conheci um pônei voador. Você vai?

Ela assentiu animada e o abraçou de novo, o beijando no rosto.

— Eu te amo, tio Drew.

— Eu também te amo, princesa.

Soltaram-se do abraço e ele se levantou me encarando. Seus olhos refletiam a angústia que sentia, só não entendia o motivo. Devia estar penalizado pela nossa situação.

— Você já sabe o que fazer?

Eu passei a noite em claro pensando nisso. Sabia do que ele estava falando. Tomei minha decisão no amanhecer.

— Vou me mudar para a casa da praia, acho que vai ser melhor estar num lugar onde não tem tantas lembranças. Preciso continuar vivendo, né?

Ele bateu o quepe na perna e assentiu abaixando a cabeça.

— E você vai conseguir, é a mulher mais forte que conheci na vida. — Me olhou e por um momento pensei ter visto um vislumbre de algo em seus olhos azuis, mas logo fora substituído pelo brilho do meu amigo. — Sabe que o que precisar, eu estarei disposto a te ajudar.

— Obrigada, Andrew. Significa muito pra mim.

Ele sorriu tristemente e levantou uma mão passando os dedos por meu rosto numa carícia reconfortante.

— Pra mim também! — Piscou um olho e se afastou, fiquei olhando ele se misturar às pessoas uniformizadas que ainda estavam ali. Peguei a mão de Sophie e me virei. Dei de cara com Ellen e Emma nos olhando perto dos carros.

Olhei para Sophie, que fez uma careta engraçada. Sorri e arqueei as sobrancelhas.

— Pronta? — Ela concordou com um aceno e bateu uma continência meio desajeitada.

Era hora de outra batalha e já estava com meu pelotão em guarda.

11

Andrew

Precisei de muita força de vontade para me afastar e deixá-las por conta própria. Sophie me pedia com os olhinhos para que ficasse, mas eu precisava ir. Não podia ficar mais um segundo, quanto mais protelava mais difícil se tornava ficar perto delas.

Os sentimentos que guardei a sete chaves por cinco anos estavam se tornando insuportáveis de segurar. Quase me sufocava a vontade que eu tinha de abraçar Alysson o tempo todo, protegê-la de todo o mal. Tirar aquela dor que via em seu rosto e alma.

No papel de amigo ouvi muitas vezes suas lamentações e tristezas. Ela amava Ethan, mas ele havia se tornado um cara diferente conforme os anos se passaram. No final, já não existia mais da mulher que conheci sete anos atrás. Foi se extinguindo até se tornar apenas a esposa de um militar que não podia ter extravagâncias e se limitava a tocar sua livraria e cuidar da filha. Não que isso não fosse bom, era, mas custou a Alysson sua personalidade. Talvez tenha sido ele a causa de todo o problema ou poderia ter sido ela. Não sabia dizer, mas a via cada vez mais deprimida e ninguém notava.

Após o enterro teve a recepção na casa dos pais de Ethan, apesar de eu estar acostumado a essa tradição não gostava de “comemorar”. Ainda estava muito abalado com a perda do meu melhor amigo. E no fundo me sentia culpado por ter deixado que ele fosse sozinho a uma missão. Talvez se eu estivesse presente o resultado fosse outro.

Parti vinte minutos depois, não me aproximei de ninguém naquele dia e preferi assim. Apesar das investidas flagrantes de Ellen ao longo dos anos, eu não me envolvi com ela mais do que apenas um erro. E via que havia deixado-a com raiva por isso. Por isso preferia me manter distante deles.

Apoiei minha mala na porta do apartamento e abri a porta entrando em seguida. Tranquei a fechadura e deixei a mala em qualquer canto da sala. Minha casa estava do jeito que eu havia deixado há quase um mês. Limpo, sóbrio e solitário. No quarto, a cama estava bem arrumada: deixava uma pessoa responsável por manter tudo limpo e arrumado para que quando eu voltasse pudesse deitar em minha cama sem nenhum empecilho.

Eu não morava em minha antiga cidade, me afastei para não cair em tentação e trair a mim mesmo.

Deitei na cama e fechei os olhos. Era só fazer isso que ela vinha em minha mente. Seu sorriso, o jeito de mexer nos cabelos, o modo carinhoso como tratava a filha, a dedicação com seu trabalho e a doçura daquela mulher não sairia nunca da minha memória. Eu sentia como se aquele sentimento estivesse enraizado em mim. Eu a amava, o desejo virou amor e isso me machucava, pois ela era proibida para mim. Até mesmo agora, nunca trairia a memória do meu amigo assim. Por isso, eu deveria me manter distante, arrumar uma distração e tentar não fazer o que meu instinto mandava, que era tomar a minha mulher de volta!

Esse pensamento não ajudava em nada e precisava tirá-lo da cabeça. Peguei meu celular do bolso e disquei, esperei e, no segundo toque, a voz melodiosa de uma amiga me atendeu.

— Tá livre hoje?

— Pra você sempre!

Sorri de lado e senti meu corpo acordando para a vida.

— Estou em casa, chega em quanto tempo?

— Quinze minutos estarei aí! Já estava com saudades!

— Eu sei!

Desliguei não querendo prolongar a conversa. Conheci Kayla numa festa e nos envolvemos sexualmente e nessa parte nos dávamos muito bem. Enquanto estávamos emaranhados nos lençóis nada mais precisava ser dito. O problema surgiu quando ela quis algo mais, eu tentei, mas não deu certo. Desde então tínhamos um trato que, quando estivesse em casa, ela estivesse solteira, poderíamos nos encontrar, transar e cada um ir para seu canto. De início, ela não curtiu muito a ideia, mas no fim sexo era muito bom para ser desperdiçado.

Com o tempo, nos tornamos amigos e Kayla gostava do nosso acordo. Havia desistido de encontrar um cara sério e estava bom ter um ”PA”.

Levantei-me e fui tomar um banho. Queria que quando ela chegasse estivesse limpo e pronto para passar a noite esquecendo meus problemas e sentimentos.

Quinze minutos exatos, a campainha estava soando dentro do apartamento e fui atender com a toalha em volta da cintura.

Kayla sorria amplamente e mediu-me de cima a baixo. Ela era uma mulher esplêndida, seus cabelos vermelhos refletiam exatamente a personalidade fogosa e cheia de vontade que cultivava.

— Vejo que se preparou para me esperar. — Apontou para baixo da minha cintura que levantava a toalha branca. Olhei para baixo e a puxei pelo braço fazendo com que entrasse na sala.

Sem muita gentileza, bati a porta e a imprensei na parede pairando em seu rosto. Kayla arregalou os olhos e ofegou.

— Não estou a fim de papo, Ka. Quero foder duro e sem conversa, dá pra você? Se não der, eu entendo e você pode ir.

Seus olhos brilharam na expectativa e senti o toque da sua mão em minha cintura nua, ela forçou as unhas em minha pele e subiu arranhando minhas costas.

— Foram alguns meses sem me chamar, achei que não faria mais. Estou mais que pronta pra você, Drew.

Grunhi e capturei sua boca na minha sem pestanejar. Não precisava de mais nenhum incentivo. Meu corpo pedia por libertação. Esmaguei o corpo esguio de Kayla com o meu. Queria sentir cada pedaço de carne, de olhos fechados me deixei levar assim como fazia toda vez. Eu beijava uma mulher e só ela vinha à minha mente. Há muito tempo me conformei com isso.

Minha toalha caiu em algum momento enquanto eu me esfregava em Kayla como um cara que não transava há meses, o que era verdade. Com uma mão, a segurava no lugar que queria e com a outra dei um puxão nada gentil no decote do vestido expondo um seio delicioso para minha apreciação. Capturei um em minha boca e suguei com vontade me apertando em seu corpo.

Ela estava com um vestido longo e não foi difícil fazer com que a saia subisse e a calcinha saísse. Ela estava sempre preparada e tinha um preservativo na bolsa, não foi preciso eu dizer nada. Ela embainhou meu membro e entrei em seu corpo numa estocada só fazendo com que a cada impulso ela batesse a cabeça na parede. Seus cabelos vermelhos estavam revoltos em volta do rosto e os lábios inchados e vermelhos da minha barba por fazer.

O pescoço de Kayla me convidava e chupei cada pedacinho de carne exposta. Eu estava enlouquecendo e quando cheguei ao clímax foi em AJ que pensei, e como era natural nesse estado de êxtase gritei seu nome me derramando em outra mulher.

Sabia que ela havia gozado comigo e quando deixei com que seus pés tocassem o chão bambeou um pouco e me olhou nos olhos, sorrindo. Passou os dedos por meu queixo carinhosamente.

— Senti sua falta.

Não sabia bem porque me deixava levar pelo tesão acumulado, porque toda vez que fazia isso, principalmente com ela, me culpava e ficava com

nojo de mim mesmo.

— Sinto muito. Eu… — ela interrompeu meu discurso com o dedo e balançou a cabeça.

— Eu te conheço há alguns anos, Andrew. Sei a quem seu coração pertence. Como você, me acostumei a ter só seu corpo e amizade. Não me importa, ok? Sério!

— Mas não me sinto bem te usando dessa maneira.

— E quem disse que eu não estou te usando também? — Sorriu amplamente parecendo bem satisfeita e inclinou a cabeça de lado soltando um suspiro. — Precisamos conversar.

Droga! Isso não era um bom sinal.

— Tudo bem! Deixa eu vestir um short, sabe onde fica o banheiro, certo?

Ela assentiu e sumiu pela casa até o banheiro no quarto de hóspedes. Fui até o meu quarto e joguei uma água em meu corpo vestindo uma bermuda em seguida. Quando voltei para a sala, Kayla estava sentada no sofá olhando pela janela perdida em pensamentos. Acomodei-me ao seu lado e peguei sua mão na minha. Éramos bons amigos e muitas vezes nos lamentávamos um com o outro. Ela sabia tudo sobre AJ.

— Eu conheci alguém, Drew!

Soltei sua mão como se levasse um choque.

— Como assim?

Kayla sorriu e me olhou divertida.

— Você e sua moral… não estou namorando ainda, se tivesse não teria vindo, você sabe. — Respirou fundo e me olhou nos olhos. — Ele entrou na empresa tem um mês e no início eu o odiei porque era muito arrogante, sabe que não gosto de caras assim. Prefiro que sejam sinceros a acharem que podem mandar em tudo. Bem, conforme eu fui o conhecendo percebi que não passava de uma fachada, ele me envolveu de uma forma que não consegui

escapar. Ficamos uma noite, duas semanas depois que ele entrou, e desde então tenho fugido de ficar a sós com ele.

Eram três anos que nos conhecíamos e Kayla teve namorados aleatórios, mas nunca falou deles dessa forma, incomodada e parecendo encantada.

— Parece que foi bom.

Ela riu e assentiu, abaixando a cabeça e mexendo com a cordinha do vestido que marcava sua cintura.

— Foi, mas não é isso. O lance é que ele mexeu comigo mais do que eu gostaria, entende? E acho que preciso parar com você.

Nunca pensei que ouviria isso dela. Poderia ser egocentrismo e me achava demais, mas sempre tive comigo que depois de algumas desilusões eu e Kayla faríamos uma bela dupla: frustrados emocionalmente, mas bem realizados sexualmente.

— Entendo… Você está apaixonada?

— Sim. — Mordeu os lábios me olhando como se estivesse se desculpando de algo que realmente nem precisava. — Na verdade, eu estava esperando sua ligação para me despedir da melhor forma. Por isso estava tão ansiosa para te encontrar.

Sorriu maliciosamente com um brilho de saudade e despedida nos olhos castanhos.

Eu senti que a usava sempre e me condenava por isso, mas nunca achei que era usado até aquele momento. Engoli em seco e tive que me conformar, pois era assim que eu a tratava. Uma via de escape para meus sentimentos por Alysson.

— Entendo, mas podemos continuar amigos? — Gostava das nossas conversas e perder mais uma amizade seria doloroso naquele momento.

Kayla sorriu e alisou meu braço que repousava no encosto do sofá como um gesto de conforto.

— Claro que sim, nada nos impede disso. Não deixarei de ser sua amiga porque paramos de transar.

Assenti meio sem graça sem saber como ficaria nossa relação dali pra frente.

— Mas você, por acaso, sabe se ele quer algo mais com você? Pode estar se iludindo de novo.

Ela sacudiu a cabeça e me amaldiçoei por estar dizendo aquilo. Queria, de qualquer forma, mudar a mente dela? Era tão inseguro e solitário ao ponto de estar tentando atrapalhar a vida da minha amiga?

— Ele me chamou num canto no início da semana e disse que não conseguia parar de pensar em mim e que precisava de mais do que tivemos.

— Entendo.

Me senti descartado como algo inútil e sem graça. Senti que Kayla estava se mexendo no sofá e olhei para ela. Seus olhos me avaliavam e vi algo que não gostei. Pena ou remorso. Não queria nem que ela se arrependesse de tudo que vivemos e nem que se penalizasse por estar me deixando.

— Você sabe que merece mais do que isso, não, Drew? Mais do que sexo casual e essa falta de sentimento.

— Mas eu sempre tive sentimentos por você — rebati incapaz de ficar quieto, parecia que precisava me defender de alguma coisa.

— Não é sobre amizade que estou falando. Até quando vai negar que ama e não é correspondido?

Dei-lhe um sorriso triste e sarcástico pelo que sentia. Nunca neguei isso a mim mesmo nem pra ela que sempre me ouviu. Não tinha certeza se gostava de saber sobre Alysson, mas eu só tinha a ela para desabafar.

— Eu nunca neguei, Kayla, só que não consigo esquecer ela. Você sabe que tentei. — E ela foi um dos motivos de eu ter tentado. Era uma mulher incrível que merecia muito mais do que eu podia dar.

— Então, acho que tá na hora de lutar pela mulher que ama, amigo. Em

algum momento, suas amigas coloridas vão acabar e você vai ficar sozinho. Eu vou indo, ok? Não gosto do que estou sentindo, fica bem.

A vi caminhando para fora do apartamento e me senti vazio por dentro. Alguns minutos depois, eu ainda olhava para a porta fechada.

— Você era a última, Ka. Elas já acabaram.

12

Alysson

Meses se passaram desde que eu perdi o Ethan. Chorava todas as noites escondida de minha filha. A dor era uma companheira constante, mas conseguia disfarçar de todos como me sentia, o que provocou certa raiva da família dele. Minha sogra e cunhada me acusavam de não estar sofrendo o suficiente e que estava até aliviada por estar solteira agora. Eu não retrucava, abaixava a cabeça e ia embora. Sabia que era o luto falando, porque sempre foram muito ligadas a ele, e descontavam suas dores em mim.

Eu podia suportar por Sophie. Ela não precisava perder mais ninguém. Mas quando deitava minha cabeça no travesseiro sentia como se minhas forças saíssem pela janela. Ficava horas apenas deixando meu coração ser esvaziado da solidão e insegurança.

Ethan me fazia falta todos os dias, eu o amei muito, mas nos últimos anos nossa paixão deu uma esfriada, sentia como se fosse apenas confortável um para o outro. Porém, a presença dele sempre me fez bem e estar em sua companhia, mesmo que ele me oprimisse, era como se a paz me invadisse e eu não pensava no que havia deixado para trás.

E todas as noites, quando a torrente de lágrimas passava vinham os pensamentos do que eu poderia ter feito da minha vida se meu marido não tivesse ditado tantas regras para que eu pudesse seguir. Confesso que no início quis me rebelar, deixar ele e viver sozinha. Estava quase fazendo isso quando engravidei.

Não poderia deixar minha filha crescer numa situação complicada, pois sabia que a família de Ethan seria um problema muito sério caso eu não estivesse casada com ele, então deixei pra lá. Esqueci os meus sonhos e me tornei a esposa perfeita.

Era por isso que mais me culpava. No fundo, depois de quatro meses sem Ethan, senti como se estivesse voltando. Parecia que estava aliviada e me doía demais. Como alguém podia sentir alívio pelo marido ter partido? Aguentava as acusações de Ellen e sua mãe porque no fundo tinham um pouco de razão. Quase não suportava me olhar no espelho de tanto nojo que tinha dos meus sentimentos. Isso me levou a perder peso, estava perdendo minhas roupas, não sorria mais, somente com Sophie podia ser eu mesma.

Minha filha era o meu alicerce, a força que eu precisava para superar aquela dor que me autoinfligia.

Sophie, por sua vez, estava normal, sentia falta do pai, mas não sofria tanto como achei que sofreria. Talvez pelo fato do trabalho dele fazer com que ficasse semanas fora de casa, ela tivesse se acostumado. Porém, tinha noites que eu passava acordada ao seu lado, pois ela chorava de tristeza.

Fora o fato de seu padrinho ter simplesmente sumido. Andrew foi embora do velório de Ethan e não deu mais nenhuma notícia. Minha menina se sentia abandonada pelos dois homens que amava. E isso não era bom.

Tentei entrar em contato com ele e não consegui, tentei até mesmo falar com o comandante que eu conhecia por causa de Ethan e fui informada que ele estava em várias missões. Não saberia dizer se isso se devia ao fato de estar chateado pela morte do amigo, ou porque não queria responsabilidade conosco.

Comecei a retomar minha vida de volta cinco meses depois que fiquei viúva. Era quase aniversário de cinco anos da Sophie e queria levá-la para passear, ela não queria festa. Planejando nossa viagem tracei um roteiro para esquecermos tudo que nos entristecia. Mudei-me para a casa da praia assim que voltei do velório e isso fez com que as lembranças, boas e ruins, não

doessem tanto.

Todas as tardes eu pegava Sophie e caminhávamos na beira da praia. Estar ali era delicioso; enquanto ela brincava na areia, eu me sentava e fechava os olhos sentindo a brisa salgada acariciar meu rosto. Meus pensamentos voavam longe e algo aconteceu que há muito tempo não ocorria. Ele me veio à mente sem que eu pudesse segurar. Os olhos, os lábios, o corpo no meu. Senti como se sufocasse e abri meus olhos tentando voltar à realidade. Sophie brincava com seu balde e pazinha fazendo um castelo de areia e respirei fundo tentando fazer com que meus batimentos voltassem ao normal.

Por que estava me lembrando do passado logo agora? Demorei para esquecer o que sentia quando via Andrew, na verdade afoguei junto com minha personalidade. Será porque agora que eu estava voltando a me sentir como eu, o velho desejo, a velha chama estava voltando? Mas isso não seria possível, não tinha mais espaço para isso em minha vida.

— Mamãe, olha só o que eu construí! — Olhei para Sophie, que sorria me encarando.

Me levantei de onde estava sentada e a olhei com carinho. Ela havia feito dois bolinhos de areia molhada e colocado um pedaço de madeira entre eles.

— É uma ponte?

— Sim, uma ponte para as princesas passarem. Podemos voltar amanhã e trazer minhas bonecas?

— Claro, filha.

— Tio Drew também poderia vir, ele sabe fazer um castelo lindo.

Meu coração falhou uma batida, ela tocava no nome dele todos os dias, prova do quanto sentia sua falta.

— Ele está numa missão, eu te disse, não? — Acariciei seus cabelos e ela baixou a cabeça tristinha.

— Eu sei, não queria que *tivesse*. E se ele virar estrelinha igual o papai?

Seus olhinhos verdes estavam cheios de lágrimas e a abracei apertado em meu peito. Depois disso Sophie não quis mais brincar e quis ir pra casa. A levei em meu colo e a cada passo estava mais convicta de que eu não poderia me envolver com ninguém que tivesse o trabalho igual ao de Ethan, minha filha não aguentaria perder mais ninguém dessa forma… Nem eu.

***

Todos os anos tinha uma festa beneficente na cidade que os fuzileiros e SEALS preparavam. O que queria dizer muito trabalho e diversão. Eu participava em todas ajudando na arrumação e levando alguns quitutes que seriam vendidos na quermesse e seria revertido uma parte para os soldados e suas famílias feridas na guerra e outra para as instituições carentes. Arrecadávamos um bom dinheiro, pois todos trabalhavam juntos em prol desse dia, o que trazia pessoas de cidades vizinhas para se divertirem.

Esse ano Sophie quis me ajudar em alguma coisa e, então, eu a coloquei para dobrar as bandeirinhas que seriam penduradas para enfeite da festa. Estava concentrada e até que fazia direitinho, era bem perfeccionista e só aceitava quando fazia direito.

— As bandeirinhas estão ficando lindas, Sophie.

Ela levantou os olhos e sorriu, aquele sorriso fazia meu coração se encher de amor.

— Eu sei, estou me *eforçando* pra ficar lindo.

Sorri para ela e voltei minha atenção para a pilha de prêmios que seriam distribuídos nas barracas de jogos.

Minha mente estava longe e nem percebi que minha filha estava conversando com alguém até que senti um arrepio em meu corpo e estaquei no lugar. Há sete anos não sentia isso e parei de respirar por um momento. Aquele dia na praia nunca se apagaria da minha memória.

Agucei meus ouvidos e vi que Sophie ria baixinho e sussurrava, então uma voz grave se misturou a dela e eu simplesmente soube quem estava ali antes mesmo que se aproximasse.

— Acho que Sophie está fazendo um trabalho melhor que o seu, Aly. Sua torre de presentes está torta e vai cair.

Meu Deus, o que eu poderia fazer para que meu coração parasse de bater tão rápido? Por que tinha a impressão de que a voz de Andrew estava diferente? Mais sensual? Eu não podia pensar nem sentir essas coisas por ele.

Me virei e encarei aqueles olhos azuis que me encantaram desde que os vi pela primeira vez.

— Se acha tão fácil por que não faz uma então, senhor perfeito?

Ele sorriu amplamente e assentiu, abaixou-se e deu um beijo em Sophie se levantando logo em seguida e colocando-se ao meu lado para montar outra pilha de prêmios.

— Como estão? — perguntou sem me olhar nos olhos, fingindo estar concentrado na torre que empilhava.

Bom pra ele, minha concentração havia sumido, se derrubasse a minha pilha de prêmio não seria surpresa.

— Agora você quer saber? Te procurei por cinco meses, Andrew. Sophie sofreu muito com sua ausência. Sei que não tem obrigações conosco, mas podia ter, pelo menos, ligado para conversar com ela.

Andrew respirou fundo e assentiu, derrotado.

— Eu sei que fui um idiota, mas precisava sumir e pensar em tudo, sinto muito. — Me olhou intensamente. — E não é questão de ter obrigações ou não, simplesmente não consigo ficar longe das duas. Isso me mata.

Engoli em seco. Quando uma pessoa sabe ler pingo é letra. Mesmo ele não falando abertamente, senti que tinha muito mais do que carinho por trás de suas palavras e olhares. Eu só não queria admitir nem demonstrar que havia percebido.

Balancei a cabeça e sorri.

— Não tem problema, sei que a morte de Ethan mexeu muito com você. Estamos nos recuperando aos poucos também. Não foi fácil, essa sensação de estar sozinha quase me sufoca.

— Eu imagino… — Sua voz havia tomado uma vibração estranha. Ele parecia conectado e muito chateado. — Sophie disse que ouve você chorando todas as noites, isso é verdade?

Imediatamente olhei para minha filha que, alheia à nossa conversa, dobrava as bandeirinhas cantarolando uma música qualquer. Eu não tinha ideia que ela sabia ou ouvia e porque disse isso ao Andrew.

— Não queria que ela escutasse. — Olhei para ele me sentindo culpada por fazer minha filha ficar preocupada comigo. Ela só tinha quatro anos, pelo amor de Deus!

— Você não precisa se esconder, Alysson. Não de mim, sei que não está sendo fácil. Sophie se preocupa com você, como não o faria? Ela te ama. Quando amamos uma pessoa queremos o bem dela acima de tudo até mesmo de nosso bem-estar.

— Mas ela não devia se sentir assim, Andrew. Deveria estar preocupada em apenas brincar e ser feliz. É só uma criança.

Ele terminou a torre e me olhou.

— Não dá pra ser feliz quando quem amamos está sofrendo. Eu sei como é isso.

Engoli em seco e me perdi em seus olhos. Andrew havia mudado muito com o passar dos anos e esses cinco meses de distância deram a ele uma aura diferente. Parecia muito mais maduro e só não sabia o que poderia ser.

— E não estou sofrendo, Andrew, só lamento muita coisa que não queria lamentar.

Ele assentiu e mordeu os lábios.

— Disso eu também entendo. Esses meses me fizeram lamentar muitas

coisas também. Me arrependo de não ter feito nada e tinha que ter lutado mais.

Ficamos nos encarando por algum tempo, perdidos nos olhos um do outro. Por um momento esqueci de onde estava e que estava rodeada de gente, que poderia interpretar aquela troca de olhares mais do que era. Ele insinuava alguma coisa e não sabia se queria saber.

— Tio Drew! Terminei minhas bandeirinhas, vamos ao pula-pula comigo?

Ele foi o primeiro a desconectar nossa ligação e sorriu para Sophie abaixando-se e a pegando no colo. Deu um beijo estalado em sua bochecha que a fez sorrir.

— Tem que pedir para a mamãe primeiro, não, princesa?

Sophie bateu com a mão na testa e sorriu.

— Esqueci. Pode, mamãe?

Como negar um pedido feito com tanto entusiasmo? Minha menina parecia feliz como não se sentia há meses.

— Claro que sim, mas cuidado para não cair.

— Eu cuido dela — Andrew falou, me olhando nos olhos.

— Eu sei que sim!

Observei-os se afastando e cada vez que ele cuidava dela dessa forma, meu peito parecia que poderia explodir de tanta felicidade. Apesar de Ethan ser um pai carinhoso, poucas vezes se importava em brincar com Sophie, o que deixava a cargo do padrinho. Ele sempre foi muito amoroso e fazia todas as vontades da minha filha.

Voltei minha atenção à pilha de presentes e percebi que estava mesmo torta, a dele estava perfeita. Sorri, Andrew sempre tinha razão quanto à minha noção de direção.

— Você parece muito bem para uma mulher que acabou de perder o marido.

Há algumas semanas eu parei de receber ligações da família de Ethan e também deixei de ir à casa deles. Não aguentava tanta humilhação e se quisessem ver a Sophie que fossem até a minha casa, pois sabiam o caminho. E isso me trouxe um pouco de paz, apesar de suas palavras ecoarem em minha alma, só de não vê-las me sentia mais forte a cada dia. A voz de Ellen era como estar revivendo um pesadelo. Com o passar dos anos, ela ficou amarga até mesmo cruel comigo, só a suportava por Ethan. Agora não precisava mais.

Me virei e a encarei assim como faria se ainda fosse a antiga AJ.

— O que quer dizer com isso, Ellen?

Ela deu de ombros desdenhando e deu a volta olhando as pilhas que eu e Andrew fizemos.

— Você parece muito bem, esse sorriso que acabou de dar é prova disso, toda feliz… Aliás, ficar encarando o padrinho da sua filha em público não é uma boa conduta para uma viúva.

Meus olhos captaram cada movimento dela, o sorriso cruel, os olhos apagados de ódio, os lábios comprimidos numa linha fina. Ellen estava com ciúmes, sempre havia sido assim. Tinha inveja de tudo que era meu e depois eu ter ficado meses sofrendo sem poder me sentir bem, ela vinha me criticar por ter dado um sorriso.

— Sou viúva, mas não estou morta. Você não tem nada a ver com a minha vida, sua maldita. Se estou sorrindo ou não, não é da sua conta. Estou cansada desse seu despeito, não é feliz porque vive fazendo inferno da vida dos outros.

Ela parou e me encarou com fogo saindo de seus olhos, respirava fortemente e, então, sorriu cínica.

— Hum, parece que a vadia mostrou as garras. Sempre alertei meu irmão quanto a sua vulgaridade. Ele nunca me ouviu. Não espero nada de você, Alysson, duvido até que Sophie seja filha do meu irmão, não duvido de que seja uma bastarda… assim como você.

Meu coração parecia trovejar em meu peito, uma fúria imensa me invadiu e senti como se algo clicasse em meu íntimo. Enterrei parte de mim por decepções e quase ninguém me conhecia dessa forma. A Alysson impulsiva era escondida a sete chaves. Mas algo que me disseram e só fui concordar depois de ser mãe é que não se deve mexer com os filhos da gente.

— Eu não escondia nada de Ethan, ele sabia de toda a minha vida. E espero que não repita essa barbaridade que disse, nem mesmo deixe minha filha ouvir isso ou eu acabo com você, sua vadia malcomida.

Ela sorriu como se eu não a tivesse insultado.

— Ethan sabia do seu envolvimento com Andrew? Sabia que o melhor amigo dele comeu sua esposa primeiro? Sabia que você amou o melhor amigo dele por todos esses anos?

13

Andrew

Eu decidi voltar quando meu coração já estava cansado de sentir saudades. Por cinco meses ignorei meus sentimentos e milhares de recados que Alysson deixou em toda parte. Me envergonhei por estar fugindo daquela forma, ela não merecia isso. Porém, eu precisava desse tempo e da distância. Por isso me enfiei em várias missões, sem dar tempo de descansar e minha cabeça encher de dúvidas e esperanças. Não sei se percebi que já estava bom de me punir ou se devia ao fato de Max quase mandar me prender, mas o caso era que eu fui obrigado a ir pra casa. E por isso ganhei um mês de férias, além de uma licença que estenderia por mais dois meses. Eu não queria, mas fui forçado, ou acabaria preso por insubordinação.

A primeira coisa que fiz quando cheguei à Carolina do Sul foi procurar notícias de como andavam as coisas. Sabia que a única pessoa que me diria o que eu precisava saber sem me interrogar tanto seria minha mãe. E foi minha parada obrigatória antes de decidir qualquer coisa. Assim que pisei em sua cozinha, a vi de frente para a pia embalando vários bombons.

— Bom dia, mamãe. Vejo que cheguei em uma boa hora.

Ela levantou os olhos do que estava fazendo e me encarou com um misto de alegria por me ver depois de meses, e raiva de alguma coisa que eu devo ter feito. Já imaginava o que era, sempre reclamava da minha mania de simplesmente sumir sem me importar com mais nada

— Então decidiu voltar. Achei que não deixaria de fugir nunca. Quando

foi que se tornou um covarde, Andrew? Não foi bem assim que lhe eduquei. — Sua voz estava com um misto de alívio e decepção.

Tive que engolir o orgulho e baixei a cabeça entrando e me aproximando para ajudá-la.

— Sinto muito, mãe. Precisava de um tempo. Minha cabeça estava muito confusa.

Fazia muitos anos que não levava bronca e aquilo estava bem estranho pra mim. Ela deu uma risada sarcástica e me olhou de lado, balançando a cabeça.

— Bom, meu filho, tenho uma novidade pra você. O mundo não gira só ao seu redor. Os problemas não se resumem apenas ao que você sente, as pessoas também sofrem. Não imaginou no que Alysson e Sophie vêm passando? — Na verdade, pensava nisso todos os dias, só não tinha encontrado a coragem, ou tinha sido forçado, como foi o caso, a estar de volta.

Isso me tornava um idiota completo!

Ela não olhava pra mim, mas sabia que estava fazendo a cara de decepcionada que eu conhecia bem de quando era criança e brigava comigo por alguma arte que havia feito.

— Eu sei, ela tentou falar comigo. Mas eu tinha que colocar minha cabeça no lugar. — Não lhe dei mais nenhuma explicação e mamãe se manteve em silêncio embrulhando aqueles bombons com uma concentração invejável, eu andava tão disperso que minha mante não focava numa coisa sequer.

Estava ficando desconfortável com aquela falta de sons a não ser os plásticos da embalagem. Eu vi que já tinha acabado os doces e parei ao lado dela enquanto enchia uma caixa com eles.

— Depois que você foi para a Marinha eu tinha que me ocupar, tirar da minha cabeça os meus medos de tudo que poderia acontecer com você, deveria ter me acostumado após anos casada com um militar, mas vi que

quando envolvem nossos filhos, as coisas são bem diferentes. Conheci a mãe de Aly numa dessas festas beneficentes, comecei a me interessar por culinária depois de conversar com ela e me dizer o quanto lhe fez bem trabalhar com doces e cozinhar. E realmente encontrei minha paixão. Faz dois meses que resolvemos abrir uma doceria. E você, muito conectado em sua própria vida, não sabia de nada disso, né? A vida continua e se você não quer ser só um espectador tem que acompanhar o ritmo e não ficar estacionado, preso ao passado ou com a expectativa pelo futuro — Se virou segurando a caixa. — Você tem poucas oportunidades de estar com quem ama, Andrew. Não desperdice. Tome, leve esses bombons para a festa beneficente. Tenho certeza de que o que você procura está lá.

Esticou-se nas pontas dos pés quando peguei a caixa e beijou meu rosto dando uma batidinha carinhosa em minha bochecha, sumindo para dentro de casa em seguida.

Fiquei um pouco sem saber como agir e fiquei olhando para aquela caixa, então só uma coisa reinava em meu peito. A saudade das duas mulheres que enchiam minha vida de cor.

O caminho até o local que acontecia a quermesse era conhecido por todos. Os anos que se realizaram fez com que ficasse famosa e assim que cheguei senti uma angústia no peito. Levei a caixa até o local que recebia as doações e cumprimentei, sorrindo, aquelas pessoas que conhecia a vida toda. Mas muito disperso quase não prestava atenção em nada, estava procurando por elas.

A primeira que vi foi a Alysson empilhando caixas de presentes que seriam dadas como prêmios nas barracas de jogos. Meu coração falhou uma batida e fiquei sem ar, minha vontade era de ir embora e continuar sendo um covarde. Mas não podia, e quando percebi aquele par de pequenos olhos verdes me encarando de um cantinho na calçada quase perdi as forças nas pernas. Sophie apenas me encarava em silêncio e vi em sua inocência de criança que tinha medo de falar qualquer coisa e acabar se magoando. Me aproximei devagar e sorri envergonhado ao me sentar ao lado dela. Olhei e vi

que Alysson ainda não tinha me visto. Estava concentrada em fazer uma torre torta.

— Oi, princesa, o que está fazendo?

Ela me encarou pelo que pareceram horas sem que dissesse uma palavra. Devia estar mais magoada do que imaginei.

Enfim, ela suspirou e voltou seu olhar para as bandeirinhas.

— Mamãe disse pra *dobar*, é o que tô fazendo.

Parecia tão concentrada e torcia o rostinho, realmente muito dedicada na tarefa. Sophie era uma menininha linda.

— Entendo, e tá se saindo muito bem.

— Por que você foi embora? — Arregalei os olhos surpreso com a pergunta direta vinda de uma menina de quatro anos.

— Eu não fui, estava trabalhando.

Ela mordeu a boca e parecia receosa.

— Mamãe me disse, não quero que você morra também.

Meu coração deu um salto por ela mencionar isso depois de tudo. Mas eu era um idiota. Já tinha se passado um tempo e o choque da perda já deveria ter diminuído. Pelo menos pra ela.

— Eu não vou, princesa. Esqueceu que sou o Super-Homem? — Fiz uma careta estranha que arrancou uma risadinha dela. — Desculpe por ter sumido. Não vou fazer mais isso.

— Promete?

— Sim. — Cruzei os dedos e beijei dos dois lados para firmar minha promessa.

Para crianças é tudo tão fácil. Você só precisa ter a certeza de que tudo ficará bem e que alguém cuidará para que isso aconteça.

Levantei meus olhos e vi que Aly finalmente tinha me notado. Mas ela não seria tão fácil de convencer quanto Sophie. Percebi que ela estava

sofrendo, mas se mantinha forte pela filha. Vi que precisava de espaço e aproveitei a oportunidade para deixá-la antes de saber o que fazer com tudo que sentia.

Levei Sophie até o pula-pula, ela se divertia até que pediu para pegar a boneca que estava na bolsa da mãe. Deixei-a com o cuidador do brinquedo, que era uma amiga da família, tomando conta dela enquanto fui buscar o brinquedo. Não soube dizer o que me levou a estacar no lugar. Se foi a visão do sorriso de escárnio da Ellen ou a visão da minha antiga AJ. Porém, ao me aproximar ouvi o restante do que Ellen disse e meu sangue gelou.

Porque, se aquele era um vislumbre da minha AJ, a mulher estava em apuros. Por mais que tenha conhecido o lado explosivo dela por pouquíssimo tempo, sabia o quanto era marcante de presenciar. Mas não permitiria que dissesse essas coisas dela. Dei dois passos à frente, pronto para interferir, quando a voz de Alysson me atingiu em cheio.

— Acho que você está por fora de tudo realmente. Antes de mais nada, Ethan foi um grande amigo. E sim, ele sabia sobre Andrew. Acha mesmo que um casamento se constrói em cima de mentiras? Em algum momento, eu precisei me abrir com ele sobre tudo na minha vida. E isso incluía eu ter conhecido Andrew antes dele. Mais alguma coisa? — Fiquei sem palavras e percebi que Ellen teve a mesma reação. Aly esperou e, como não teve resposta, sorriu vitoriosa. — Bom, então que fique bem claro que não quero você insinuando esse tipo de coisa que pode magoar a sua sobrinha. Agora, se me der licença, eu tenho coisas a fazer.

Ela fulminou a outra com o olhar e se abaixou pegando a bolsa e, quando se virou para sair, deu de cara comigo as observando.

— Você está aí há quanto tempo?

— O suficiente para achar que você precisava ser salva e perceber que realmente pode se cuidar sozinha.

Vi que Ellen se afastava e Alysson deixou os ombros caírem de cansaço.

— Tive que aprender nesses meses. Havia esquecido quem sou e estou tentando me recuperar.

Assenti sabendo exatamente o que ela queria dizer. Eu a vi se apagando a cada ano que passava.

— O que disse a Ellen é verdade? Sobre Ethan?

— Sim, eu não seria idiota de blefar com aquela cobra. Apesar de minha vontade ter sido quebrar a cara dela, mesmo com Ethan morto poderia fazer um estrago na minha vida.

Não pude deixar de sorrir com sua afirmação tão veemente. Era um pequeno indício da minha AJ que estava retornando, mesmo que ainda tenha ficado apreensivo quanto a essas insinuações e provocações da cunhada dela.

— Quando foi isso e por que não me disse nada?

Ela sacudiu a cabeça e parecia que iria desmaiar a qualquer momento. Massageou as têmporas e com um suspiro me encarou quase roubando meu ar. Sempre me encantou a intensidade com que seus olhos se prendiam aos meus.

— Depois de alguns meses que nos casamos, ele me disse algumas coisas e eu simplesmente não pude esconder. Ethan ficou chocado, mas logo disse que era passado, que devia deixar lá e que não tocasse mais no assunto.

Isso explicava alguns momentos de ciúmes que ele tinha quando eu estava perto de Alysson. Mas por que não me confrontou por não ter dito nada? E como deixou que eu estivesse tão ativamente na vida deles?

— De qualquer forma, não importa. Tudo ficou para trás e não passou de algo casual, sem importância, não é? Onde está Sophie?

Ela falava tão rapidamente que não me dei conta do que realmente queria dizer com aquela frase.

— Tá no pula-pula, ela quer a boneca.

Aly sorriu e assentiu.

— Vou levar pra ela.

Eu parecia congelado com aquela novidade e demorei a entender o que ela disse. Até que, como se algo estalasse dentro de mim, me fez quase gritar seu nome. Em dois passos, eu alcancei e a puxei para que se virasse.

— O que quer dizer com casual e sem importância?

Alysson franziu a testa como se quisesse entender o que eu estava dizendo. Parecendo entender a minha pergunta, sua testa se enrugou ainda mais.

— Por que quer falar disso? Faz tanto tempo… — Sua voz baixa estava falhando vários tons, como se estivesse com a garganta fechada.

— *Sete* anos — eu frisei, pois contava cada dia como se esperasse o momento em que poderia, enfim, tê-la de volta.

Seus olhos azuis pareciam assustados e arregalados, eles ficavam mais encantadores do que o normal daquela forma, o que fazia com que fosse mais doloroso manter a calma. Ela sacudiu a cabeça e piscou várias vezes como se voltasse à realidade.

— Andrew, foi uma loucura da juventude. Hoje somos outras pessoas. Não significou nada!

Olhei naqueles olhos que assombravam meus sonhos, que me fizeram voltar todas as vezes que pensei em desistir. Ela era como uma droga em meu organismo que me fazia querer cada vez mais e não podia ter. O desejo e a paixão proibida que senti quase me sufocou por anos. Não podia esconder nada mais. Não dela…

— Significou muito pra mim, AJ. Ainda significa, até demais eu diria.

14

Alysson

Meus olhos estavam tão arregalados que pareciam saltar das órbitas a qualquer momento. O coração não estava tão diferente. Andrew me olhava intensamente e eu me peguei desejando que tudo não passasse de uma ilusão, mais um sonho que alimentei para poder suportar o que havia escolhido na vida. Porque se realmente fosse verdade, as dúvidas que me assombravam estavam corretas e tudo que vivi não passou de uma mentira.

— O que quer dizer com isso?

Ele passou a mão na cabeça parecendo chateado e me olhou de uma forma que não fazia há muito tempo. O que tivemos ficou enterrado sendo negligenciado e, ao que me parecia, agora vinha à tona como uma maldição.

— Como eu ia esquecer a única mulher que foi capaz de me tirar o fôlego?

Não sabia o que dizer com isso. Andrew foi um ótimo amigo e, sem ele, acreditava que não teria suportado viver sufocando quem eu era. Ele me lembrava sempre que podia ser mais do que me permitia, mesmo achando que era errado me reprimir daquela forma, a vida me empurrou para um comodismo que eu achava mais “fácil” do que me arriscar no que realmente queria e sentia.

Só não entendia o motivo de ser agora todo o *happy days*.

— Por que depois de tanto tempo? Não estou entendendo, passou anos ao meu lado sem demonstrar nenhum interesse além de amizade.

— Você era a mulher do meu melhor amigo, não podia fazer nada. Fiz uma promessa antes mesmo de saber que era você a mulher que Ethan amava. Eu cumpro o que prometo desde que a perdi.

Estreitei meus olhos e o encarei, contrariada. Sabe aquele sentimento que você tem que espera que as pessoas te salvem de si mesmas? Que te resgatem de uma vida fria? Eu tive isso desde que comecei a escolher mudar, mas ninguém era forte o bastante para me tirar daquele poço.

— Você foi ao meu casamento… Como conseguiu, se não me esqueceu?

— Morri a cada minuto que tive que suportar ao te ver nos braços dele, agora tenho uma chance e não vou desperdiçar.

Balancei a cabeça tentando clarear meus pensamentos. Aquilo não podia ser verdade!

— Andrew, as coisas mudaram, faz muito tempo…

Ele se aproximou e senti o calor do seu corpo muito perto do meu. Por um instante esqueci onde estávamos e cercados de conhecidos poderíamos acabar encrencados, eu estaria encrencada, pois a corda sempre arrebentava para o lado mais fraco. Levantou uma mão e tirou a mecha de meu cabelo do ombro.

— Diz, então, que não sente nada quando me vê. Que a saudade não te aperta a ponto de querer voltar no tempo. Diz, AJ! Fala pra mim que não pensou na gente nem um segundo nesses anos.

O pior de tudo é que pensei, mas havia escolhido um caminho que, quando percebi, não tinha mais volta. Me sufoquei em prol de construir uma família perfeita, o que acarretou na frustração de não ser quem eu era. Tudo que poderia ter tido se tudo fosse diferente. Como estaria agora se Andrew tivesse voltado como disse? Quem eu seria se não tivesse me reprimido?

A única coisa que sempre me consolou é que, se não tivesse feito as escolhas que fiz, Sophie não existiria e ela era a melhor parte de toda a minha vida.

Mas o desejo estava lá, sempre escondido, à espreita, esperando o momento certo de fincar suas garras em meu corpo. Drew sempre foi como um gatilho para mim. Vê-lo acelerava meu coração de uma forma diferente, um frio na barriga me tirava dos eixos. Esconder isso pode ter intensificado tudo, porque naquele momento minha vontade era jogar tudo para o alto e me entregar ao que sentia nos braços dele.

Fechei meus olhos e me permiti sentir o toque dos seus dedos em minha pele. Era como jogar álcool no fogo.

— Você não pode fazer isso comigo, tem a Sophie.

— Acho que você não pode mais se esconder atrás da sua filha, Aly. Não quando o que não se permite ter, te deixa vazia e sem vida.

Abri meus olhos e o encarei com os lábios entreabertos. Vi nele o desejo latente que refletia em mim. Nunca me esqueci da sua fisionomia quando chegava ao ápice do prazer.

— Eu não me escondo atrás da minha filha, simplesmente não posso permitir que ela sofra mais. Não vou deixar que ela carregue traumas como eu. Sophie vai ser quem ela quiser ser.

— À custa de quê?

Ele não entendia a força que eu tinha quando se tratava da minha filha.

— De qualquer coisa, Andrew. Estamos em um lugar público, não podemos conversar sobre isso quando os sentimentos estão à flor da pele dessa forma.

Ele pareceu se dar conta de onde estávamos e respirou fundo decepcionado e afastou-se um passo, mas ainda podia sentir o calor do seu corpo tão perto do meu.

— Mas eu não vou desistir dessa vez, Alysson. Cheguei muito perto de

perder tudo e percebi que não preciso abrir mão de mais nada.

Assenti concordando com ele. Acreditei que o fato de termos enterrado, ao invés de encarar nosso passado de frente, pode ter causado um monte de problemas.

— Me encontre na minha casa depois da quermesse, vou deixar Sophie com minha mãe hoje. Ela vem insistindo por isso faz algum tempo.

Ele sorriu amplamente e olhou para o lado tentando esconder seu contentamento. Talvez aquilo não fosse uma boa ideia, não sabia como agiria perto dele sem a barreira de amizade que ele havia derrubado.

— Tudo bem, vou levar a boneca da Sophie. — Olhou pra mim com aquele jeito que só ele tinha e estendeu a mão, aquilo era muito mais do que um pedido pelo brinquedo.

Respirei fundo, peguei-a dentro da bolsa e entreguei a ele, que pegou e ficamos segurando ela por algum tempo até que vi minha sogra ao longe me encarando com uma carranca de dar medo. Soltei a boneca e abaixei a cabeça.

— Agora eu preciso ir, o primeiro turno na barraca do beijo é meu. — Levantei meus olhos e ele sorria enigmaticamente.

— Talvez eu passe lá então. — Virou-se e caminhou preguiçosamente até onde ficava o pula-pula, mas antes de sumir de vista se virou e me olhou mais uma vez.

— Meu Deus, onde foi que me meti?

Nem mesmo olhei na direção em que Emma estava, preferia não ter que dar explicações, mesmo porque não devia nada a ela. Minha vida pertencia somente a mim agora.

O primeiro turno na barraca de beijos era tranquilo, pois tinha apenas crianças e adolescentes. Quando as meninas do colegial vinham era que enchia de garotos apaixonados. Quando terminei vi que Sophie me esperava do lado de fora brincando com um *tablet* rosa. Não avistei Andrew em lugar algum. Me aproximei e sentei ao lado dela que levantou a cabeça e sorriu.

Sophie vestia um macacão azul de bolinhas e o cabelo loiro estava preso numa longa trança.

— De quem é esse *tablet*, filha?

— É meu, não é lindo? Todo rosa e ainda tem cheirinho de chiclete, olha. — Levantou o aparelho até perto do meu rosto e realmente tinha um cheiro leve. — Tio Drew me deu de presente de aniversário adiantado.

Seus olhinhos não desgrudavam da tela.

— Hum, sei. E onde está ele?

Ela deu de ombros e sorriu quando conseguiu montar uma espécie de quebra-cabeça de ursinho.

— Foi embora, disse que tinha que resolver algumas coisas, mas que vai me ver amanhã. — Sophie levantou os olhos e me encarou meio desconfiada. — Ele não vai embora de novo, né, mãe?

Esse era o meu medo da situação toda. Minha filha não podia sofrer mais um abandono, mesmo que com o pai não tenha sido exatamente assim, mas na cabeça de uma criança é bem parecido.

Envolvi o ombro dela e me aproximei do seu corpinho tentando confortá-la de alguma forma.

— Não sei, filha.

— Mas ele disse que não iria. — Sua voz denunciava toda a apreensão que sentia.

Droga, tinha que avisar ao Andrew para não fazer esse tipo de promessa.

— Com certeza ele não pretende, mas nós duas sabemos que o trabalho dele de alguma forma vai exigir que ele vá. Sabe disso, não é?

Ela assentiu meio tristinha e travou a tela do tablet colocando-o no colo e me olhou, encostando a cabeça em meu peito.

— Eu não queria que ele fosse mais, mamãe. Por que não dá um

emprego para o tio Andrew na livraria?

Sorri e acariciei o seu rosto delicado com as costas dos meus dedos. Se fosse tão fácil assim.

— Não fica pensando nisso, ok? Agora vamos que sua vó já deve estar te esperando.

Minha mãe vinha pedindo que deixasse Sophie dormir na casa dela há algumas semanas e recusei porque não queria ficar sozinha, mas já não estava conseguindo encontrar desculpas e na noite passada me rendi depois de ouvi-la se lamentando.

Sophie sorriu e levantou-se num pulo quase deixando o presente que havia ganhado cair.

— Vamos então, vovó disse que vou ajudar a fazer os doces de amanhã e que vai pedir uma pizza.

Revirei os olhos e me levantei limpando a poeira da calça.

— Ótimo, vai se entupir de porcaria.

Sophie dava pulinhos de alegria não se importando nem um pouco que ficaria longe de mim após tantos meses. Eu já sentia meu coração pequenininho por ter que deixar minha princesa sair. De mãos dadas fomos até o estacionamento e, graças a Deus, não tive o desprazer de encontrar com ninguém que tiraria meu bom humor.

O caminho até a casa da minha mãe foi permeado a muita falação de Sophie fazendo planos para os próximos dias. Nossa viagem estava sendo muito esperada e seria bom uma mudança de ares.

Quando estacionei o carro na garagem, minha filha soltou o cinto e saiu em disparada pelo quintal indo em direção onde minha mãe estava, na cozinha preparando doces. Depois de tudo que aconteceu, com a separação e tudo, ela passou a cozinhar como terapia e virou uma paixão.

Já da porta ouvia a alegria das duas. Parei na entrada da cozinha e vi que minha mãe tinha abaixado e via o que Sophie mostrava pra ela no tablet.

Quando ouviu meu pigarro, olhou pra cima e sorriu.

— Já vi que não faço mais falta.

Minha mãe sorriu e se levantou aproximando-se e me deu um beijo no rosto.

— Na verdade faz sim, eu pediria para ficar, mas você precisa de um tempo sozinha. Vai te fazer bem.

Senti meu rosto esquentando e um calor de vergonha e excitação tomou meu corpo. Tentei sorrir, mas acredito que falhei plenamente.

— Não gosto de ficar sozinha, mas vai ser bom pra ela se distrair da sensação de depressão que anda me assolando.

Mamãe balançou a cabeça e voltou para a pia enquanto Sophie se sentou na banqueta ao lado.

— Então vai logo e tenha uma ótima noite. — Piscou um olho e sorriu. Entranhei essa atitude e relutei muito em sair.

Dei um beijo na minha filha e prometi buscá-la para almoçar no seu restaurante favorito.

Voltar pra casa sozinha me deu tempo de pensar em muitas coisas e isso não era muito bom quando minha cabeça estava tão cheia que, às vezes, parecia explodir a qualquer momento.

Minha casa na praia era simples, pequena, mas eu a amava tanto. Quando tive que deixá-la depois de casar foi como matar mais um pedacinho de mim. Agora voltar pra lá e me sentar na varanda olhando as ondas era como recuperar a mim mesma aos poucos.

Estacionei o carro e entrei em casa abrindo as janelas e cortinas, a porta de trás que dava para a praia era a maior e gostava de deixá-la sempre aberta para que a maresia invadisse meu quarto.

Estava nervosa e mal conseguia pensar direito. Decidi tomar um banho. Não tinha motivos para aquela apreensão, seria só uma conversa e nem sabia se ele iria aparecer já que deixou Sophie na festa e nem mesmo falou nada

comigo.

Liguei o som no meu quarto e *Never To Late, do* Three Days Grace, começou a tocar. Eu costumava ouvir músicas apenas quando estava sozinha e na hora do banho adorava colocar no último volume quando podia. Aquela letra mexia muito comigo e cantava a plenos pulmões enquanto me esfregava tentando acalmar meu corpo e alma. Já havia negado tanto, que a perspectiva de uma vida nova me deixava em ansiedade máxima.

As palavras cantadas tocavam uma ferida que não cicatrizava por tantos anos que me acostumei a senti-la doer. Já estava anestesiada.

O mundo que nós conhecemos

Não vai voltar

O tempo que nós perdemos

Não pode voltar

A vida que tínhamos

Não vai ser nossa outra vez

Aprender a esquecer me fez ver o quanto perdia a cada dia e me afogava na comodidade de ser apenas quem queria que eu fosse.

A música tinha acabado, mas meus sentimentos estavam à flor da pele enquanto acabava meu banho. Quando terminei ouvi que alguém batia na porta da frente e tentei me apressar. Enrolei uma toalha nos cabelos e outra em volta do corpo, quando saí para vestir um roupão e atender quem estivesse na porta levei um susto ao dar de cara com Andrew parado do lado de fora da varanda do meu quarto que estava com a porta aberta, ele vestia uma bermuda amarela folgada e uma camisa branca de botão fechada só pela metade.

Meu coração disparou e não soube o que dizer quando ele começou a subir os degraus da varanda e entrou em meu quarto. Seus olhos não desviaram dos meus nem por um segundo enquanto ele se aproximava.

Quando parou à minha frente não disse nada, apenas puxou a toalha dos meus cabelos e deixou que os fios molhados tocassem meus ombros. Sua boca estava entreaberta e ele parecia respirar com dificuldade.

— Desse jeito, você me lembra um passado doce que nunca consegui esquecer.

E por mais que negasse a mim mesma quantas vezes quisesse não poderia esconder dele nada, não mais. O que senti por Andrew nunca sumiu ou morreu, ele apenas ficou escondido entre as ranhuras de um destino que decidiu ser o melhor e estava muito enganada.

15

Andrew

Confesso que me desesperei um pouco. Não sabia qual era a intenção dela ao me convidar para ir até a sua casa. Achei que queria apenas conversar. Mas meu corpo tinha tido outras ideias.

Tive que ir embora, precisava pensar, colocar os pensamentos em ordem. Deixei Sophie brincando ao lado da barraca de beijo e antes de ir dei uma última olhada nela. Meu coração mal conseguia se conter.

Depois de horas pensando debaixo do chuveiro decidi que já era tempo de resolver tudo de uma vez, mas não imaginei que ao dar a volta pela casa de Aly eu teria aquela visão do paraíso. Havia me esquecido como ela era linda daquele jeito!

Os cabelos loiros molhados estavam presos por uma toalha, enquanto a outra mal escondia sua beleza. Só a deixava mais deliciosamente irresistível. Não me contive e subi as escadas da pequena sacada do quarto entrando mesmo sem ser convidado. Alysson parecia congelada no lugar, seus olhos incrivelmente azuis me encaravam com desejo contido, meu corpo clamava pelo dela por tanto tempo que não sabia se conseguiria me segurar mais. Quando a alcancei no meio do quarto, a primeira coisa que fiz foi tirar a toalha liberando os cabelos fazendo com que repousassem em seus ombros delicados. Ela entreabriu os lábios e respirou pela boca como se estivesse sem fôlego.

— Desse jeito, você me lembra um passado doce que nunca consegui esquecer.

Ela fechou os olhos parecendo tentar negar o que sentia, eu a vi fazendo isso por tanto tempo e fiquei em silêncio deixando que ela se extinguisse, mas já era hora da minha AJ retornar. Não deixaria que negasse mais nada!

— Você não pode negar mais, AJ! O que tivemos não ficou no passado, ele permaneceu adormecido só esperando a oportunidade de vir à tona. Não estamos mais presos, Alysson.

Seus olhos se abriram e ela lambeu os lábios me deixando com o corpo em alerta total.

— Eu não consigo negar mais nada, Andrew, cansei de ser alguém que precisam que eu seja. Cansei de negar meus desejos. Não sou o que reflete no espelho.

Sorri e acariciei seu rosto delicado com as costas da minha mão.

— É sim, você é uma mulher forte e guerreira. Mesmo se escondendo continuou aí dentro. Não é errado querer segurança, Aly. Contudo, é mais certo ser você mesma.

Ela engoliu em seco e assentiu, baixando os olhos.

— É AJ!

Puta que pariu! Meu coração acelerou com aquelas simples letras que significavam muito mais do que qualquer outra coisa. Minha respiração ficou rápida e, como num ensaio de uma peça, eu me aproximei colando meu corpo ao dela. Alysson levantou os olhos e um brilho diferente tomou conta de seus olhos.

Deslizei minhas mãos por seus braços subindo até os ombros, indo até o pescoço, envolvi seu rosto em minha palma e admirei-a por um longo minuto. Meus lábios entreabriram e me aproximei devagar. Quando nossas bocas se tocaram foi como se um turbilhão de sentimentos me invadisse. Tudo voltou como uma pancada e fui jogado para escanteio.

Queria que fosse algo calmo e delicado, mas quando as mãos dela envolveram meus ombros fazendo com que a toalha caísse no chão perdi toda a minha sanidade. Soltei sua boca e me afastei encarando-a, seus olhos refletiam a mesma loucura que os meus. Deus, eu não tinha mais controle sobre mim mesmo!

— Eu não consigo mais esperar!

Ela soltou o ar pela boca e piscou duas vezes.

— Não tem mais o que esperar, já foi tempo demais!

Não precisava de mais nenhum incentivo, deslizei uma mão por seu pescoço e a prendi colando meu peito em seus seios macios. A outra mão desceu pelo seu corpo delgado parando na curva da sua bunda.

— Acho que não consigo ser delicado também.

Ela sorriu e mordeu o lábio.

— Eu sei que não! Quero você do jeito que me lembro.

Porra! Era mais do que poderia suportar. Deixei então que meus instintos me guiassem. Meu peito subia e descia rapidamente com o desejo que explodia por minhas veias.

Puxei-a comigo até que minhas pernas batessem na beirada da cama, me sentei e soltamos nossas bocas de um estalo. Até aquele momento ainda não tinha visto o corpo dela realmente, estava mais preocupado em admirar a beleza de ter minha AJ de volta. Porém, com ela na minha frente precisei controlar minha respiração.

Alysson estava com a cabeça inclinada para baixo, pois estava mais alta que eu. Seus cabelos molhados caíam em seu rosto e estendi a mão colocando-os para trás para que pudesse ver cada centímetro dela. Aquilo era muito melhor do que minhas lembranças. Ela estava com o corpo mais maduro, uma mulher de verdade e real, com imperfeições perfeitas que a deixavam irresistível.

— Você é a mulher mais linda que já vi.

Suas bochechas coraram e ela balançou a cabeça em negativa.

— Não sou como se lembra! Depois que tive Sophie meu corpo mudou.

— Para melhor, cada detalhe reflete o amor imenso que tem por sua filha. É uma mulher linda, mulher de verdade, minha mulher! Eu te admiro demais, não consigo expressar em palavras, mas vou te mostrar com cada ato de amor.

Desci minha mão de seu pescoço acariciando a sua pele macia, minha palma cheia de calos fazia com que o corpo dela se arrepiasse, ou seria somente o meu toque. Deslizei aquele carinho por seu seio sem desgrudar meus olhos dos dela. Alysson respirava rapidamente e seus olhos brilhavam deliciados. Precisava de mais.

Minha cabeça estava na altura de sua barriga e aproximei meu rosto sentindo o perfume de sua pele. Esfreguei meu rosto em sua barriga e senti que ela tentava se afastar, segurei-a pela cintura, mantendo-a no lugar. Beijei cada canto, saciando minha sede.

AJ se apoiava em meus ombros tentando manter o equilíbrio. E eu a puxava mais para perto como se a quisesse devorar. Meu controle foi por fim quando ela gemeu meu nome. Levantei-me e troquei as posições deitando-a na cama e fiquei de pé admirando a visão ilícita que era aquela mulher.

Comecei tirando minha roupa, precisava senti-la.

— Eu tentei conter meus sentimentos por você, tentei não desejar o fruto proibido, mas foi mais forte do que eu. Cada vez que ouvia sua voz, ou via seu sorriso lindo, me apaixonava um pouco mais. O que tenho aqui dentro… — Bati no meu peito nu com a mão aberta. — Não é só desejo e atração, é paixão e amor. Sou louco por você de todas as maneiras, Alysson. E ter você agora é a finalização do que decidi algumas semanas atrás.

Seus olhos estavam vidrados e prestava atenção em cada movimento meu enquanto me despia.

— E o que é? — A voz dela estava rouca e sensual.

— Eu não vou mais abrir mão de você. Enfrentarei o que vier, você é minha! Sempre foi…

Ela respirou rapidamente e assentiu com os olhos entreabertos. Respirei fundo e tirei a boxer preta que vestia. Ajoelhei-me à cama e deitei meu corpo sobre o dela contornando o corpo perfeito com minha mão. Lambi os lábios e colei minha boca na dela num beijo cheio de promessas e saudades.

AJ segurou meu pescoço como se assim fizesse com que eu não me afastasse. Eu não iria mais. Por ninguém!

Nossas bocas duelavam, as línguas se entrelaçaram e quando percebi estávamos nos movimentando no ritmo da nossa paixão. Já tinha encontrado o caminho de casa.

Ela fincou as unhas em meus ombros enquanto tomava minha boca; sedenta, Aly levantou as pernas enlaçando meu quadril e se impulsionou para que nos tocássemos mais intimamente. Soltei minha boca da dela, que gemeu em protesto. Eu sorri e esperei que abrisse os olhos.

— Eu preciso de proteção, amor. Não consigo me segurar nem mais um segundo. Me solta por um minuto, eu volto, prometo!

Ela sorriu amplamente e desentrelaçou as pernas de mim.

— Eu não vou te esperar!

Meu coração sacudiu com a lembrança que ela trouxe, peguei o queixo entre meus dedos e aproximei minha boca para mais um beijo.

— Ah vai sim, mas de qualquer forma agora eu te caço em qualquer canto. Tenta fugir de mim pra ver.

Saí da cama e me virei à procura da minha bermuda. É claro que eu não sabia o que poderia acontecer, mas tinha ido preparado para todas as opções. Peguei a camisinha e rasguei o plástico deslizando em meu membro. Quando voltei para olhar, ela estava de pé novamente me observando cheia de fome.

— Acho que vou fugir só pra você me buscar.

Me aproximei e enlacei seu corpo. Beijei seu pescoço e ombros, olhei

em seus olhos e deixei que meu amor transbordasse.

— Eu amo você, AJ!

Sabia que estava arriscando muito dizendo isso a ela naquele momento, mas não conseguia conter mais meus sentimentos.

Ela me empurrou com as duas mãos e se afastou deitando na cama novamente. Abriu os braços num convite mudo que queria dizer muito. Aceitei sem pensar duas vezes, mesmo que ela ainda não me amasse e somente sentisse desejo por mim. Eu faria com que confiasse em mim para poder então entregar seu coração.

Quando colei, mais uma vez, nossos corpos, toda a urgência havia desaparecido e ficou então o deleite de, enfim, estar com ela. Deslizei pra dentro de sua carne dolorosamente devagar e senti seu calor como se memorizasse cada pedacinho. Sentia como se fosse um sonho que pudesse terminar a qualquer momento.

Alysson tentava se movimentar para que eu entrasse mais profundamente, então segurei seu quadril preso à cama e ela grunhiu, frustrada.

— Calma, quero sentir cada pedacinho de você.

— Mas está me torturando.

Sorri e abaixei a cabeça mordiscando o lábio dela.

— Bom, pois vivi em tortura por sete anos. Nada se compara a isso, AJ. Nada!

Em um impulso, eu entrei completamente em seu corpo e ela arqueou a coluna forçando minha mão, mas a mantive no lugar. Apoiei um braço na cama para me dar apoio e saí um pouco fazendo com que ela arregalasse os olhos, então desci com força de volta. Ela gritou e eu gemi! Fiz isso mais três vezes e senti meu corpo se preparando para o êxtase. Era tanto tempo sem tê-la, desejando-a de longe, que sabia que não seria demorado. Sabia que era questão de minutos, mas eu precisava que ela me acompanhasse naquela

viagem ao paraíso.

— Se toca, amor, preciso que você venha comigo.

Parei meus movimentos tentando controlar meu corpo e fechei os olhos esperando. Quando ela não fez nenhum movimento, eu a olhei interrogativamente.

— O que foi?

Alysson sorriu e balançou a cabeça.

— Nada!

Senti um frio na espinha e naquele momento percebi o quanto de AJ poderia ter morrido a cada ano. Ela estava imóvel, então peguei uma mão e prendi na minha e levei a outra até onde estávamos unidos. Aproximei minha boca de sua orelha e sussurrei:

— Sente como está quente e molhada? Como me deseja e o quanto precisa gozar? Agora sente como a gente fica bem juntos. — Desci mais a mão dela até meu pênis enterrado dentro dela. — Olha como estou duro e pronto pra você. Agora faz com que seu prazer venha junto comigo, AJ.

Seus olhos estavam nublados e a boca entreaberta me chamou. Mas eu precisava que ela fizesse o que pedi. Quando arqueou a coluna, depois de tocar em seu clitóris, eu capturei o gemido que ela deu num beijo faminto.

Movimentei meu corpo enquanto ela fazia com que seu prazer viesse mais rapidamente. Em certo ponto não consegui me conter mais, na verdade nem mesmo ouvia coisa alguma e acelerei meus movimentos saciando a vontade que meu corpo gritava.

AJ me acompanhava na dança mais antiga que existia. Com uma de nossas mãos unidas, ela se impulsionava para cima e para baixo. Quando chegou a hora, seus olhos fixaram-se nos meus e os lábios vermelhos dos meus beijos se entreabriam num grito mudo de êxtase. Eu a acompanhei no ápice da loucura de amar uma mulher que não podia, mas que agora era toda minha!

-

16

Alysson

Meu coração batia acelerado quando descia da montanha-russa que foi estar com Andrew de novo. Senti meu corpo convulsionando de prazer e deixei-me cair na cama sem forças pra mover um milímetro sequer. Nossas mãos ainda estavam entrelaçadas e Drew tinha o rosto enterrado em meu pescoço. Ele respirava rapidamente como se tivesse corrido uma maratona.

— Meu Deus, isso foi incrível. — Levantou a cabeça e me olhou com um sorriso de satisfação.

Ele parecia estar descontraído e os olhos azuis brilhavam de prazer.

— Foi maravilhoso! — Apenas coloquei em palavras o que tinha sido aquela união. Há muito tempo não me sentia plena e feliz daquela forma.

Drew apoiou-se em um cotovelo e tirou os cabelos que estavam em meu rosto, seu carinho me fez fechar os olhos de tão bom que era.

— Você é linda, Alysson, nunca pense o contrário.

Meu coração deu uma batida mais forte e, então, se acalmou. O que tinha acontecido era muito vergonhoso para encarar agora, meus sentimentos estavam uma bagunça, mas estar com ele devolveu um pouco da minha confiança.

— Ei, o que foi? Por que essa ruga aqui? — Colocou o dedo na minha testa que estava franzida sem eu perceber.

Engoli em seco e desviei o olhar, não queria ter que falar sobre minhas

inseguranças e os problemas que carregava. Ele não queria saber de verdade, estava sendo apenas educado e atencioso como o bom amigo que era. Andrew saiu de dentro de mim e se levantou indo até o banheiro. Minha respiração acelerou e meu coração disparou. Estava acontecendo mais uma vez, as coisas não mudavam porque os problemas estavam enraizados tão profundamente que, mesmo depois de tanto tempo, não conseguia ser de outra forma.

Por que eu tinha que ser assim? Estragar um momento perfeito por ser uma covarde? Me virei de lado para não vê-lo indo embora, aquela visão me doía muito mais do que ser rejeitada verbalmente, me sentir abandonada era como tirar um pedaço da minha alma.

Senti meu corpo se arrepiando quando os braços fortes de Andrew me puxaram de encontro ao seu peito. Arregalei os olhos e não disfarcei minha surpresa e emoção quando ele me virou para que me encarasse de frente.

— O que mais aconteceu com você além do que foi visível, AJ?

Tentei sorrir e mudar de assunto, não queria falar daquilo. Era melhor ignorar, estava tão feliz por ele ter ficado, não queria estragar nossa noite. Passei a mão pelo seu peito nu, era tão bonito e forte.

— Acho que ainda não descobri o quanto você ficou forte depois de tanto tempo, preciso analisar com mais calma. Só você me tocou!

Andrew segurou minha mão e me olhou firmemente. Engoli em seco porque quase não o via sério daquele jeito.

— Alysson, não tente me distrair.

Respirei fundo e deitei minha cabeça em seu peito novamente; era inútil, porque ele era persistente quando queria alguma coisa.

— Não quero falar disso, preciso deixar no passado.

— Somos provas vivas de que ignorar o passado não é uma boa ideia.

— Droga, Drew! — Recordar aquilo não me fazia muito bem, então me sentei e puxei o lençol para me cobrir, me sentia mais segura assim para falar de coisas que me machucavam tão profundamente. — As coisas ficaram

muito bem nos dois primeiros meses de casamento, ele sempre foi atencioso e gentil. Era a segurança que quis para minha vida… Só que Ethan começou a mudar depois de voltar de algumas missões, aos poucos se transformou e percebi que o que ele queria de mim eu não poderia dar. Não era quem ele esperava ou imaginou. Ficou arrogante e gostava de controlar cada passo que eu dava, até mesmo quis que eu fechasse minha livraria, sua mãe e irmã o apoiavam, pois elas enchiam a cabeça dele de como a esposa perfeita deveria ser e eu não era o que elas pintavam. Estava tudo pronto para deixá-lo quando descobri que estava grávida. Então, tudo mudou! Não quis dar uma família desestruturada para Sophie e passei a ser quem ele precisava. — Desviei meu olhar do dele e comecei a mexer na barra do lençol, era a parte mais delicada para mim. — Eu perdi completamente o desejo pelo sexo na gravidez, Ethan não entendia dizendo que eu não o amava mais e eu tentava recuperar a libido me masturbando, não conseguindo de nenhuma forma. Depois que ela nasceu, tudo continuou da mesma maneira, eu não o queria mais assim. Quando me procurava e tentava me fazer gozar sem conseguir ficava nervoso, me xingava e acusava de que a culpa era minha por ser tão fria e me deixava na cama sozinha pela noite toda, me abandonando e indo para a casa da mãe. Com o tempo passei a fingir isso também, era mais fácil do que ver a decepção em seus olhos. Então parei de me tocar e insistir em sentir alguma coisa. Eu estava oca por dentro, só precisava ser um modelo e nada mais.

O silêncio era ensurdecedor e pensei que havia chocado ele de alguma maneira. Não me atrevi a olhar para o Andrew depois de tudo aquilo, tinha medo do que iria encontrar. Meus machucados ainda estavam cicatrizando, um dia iria me curar e só restariam as cicatrizes para me lembrar de tudo o que eu não deveria ser ou fazer.

— Há quanto tempo você não tinha um orgasmo, Aly? — Sua pergunta me pegou desprevenida e levantei a cabeça para encará-lo.

Drew me observava com os lábios comprimidos em duas linhas e queria uma resposta verdadeira. Nunca foi de fingimentos.

— Eu não sei! — Fui sincera com ele, pois realmente não me lembrava.

Ele se sentou e envolveu meu rosto entre suas mãos enormes e calosas.

— Eu não tinha ideia de que era assim.

— Não tinha como você saber…

Seus olhos perscrutavam o meu atrás de alguma coisa que eu não sabia o quê. Havia milhares de desculpas que ele não dizia, mas que eu via estampadas em seu rosto.

— Mas deveria ter adivinhado, se tivesse prestado atenção nas coisas a não ser no quanto eu era estúpido, teria percebido o quanto era infeliz.

— E ia fazer o que, Andrew? Não podia, Ethan era seu melhor amigo.

— Te roubar e fazer feliz. — Acariciou meu rosto deixando um rastro de carinho por onde seu dedo passava. — Sinto muito por tudo que passou. E, pelo que vejo, não era tão meu amigo assim, apenas mantinha o "rival" perto o bastante. Se ele sabia o que tivemos, isso o envenenou e arrumou uma forma de descontar em você.

— Não é culpa sua.

— É sim, quando eu nem deveria ter deixado que se casasse. E você, então, decidiu retomar sua vida quando?

Sorri ao me lembrar do dia em que pensei em tudo que abri mão e deixei passar. Fechei meus olhos e virei o rosto beijando a palma da sua mão.

— Eu estava passeando com Sophie e percebi que teria sido muito feliz se tivesse sido somente eu e ela desde o princípio.

— Desde então você não tentou se dar prazer? É incompreensível para mim. Ethan foi um idiota em te deixar dessa forma, somente um babaca não percebe quando o problema da mulher não sentir prazer não é dela, mas sim dele, que é incapaz de ser homem o suficiente e procurar uma forma de satisfazê-la.

— Eu não consegui, tentei várias vezes, mas em todas me lembrava como era frígida e não conseguia.

Andrew arregalou os olhos e balançou a cabeça. Suspirou

profundamente e me empurrou na cama com a mão espalmada em meu peito, pairou em cima de mim, me desvendando.

— Entenda uma coisa, Alysson. Você não é frígida e nunca foi, conheci você antes, lembra? Nunca houve uma que se aproximasse a você. Meu corpo pedia pelo seu como o meu pulmão pede pelo ar. — Aproximou-se do meu ouvido e sussurrou: — E ouvi você gemendo meu nome e senti me apertando de êxtase.

Se afastou e me encarou cheio de desejo, Andrew colou a pélvis em meu quadril e sorriu.

— Viu o que você faz comigo? Uma pessoa frigida não faz isso. E nomear assim só prova a incapacidade do outro de dar prazer. Eu vou te mostrar quantas vezes posso te fazer gozar. Quando eu terminar terá exorcizado todo esse pensamento da sua mente.

Andrew tomou meus lábios com sofreguidão e literalmente me mostrou o quanto me desejava. Senti meu corpo todo se acendendo, era uma sensação maravilhosa, como estar sentindo pela primeira vez. Renasci nos braços de Andrew depois de tantos anos me escondendo de mim mesma. Contorcia-me com seu toque em meu corpo e sentia minha pele se arrepiando.

Desde o primeiro beijo até o último suspiro daquela noite me senti diferente. Não tinha noção que tomaria aquele rumo e que fecharia meus olhos, exausta de tanto sentir prazer. Claro que não consegui gozar todas as vezes que ele tentou, mas só o fato de não ter que fingir e nem mesmo ficar com receio de estar decepcionando alguém foi esplêndido e maravilhoso.

O prazer é muito mais que a finalização do ato sexual, sentir prazer é quando você se livra das amarras e se entrega ao que realmente sente.

Quando abri os olhos, os primeiros raios do dia entravam pela fresta da cortina. Em algum momento nos lembramos de fechar a porta, não que tenha sido eu, já que minha concentração estava em outro lugar.

O corpo de Andrew estava grudado nas minhas costas e seus braços me envolviam como se assim se assegurasse de que eu não fugiria. Eu juro que

tentei impedir meus pensamentos de irem fora do quarto, mas era impossível depois de anos acostumada a medir cada passo que dava. O costume fazia com que você fique preso a certas atitudes.

Como ficaríamos depois dali? Será que tudo voltaria o normal? Como Sophie lidaria com tudo? Será que ele iria querer algo mais que apenas noites de sexo?

Minha cabeça estava prestes a explodir e meu coração parecia apertado de tantas dúvidas. Andrew tinha dito que me amava, mas será que era verdade? E se fosse, eu o amava? Ou era apenas desejo reprimido? A atração entre nós era inegável, construímos uma bela amizade também ao longo dos anos. Mas tudo aquilo era o suficiente?

E o porquê de eu estar pensando naquele monte de coisa ao invés de apenas apreciar a noite maravilhosa cheia de prazeres e reconhecimento?

— O que quer que esteja pensando pode parar. — A voz rouca e sonolenta fez com que uma sensação de felicidade invadisse meu peito.

Era tão natural estar assim com ele, como se sempre tivesse sido dessa forma. Parecia certo demais, tão certo que até assustava.

— Como sabia que estava acordada?

— Eu aprendi a dormir atento a tudo ao meu redor. Percebi quando seus batimentos mudaram e sua respiração também, sei que está enchendo sua cabeça de coisas… Então, pare!

Mexi meu corpo tentando arrumar uma posição mais confortável e Andrew gemeu me apertando mais de encontro a ele.

— Você pode até ter um treinamento rigoroso, mas sei que ainda não sabe ler mentes.

— Porra, pare de mexer a bunda desse jeito… — Segurou meu quadril e mordiscou minha orelha. — Não sei ler mentes, mas te conheço, Alysson. Ou se esqueceu de que fomos amigos por cinco anos?

— Quatro, eu não te suportei por um ano inteiro.

Ele riu e desceu a mão que estava em minha barriga contornando meu quadril, ele fazia como se não fosse nada e nem estivesse me enchendo de desejo. Como podia? Depois de uma noite de exploração, o toque dele ainda me acendia.

— Você não suportava o desejo que sentia por mim, isso sim. Eu sei porque era o mesmo comigo.

Ele tinha razão, isso me fez entender o quanto de tempo que perdemos.

— É verdade!

Andrew se afastou e me virou de barriga pra cima, ele olhou meus seios e, então, voltou para os meus olhos.

— Desculpa, sei que deveria te olhar nos olhos primeiro, mas é mais forte do que eu.

— Tudo bem, pode olhar o quanto quiser — disse, sorrindo, enquanto ele franzia o nariz ficando lindo.

— Não me encoraje, mulher. Eu tento ser galante e você pede que seja o homem das cavernas.

Levantei minha mão e acariciei seu rosto sentindo a barba rala arranhar minha palma, aquela sensação me lembrava como foi sentir aquela fricção em minhas pernas.

— Eu gosto de você como homem das cavernas, é o Drew que conheço.

Ele sorriu e se abaixou dando um estalinho em meus lábios.

— Então você terá o que pede, mas agora me diga o que se passa nessa cabecinha e não tente me distrair com esse corpo ilícito e delicioso.

Não me sentia da forma que ele via, mas adorava que dissesse aquilo.

— Eu só estou com medo de como as coisas vão ser a partir daqui. São muitos fatores que precisam ser analisados.

Drew sorriu e balançou a cabeça, apoiando o corpo no meu segurando o peso nos cotovelos.

— Você daria uma bela comandante, sabia? Falou igual o Max agora. Aly, deixa te dizer uma coisa: o que a gente tem não precisa ser mais analisado, apenas sentido. Ficamos por tantos anos medindo nossas atitudes e aprisionando o que sentíamos que acabamos frustrados. Pensa que eu também não sofria vendo você sorrindo para o Ethan? O quanto procurei te esquecer com outras mulheres? Não cabe entre nós mais análises. A única coisa que você tem que fazer é ver se realmente é isso que quer, porque eu não tenho mais nada que importe mais do que ficar com você e Sophie.

Seus olhos não desgrudavam dos meus e não podia fazer o que estava acostumada: ignorar a complexidade de tudo. Gostava de me perder em minhas fantasias para não ter que encarar o mundo real. Mas para ele era tudo muito simples, não tinha ninguém que o acusava e deixava se sentir culpado. Por mais que eu tenha prometido não permitir, isso era um costume difícil de deixar.

— Eu sei, só que pra mim é complicado sendo que tenho certeza de que tudo irá se virar contra mim e, como sempre, estarei sozinha para enfrentar o bando de acusações que virão.

Andrew respirou fundo e pude ver o arrependimento em seu rosto. No fundo, eu sabia que isso aconteceria.

— Você não está mais sozinha, AJ! Vou ficar ao seu lado para o que der e vier…

17

Andrew

Vê-la em seu ambiente de trabalho era como assistir a mais bela arte sendo criada. Alysson amava os livros e se iluminava a partir do momento que girava a chave na porta e pisava em sua livraria. Ela olhava tudo em volta com um sorriso no rosto e por onde passava deslizava a mão pelas lombadas dos livros.

Depois de admirar bastante as prateleiras, Aly sorriu e se sentou atrás da mesa que ficava quase na porta da livraria. Disse que precisava separar alguns papéis para o início da semana e que logo terminaria. Eu a assisti deliciado com a aura que ela tinha ao estar no lugar que amava. Adorei vê-la tão relaxada e feliz.

— Você combina com esse lugar, adorei o que fez aqui.

Ela levantou os olhos dos papéis à sua frente e me encarou com um sorriso tímido. Desde a hora que saímos, para que passasse na livraria e depois fosse buscar Sophie, estava ficando constantemente envergonhada; a cada elogio ou toque meu ela corava e se afastava, precisava mudar isso e logo. Sabia que não seria fácil assumir para todos o que estava acontecendo conosco, mesmo que demorasse um pouco para que tudo se ajeitasse, não a deixaria se esconder mais.

— Sempre quis fazer um café aqui na livraria, por anos fiquei olhando para essas prateleiras e imaginando como seria se pudessem vir aqui, pegar um bom livro e conhecê-lo antes de levar pra casa enquanto tomam um café quentinho. Mas sempre tive medo de investir em algo que não tinha certeza se

daria certo. Só há três meses tive coragem.

Percebi uma pontinha de amargura em sua voz. Sabia que Aly se arrependia por tudo que deixou de fazer por medo ou sendo manipulada, reprimida. Eu vi em seus olhos ao longo dos anos algumas vezes que ela demonstrava estar insatisfeita com sua vida e não fiz nada. Fui como todos os outros ao redor. Fechei os olhos e segui com minha vida sem dar muita importância aos sinais discretos que ela enviava.

Estávamos em um clima estranho e me aprofundar no porquê de ela ter tido tanto medo não seria uma opção muito boa no momento.

— E por onde anda a Dana? Anda sumida, né?

Alysson assentiu distraída e, então, levantou a cabeça olhando para o nada com um pesar evidente em seu rosto. Notei o sumiço da amiga de Alysson há algum tempo, antes mesmo de Ethan morrer. Mas nunca tinha perguntado nada.

— Ela se mudou mais uma vez e ficou mais difícil de aparecer por causa da distância. — Fez uma careta engraçadinha. — Se você contar também uma discussão que tivemos a última vez que ela veio pode ser um dos motivos do sumiço dela; apesar de amar Sophie, Dana nunca concordou com minhas escolhas e nunca escondeu isso.

Seus olhos brilhavam quando falava da amiga, sabia que sentia falta. Eram tão próximas. Dana era madrinha de Sophie e sabia que a princesa também tinha saudades.

— Acredito que ela foi realmente sua amiga nesses anos. Deveria ter feito como ela, no dia do seu casamento Dana me intimou a fazer alguma coisa, te impedir de alguma forma, mas me acovardei achando que não tinha o direito de me intrometer.

Alysson pareceu surpresa com minha revelação, se recostou na cadeira e deu um suspiro longo e profundo.

— Não pense dessa forma, ter seu apoio esses anos foi o que me ajudou a seguir adiante, Andrew. Se não fosse sua amizade eu teria desmoronado. E

quanto a se intrometer, não acho que teria muito efeito, acabaria te afastando. Eu sou muito teimosa e estava segura de que me casar com Ethan era o melhor para mim. E de certa forma eu o amei todos esses anos. Perdê-lo daquela forma foi um baque muito grande.

Sei que não deveria sentir ciúmes, mas era inevitável depois da noite maravilhosa que tivemos. Apesar de não ter sido o marido que achei que fosse, Ethan foi uma parte importante na vida da minha AJ.

— Eu sei, ele era como um irmão para mim. Mesmo que agora eu tenha ganas de ter batido nele pra colocar um juízo na cabeça daquele cara. Não imagino como pode ter sido tão manipulado na vida.

Aly largou os papéis e, sorrindo, se aproximou da banqueta que eu estava sentado. Ela passou a mão por meu rosto e aquele carinho era especial demais; depois de tanto tempo desejando, enfim, podia sentir o toque dela sem medo ou reservas.

— Não pense assim, Drew. Cada um oferece o que tem, Ethan foi manipulado a vida toda. Nunca teve muito poder de escolha, acredito que a única vez que fez algo da sua própria vontade foi quando se casou comigo. Eu não o culpo pelo que aconteceu com nossa vida, mas culpo a mim mesma por ter deixado que ele me sufocasse. — Engoliu em seco e suspirou olhando em meus olhos. — Ele te amava e não sei se fiz certo ao contar tudo sobre nosso passado, Ethan era muito possessivo e pode ter arruinado qualquer chance que tinha de ser ele mesmo comigo. Hoje, vejo que devia ter escondido mais.

Cobri a mão dela com a minha e me levantei encostando meu corpo ao seu. Estávamos frente a frente e era um momento crucial para que as coisas ficassem em pratos limpos.

— Não devemos esconder o nosso desejo, ele nos sufoca. Pelo menos foi o que fez comigo. O nosso erro foi não admitir o que sentíamos um pelo outro.

Alysson franziu a testa e suspirou.

— E o que sentimos, Andrew?

— Eu já disse que te amo, sempre amei e nunca deixei de amar. Mas você… Bem, eu não quero saber ainda. Você precisa se conhecer novamente, Alysson. Se amar antes de me dar uma chance de entrar em seu coração.

Ela abaixou a cabeça e eu a abracei, às vezes não precisamos de palavras para expressar o que sentimos. Gestos de carinho valem muito mais do que as palavras são capazes de expressar.

***

— Tem certeza de que vai entrar?

Olhei para Alysson que observava a casa da mãe como se fosse uma casa assombrada.

— Sim, eu sempre venho aqui, esqueceu? Qual o problema?

— Não, é que… — Parecia sem graça e sem saber o que dizer. Peguei a mão dela que estava apertando o banco do carro e entrelacei nossos dedos.

— Aly, eu não quero ficar escondido igual a um criminoso.

Seus olhos azuis se arregalaram e ela balançou a cabeça freneticamente.

— Não é isso, Andrew. — Respirou fundo e mordeu o lábio inferior parecendo ainda mais linda, toda confusa. — Tenho medo de como a cabeça da minha filha vai ficar.

— Eu te entendo, não precisamos dizer nada a ela. Sophie está acostumada a nos ver juntos, Aly. Não temos motivos para nos escondermos, não acha?

Alysson pareceu pensar por algum tempo e respirou fundo, assentindo, apertando minha mão e a soltando para mexer nos cabelos.

— Você tem razão. Estou sendo uma idiota covarde mais uma vez. Vamos lá! — A voz dela tinha aquela nota de amargura que via presente toda vez que tentava voltar a ser ela mesma.

AJ colocou a mão na maçaneta para abrir a porta e a impedi pegando-a

pelo braço. Olhou-me assustada com o meu gesto repentino, mas logo disfarçou com um sorriso nervoso.

— Você não é covarde, Alysson Joana. É a mulher mais corajosa que já vi. Eu entendo que esteja preocupada, Sophie é uma criança e as coisas não são simples como apenas admitir que está tendo um envolvimento com alguém. Precisa protegê-la. Admiro isso, você está pensando na felicidade de sua filha.

Se eu já não estivesse apaixonado por aquela mulher teria ficado naquele momento. O brilho de gratidão nos olhos dela me encantou e incomodou, ela não devia ficar surpresa por eu apoiá-la porque era algo natural quando estávamos com alguém.

— Obrigada por entender.

Sorri e me inclinei aproximando meu rosto de seu pescoço, dei um beijo no canto da boca dela e sussurrei:

— Só que eu não quero viver pelos cantos te agarrando por muito tempo não, quero que todos saibam que estamos juntos, quero andar de mãos dadas com você. — Mordi seu maxilar e sorri em sua pele. — Se bem que, por algumas vezes, será legal relembrar como era ficar me esgueirando por alguns beijos e outras coisas, mesmo que conosco tenha sido apenas uma vez.

Afastei-me, sorrindo, e seus olhos brilhavam maliciosos.

— Você não vai me deixar esquecer a nossa noite na praia, né?

— Você consegue esquecer?

— Não, nunca esqueci.

Engoli em seco com a rouquidão da voz dela e suspirei me arrumando no assento.

— Ok, vamos logo senão dou meia volta e te levo pra casa da praia mais uma vez.

Alysson assentiu e saímos do carro. Ela me esperou na entrada da varanda e me olhou com cumplicidade antes de subir as escadas. Parecíamos

dois jovens apaixonados se escondendo dos pais. Sorri e balancei a cabeça, seguindo-a.

Assim que abriu a porta nos deparamos com cheiro de pão sendo assado e muito barulho. Um som alto tocava na sala e vozes animadas cantavam junto, lá dos fundos.

— Sua mãe parece feliz! — gritei tentando me fazer ouvir acima da música.

— Sim, ela sempre fica animada quando Sophie passa a noite aqui. Vem, vamos lá ver a bagunça que minha filha deve estar.

Fomos andando pela casa modesta da mãe de Alysson e me perguntei, o que acontecia todas as vezes que estava por ali, como devia ter sido minha AJ quando criança. Nunca tive coragem de procurar saber ou ver fotos dela, se era feliz e se sempre fora livre com a garota que conheci há sete anos. Não me sentia à vontade nem com o direito de saber. Mas agora achava que era diferente e podia matar minha curiosidade.

Quando chegamos à cozinha nos deparamos com uma cena que só poderia ser definida como alegria plena. Elizabeth tinha o rosto todo sujo de farinha e segurava a pequena Sophie em seus braços enquanto cantavam a plenos pulmões de olhos fechados.

Sempre visualizei na mãe de Aly uma mulher forte e guerreira. Não deve ter sido fácil ser abandonada depois de tantos anos de casamento, vendo que todas suas crenças e sonhos não passavam de ilusão e percebendo o quanto sua dedicação tinha sido em vão.

Porém, ela não se abateu e continuou a vida. Seus doces e bolos fizeram sucesso na cidade e agora tinha a oportunidade de expandir. Beth e minha mãe tinham uma boa amizade e agora eram sócias na *T&C Doceiras*.

— Ei, será que posso me juntar a essa dança? — A voz de Alysson as despertou e notaram que não estavam sozinhas.

Elizabeth sorriu e colocou a neta no chão que antes de qualquer coisa foi até a mesa e passou o dedo no doce que descansava lá e o levou à boca.

— Não percebi que tínhamos companhia.

— Claro que não, estavam tão envolvidas na dança e linda canção.

As bochechas de Beth se avermelharam com o que eu disse. Às vezes, ela tinha dessas coisas. A mulher tinha uma bela voz, mas gostava de se esconder de todos atrás das massas e delícias que preparava.

— Me deixa desligar esse som para que possa ouvir vocês, nos empolgamos um pouco.

Aly deu um beijo no rosto da mãe quando ela passou por ela e caminhou em direção à filha que estava com a boca toda suja de doce. Ela falou baixinho com Sophie e a abraçou. Aqueles momentos entre as duas enchia meu coração de felicidade e saudade. Sempre as tive como meus maiores tesouros. Imaginava que aquela linda menina poderia ter sido minha filha e a amei como tal. E quando os olhinhos verdes me encararam brilhantes de admiração, simplesmente me abaixei e a recebi em meus braços.

— Que bom que ficou com a gente, tio Drew. Não quero que vá embora mais, tá?

Meu coração deu um solavanco e olhei para Aly que virou o rosto tentando se distrair com algo. Mas pude ver que ela tinha um brilho estranho nos olhos, como se não quisesse ouvir minha resposta.

— Se for eu volto, princesa. Não se preocupe, ok?

Ela assentiu e se afastou para olhar pra mim.

— Você está bonito hoje, seus olhos estão iguais *pupulinas*.

Sorri e olhei para a mãe da menina que encantava minha vida.

— É que estou muito feliz, princesa. Isso faz meus olhos brilharem.

Ela colocou o dedinho da boca e jogou o quadril para o lado, pensativa. Arregalou os olhos como se tivesse descoberto algo muito interessante e se aproximou para sussurrar em meu ouvido:

— Acho que mamãe está feliz, os olhos dela estão brilhando também.

Sorri com a inocência da minha pequena e fiquei aliviado que tenha notado a diferença na atitude de sua mãe.

— Tenho certeza de que ela está sim, querida.

Sophie sorriu abertamente fazendo com que seus olhinhos quase se fechassem.

— Vem cá, você tem que ver o pão doce que eu e vovó estamos fazendo. Ela disse que é para o lanhe da tarde, mas eu quero comer agora.

Pegou minha mão e começou a tentar me puxar pela cozinha quando a voz da avó a parou.

— Nada disso, mocinha, já é quase hora do almoço. Vovó já disse, não é? E vocês, ficam para o almoço? — Elizabeth sorriu ao entrar na cozinha e encarou a gente com as mãos nas cintura.

Alysson parecia um pouco incomodada e sabia que ela iria negar o convite da mãe para que não déssemos tanta bandeira na frente dela, porque estava difícil me manter longe sem poder tocá-la, então me adiantei.

Me levantei e encarei as duas que se pareciam tanto em tantas coisas.

— Claro, Beth. Será um pecado eu estar na cidade e não provar da sua comida.

Elizabeth olhou entre mim e a filha e sorriu amplamente. Aproximou-se de mim e bateu em meu rosto.

— Bom garoto, agora sim está tudo certo. Então vamos aos preparativos. Alysson Joana lave as mãos e prenda esses cabelos que vai me ajudar a fazer o almoço. E você, meu querido, leva essa menina para brincar no quintal. Não gosto de homens dando palpites na minha cozinha.

Foi até a pia e começou a separar algumas coisas que já estavam por lá dando as costas para nós.

— Sophie, o que acha de uma partida de beisebol?

Ela deu pulinhos de alegria e sorriu daquele jeito que deixava meu coração mais feliz.

— Oba, sou uma grande lançadora.

— Então vamos lá, minha lançadora preferida. — Ela saiu correndo dando gritinhos e a segui.

Antes de sair da cozinha me virei e olhei para Alysson, que me encarava com a mão no peito e seus olhos brilhavam. Estavam cheios de paixão, carinho e algo mais.

Eu pisquei pra ela e fui atrás de Sophie.

Nossa história tinha ganhado uma nova chance e eu lutaria por ela com todas as minhas armas, isso incluía lembrá-la da mulher maravilhosa que sempre havia sido e que tinha sido esquecida ao longo dos anos.

18

Alysson

— Pode abrindo o bico e me conte tudo, Alysson Joana!

Droga! Parece que nessas situações as mães são todas iguais, quando querem falar algo mais sério têm a mania de dizer o nome completo do seu alvo e com isso nos deixa totalmente alertas para o que está por vir. Eu tinha desconfiança do que ela queria saber pela forma que olhou para mim e o Andrew quando chegamos, mas eu não me entregaria de mãos beijadas assim.

Franzi a testa e olhei para ela de rabo de olho fingindo não entender ao que ela estava se referindo e fiz uma careta.

— Não sei do que está falando, mãe.

Ela estreitou os olhos e colocou as mãos na cintura me olhando como se eu fosse idiota. Segurei o riso, pois ela queria parecer brava, mas estava mais para fofa mesmo.

— Aham, não sabe, né? Essa sua cara de quem passou a noite muito bem acompanhada não entrega nada, não é? Fala logo, Alysson. Você dormiu com o Andrew?

Arregalei os olhos e naquele momento, infelizmente tinha acabado de colocar uma bala na boca que entalou na minha garganta. Comecei a tossir sem cessar e juro que quase morri de tanta surpresa pela pergunta direta da minha mãe. Achei que ela iria enrolar mais.

Quando passou a crise de tosse, eu peguei um copo d’água e bebi numa golada só. Olhei para ela e suspirei.

— Pelo amor de Deus, mãe!

Ela jogou as mãos para o alto como se estivesse com a paciência no limite.

— O que você esperava, minha filha? Acha mesmo que eu não sei dos olhares que trocaram ao longo dos anos? E do nada vocês chegam juntos e com caras de felizes?

— Hã? — Eu não estava tendo essa conversa com ela, estava? E que história era aquela de olhares? Meu Deus!

— Vocês não foram nem um pouco discretos, me admiro de ter demorado tanto tempo para ficarem juntos. Porém, eu entendo e até me sinto culpada de todo seu bloqueio emocional. Mas desembucha, finalmente aconteceu?

— Como assim, não fomos discretos, mãe? — Ela deu de ombros e voltou a mexer em seus legumes dentro da pia. Não tinha ideia de que tinham percebido o que tinha entre a gente sendo que na verdade nem mesmo eu sabia disso. Havia me iludido por tantos anos e negado tanto que acabei acreditando. — Me explica direito isso, por favor? Como assim, não fomos discretos?

— Ai, pelo amor de Deus! Que medo é esse na sua voz, minha filha? *Eu* percebi, ok? Te conheço muito bem e confesso que sempre torci por isso, nunca concordei com seu casamento. Sabe muito bem disso! Então não se preocupe, as únicas pessoas que perceberam isso são as que te amam. Sem julgamento!

— Pessoas que me amam? Isso quer dizer que tem mais alguém?

Minha mãe revirou os olhos e sorriu.

— A mãe do Andrew, não fica toda desesperada que ela…

— Senhor!

Ainda sem saber como agir com aquela revelação olhei pela janela da cozinha e pude ver Andrew e Sophie brincando no quintal. Ele sempre teve uma paciência enorme com a minha filha e eu sabia que não era só porque ela era afilhada dele. Tinha um sentimento muito maior envolvido. Engoli em seco e olhei para minha mãe que sorria esperando uma resposta.

— Eu não vou te falar dessas coisas, mãe. E me dá um desconto porque ainda estou em choque por você e Ash ficarem tramando às minhas costas.

Ela deu um grito e correu para me abraçar. Seus braços confortáveis envolveram meu corpo em um abraço que nem mesmo sabia que precisava, mas que foi maravilhoso naquele momento.

— Então aconteceu? Ai, minha filha, como estou feliz por você. Andrew sempre foi o cara certo para a sua vida. Há quanto tempo não te vejo com esse brilho nos olhos? Tinha até perdido as esperanças!

Não tinha percebido o quanto eu estava diferente até me olhar no espelho de manhã e *realmente* me ver refletida de volta. Às vezes escolhemos certos caminhos em nossa vida que no meio dele percebemos o quanto erramos tentando acertar, mas já é tarde e não conseguimos sair da estrada. Meu retorno não era totalmente por causa do Andrew, tinha sido algo muito maior que eu mesma havia percebido, mas ele tinha grande parte da culpa sim.

— Mãe, não fica assim. Prometo que não deixarei de ser eu daqui por diante e nem mesmo por ninguém, ok?

Ela me soltou e se afastou enxugando as lágrimas que escorriam por seu rosto.

— Acho é bom! Não quero ter que te colocar em meu colo e te dar as palmadas que deveria ter dado quando cismou de ser outra pessoa diferente da que eu criei. Nenhuma desilusão justifica deixar de ser você.

Eu não ia entrar em detalhes e nem mesmo fazer com que ela entendesse as minhas decisões porque não tinha o porquê. O que foi feito já havia passado e por mais que eu soubesse que estava errado não me

arrependia, pois tinha minha filha como recompensa de tudo. E por ela eu faria tudo de novo.

Olhei para minha mãe carinhosamente e assenti voltando a separar os ingredientes para a lasanha que ela queria preparar.

— E vocês vão contar para Sophie logo? Ela precisa saber de vocês, sabe disso, né?

Parei com a mão no meio do caminho e olhei pela janela outra vez. Não sabia qual seria a reação da minha menina, ela nunca precisou passar por isso. Sempre teve os pais ao lado dela, e de repente ter o Andrew em nossas vidas de uma forma diferente poderia confundi-la. Mas eu sabia que ela entenderia, mesmo que não fosse tão prontamente.

— Eu sei, mas quero esperar o aniversário dela passar. Nós vamos viajar e será um bom momento para abordar o assunto sutilmente.

— Alysson! — Olhei para minha mãe que estava prestando atenção em seus legumes, mas tinha uma expressão repreendedora no rosto. — Não demore, as coisas podem se virar contra você. Sabe de quem estou falando. Então não dê brecha.

Me olhou como há muito tempo não fazia. Tinha um alerta em seus olhos que era impossível de ignorar.

— Não vou, mãe.

— Ótimo, agora vai lá fora e se divirta um pouco. Eu termino aqui, não gosto de pessoas na minha cozinha mesmo.

Por mais que eu adorasse conversar com minha mãe estava louca para observar mais de perto como Andrew e Sophie interagiam. Adorava vê-los brincando. Larguei as coisas em cima da pia, lavei minhas mãos e dei um beijo em minha mãe saindo da cozinha e sendo presenteada com risadas gostosas da minha menina.

Engoli em seco com a cena à minha frente e cruzei os braços encostando o ombro na pilastra da varanda da minha mãe. Sophie havia

acabado de lançar a bola em direção ao Andrew e ele deu um grito quando ela passou por sua cabeça, mesmo vendo que ele se abaixou um pouco para que isso acontecesse, minha filha arregalou os olhos e ficou estática no lugar. Ele falou alguma coisa e ela começou a correr pelo quintal e ele fingiu correr até a bola, então Sophie se jogou no chão e depois gritou toda feliz que havia feito um ponto.

Andrew a pegou no colo e começaram a rir e fazer festa com aquela conquista da minha pequena.

Eu sabia que enfrentaria problemas por me envolver com Andrew daquela forma. Ellen não deixaria barato, principalmente depois que eu a enfrentei, e a mãe de Ethan também não seria fácil de lidar. Mas olhando os dois sabia que valeria a pena cada empecilho que encontraria.

— Ah, mas essa minha princesa vai ser uma jogadora de beisebol incrível, não vai? — Andrew a girou fazendo com que seus cabelos levantassem e ela sorriu deliciada.

Sophie gritou mais um pouco e grudou no pescoço do Andrew.

— Você acha mesmo?

— Com certeza, você pode ser o que quiser, linda. Não é, mamãe? — Ele olhou para mim sorrindo e nem sabia que tinha percebido minha presença ali.

Descruzei os braços e me aproximei deles, Sophie se virou e estendeu os braços em minha direção. Eu a peguei e dei-lhe um abraço bem apertado.

— Você viu o que eu fiz, mamãe? Ganhei do tio Drew e sou a melhor.

— Sim, meu amor, eu sabia que venceria.

— Papai estava errado quando disse que eu não deveria gostar de esporte, não é? Eu sou a princesa jogadora.

Engoli em seco e olhei nos olhos dela vendo como aquilo a tinha magoado. Tinha acontecido num dia que estava passando um jogo na televisão e Ethan era apaixonado. Sophie havia sentado aos pés do pai com

seu balde de pipoca e prestou atenção em cada detalhe, quando terminou ela se virou para o pai e disse que seria jogadora profissional quando crescesse, sem dó ele matou os sonhos da filha de uma tacada só. Disse a ela que aquilo não era coisa de menina. Se levantou como se não tivesse dito nada e deixou uma Sophie triste pelo resto do dia. Mesmo eu tendo brigado com ele e mandado conversar com nossa filha, ele foi irredutível e ainda me culpou por deixá-la sonhar demais com coisas que não estavam ao seu alcance.

Naquele dia Ethan passou a noite fora e eu tive uma ajuda para levantar os ânimos da minha filha. Uma ligação de Andrew foi o que a fez voltar a sorrir.

Olhando para ele eu queria que soubesse o quanto era grata por cada coisa que ele fez para nós todos os anos, mas sabia que ele havia feito somente porque amava minha filha como se fosse dele.

— É claro que é, você tem no sangue esse dom, Sophie. — Andrew estendeu a mão e acariciou os cabelos loiros dela.

Sophie estava agitada e quis descer do meu colo, parou entre nós dois com o dedo na boca.

— Sabe, mãe, acho que eu posso ser o que quiser. Você não acha?

Eu sorri e assenti sem demora.

— Com certeza, minha menina. Agora tira esse dedo da boca e vai lavar as mãos, daqui a pouco o almoço estará pronto.

— Tá bom, já volto. Não saiam daí!

Saiu em disparada para dentro de casa e fiquei sozinha com Andrew me olhando com um sorriso enorme no rosto.

— Eu fico imaginando se você era como a Sophie quando criança? Pelo que te conheci acredito que sim.

— Na verdade eu era bem mais espoleta que ela, gostava de me aventurar pelos telhados da casa à procura de coisas para consertar, meu pai enlouquecia porque nem me viam subindo. Lembro que na idade dela queria

ser construtora.

Andrew sorriu e olhou para o telhado da casa, provavelmente tentando imaginar a cena.

— E por que não foi?

— Me apaixonei pelos livros.

Ele sorriu e estendeu a mão passando-a em meu rosto. Seus olhos azuis tinham um brilho que nunca me cansaria de ver. Quando ele olhava para mim daquela forma eu sentia que poderia desmaiar a qualquer momento. Tinha tanta devoção e carinho.

— E realmente é o que você ama. Te ver naquela livraria me deixou ainda mais apaixonado.

Mesmo ele já tendo dito aquilo não deixava de me surpreender. Senti um frio na barriga e abaixei a cabeça um pouco envergonhada.

— Não fala assim, Andrew.

— E por que não, se é a verdade? — Ele sorriu e olhei em seus olhos mais uma vez.

— Ainda não me acostumei com isso.

Andrew piscou um olho e deu um passo à frente aproximando o corpo do meu sem na verdade me tocar. Apenas sentia o calor do seu corpo me chamando como se quisesse me hipnotizar.

— Pois trate de se acostumar porque eu nunca vou me cansar de dizer o quanto você me encanta e me deixa ainda mais apaixonado.

Fiquei extremamente sem graça com a gravidade que ouvi em suas palavras. Havia me esquecido como era bom ouvir aquelas coisas e abaixei a cabeça. Ele riu e se abaixou para recolher as coisas de beisebol que eles espalharam pelo quintal.

— O que você vai fazer na semana que vem? É aniversário da Sophie, não é? — Parou com a bola na mão e me olhou esperançoso.

Assenti e o acompanhei ajudando a juntar a bagunça que haviam feito.

— Sim, no domingo. Eu prometi a Sophie uma viagem. Ela precisa sair um pouco daqui, respirar novos ares.

O observei esperando um desapontamento, qualquer coisa que indicasse que não havia ficado feliz com a notícia, mas tinha me esquecido que aquele era o Andrew. Ele arqueou as sobrancelhas e sorriu.

— Vai ser ótimo para as duas. Já sabe para onde vai?

Engoli em seco e suspirei. Certos hábitos seriam difíceis de deixar para trás. Peguei a luva que ele havia deixado num canto da varanda quando correu e me levantei.

— Mais ou menos, tenho umas economias e estava pensando em levá-la para Orlando. Ela sempre sonhou em conhecer a casa das princesas.

Andrew franziu a testa.

— Sophie nunca foi a Disney? — Ele parecia surpreso.

— Não, Ethan dizia que era besteira e só a faria ficar sonhando com bobagens.

— Droga, Ethan! Como eu não percebi isso todos esses anos, Alysson? Por que não me procurou para me contar o que acontecia dentro da sua casa?

Parei e olhei para ele, que parecia muito bravo. Mesmo não sendo comigo, aquilo me incomodou.

— Não tinha porque te incomodar mais com a minha vida. Eu que deveria ter tomado uma atitude mais cedo. Mas ainda tenho tempo de consertar as coisas para ela e vou me concentrar nisso.

Ele se aproximou e tocou meu queixo com os dedos num carinho que queria dizer muito mais do que realmente representava.

— Tenho certeza de que será perfeita em qualquer coisa que se dispuser a fazer e sabe que pode contar comigo em todos os momentos. Não me exclua.

— Não o farei!

Ficamos nos olhando pelo que pareceram horas e tinha a impressão de que ele iria me beijar ali mesmo. E nem me importei com o fato, só precisava sentir o calor dos seus lábios nos meus mais uma vez. Na verdade, estava querendo isso desde que chegamos, mas era covarde demais para tomar a iniciativa. Com esse pensamento estava prestes a fazer o que tinha vontade, mas então Sophie veio gritando de dentro de casa.

— Mamãe eu perdi um dente, olha. Acha que a fada do dente vem buscar? — Olhei para ela e sorri. Sophie franziu a testa ao nos ver tão próximos e jogou a cabeça de lado. — Por que o tio Drew tá te olhando desse jeito, mamãe? Ele parece igual o príncipe encantado olhando a Cinderela.

Abri e fechei a boca tentando achar uma desculpa que ela engolisse, porque minha filha era muito esperta e para ter percebido a energia entre nós não aceitaria qualquer resposta. Andrew sorriu e se adiantou pegando Sophie nos braços.

— Isso é porque sua mãe é uma princesa, minha linda. Onde você acha que puxou toda essa beleza? Fiquei apenas admirando. Agora, deixa eu ver esse dente. Meu Deus, ela já está ficando uma moça, temos que mandar uma carta para essa fada.

Sophie riu e balançou a cabeça batendo com a mão na testa dramaticamente.

— Isso é o Papai Noel, a fada do dente vai me deixar um dólar à noite quando vier buscar o meu dente debaixo do travesseiro — disse como se estivesse explicando para uma criança. Eu sabia que ele tinha feito isso para distraí-la do fato de estarmos tão perto.

Ele riu e piscou um olho para mim entrando em casa e deixando-me com o coração acelerado de tanta coisa boa que estava acontecendo em minha vida. Na verdade, estava até um pouco assustada. As coisas tendiam a não ficarem assim por muito tempo.

Só esperava que durasse o suficiente para que pudesse ter um pouco de

ar fresco em meus dias.

19

Andrew

Sabia que não era meu direito me sentir feliz daquela forma, mas nunca consegui evitar. Desde que olhei aqueles olhinhos verdes eu me senti como se estivesse completo. Ela não era minha, mas eu sentia como se fosse. Sophie sorria e meu mundo se iluminava! A amei como minha filha e agora esse sentimento apenas aumentou.

Ainda me sentia culpado por estar “tomando” a vida do meu amigo, mesmo sabendo o idiota que ele foi menosprezando a bênção que tinha nas mãos.

Descobrir toda a pressão que Ethan infligia na vida das duas me deixou insano. Queria ressuscitá-lo só para poder dar umas porradas nele. Que tipo de homem, ou melhor, que tipo de pai destruía a alegria e os sonhos da filha? Nunca entenderia o que se passava na cabeça de alguém assim, fui criado para respeitar a vontade das pessoas, não reduzi-las ao que eu queria e pensava.

Olhando Alysson e Sophie conversando alegremente enquanto comiam eu percebi o quanto as amava, e faria de tudo para que fossem felizes. E olhando como faziam planos para a viagem no caminho para casa me deu um aperto no peito por não fazer parte daquela família. Mesmo que pretendesse estar com elas, não haviam laços de sangue que nos ligasse.

Elas planejavam cada detalhe como se fossem amigas íntimas e, na verdade, eram mesmo. Por mais que Sophie ainda fosse uma criança e Aly ser mãe dela, percebi que tinha encontrado naquela menina tão especial, sua

melhor amiga, uma confidente e companheira. Então eu entendi o porquê de Alysson deixar de viver a própria vida em prol da felicidade e paz da menina. O sorriso das duas era a coisa mais linda que já presenciei.

Quando chegamos em frente à casa de praia de Alysson, Sophie desceu do carro e correu para a varanda com a chave da mãe na mão gritando que precisava colocar o dente embaixo do travesseiro. Olhei para a mulher linda ao meu lado e vi que observava a filha com um sorriso no rosto.

— Já disse como fica linda sorrindo dessa forma?

Ao som da minha voz, Aly se virou e me encarou, ainda sorrindo, com a testa franzida.

— Você está me cantando, Andrew?

Pisquei um olho e me aproximei tanto quanto o cinto de segurança permitiu, o que não era o bastante.

— E se estiver, AJ?

Ela ficou olhando em meus olhos e seu sorriso aos poucos foi extinguindo de seu rosto, agora ela me encarava com malícia e senti meu corpo todo corresponder àquela que me enlouqueceu anos atrás.

— Você precisa saber que não pode brincar comigo assim! Estou retomando minha vida aos poucos e posso acabar não conseguindo frear meus instintos.

— Quem disse que eu quero que você freie seus instintos? Quero mais é que os libere mesmo! Já esqueceu a nossa noite de ontem? Tive a verdadeira AJ em meus braços e não pretendo esquecê-la nunca mais, não adianta tentar se esconder. — Tentei me aproximar mais. — Eu te acho!

Aquela mulher à minha frente tinha tanto poder em minha vida que muitas vezes me assustou, principalmente quando era proibida, mas não me assustava mais. Queria que ela se entregasse assim como eu estava entregue; sentisse o tesão correndo pelo corpo e se libertasse das amarras que a prendiam.

Porém, sabia que ainda não estava pronta, tinha certeza de que recuaria. Ainda tinha resquícios de sua prisão interna em seu coração. O que aconteceu logo que estendi minha mão para tocar em seu rosto.

Ela engoliu em seco e se afastou abrindo a porta e saindo do carro. Eu apenas sorri balançando a cabeça e a segui. Quando chegamos a sala da casa, sem pestanejar, a imprensei contra a parede e olhei em seus olhos respirando rapidamente.

— Por que você faz isso toda vez que eu me aproximo demais? Depois de ontem achei que não seria mais assim.

Alysson estreitou os olhos e ofegou.

— Eu tenho muito a perder com isso, Andrew!

— Mas nós não combinamos que iriamos tentar um relacionamento? — Aproximei meus lábios dos dela e pude sentir o calor que tanto queria me envolver.

— Eu tenho que pensar na Sophie.

Não podia acreditar que estava ouvindo aquilo. Afastei-me um passo e a encarei.

— Por que isso agora? Ontem quando estava no ápice do prazer não pensou nisso. O que mudou?

Alysson respirou fundo e fechou os olhos. Senti meu coração disparando no peito à espera de uma resposta dela. Não sabia que não estava pronto para uma rejeição. Na verdade, se fosse ser sincero, nunca tinha levado bem esse tipo de coisa.

— Ver você com ela hoje me fez perceber que se alguma coisa der errado e você se afastar por causa disso que temos, ela será a que mais vai sofrer. — Mordeu os lábios e abaixou os olhos observando o chão.

Em sua voz eu podia perceber que seu medo era genuíno, eu precisava mostrar para ela que daria certo e o melhor a fazer já tinha me dado conta. Aproximei-me novamente e levantei seu rosto com um dedo, colei meus

lábios nos dela, o beijo começou suave e delicado, mas se transformou numa forma de provar a ela o que eu sentia. Quando me dei conta estávamos sem ar e com o coração batendo como um tambor. Ainda com o corpo colado no dela eu olhei em seus olhos e pude ver que parte de suas dúvidas tinham ido embora, mas ainda teria muito trabalho pela frente para ter aquela mulher entregue em meus braços como desejava, sendo livre e espontânea.

— Eu nunca deixaria de amar Sophie e a faria sofrer, amo aquela menina como minha filha e por vocês duas eu vou ao inferno e volto. Não deixe que o fantasma do Ethan te assombre por muito tempo, AJ. É hora de se libertar, não acha? — Vi que Alysson queria dizer alguma coisa, mas se manteve em silêncio. Eu assenti e percebi que já estava na hora. — Tenham uma boa viagem, ok? Se divirtam por mim!

Dei dois passos para trás e gritei chamando por Sophie, nunca iria embora sem me despedir. Não demorou muito, ela veio correndo e sorrindo com uma boneca em seus braços. Abaixei-me e a tomei em meus braços sentindo o perfume de morango que desprendia de seus cabelos.

— Eu já vou indo, princesa, tenho que resolver algumas coisas. Colocou o dentinho no travesseiro? — Ela assentiu e pisquei um olho apertando-a mais um pouco em meu abraço. — Se divirta na viagem, tá? Quando voltar vai ter um mega presente pra você.

Sophie se afastou e arregalou os olhos.

— Nossa, mãe, o que é? — Ri da sua impetuosidade.

— Segredo, gatinha! Mas quero um superbeijo pra aliviar a saudade. Bem aqui, olha. — Indiquei meu rosto com o dedo e fui presenteado com um beijo que quase me derrubou no chão.

Ela se afastou e sorriu.

— Assim tá bom, tio Drew?

— Tá sim, amor! Te vejo na segunda, hein? Cuida da mamãe?

Quando Sophie assentiu e olhou para a mãe e eu fiz o mesmo, mas me

arrependi na mesma hora porque minha vontade era de ficar ali com as duas e não sair mais. Engoli em seco e me levantei, me aproximei de Alysson e dei-lhe um beijo demorado na bochecha.

— Fica bem, tá? Nada de neuroses nessa viagem, só se divirta. Te vejo segunda!

— Vai buscar a gente no aeroporto?

— Pode contar com isso, baby. — Pisquei um olho e sai dali antes de não conseguir mais.

Quando entrei no carro e me arrisquei a olhar para a casa, elas me observavam da varanda e me deram adeus. Estavam abraçadas e sorriam.

Droga, por que elas não podiam ser minhas? Em meu coração já eram! Mas porque a vida tinha que ser tão complicada? Com um suspiro profundo dei partida no carro e as deixei junto com meu coração.

***

Depois de deixar a casa de Alysson me tranquei em casa e não quis saber de ninguém, várias ligações tentaram perturbar minha paz. Ou seria fossa? Não importa! Eu não atendi nem mesmo minha mãe que ligou dez vezes, mas ao olhar para o visor pela milésima vez tive que fazer um esforço e apertar o botão verde.

— Senhor?

— Cooper, como está indo nas férias?

Sentei-me no sofá da sala sorrindo e olhando para fora da janela. Ele achava que me enganava com aquela conversa mole, podia contar nos dedos de uma mão, e ainda sobrariam alguns, as vezes que me ligou sem ser para me dar alguma missão.

— Corta essa, nós dois sabemos que você não é disso, então sem enrolação, comandante.

Ele deu uma risada do outro lado da linha.

— Você ficou muito folgado Cooper, mas está certo! Tenho algo muito sério para te dizer e acho que você não vai gostar.

Revirei os olhos e percebi que lá vinha merda, quando ele mudava seu tom de voz de uma hora pra outra não tinha escapatória.

— Fala logo!

Max suspirou dramaticamente e senti meu corpo gelar de antecipação.

— É sobre a morte do Ethan! Foi comprovado a emboscada, mas não era pra ele!

Sentei-me no sofá e apoiei os cotovelos nos joelhos.

— Como assim?

— Era pra você! De alguma forma vazou alguns dados seus e sobre as pessoas que você prendeu, seu nome e algumas coisas profissionais. Os caras armaram uma emboscada porque você iria para a missão, só que não contavam que eu iria separar os dois.

— Meu Deus! — Fechei meus olhos quando a grandiosidade daquilo me atingiu. Se eu estivesse na missão estaria morto. E se realmente tivesse sido uma emboscada destinada a mim não descansariam até conseguirem o seu intento. — E o que faremos agora? Como vamos pegar esses caras?

Max xingou muito do outro lado e ouvi que havia derrubado algumas coisas.

— Droga, Drew! Queria que você pedisse baixa e não se envolvesse mais.

Tive que rir porque aquilo não fazia parte de quem eu era.

— Você sabe que isso não faz meu estilo, Max. E sei que você tem um plano.

Ele respirou fundo e falou mais alguns palavrões.

— Merda! Nós temos sim, tem uma missão que se você participar

podemos armar uma armadilha perfeita.

— Ótimo! Pra quando é?

— Será em duas semanas!

Droga! Estava muito próximo e eu não teria muito tempo para ficar com as meninas, mas não podia deixar a oportunidade passar. Eu não viveria com a faca em meu pescoço a vida toda.

— Só me passar as coordenadas que estarei lá!

— Tem certeza, Cooper? Não acha que deve esquecer isso e se aposentar? Sabe que consigo isso pra você.

— De forma alguma, Max. Ainda tem muita gente ruim pra prender. Não foi para isso que entrei na Marinha?

— Pense em Alysson e Sophie!

— Estou pensando… Não posso deixá-las correndo perigo dessa forma. E se eles me encontrarem, o que irão fazer com elas? Não, Max! Preciso resolver isso já.

Ele suspirou profundamente sabendo que eu tinha razão, mesmo assim como amigo ele me ofereceu uma saída.

— Tudo bem, vou te mandar uma mensagem criptografada com todos os dados e os planos também. Te vejo em duas semanas.

— Até, comandante.

— Até, Drew!

Desliguei o celular e me encostei novamente ao encosto do sofá, apoiei minha cabeça e olhei para o teto pensando em como as coisas mudam. Eu era um solteirão, não me apegava a ninguém. Tudo bem que o motivo disso era porque eu não tinha a mulher que queria, mas era impressionante e surpreendente como eu pensava em minha vida incluindo as duas, não era só eu agora.

Alysson não ficaria feliz em saber que eu já estaria indo em missão.

Lógico que eu não contaria o motivo. Mas, mesmo assim, eu sentia o quanto ela estava preocupada por conta de eu ter a mesma profissão do marido.

Mesmo que Ethan tenha sido um idiota, ela o amava de alguma forma e ele era pai da filha dela. Perdê-lo daquela forma foi um baque.

Porém, eu não poderia nem abrir mão da minha profissão, muito menos ignorar o que estava acontecendo. Os riscos que elas corriam com essa informação eram altos demais e precisava eliminar qualquer perigo que pudessem correr.

20

Alysson

Quando você vive em uma prisão que você mesmo se colocou é difícil demais conseguir enxergar além dela. Por mais que soubesse que as coisas já não eram do mesmo jeito, que eu não era a mesma pessoa e muito menos que ele era o Ethan, eu me sentia insegura em me entregar a um relacionamento tão sério depois de uma noite de sexo.

Andrew sempre foi um grande amigo e mudar esse status tão rapidamente poderia trazer problemas muito sérios não só pra mim, mas também para minha filha. E eu não permitiria nunca que isso acontecesse.

A semana passou muito rapidamente e chegou a esperada sexta-feira, o dia que iríamos embarcar em nossa primeira viagem, sozinhas. Não tive notícias de ninguém e isso até me incomodou, nem mesmo Ellen e a mãe me importunaram. O que era, no mínimo, assustador; quando a calmaria era demais poderia começar a me preparar para as tormentas que viriam.

Porém, estava feliz porque assim poderia aproveitar o final de semana com Sophie sem me preocupar com nada mais.

Chegamos ao aeroporto meia hora antes do nosso voo e minha filha estava inquieta de tanta ansiedade, tentei distraí-la, mas estava complicado. Ela não parava e queria ir logo para o avião.

— Sophie, por favor, fica quietinha por um segundo. Logo vão chamar a gente!

— Mas eu quero ir logo ver as princesas, mamãe! — Arregalou os olhos como se fosse óbvio o motivo de estar ansiosa dessa forma e eu tinha que entender, o que realmente era, contando com o fato de que quase não saímos da Carolina do Sul.

— Eu sei, meu amor, mas precisa ter calma ou vai acabar passando mal.

Ela revirou os olhinhos e se sentou cruzando os braços. Eu ri e me acomodei folheando a revista sem realmente prestar atenção. Minha filha era sempre tão atenciosa e madura, mas quando se comportava como uma criança da idade dela eu achava graça.

— Primeira viagem?

Uma voz grave chamou minha atenção e até mesmo me assustou um pouco, pois estava perdida em pensamentos e só prestava atenção na menina emburrada ao meu lado. Me virei e olhei o homem que me observava do outro lado dos assentos. Ele sorria e tinha a testa franzida parecendo achar graça na minha interação com Sophie, que provavelmente ele presenciou. Sorri tentando ser simpática.

— Sim, ela está um pouco ansiosa.

Ele assentiu e respirou fundo.

— Sei bem como é, quando viajei sozinho pela primeira vez com meus filhos foi complicado segurar os dois. Mas você se acostuma.

O homem parecia legal, eu não costumava dar muita conversa para pessoas estranhas, pois não fazia parte de minha personalidade ser tão comunicativa. Porém, eu estava tentando voltar a ser eu novamente, então sorri. Ele tinha os cabelos um pouco grisalhos, os olhos muito escuros, uma barba bem feita e um sorriso cativante, parecia por volta dos quarenta anos.

— Tomara que sim, não estou conhecendo minha filha nesse momento, ela normalmente é mais tranquila.

E então dois meninos mais velhos que a Sophie se aproximaram e se sentaram ao lado do homem. Ele sorriu para os meninos, que tinham dois

sacos de biscoitos nas mãos.

— Esses são meus meninos, John tem oito anos e Tyler tem dez. Digam oi para…

Olhou para mim com as sobrancelhas arqueadas indagando sem perguntar realmente nossos nomes.

— Alysson e Sophie.

— Lindos nomes, eu sou Brad. — Os meninos nos cumprimentaram sem muito entusiasmo, estavam mais preocupados com um minigame que tinham nas mãos e em comer o biscoito. — É nossa terceira viagem juntos, desde que me divorciei eu os levo para a Disney uma vez no ano. Eles esperam ansiosos por esse dia.

Assenti feliz em ver que o pai participava da vida dos meninos, era bom ver que existia homens que não estavam preocupados em apenas serem doadores de esperma. O nosso voo foi chamado e me despedi pegando na mão de Sophie para que fôssemos para o portão de embarque.

— Bom, até mais, Brad. Quem sabe não nos vemos por lá?

— Vou torcer por isso, Alysson! — Pude perceber certas insinuações no que ele disse, mas me fingi de desentendida.

Eu notei que eles vinham atrás de mim, mas não se aproximaram demais. Quando entramos no avião, Sophie não parava de falar e fazer planos de onde iríamos quando chegássemos. Ainda era bem cedo, então daria tempo de visitar o lugar antes que anoitecesse.

— Acho que vou querer ir ver o *catelo* da Cinderela hoje, mamãe.

Sorri para minha filha que tinha uma boneca da Cinderela nas mãos, porque quando embarcamos ela pediu para que eu tirasse da bolsa.

— Acho que é uma boa ideia, mas nós vamos almoçar também, viu, mocinha? Nada de brincar o dia todo sem se cuidar.

Ela fez um bico engraçado, chateada, por não ir direto para a diversão.

— Ah, mas aí a gente vai perder tempo ao invés de brincar.

— Sophie, você prometeu se comportar, é a primeira vez que vamos, então tem que obedecer a mamãe para podermos vir no próximo ano.

— Eu sei! — Revirou os olhos e suspirou. — E no meu aniversário, vai ter bolo, mamãe?

No domingo ela faria cinco anos e eu tinha programado uma comemoração com direito a bolo de chocolate, mas não diria a ela até que chegasse o dia.

— Surpresa, gatinha! — Pisquei um olho e apertei a bochecha dela.

Sophie sorriu de orelha a orelha sabendo que quando eu falava assim era porque a resposta seria positiva. Então pulou de seu assento e me abraçou bem forte.

— Você é a melhor mãe do mundo, te amo!

Meu coração se enterneceu com o carinho da minha menina. Ela sempre fora tão doce e poucas pessoas curtiam esse lado dela.

— E você é a minha princesa mais linda! — Meu coração se enchia de amor quando tínhamos momentos assim.

Sophie se sentou novamente e eu ajeitei seu cinto colocando-a tão segura quanto possível. O voo foi tranquilo sem nenhum incidente a não ser uma pequena turbulência que passou logo. Quando desembarcamos em Orlando decidi ir para o hotel e cuidar para que Sophie trocasse de roupa e podermos ir almoçar, a menina estava louca para conhecer logo o castelo da Cinderela.

Quando terminei de trocar o vestido florido por um short e blusinha, ela não me deu sossego enquanto não saímos do quarto.

— Já disse pra você relaxar, não vai querer passa mal de ansiedade, né?

Ela revirou os olhos e respirou fundo tentando se acalmar, quando chegamos ao restaurante encontrei uma mesa para nós duas e logo fomos atendidas. Fiz o pedido e olhei para Sophie, que me encarava muito atenta.

— O que foi?

— Tô aqui pensando… Se você se casasse com o tio Drew, ele poderia ser meu papai?

Quase engasguei com a saliva. De onde tinha vindo isso agora?

— Como assim, minha filha? De onde você tirou isso?

Ela arregalou os olhos e bufou como se ficasse entediada em ter que me explicar algo que parecia ser óbvio.

— É que tem uma amiguinha na escola que a mamãe dela se casou de novo e ela ganhou *otro* pai, me falou que tem dois e eu não tenho nenhum, mãe. Você tem que casar para me dar um papai de novo.

Meu coração parecia tão pequeno que tinha certeza de que poderia ter sumido em meu peito. Sophie me encarava com ansiedade como se minha resposta mudasse sua vida. Respirei fundo e fechei os olhos, os abri novamente e estendi minha mão pegando a pequena dela que repousava em cima da mesa, fiz um carinho reconfortante e tentei sorrir.

— Filha, você tem um pai. Ethan nunca vai deixar de ser seu pai, meu amor. Mas você pode encontrar um amigo muito especial no seu tio. Na verdade, ele já é seu padrinho, o que é uma tarefa muito importante. Mas ninguém vai substituir seu pai.

Seu rostinho ansioso ficou um pouco triste.

— Eu queria que ele estivesse aqui, sinto saudades!

— Eu sei, e sei também que onde quer que ele esteja está olhando por você e morre de saudades.

Levantou a cabeça e me olhou com os olhinhos marejados.

— Você acha que vamos encontrar meu papai de novo algum dia?

— Tenho certeza de que um dia a gente vai vê-lo de novo lá com o Papai do Céu.

O sorriso que ela me deu compensou qualquer coisa, apesar da saudade e falta que sentia minha menina tinha esperanças e não perdia a alegria de viver. O que era mais importante!

— Mas se você se casasse com o tio Drew seria muito legal porque eu poderia ter meu amigo bem pertinho. — Abraçou seu próprio corpo sorrindo e não pude dizer nada porque nosso almoço tinha chegado e, na verdade, formou-se um nó em minha garganta.

As coisas não eram tão fáceis como ela imaginava, ainda tinha muita coisa pelo caminho e eu não pensava em me casar tão cedo, na verdade nem tinha isso em perspectiva. Não tinha certeza se estava pronta para me unir a alguém de novo.

Comemos e conversamos de outras coisas, ainda bem porque o papo de Andrew não estava muito bom, na verdade ela passava o itinerário que queria fazer ali. Nunca a vi comer tão bem e sem reclamar, limpou o prato. Quando acabei voltamos para o quarto para escovar os dentes e o mais depressa possível estávamos a caminho da Disney. Quando chegamos minha filha não parava de dar gritinhos de felicidade e quando via algum personagem que amava corria e o abraçava. Tirei muitas fotos e em todas elas, Sophie sorria encantada.

Vendo ela se divertir daquela forma me fez perceber que foi minha melhor escolha para seu aniversário de cinco anos. Sempre havia sido um sonho para ela conhecer o lugar, mas Ethan nunca achou que compensaria. Agora iríamos todos os anos.

Quando chegamos ao castelo da Cinderela sinceramente eu queria chorar de emoção, minha menina simplesmente se aproximou, apresentou-se e começou a conversar com a personagem contando de sua vida e ainda disse que estava comigo para comemorar seu aniversário, que seu presente tinha sido conhecer uma princesa de verdade.

A moça que se fantasiava de Cinderela estava claramente emocionada, olhou para mim e sorriu. Ela abraçou Sophie e pegou as duas mãozinhas dela.

— Mas você já conhece uma princesa, meu amor!

Sophie franziu a testa e olhou para mim como se procurasse uma resposta. Balançou a cabeça e deu de ombros.

— Não conheço, quem?

— Você, todas as meninas são princesas. Você não sabia?

E naquele momento eu acreditei que existiam anjos que Deus coloca em nossas vidas. Depois de ter seu sonho tirado dela de uma forma tão fria pelo pai, fora colocado de volta. Pude ver nos olhos da minha menina que ela realmente acreditou na Cinderela, que tinha razão. Minha Sophie era uma linda princesa.

***

O dia do aniversário dela havia chegado e eu a acordei como se nada estivesse acontecendo. Sophie me olhava com cautela esperando alguma coisa de mim, mas fingi que não havia nada de errado.

Os dois dias que passamos ali foram perfeitos, mágicos e maravilhosos. Vi minha filha se libertar de amarras que nem sabia que ela tinha. Brincamos nos brinquedos e nos divertimos bastante. Sabia que ela sentia falta de Drew e do pai, mas foi forte e não disse mais nada.

Eu havia preparado uma coisa para o café e queria que ela realmente se surpreendesse. A vesti com a roupa mais bonita e descemos para o restaurante de mãos dadas, o tempo todo ela me observava esperando alguma coisa. Foi difícil me manter “fria” e não contar o que estava acontecendo. Quando nos sentamos percebi que ela explodiria a qualquer momento.

Então dei um sinal para o garçom que assentiu se aproximando com um bolo de chocolate. Começamos a cantar parabéns e todo o restaurante nos acompanhou. Encantada, ela sorria de orelha a orelha dando pulinhos na cadeira de tanta felicidade.

— Faça um pedido, Sophie! — pedi quando terminamos de cantar, ela fechou os olhos e um segundo depois soprou as velinhas.

Quando se virou para mim pude ver o quanto estava feliz.

— Você não esqueceu, mamãe? — perguntou quando o garçom colocou o bolo na mesa e se afastou para nos dar prioridade.

— Claro que não, meu amor, nunca me esquecerei do dia mais feliz da minha vida: quando segurei você nos meus braços. Qual foi seu pedido?

Ela estreitou os olhinhos e fez uma careta.

— *Seguedo!*

— Nossa, que mistério… Tudo bem então. Eu acho que hoje nós pode…

— Será que podemos cumprimentar a aniversariante?

Me virei ao som daquela voz grave que já havia ouvido antes e me deparei com Brad e seus filhos parados ao nosso lado, ele sorria atrás com as mãos nos ombros de cada um dos meninos que olhavam atentamente o bolo de Sophie. Nós não tínhamos nos encontrado até então e achei que seria legal Sophie ter com quem conversar que não fosse eu, crianças na verdade.

— Claro!

Eles sorriram, abraçaram Sophie e se sentaram servindo-se de um pedaço de bolo.

— Acabamos não nos encontrando, Alysson. Não podia deixar passar quando as vi aqui.

— Oh! Verdade? Que bom que veio então, Sophie deve estar ficando entediada de ficar só comigo. Fazer amizade com seus filhos será muito bom.

Brad era um homem bonito e muito atraente. Claramente estava interessado em mim e eu não sabia como agir com aquele olhar tão cheio de segundas intenções.

— Tenho certeza de que não há maneira de ficar entediado na sua companhia, querida!

Aquilo sim foi um flerte claro e eu, idiota como era, não soube como responder. Apesar de ser charmoso e muito bonito, não estava interessada nele dessa forma. Estava prestes a dizer exatamente isso quando fui interrompida

mais uma vez naquela manhã.

— Tenho que te dizer, meu amigo, que realmente não é nem um pouco entediante ficar com AJ!

Arregalei os olhos e me virei devagar, como em câmera lenta, para ver se meus ouvidos não estavam me pregando uma peça. E realmente não estavam. Andrew estava ali à minha frente sorrindo e parecendo totalmente perfeito vestido de bermuda branca e camisa azul. E aqueles óculos de aviador que o deixava parecendo o mesmo que conheci anos atrás? Meu Deus!

— Andrew? O que está fazendo aqui? — Sério, Alysson? Isso que tem a dizer depois de desejar que ele estivesse ali todos esses dias?

Ele sorriu amplamente e tirou os óculos me encarando com aqueles olhos maliciosos e apaixonantes.

— Achou que eu iria passar esse dia longe da minha princesa? — Sophie que estava em silêncio até o momento pulou da cadeira e se jogou nos braços do padrinho. Ele a recebeu com muito carinho e deu um beijo estalado no rosto. — Feliz aniversário, minha linda!

Ela se afastou e colocou as duas mãozinhas no rosto dele, olhando-o com admiração.

— Obrigada, tio Drew! — Se virou para mim, sorrindo. — Viu, mamãe? Meu pedido de aniversário se realizou. Pedi que ele viesse ficar com a gente e ele tá aqui! — Sorriu amplamente e enlaçou Andrew num abraço apertado de novo.

É, eu tinha percebido isso! Pelo que pude perceber, pedidos de aniversários funcionavam mesmo.

21

Andrew

Tentei de todas as formas não procurar Alysson naquela semana. Foi difícil, mas de alguma maneira eu consegui. Queria dar um tempo para que ela pudesse respirar e cuidar da filha. Não sei, tive a impressão de que ela estava sufocando e achei uma boa ideia me afastar um pouco. O que não queria dizer que deixei de pensar nela.

Quando o dia de sua viagem chegou não resisti.

Parei o carro em frente ao aeroporto e esperei, não sabia bem qual horário seria o voo delas, por isso precisei chegar bem cedo se quisesse vê-las. Não me arrependi nem um pouco de ficar ali por duas horas sem muito o que fazer. Alysson e Sophie resplandeciam felicidade. Elas sorriam, conversavam… Pareciam muito animadas e ansiosas. Claro que Sophie se destacava no último item, nunca vi minha princesinha tão feliz.

Depois que elas entraram, eu fiquei ali parado algum tempo decidindo se iria até elas para desejar uma boa viagem ou se iria para casa e deixaria que tivessem seu momento de liberdade.

Aly viveu anos em um relacionamento em que não podia ser ela mesma, tinha que viver em uma redoma marcando seus passos, medindo suas atitudes. Aquela viagem era muito mais que um presente de aniversário para a filha, era um grito de liberdade. Mesmo que fosse para a Disney era uma forma de provar a si mesma que podia viver sozinha sem precisar dar satisfações de sua vida para ninguém.

Eu respeitei isso, liguei o carro e fui para casa!

Ao chegar em meu apartamento percebi o quanto era vazio e frio, mesmo com o calor que fazia aquela época do ano, sentia tudo muito inóspito e sem graça. Já não me sentia feliz sendo um cara solteiro, meu coração tinha se partido em dois e pertencia as duas mulheres mais lindas do mundo todo.

Quando a noite chegou não aguentei aquela melancolia e decidi ir encontrar alguns amigos no bar do Joe. Lá era o point da galera que antes fazia a reunião na praia. Aquelas festinhas na areia eram memoráveis, eu sabia bem.

Logo que entrei achei que estivesse em um túnel do tempo, muito de meus amigos estavam por ali, só que mais velhos, alguns casados, outros solteiros e outros ainda muito infantis e se achando a última Coca-Cola do deserto. Bem, o tempo era bom para alguns e não muito bom para outros, e na maior parte das vezes, os que não estavam muito bem, eram aqueles que se intitulavam galinhas, bonzões, machistas e idiotas. Ainda bem que na maior parte dessas “qualidades” eu não me encaixava, no galinha podia ser, mas isso era passado.

Olhei um amigo de décadas sentado no bar com uma cerveja na mão e olhando para o nada com cara de poucos amigos. Tive que me aproximar e desvendar o que ele escondia por trás daquela cara de bunda.

— Ora, se não é o velho Steve! — Me aproximei e bati duas vezes em suas costas e ele olhou para mim surpreso, arqueou as sobrancelhas parecendo entediado. — Quanto tempo, cara! Por onde andou, o que está fazendo da vida?

Steve sorriu meio de lado, ainda com a expressão carregada no rosto.

— Andei estragando meu casamento, isso que andei fazendo!

A voz do meu amigo só não era pior do que seu rosto de derrotado. O que aconteceu com ele nesses anos que ficamos sem nos ver? Depois que fui para a Marinha perdi um pouco do contato com o pessoal que cresceu comigo, mas eu sempre via Steve. Só depois que ele se casou com sua

namorada de anos que nos distanciamos mais, coisas da vida mesmo que vai afastando as pessoas. Eu não o via há três anos, a última vez foi em um aniversário da Sophie. E ele parecia muito feliz com sua Kate, que esperava o primeiro filho deles.

Não imaginava o que poderia ter acontecido para que tudo desandasse daquela forma que parecia ser mais que trágica.

— Nossa, mas como assim, cara? Vocês sempre se deram tão bem, Kate era louca por você.

Ele deu uma risada triste e um gole na cerveja olhando as inúmeras garrafas à nossa frente como se delas saíssem a resposta para todos os seus problemas.

— A vida é uma merda, se você quer saber. Tudo que sentíamos um pelo outro foi se esvaindo aos poucos e nem percebi. Quando me dei conta já era tarde e eu perdi tudo.

— Poxa, sinto muito! — Realmente eu sentia, ver o quanto ele estava mal pelo fim de seu relacionamento me deixou muito chateado. Steve e Kate eram um só desde os quinze anos, não podia imaginar os dois separados.

— Tudo bem, a culpa não é de ninguém a não ser minha por não reparar o que minha mulher precisava. — Olhou para mim e suspirou. — Mas não vamos me ouvir lamentar. Você tá sumido, Drew! A Marinha te engoliu, foi?

Sorri para ele e me sentei pedindo uma cerveja.

— Andei um pouco afastado, as coisas aqui me deixavam um pouco deprimido.

Ele arqueou as sobrancelhas, Steve sabia de toda minha história com Alysson e deveria entender que o que me deprimia era ver a minha mulher nos braços de outra pessoa.

— As coisas ou as pessoas?

— Os dois, eu acho!

— E agora, não mais?

Sorri para o meu amigo que já devia saber que eu não perderia tempo se tivesse uma chance.

— Agora eu estou apreciando bastante minha cidade!

Steve assentiu e olhou de novo para as garrafas, acho que ele estava hipnotizado. Ou pensava em qual seria a próxima que iria esvaziar.

— Vi Alysson se extinguindo a cada ano, Drew. Eu e Kate conversávamos muito sobre a escolha errada que ela fez e tudo que resultou. — Deu uma risada amarga. — E nem prestamos atenção em nossas vidas.

— Mas vocês estão separados há muito tempo?

— Uma semana maldita!

— Às vezes ainda tem tempo de se reconciliarem.

— Não sei, foi muito doloroso tudo o que discutimos. Não acho que tenha sobrado alguma coisa.

Coloquei uma mão em seu ombro tentando dar algum conforto.

— Não desanime, se ainda existe amor há uma forma de consertar tudo, cara. Vocês sempre foram tão apaixonados.

Ele assentiu e vi que levou uma mão ao rosto enxugando uma lágrima.

— Vamos ver, mas voltando. Achávamos que você faria alguma coisa quando voltou por Sophie, foi triste ver como ela era tratada pela família do Ethan e ele não fazia nada.

Se todo mundo percebia o que ela vivia, por que todos só eram elogios ao Ethan e não faziam nada para ajudar?

— Eu sei, me arrependo amargamente de não ter interferido, você não tem ideia. Mas agora ela está me reconquistando.

Steve sorriu e olhou em meus olhos como um velho amigo que estava ali para me ajudar.

— E você tá pronto para ajudá-la agora, certo?

Eu estava mais que pronto e diria a quem quisesse escutar exatamente

isso!

— Ajudar a quem, Andrew? Que eu saiba, você só destrói corações! — A voz iria me perseguir a minha vida toda.

Olhei para trás e vi Ellen parada com um sorriso afetado no rosto. Revirei os olhos e olhei para Steve, que também fez uma careta ignorando a recém-chegada. Pelo menos tentando. Ninguém ignorava aquela víbora tão facilmente.

— Nada que seja da sua conta, Ellen! — Fui grosso de propósito mesmo para ver se ela se mandava.

Os saltos dela clicaram no chão enquanto se aproximava. Pude sentir o exato momento em que se aproximou e então colocou a mão em meu ombro. Revirei os olhos, entediado. Por que a mulher simplesmente não cansava de destilar veneno? Por que eu sabia que não seria uma conversa amigável de velhos conhecidos?

— Oh, querido! Não fala assim comigo que fico muito tristinha com você. — Tentei não revirar os olhos de novo, mas estava sendo difícil depois daquela voz exageradamente doce.

— Sem conversas paralelas, Ellen. Sabemos que você veio falar comigo por algum motivo. Fala de uma vez. — Me virei no banco e bebi mais um gole da minha cerveja olhando pra ela muito sério.

A louca ainda fez biquinho, mas imediatamente mudou a expressão de seu rosto para quem ela realmente era.

— Fiquei sabendo que a sem graça da Alysson foi viajar com a minha sobrinha, tomara que não fique enchendo a cabeça da menina de sonhos tolos iguais aos que ela tinha. — Riu, muito feliz consigo mesma. — Meu irmão fez bem em colocar um freio nela quando casaram. Ele sempre seguiu meus conselhos. Mas eu queria ver se você sabe pra onde elas foram. Minha mãe queria participar do aniversário da neta, mulher mais sem coração de separar as duas logo depois de perdermos o Ethan.

Olhei para Steve, que apenas sacudiu a cabeça, inconformado com o

monte de sujeira que ela vomitava.

— E você se sente bem consigo mesma em saber que o motivo do seu irmão quase ter destruído a personalidade da Alysson foi por um conselho idiota e desnecessário seu?

Ela ficou séria ouvindo a gravidade na minha voz, eu já tinha dado de ombros e tirado as mãos nojentas do meu ombro.

— Andrew, ela iria arruinar meu irmão. Imagina, fazer dele um fraco e sem pulso firme. Fora que se criasse a menina do jeito que ela era seria mais uma sem cérebro sonhando em ser o que não lhe convém.

— Ah, e o que ela tem que ser? Maldosa e peçonhenta como você? Não fale da Alysson ou Sophie comigo. Na verdade, Ellen, nem se aproxime de mim. Passar bem… Ah, e eu nunca diria pra onde elas foram já que a intenção foi ficar longe mesmo de vocês.

Me virei de costas, não iria embora por causa dela. Senti que ainda estava ali e pude contar nos dedos de uma mão quanto tempo ela iria explodir. Ellen não gostava de ser ignorada, muito menos em público.

— Você só está defendendo ela por gostar de transar com aquela mulher que só entrou no meu caminho para atrapalhar. E quem sabe Sophie não seja sua filha, não é? Já que nunca respeitou meu irmão, não duvido nada. E eu disse a ele assim que se casou sobre a minha desconfiança que vocês tenham tido alguma coisa, contudo Ethan era cego e apaixonado demais.

Devagar, eu me virei e aproximei meu rosto do dela. Estava explodindo de ódio por tudo que estava dizendo sobre Alysson.

— Acho que você deve lavar essa sua boca que pinga veneno para falar qualquer coisa sobre Alysson. E muito menos sobre Sophie. Como tia não deveria pensar dessa forma. E como pode ter feito isso? Não pensa que talvez por sua intriga tenha atrapalhado a vida do seu irmão? Você não ama ninguém, Ellen, só a si mesma. Agora vai embora logo, sua presença aqui não é bem-vinda. Ou ainda não percebeu? — Fiz um gesto com a cabeça indicando para que ela olhasse em volta.

As pessoas a observavam com expressão de raiva, nojo e outras coisas. Ela olhou e pareceu um pouco assustada ao ver que não devia estar ali dizendo todas aquelas coisas maldosas. Seus olhos se estreitaram em duas fendas e então ela saiu marchando pela porta. Quando ela se foi, suspirei aliviado.

Me virei pensando em milhares de coisas, isso ainda iria dar falatório e precisava avisar Alysson do que ela andava espalhando e insinuando.

— Eu não sei como você conseguiu ficar com essa daí. A mulher tem mais veneno que uma cascavel.

Olhei para Steve com cara de poucos amigos, ele riu voltando para sua fossa. Mas meu amigo tinha razão. Ellen era uma mulher vingativa espalhando discórdia e perigosa, precisava de cuidados redobrados. E eu sabia como avisar Alysson de tudo que acontecia ali sem que tivesse que esperar a sua volta.

***

Meus olhos demoraram um pouco para captar o que acontecia na minha frente. Desde que coloquei os pés em Orlando só tinha em mente encontrar minhas meninas e passar aquele dia especial ao lado delas, apenas aproveitando o tempo.

Mas quando me indicaram o restaurante para que pudesse encontrá-las, eu não sabia que iria me deparar com Alysson sorrindo para um cara estranho enquanto Sophie brincava com dois meninos maiores.

Que merda era aquela?

Me aproximei e ouvi o flerte que o cara fez a Alysson, decidi me fazer presente. Vi cada sentimento que passou nos olhos da minha AJ quando me viu. Passou de surpresa a desejo em um segundo.

Sophie pulou em meus braços e quando disse que seu pedido de aniversário tinha sido a minha presença, juro que me segurei para não chorar.

Apertei ela mais um pouco e olhei para Alysson que estava sem graça, sentada ao lado daquele barbudo enxerido.

— Andrew, o que está fazendo aqui? — Deu um sorriso sem jeito perguntando mais uma vez.

Eu me levantei e coloquei Sophie em seu lugar novamente. Olhei para o lado e peguei uma cadeira extra me sentando ao lado da minha pequena. Olhei para AJ e sorri o sorriso mais amplo e sincero que consegui.

— Precisava ver vocês duas e trazer o presente da Sophie. Por que, estou atrapalhando alguma coisa? — Olhei para o acompanhante da minha mulher, que estreitou os olhos. O quê? Estava com ciúmes mesmo!

Ela arregalou os olhos percebendo o que estava insinuando e olhou para o cara.

— Oh, não, de forma alguma! É muito bom que esteja aqui, na verdade. Sophie falou de você todos esses dias. Ela sentiu sua falta.

Mordi meu lábio e olhei para aqueles olhos que tanto senti falta naquela semana. Eu só precisava estar com elas e mais nada. E quando enfim chego encontro aquele gavião rondando minha mulher. Não podia deixar ela sozinha, é? Pois bem, não sairia dali.

— Só ela?

Naquele momento parecia que só tinha nós dois, Aly olhou pra mim e sorriu.

— Bem… — Ele suspirou e levou um susto quando o acompanhante pigarreou. Ela olhou pra ele e arregalou os olhos, sorrindo. — Me desculpe. Andrew, esse é Brad e seus filhos, Brad esse é o padrinho da Sophie.

O idiota que até então tinha ficado em silêncio, bom pra ele. Estendeu a mão para me cumprimentar. Sua expressão tinha mudado desde que me viu. Ele sabia que Alysson não estava sozinha.

— Prazer, Andrew, estava aqui prestes a convidar Alysson para uma volta à noite. O hotel tem um serviço de babá maravilhoso. Tenho certeza de

que será encantador para ela conhecer a noite de Orlando. Mas já que chegou pode ficar com Sophie para que eul leve Alysson para um passeio, não?

Ele estava me provocando? Mas eu não daria o gostinho de ver que estava com ciúmes. Sorri para ele e chamei o garçom pedindo uma água. Quando se afastou eu estava mais calmo, então olhei pra ele.

— Tenho certeza de que será maravilhoso, não é, AJ? Podemos sair em três! Sophie não precisa de mim exatamente, ela se dá bem com todos e ficará bem com a babá do hotel.

— Trê… Três? — ela quase se engasgou.

— Sim, será ótimo conhecer um amigo da minha menina.

Sabia que estava jogando alto ali e se Alysson se irritasse eu iria me dar muito mal. Ela arqueou as sobrancelhas e estreitou os olhos. Eu sorri para ela, que ruborizou.

— Acho que seria sim, Drew! Você vai ficar até amanhã para podermos conhecer a noite com o Brad?

Minha água chegou, dei um gole e suspirei sorrindo olhando de um para o outro.

— Meu amor, não saio daqui sem vocês!

22

Alysson

Como agir quando se percebe que está no meio de um jogo?

Foi assim que me senti quando Andrew propôs aquela “saída” a três. Não entendi qual era a intenção dele, mesmo percebendo que tinha ficado bravo com a insinuação de Brad para que ficasse com Sophie, porém a *AJ* aceitaria, já que era um encontro entre amigos. E foi o que me fez concordar.

Andrew sorriu amplamente e bebeu mais de sua água.

— Então, Brad! O que me diz? Aceita mais um integrante no seu *tour* pela noite de Orlando? — E ele disse isso com o sorriso mais amigável do mundo, mas tinha alguma coisa ali.

Olhei para Brad, que parecia ter engolido uma bola de basquete.

— É… bem. Acho que nesse caso eu iria atrapalhar vocês, que claramente querem ficar juntos. Acredito que estou sendo um intruso nesse meio.

Eu iria dizer a ele que não precisava se preocupar, já que não lhe dei nenhum indício de querer algo com ele. Apenas fiz amizade com um cara simpático.

Porém, nem tive chance de dizer nada!

— Você é um cara esperto, Brad! Gostei de você. — Andrew piscou, sorrindo.

O quê? Achei que ele estava sendo legal e queria mesmo fazer amizade,

mas não. Ele estava com ciúmes! Como não percebi isso? E que atitude de macho alfa era aquela?

— Andrew, por favor? Pare com isso! Brad não estava insinuando nada, apenas conversávamos como amigos.

Ele revirou os olhos e bufou, olhando para mim.

— Para você pode ser, mas percebi na voz dele o que queria. E você é minha, Alysson!

Olhei para Sophie e percebi que ela estava alheia a toda conversa porque prestava atenção no jogo que o filho de Brad mostrava a ela. Como depois de tudo que ele sabia que eu passei, tinha a audácia de me tratar daquela forma? Eu não podia aceitar ser controlada por mais ninguém ou acabaria caindo no mesmo poço, só mudaria o nome do homem que achava que tinha algum poder sobre mim. Além do mais eu não estava fazendo nada de mais, apenas conversava com alguém legal e interessante. Por que só com as mulheres isso é errado? Homem não tem amiga?

— Eu não sou de ninguém. Antes de você chegar, eu estava prestes a dizer ao Brad que não queria nada mais que amizade e, como você sempre vem me dizendo que preciso a voltar a ser eu mesma, fiz amizade, conversava normalmente… Agora me vem com esse ciúme idiota e atitudes de posse? Eu não sou posse de mais ninguém, me ouviu? — Olhei para Brad que estava sem graça. — Podem ficar aí medindo qual ego é maior porque eu vou levar minha filha para aproveitar seu aniversário. Vem, filha, vamos!

Sophie olhou para mim e viu que não estava muito bem, não disse nada e se levantou me dando a mão. Nem mesmo tentou chamar o padrinho, me acompanhou sem dizer uma palavra.

Eu estava quase soltando fumaça de tanta raiva. Caminhamos sem olhar para trás e saímos do restaurante. Meus ouvidos zumbiam, mas consegui ouvir ele me chamando.

— Alysson, espera, por favor. — *Por que ele tinha que estragar tudo daquele jeito?*

Me virei e olhei para ele, que parou logo que se aproximou. Levei minha filha até a calçada e pedi para que me esperasse ali e não saísse por nada. Não queria que ela me ouvisse falando com Andrew.

— O que foi? Já cansou de parecer um idiota?

Ele respirou fundo e abaixou a cabeça parecendo realmente arrependido, olhou para mim com tristeza.

— Desculpa, pensei que você tinha entrado na brincadeira.

— Brincadeira? Dizer que eu pertenço a você é alguma brincadeira? Andrew, no começo achei que era maduro e que estava mesmo interessado em fazer amizade. Mas me enganei, né?

Ele respirou fundo, passou a mão pela cabeça e olhou para o lado.

— Eu sinto muito, não estou acostumado a me sentir assim. O cara estava querendo muito mais do que você queria dar, é um estranho… Mas nada justifica minha atitude machista, desculpa!

Estreitei meus olhos e percebi que ele tinha razão em partes e eu já estava percebendo as intenções do Brad. Já iria dizer que não queria nada mais quando Andrew chegou. Fiquei tão feliz com sua presença que entrei totalmente em seu jogo.

— Bem, espero que isso não se repita. Não sou mais troféu de ninguém. OK? — Ele assentiu com aqueles olhos que eram capazes de me derrubar. — Agora vamos, Sophie não precisa passar o aniversário vendo a gente se desentender.

Olhei para minha filha sentada na beirada da calçada olhando os carros passarem na rua, queria abraçá-la e não soltar mais. Drew assentiu, mas segurou minha mão antes que eu pudesse dar um passo.

— Espera um pouco, tenho que dar meu presente pra ela. — Se afastou para resgatar o pacote que tinha ficado no restaurante.

Nem olhei para ele e me juntei a Sophie. Quando me sentei ao seu lado, ela me olhou com cuidado e então sorriu.

— Você não está mais *bava*? — Sorri para minha filha e passei a mão em seu rosto macio.

— Não, meu amor. Já passou.

— Que bom, não gosto de te ver *bava*, mamãe. Tio Drew fez alguma coisa errada, não é?

Peguei seu queixo entre meus dedos e aproximei meu nariz do dela dando um beijo de esquimó.

— Fez, mas agora está tudo bem.

— Que bom porque não dá pra ele ser meu papai se estiver *bigado* com você, mamãe.

Fiquei de boca aberta sem saber como responder aquilo. Sophie tinha colocado aquele assunto na cabeça e eu estava começando a ficar assustada.

— Ei, princesa. Olha seu presente de aniversário. — Olhamos para ele que caminhava em nossa direção com aquele sorriso lindo.

Andrew se sentou ao nosso lado e a abraçou apertado, colocou uma caixa com papel rosa no colo de Sophie.

— Vai, abre!

Sophie olhou para mim e sorriu abrindo cuidadosamente o embrulho bonito. Quando viu a caixa seus olhos brilharam de felicidade e não podia deixar de me apaixonar um pouco mais por aquele homem ciumento e cheio de defeitos que me deixava encantada.

Dentro da caixa havia uma boneca vestida de jogadora de beisebol com um taco na mão em posição de jogo.

— Uau, é uma princesa jogadora. Eu amei, tio Drew! Só faltou uma coisa.

Meu Deus, ela tinha acabado de ganhar um presente e queria mais?

— Sophie!

— Tudo bem, Aly. — Andrew olhou para mim sorrindo e balançou a

cabeça, ele achava tudo que ela fazia engraçado. — Pode falar, meu amor! — Bagunçou os cabelos da minha filha, que o encarava atentamente.

— Eu quero que você se case com a mamãe e assim a gente fique mais perto um do outro.

Oh, meus Deus! Arregalei meus olhos tentando me desculpar com Andrew, que apenas arqueou as sobrancelhas e olhou para Sophie com carinho.

— Bom, isso não é assim de uma hora pra outra, meu amor. Tem que ter calma e ver como tudo fica, ok? Mas prometo estar por perto o tempo que for preciso.

Ela abaixou a cabeça olhando a boneca em suas mãos e mexeu no boné dela.

— Se você diz eu acredito! Agora temos que ir, a diversão nos espera.

Levantou-se e com a boneca nas mãos deu três passos pra longe de nós. Olhou para trás e nos chamou com a mão.

Olhei para Andrew que me encarava com tanto carinho que meu coração deu um solavanco.

— Fomos convocados, eu acho.

— Então temos que ir!

Ele se levantou e estendeu a mão para mim num convite muito maior do que representava. Olhei para aqueles olhos que habitaram meus sonhos por tantos anos; para o amigo que esteve presente, mesmo estando longe; para o homem que havia me ajudado a encontrar a mim mesma… Então eu peguei a sua mão e o acompanhei para onde aquilo poderia nos levar.

***

O dia passou muito bem, nos divertimos bastante e Andrew se mostrou ainda melhor do que eu esperava. Achei que depois da nossa pequena

discussão iria mudar as coisas e iríamos ficar travados, como acontecia com Ethan. Porém, mais uma vez, ele se mostrou distinto, era como se nada tivesse acontecido e passou o dia agradando Sophie e a mim.

Quando ele olhava em minha direção, eu sentia o meu coração acelerando, minhas mãos suavam, sentia um frio no estômago de antecipação para o que seria dali pra frente.

Se eu estava cogitando ficar com ele? Sim, mas ainda precisava avaliar cada passo, mesmo porque não era só a mim que envolvia.

Chegamos ao hotel e ele foi até seu quarto tomar um banho, disse que logo voltaria para conversarmos. Dei banho na minha menina e a arrumei com um pijama confortável. Ela deitou na cama e foi assistir seus desenhos favoritos. O hotel tinha uma programação toda da Disney, achei que era proposital.

Entrei debaixo da ducha quente e deixei que o cansaço daquele final de semana se instalasse, afinal foi muita diversão e meu corpo, assim como a mente, não estavam acostumados a isso. Eu fiquei exausta, de uma maneira boa e adoraria repetir aquela experiência no próximo final de semana. Afastar-me daquela cidade foi maravilhoso.

Quando saí ouvi que a campainha do quarto tocava e vesti um robe enrolando os cabelos na toalha. Espiei pelo olho mágico e vi que era Andrew, parado do lado de fora, vestido impecavelmente.

Abri a porta com a testa franzida e sorri. Onde ele poderia ficar mais bonito? Aquela calça preta social e a camisa azul de manga longa que estava dobrada até os cotovelos simplesmente me deixaram de água na boca. Andrew estava mais lindo ainda, se fosse possível.

— O que você está fazendo aqui? — Eu sei, foi o que me veio na boca naquela hora.

Dê um desconto, eu estava em choque com o homem parado à minha frente.

— Eu nunca vi você mais linda que agora, a não ser aquele dia na sua

casa, com os cabelos molhados e me olhando daquela forma que simplesmente me fez incendiar. — Sorriu mordendo os lábios. — Parece que nossos melhores encontros envolvem você enrolada em uma toalha.

Meu coração disparou e senti meu corpo todo esquentando. O que tinha nele que me deixava daquele jeito? Isso desde a primeira vez que nos vimos.

Pigarreei um pouco para tentar focar em nossa conversa.

— Acho que não é uma boa ideia falar essas coisas agora!

— Eu acho que é sim! Mulheres devem ouvir coisas bonitas o tempo todo. — Piscou um olho, charmoso. — Eu vim te convidar para um *tour* em Orlando. Eu já estive aqui e quero te mostrar como é a diversão à noite.

— E Sophie?

— O hotel tem um ótimo programa de babás. Pelo menos, isso o idiota do Brad tinha razão. — Revirou os olhos, bufando. — Eu já pedi uma para ficar com Sophie — Olhou o relógio de pulso. — Você tem meia hora para se arrumar.

Coloquei a mão na cintura e meu primeiro impulso foi negar, não estava acostumada a deixar minha filha com estranhos. Mas o hotel era muito bem recomendado, tinha bons profissionais, isso eu sabia porque procurei milhares de referências antes de fazer a reserva.

— Você está mandando em mim?

Ele se aproximou um passo e encostou o peito forte nos meus seios que já estavam sensíveis. Com a mão direita pegou meu queixo entre os dedos e sorriu ao aproximar a boca da minha.

— De forma alguma, só quero te levar pra sair. Passar uma noite agradável ao seu lado. Não é nenhum pecado…

Engoli em seco e olhei aqueles olhos azuis tão intensos.

— É quando o que você diz me faz pensar em milhares de coisas, que não posso fazer neste momento.

— Mas são coisas boas, então Deus perdoa. — Seus lábios macios

tocaram os meus e ele se afastou logo em seguida, me deixando um pouco desnorteada. — Então vamos ou preciso cancelar a babá? Podemos passar a noite vendo filmes de criança e comendo pipoca.

Ele era tão doce! Sorri e me afastei dando espaço para que ele pudesse entrar.

— Acho que podemos ver filmes e comer pipoca em casa, não?

Andrew sorriu, sedutor, e entrou fechando a porta.

— Onde tá a princesa?

— No quarto vendo um filme!

— Ok, vá se arrumar que eu te espero o tempo que for. Só que meia-noite eu viro sapo, ok? Não demore muito!

Rindo ele se afastou e deixou que eu ficasse ali olhando para suas costas imaginando… Se tivéssemos ficando juntos na época que nos conhecemos teria sido esse sentimento de companheirismo e amizade, amor e desejo?

Não tinha como saber porque o tempo não volta, mas eu sempre acreditei que as coisas acontecem em seu tempo certo. Não tem isso nem aquilo, o velho e famoso *e se*, poderia não ser da forma que queríamos e muitas vezes nos tornamos alguém diferente por superarmos obstáculos em nossas vidas.

E por mais que pudesse ser estranho para algumas pessoas, eu me orgulhava em quem eu tinha me tornado.

Entrei em meu quarto e olhei as roupas que tinha levado, nenhuma era tão glamorosa para uma noite com o homem mais lindo. Ele estava impecável vestido daquele jeito. Era um Andrew que eu não conhecia muito bem. O namorador. Na verdade, eu conhecia, mas não estava mais acostumada. Ele foi meu amigo por tantos anos. E me esforcei tanto para não o ver de outra forma que acabei me adaptando. Enxergar ele com outros olhos tinha me dado um baque e não sabia se poderia me recuperar.

Tinha levado um vestido preto com um corte que se encaixava em meu

corpo da melhor maneira. Não sabia por que o coloquei na mala, mas ainda bem que o levei.

Fiz uma maquiagem bem marcada para dar um *up* no vestido e soltei os cabelos, o secando com o secador do hotel; por meu cabelo ser liso não tive problemas para ajeitá-lo com tanta pressa. Ficou volumoso e com um brilho bonito, passei batom vermelho nos lábios e coloquei meu salto médio. Respirei fundo quando me olhei no espelho.

Acho que já estava na hora de assumir minha vida, e agora seria pra valer.

Quando entrei no quarto, a babá já estava ali, mas nada do Andrew. Apresentei-me e gostei muito da mocinha. Ela devia ter por volta de dezessete anos e era muito doce, já tinha feito amizade com Sophie, falavam sem parar do desenho que assistiam.

— Nossa, mamãe, você está linda.

A menina, que se chamava Stacey, sorriu e se sentou me olhando atentamente.

— Está mesmo, senhora Turner.

— Obrigada, meninas. É muita gentileza das duas! — Aproximei-me abracei Sophie, ela grudou em meu pescoço e me deu um beijo estalado. — Onde está o tio Andrew, meu amor?

Ela sorriu amplamente olhando para a entrada do quarto.

— Ali! — Apontou com o dedo para a porta e me virei, como se estivesse em câmera lenta, me deparando com meu príncipe que me esperava para uma noite no baile.

— Estou com a carruagem a postos, princesa… Está pronta?

Ah, sim! Eu estava pronta há sete anos!

23

Andrew

E mesmo depois de tantos anos convivendo com ela, ainda não havia me acostumado com sua beleza. A cada momento era uma surpresa diferente e maravilhosa. Nunca deixaria de apreciar o quanto ela era especial em minha vida.

Quando a babá chegou deixei-a com Sophie e fui até meu quarto buscar uma coisa que havia me esquecido, algo muito importante para a noite, assim que voltei e ouvi as vozes no quarto abri um sorriso e fui me juntar ao papo animado.

Porém, ao chegar à porta do quarto, eu simplesmente estaquei ao ver a beleza da Alysson. Ela simplesmente irradiava, parecia a mulher maravilhosa que era, não se escondeu nem tentou agradar ninguém que não fosse ela mesma. Eu sabia disso só olhando para ela.

— Estou com a carruagem a postos, princesa… Está pronta?

Ela sorriu e se virou dando instruções para a babá, depois disse a Sophie que se precisasse de qualquer coisa era para ligar para seu celular e que o número estava em cima da cabeceira. Deu um beijo na filha e se despediu, quando ela se virou para mim vi em seus olhos um brilho de determinação que eu não tinha visto ainda. Aquele brilho significava tanto que mal pude me manter de pé.

Quando Aly se aproximou, olhando intensamente em meus olhos, seu sorriso malicioso iluminou o quarto. Ela mordeu os lábios e piscou.

— Estou pronta!

Ai, meu coração! Como resistir a uma noite de tortura? Não podíamos pular a parte do restaurante?

Sorri para ela e pisquei um olho, cúmplice do que se passava em seu interior.

— Então vamos… — Dei passagem e ela andou à minha frente sem se virar até que chegamos ao elevador, lá a mulher parecia que iria me devorar a qualquer minuto.

E eu? Bem, estava ansioso para que isso realmente acontecesse.

— Por que está me olhando assim, Aly? — Ok, confesso que estava ficando ansioso para ouvir daquela boca deliciosa exatamente o que eu queria escutar.

Ela sorriu maliciosamente e deu um passo em minha direção, virou a cabeça de lado e suspirou.

— Só estou pensando…

Arqueei uma sobrancelha. Droga, fui provocar agora iria pagar as consequências.

— Em quê?

Ela respirou fundo o que fez seus seios subirem deixando o decote ainda mais convidativo.

— Você é bem curioso! Não sei se quero dividir meus pensamentos agora. — E mais um passo ela estava bem na minha frente, podia sentir o calor de seu corpo me martirizar.

Estendi uma mão e passei as costas dos dedos em seu rosto macio e delicado.

— Não é questão de ser curioso, meu amor. A questão aqui é que você está me olhando como se fosse me comer, e estou ansioso para que isso se concretize.

O sorriso de Alysson apenas ficou maior, seus olhos estavam luminosos de desejo e diversão.

— Engraçado como parece que você lê meus pensamentos, Andrew Cooper. Mas agora não poderei te *comer*, como você diz.

Respirei profundamente ao finalmente ouvir o que queria, Alysson me devoraria assim como eu a ela. Mal podia me conter, à espera de que se realizasse.

— E por que não? — Eu já havia diminuído a nossa distância para zero colando nossos corpos, deixando claro a ela o quanto a desejava.

— Porque já chegamos!

Ela deu um passo atrás e saiu do elevador, olhando sobre o ombro o estrago que havia feito em meu sistema imunológico, cerebral, todas essas coisas… Em todos os sistemas malditos! Droga, a mulher estava disposta a me enlouquecer naquela noite.

Eu a alcancei antes que saísse do hotel, peguei em sua mão e entrelacei meus dedos nos dela, num gesto simples e sem qualquer intenção.

Alysson parou e olhou nossas mãos unidas por um longo minuto, levantou os olhos até encarar os meus e com o coração apertado vi que seus lindos olhos estavam marejados. A emoção contida neles só podia ser decifrada por quem a conhecia bem e entendia que aquele simples gesto significava demais para ela.

Então sorriu e continuou a andar, agora com um sorriso de satisfação no rosto.

Aquilo tanto me deixou feliz quanto com raiva. O que Ethan fez com ela me deixava completamente puto da vida! Engoli em seco o nó que tinha se formado em minha garganta. Respirei fundo e deixei pra lá, por enquanto não estragaria nossa noite pedindo explicações.

Ela estava tão feliz! Que o falecido permanecesse enterrado.

A guiei pela calçada, achei que seria uma boa ideia irmos andando até o

restaurante, já que era perto. Seria perfeito para que mostrasse a noite iluminada do lugar.

Era encantador. Toda a magia que existia durante o dia — pela qual as crianças e adultos se apaixonavam — era amplificada à noite.

— Acho que poderia simplesmente morar aqui. É lindo! — Sua cabeça girava olhando para todos os lados e AJ sorria como uma criança.

— É sim… — Eu nem estava olhando para outro lugar que não fosse para ela, que resplandecia. Quando me dei conta estávamos em frente ao restaurante, parei e apertei sua mão delicadamente. — Chegamos, princesa.

Alysson olhou para onde eu apontava e abriu a boca surpresa, virou-se para mim com os olhos arregalados.

O restaurante parecia um castelo e realmente remetia a princesas dos contos de fadas. Acreditava que essa era a intenção, que as pessoas se sentissem em meio a uma história de romance, por isso eu quis levá-la ali. Era perfeito!

Até mesmo os garçons vestiam roupas de época com direito a perucas.

— Vamos? — Fiz uma reverência sorrindo e esperei.

Quando ela não tomou a frente me levantei para saber o porquê de seu silêncio e ela me olhava séria.

— Eu sei que fiz escolhas erradas, mas acho que tudo tem seu tempo, né?

Mesmo não dizendo claramente eu sabia do que ela estava falando. Me inclinei dando um beijo em seu rosto e sorri.

— Sim, meu amor! E agora é o nosso tempo!

Alysson assentiu e respirou fundo olhando para o restaurante, pegou minha mão e fomos até o *maître* que sorriu ao nos ver. Com um sotaque inglês fajuto ele nos levou até uma mesa encantadora perto da janela. Sentamo-nos e entreguei o cardápio para Aly, que me olhou com a testa franzida.

— Por que está me dando o cardápio, Andrew? — Ela riu parecendo nervosa e olhava para a pasta em sua mão como se fosse um bicho que estivesse prestes a mordê-la.

— Porque você vai pedir para nós, meu amor.

Ela pareceu meio confusa e olhou de mim para o cardápio sem saber o que fazer. Então respirou fundo e assentiu segurando-o mais firmemente. Ali era um restaurante “aparentemente” de época, mas a comida era bem diversificada, de vários países. Tinha de hambúrgueres até o mais sofisticado prato.

Analisou por um tempo e então sorriu.

— Você gosta de comida brasileira, Drew? — Olhou para mim por cima do cardápio.

— Sim, já provei alguns pratos, mas confesso que ainda tenho que conhecer outros. Você gosta?

Percorrendo os olhos pelo menu ela assentiu, parecendo bem concentrada.

— Sim, minha mãe é de família brasileira, você sabia? Aprendeu a cozinhar com a minha avó e faz maravilhas da culinária do país. Eu gosto muito!

Sorri ao perceber que eu não sabia exatamente de tudo sobre Alysson, não tinha a menor ideia de que ela era descendente de brasileiros e fiquei feliz por isso. Percebi que ainda havia muito para desvendar daquela mulher linda.

— Hum, e você tá vendo algum prato irresistível por aí?

Seu sorriso se ampliou e ela assentiu. Fechou o cardápio e fez sinal para que o garçom se aproximasse.

— Sim, acho que você vai gostar. — Olhou para cima quando o garçom parou ao nosso lado fazendo uma reverência. — Pode trazer duas moquecas de camarão razoavelmente picante, por favor?

O garçom arqueou uma sobrancelha e sorrindo anotou em seu bloco.

— Acompanhamento típico também?

— Sim, por favor! E um vinho suave para acompanhar.

Ele olhou para mim e piscou um olho se afastando para fazer o pedido. Me virei para Alysson, que sorria.

— Por que tenho com a impressão de que estou em apuros?

Ela sorriu e deu de ombros parecendo uma criança prestes a aprontar.

— Deve ser coisa da sua cabeça, Andrew. É só uma comida típica que você não conhece e está ficando inseguro, mas confie em mim. É maravilhosa!

— Eu imagino, mas ainda assim acho que estou em apuros.

Ela riu alto e jogou a cabeça para trás; foi a coisa mais linda que eu vi em anos. Alysson, livre daquela forma, era ainda mais bonita do que parecia. Se eu precisasse comer ferro triturado para que ela permanecesse assim, eu comeria sem pensar.

— Acho que você não está acostumado a apenas assistir, não é?

— Não, mas adorei vê-la fazendo isso.

Aly apoiou os cotovelos na mesa e cruzou os dedos, me observando atentamente.

— Obrigada!

Aquela simples palavra serviu para vários significados e eu fiquei humilhado pela grandiosidade que ela se referia. Meu coração bateu mais rápido e apenas assenti engolindo em seco. Meus olhos se recusavam a desviar dos dela, pareciam hipnotizados por sua beleza e eu só tive uma coisa na cabeça naquele momento.

— Eu quero assumir nosso relacionamento, AJ. Não vou mais ficar escondendo o que sempre senti por você.

Sinceramente? Achei que tinha acabado com a noite, imaginei milhares de cenas e em muitas delas eu ficaria sentado no restaurante sozinho com cara

de idiota enquanto ela ia embora ficar com a filha, com medo do que os outros iriam pensar.

Sabia desse risco e estava preparado para ele, tinha até um plano para contornar as coisas. Fiquei planejando isso a tarde toda enquanto nos divertíamos com Sophie, mas nada me preparou para o que realmente aconteceu.

Seus olhos azuis pareciam estrelas inalcançáveis e extremamente belas. Eles sempre brilharam em minha presença, porém eu os vi se apagando mais vezes do que gostaria de admitir, naquele momento eles refletiam exatamente o que se passava dentro do coração dela: amor, felicidade, desejo… liberdade!

— Eu não vou fugir mais, Andrew. Não quero esconder o que sempre senti por você também. — Respirou fundo e desviou o olhar parecendo um pouco insegura. — Sei que não vai ser fácil e que vão me julgar e condenar, mas sei também que você estará comigo.

Se eu não a amasse ainda, estaria perdido naquele momento. Seu voto de confiança era mais do que eu poderia pedir. Ainda mais vindo de uma mulher como ela, tão maravilhosa, mas que também viveu anos em um relacionamento destrutivo que a fez perder completamente a confiança em si mesma.

— Sempre! Em todos os momentos.

Estendi minha mão por cima da mesa e ela entrelaçou seus dedos nos meus. Sorrindo passou o polegar por minha mão.

— Fazia muito tempo que eu não andava de mãos dadas com alguém que não fosse a Sophie, foi muito bom.

— Foi mesmo, agora trate de se acostumar, minha mão não irá largar a sua.

Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas se calou e apenas ficamos nos olhando por alguns minutos. Logo fomos interrompidos pelo garçom que chegava com dois pratos fumegantes e com um aroma de dar água na boca. Ele nos serviu um vinho branco e deixou a garrafa em cima da mesa. Quando

se afastou, arqueei a sobrancelha e observei Alysson, que olhava a comida com adoração.

Peguei minha taça e esperei que ela me olhasse. Quando o fez eu a ergui.

— A nós, que esse seja o nosso novo começo.

Ela sorriu e pegou a taça dela, erguendo-a.

— A um relacionamento livre e apaixonante.

Brindamos com os olhos grudados um no outro e senti que aquele brinde seria um marco em nossas vidas. Aquele começo estaria em nossas memórias assim como nossa primeira vez na praia.

E a noite estava apenas começando…

24

Alysson

— E o que você acha que vai conseguir com isso, hã?

Andrew olhava para mim do outro lado da mesa depois de ter terminado seu prato, eu disse a ele que a comida era um pouco afrodisíaca por conta do dendê e a pimenta. O sorriso em seu rosto era enorme, parecia uma criança que havia descoberto um segredo sujo de seu amigo e por isso queria provocá-lo.

Me fingi de boba e dei de ombros colocando o guardanapo em cima da mesa.

— Nada, só te informando o fato! Não é nada comprovado cientificamente, mas minha avó dizia muito isso.

Ele estreitou os olhos e sorriu dando um gole no vinho, sem deixar de me encarar por cima da taça.

— Sei… E você acha que com essa informação vai conseguir alguma coisa? Tá querendo me seduzir, AJ?

— Quem sabe?

— Não precisa de muito para me seduzir. Na verdade, esse seu sorriso e olhar de safada já me deixa louco.

Bom, o que dizer depois de uma declaração assim? Fiquei sem palavras e o sem-vergonha apenas sorriu. Fez um sinal para o garçom e pediu a conta, tudo isso me encarando intensamente. Em seus olhos azuis podia ver

promessas que jamais imaginei serem cumpridas, em seu olhar tinha amor, admiração, desejo, paixão… Passei boa parte da minha vida tentando agradar as pessoas e esqueci completamente que eu também tinha necessidades. E isso incluía ter alguém me olhando daquela maneira… Como se fosse a única mulher do mundo inteiro!

Quando o garçom voltou com a conta ele pagou e se levantou estendendo a mão em minha direção, não disse uma palavra, aquilo era mais que um gesto educado. Era um convite!

Me neguei tanta coisa nesses anos que só se fosse louca para recusar um homem daqueles.

Coloquei minha mão na dele e saímos do restaurante em silêncio, apenas sentindo a presença um do outro. Meu coração martelava e sentia como se o ar fosse pouco, cheguei a abrir a boca, à procura de mais oxigênio.

Sinceramente não soube dizer como chegamos ao hotel, tudo se passou à minha frente como um borrão. Não havia nada mais para mim a não ser o toque quente de Andrew me puxando para a realidade. Tenho certeza de que se não fosse isso estaria aérea em meu próprio mundo de tanta felicidade que sentia.

Quando chegamos ao elevador, entramos e esperamos que as portas se fechassem. Graças a Deus ninguém entrou para nos atrapalhar, não parecia certo ter mais alguém ali dentro conosco, era como se estivéssemos dentro de uma bolha e ninguém mais era permitido entrar.

Andrew olhou para mim muito sério e senti como se algo muito importante estivesse prestes a acontecer.

— Eu quero te levar para o meu quarto, AJ!

Prendi a respiração em expectativa, Andrew deu um passo em minha direção. Essas provocações no elevador estavam virando rotina…

— E eu quero ir… Até quando a babá vai ficar com Sophie?

Ele sorriu e piscou um olho.

— Até quando você quiser… Mas o horário dela é até meia-noite, minha Cinderela.

Aquelas referências aos contos de fadas estavam muito divertidas e decidi entrar na onda, me aproximei um passo dele e sorri.

— Depois da meia-noite, você vai virar sapo ou abóbora?

— Hum, você terá que descobrir sozinha, meu amor. Então, te levo para dormir um sono tranquilo ou vai ver estrelas comigo?

Como resistir a um pedido desses e ainda com aquele olhar de menino travesso?

— Eu não tenho noção do dia exato que me perdi de mim mesma, mas sei o dia que me encontrei de novo.

— Espero que eu tenha estado nesse dia!

Ele se aproximou e enlaçou minha cintura com uma mão passando os dedos fortes em meu braço despido causando-me um arrepio dos pés à cabeça.

Ele esteve sim, o dia que finalmente me encontrei, foi na minha casa da praia, quando ele veio andando em minha direção com os olhos mais doces do mundo. Naquele dia eu pude me sentir de novo.

— Com certeza… — Minha voz estava falhando com o desejo que percorria minha alma.

Quando a campainha do elevador apitou nos olhamos por mais um segundo e então Andrew me levou pela mão, passamos por meu quarto e confesso que tive vontade de entrar para ver como Sophie estava. Coisa de mãe. Mas me controlei, ela estava bem, era uma menina esperta e se precisasse de alguma coisa já teria me ligado.

Segui um Andrew empolgado e aparentemente ansioso!

Quando ele abriu a porta do quarto, não acendeu a luz de imediato, apenas fechou a porta e dois segundos depois o cômodo foi iluminado, então pude ver o que me aguardava.

Parecia que meu acompanhante tinha tido muito trabalho depois que voltamos do passeio à tarde.

Meus olhos não captavam bem o que tinha à minha frente, parecia perfeito demais para ser real. O chão estava coberto por pétalas de rosas vermelhas, algumas velas espalhadas perto da cama, ainda apagadas, e em cima da cama, além de mais pétalas, havia dois roupões de seda que eram mais que convidativos.

Não soube como agir, meu coração batia rápido demais dificultando os meus pensamentos. Me virei para tentar dizer alguma coisa, alguma gracinha para aliviar o clima. Porém, me surpreendi, mais uma vez, ao me deparar com Andrew ajoelhado à minha frente sorrindo e segurando uma caixa de veludo.

— Ai, meu Jesus!

Ele arregalou os olhos e balançou a cabeça.

— Calma, Alysson! Não surta!

— Como não? Pelo amor de Deus, levanta desse chão, Andrew…

Ele negou e abaixou a cabeça respirando fundo. Abriu a caixa e quase me engasguei com o ar que puxei.

— Eu não vou te pedir em casamento agora, porque sei que você irá recusar. Eu te entendo perfeitamente e na verdade nem me importo. Afinal será apenas uma papelada que iremos assinar. Isso aqui não é um pedido de casamento, mas um pedido de fidelidade, AJ. — Levantou a cabeça olhando em meus olhos. — Nós nos conhecemos e deveríamos ter ficado juntos, mas por imaturidade minha eu a deixei escapar. Agora que tenho a chance de ficar ao lado da alma que foi feita do mesmo molde que a minha, não vou ser o mesmo otário. Eu estou fazendo um pedido para que sejamos fiéis ao que nascemos para ser, fiéis ao que sentimos… Viver nossas vidas juntos sem deixar que a rotina e o egocentrismo nos magoem. Eu quero apenas te fazer feliz e estar ao seu lado todos os minutos. Não é um pedido de casamento, Aly. É um pedido de união…

Tive muitos momentos em que perdi a fala, mas poucas foram as vezes

em que não havia realmente nada a dizer, apenas sentir. Meus olhos transbordaram o que tinha em meu coração. Me abaixei em frente a ele e envolvi seu rosto forte em minhas mãos. Andrew procurava em meu olhar por uma resposta e quando encontrou vi como mexeu com ele.

Capturei seus lábios em um beijo delicioso e cheio de promessas. Um beijo que selou um sentimento que estava em nossos corações por sete anos, apenas esperando para que pudesse se libertar. Ouvi quando Andrew soltou a caixa no chão e me puxou para seu corpo, deitando-me no carpete e acomodando o corpo em cima do meu.

Sem soltar meus lábios, ele foi me acariciando, sentindo cada curva, deixando em minha pele a memória de seu toque. Drew afastou os lábios dos meus quando sua mão parou em meu quadril.

— Eu não sei se devemos terminar aqui mesmo, ou se desarrumamos aquela cama.

Sorri ao ouvir em sua voz a preocupação sobre o meu conforto, ele poderia ser mais perfeito? Estiquei meu pescoço para olhar para a cama coberta de pétalas de rosas toda arrumadinha. Voltei a olhar para ele e estendi a mão cobrindo a dele com a minha.

— Eu acho que podemos ficar aqui. Está tão confortável, não acha?

Incentivei para que ele continuasse com a exploração em meu corpo com um empurrão. Andrew respirou fundo, e sério, me encarou intensamente.

— Sonhei com esse momento tantas vezes que você não faz ideia.

A voz dele estava embargada de emoção, mas não entendi muito bem o que ele quis dizer, afinal já tínhamos passado a noite juntos.

— Mas nós já dormimos juntos na minha casa. Esqueceu?

Ele suspirou e sorriu de lado como se estivesse se lembrando do dia que mencionei.

— Como vou me esquecer daquele dia, Alysson? Estou me referindo ao momento em que você aceitou estar comigo.

— E onde mais eu estaria, Andrew? — Drew ficou olhando em meus olhos, procurando por alguma coisa.

Acreditei que ao encontrar, ou não encontrar, ele se calou e voltou a me beijar com um ímpeto renovado, seus lábios quentes deslizavam sob os meus provocando e saboreando cada pedaço. Sentia seu hálito quente em meu rosto e meu corpo começou a se movimentar à procura de uma satisfação maior.

Entendendo exatamente o que eu queria, Andrew foi descendo por meu pescoço e colo beijando e mordiscando minha pele, fazendo com que arqueasse as costas em busca de mais. Em silêncio, a não ser por nossas respirações entrecortadas, ele tirou o meu vestido e fiquei apenas de calcinha na sua frente, já que não vestia sutiã.

— Sempre guardei na memória o quanto seu corpo é perfeito! Já te disse isso, não?

Assenti, sorrindo, e estendi a mão acariciando seu rosto.

— Sim, mas é sempre maravilhoso ouvir que eu te marquei tanto quanto você me marcou.

— Sempre, minha princesa. Sempre!

Com os olhos grudados nos meus, permeados de promessas, de juras e cumplicidade, nos entregamos um nos braços do outro em um ato de puro sentimento.

Estar em seus braços era como voltar para casa!

***

Senti como se tivesse entrado em órbita e, de repente, despencava em queda livre.

Era como se meu coração ficasse maior do que eu poderia suportar, era como se o ar estivesse demais, mas, ao mesmo tempo, me faltava.

Meus olhos estavam arregalados e eu tentava fazer com que tudo

voltasse ao normal para que eu conseguisse raciocinar novamente. Precisava dizer alguma coisa, ou, pelo menos, ser capaz de olhar para o Andrew, que também estava mudo como uma porta. Eu não conseguia ouvir nem mesmo a sua respiração, mas podia ser porque meus ouvidos zumbiam de tanta endorfina que percorria por meu corpo.

Dois infinitos segundos se passaram e então consegui virar a cabeça e percebi que estava sorrindo feito uma idiota. Foi tudo tão maravilhoso que temi acordar a qualquer minuto e perceber que estava no meu quarto com Sophie e tudo não ter passado de um sonho. Contudo, para minha felicidade ara real. Andrew, ao contrário de mim que estava alucinada de tanta alegria, já havia se recuperado e me olhava daquele jeitinho dele, ele estava deitado de lado com a caixa que havia sido esquecida na palma da mão.

— E então, Cinderela, virei abóbora ou sapo?

Ainda com a respiração entrecortada me virei de lado copiando sua posição e o encarei carinhosamente.

— Ainda não é meia-noite. Temos que esperar!

Ele assentiu, abriu a caixa e tirou duas alianças de prata; não me deu a maior, ele a colocou em seu dedo anelar da mão direita e pegou a menor olhando em meus olhos com um pedido secreto. Estendi a minha mão e senti meu corpo se arrepiar cada vez que o metal deslizava por meu dedo. Quando ela estava no lugar, Andrew levantou minha mão e beijou meus dedos com os olhos fechados.

Quando os abriu novamente eu me perdi naquela imensidão azul que havia a paz que eu sempre procurei, a aceitação que sempre desejei.

Em seus olhos azuis tinha o simples, singelo e irresistível amor.

25

Andrew

— Eu encontrei Ellen semana passada…

Alysson estava sentada na cama calçando as sandálias e então parou olhando para mim com a testa franzida. Eu já havia terminado de me arrumar e estava parado ao lado da porta esperando por ela, decidi que devia dizer logo o que poderia arruinar nossa noite.

— E o que isso tem a ver? Aquela mulher é como o vírus da gripe, está infestado em todos os lugares.

Sorri com a comparação e tive a confirmação de que ela estava mesmo mudada. Algum tempo atrás não faria piadas sobre Ellen, ficaria muito tensa e com medo. Apesar da descontração eu precisava contar o que Ellen tinha me dito, não podia deixá-la no escuro, afinal aquele era um dos motivos de eu ter ido atrás dela.

— Sim, mas é que ela disse algumas coisas, e eu preciso que você saiba. — Coloquei as mãos nos bolsos da calça e esperei que terminasse, quando o fez se levantou e parou à minha frente.

Respirou fundo e assentiu.

— Manda a bomba!

— Bom, ela chegou jogando indiretas como sempre, e eu recusei como sempre, insinuou algumas coisas e disse outras bem maldosas. Aly, eu percebi que foi ela e a mãe que fizeram do Ethan quem ele se tornou e acredito que

tenha envenenado o seu casamento.

Alysson bufou como se não fosse nenhuma novidade e deu de ombros.

— Eu sei disso, sempre soube. Minha esperança era que ele se desapegasse e me levasse embora da cidade. Mas não aconteceu. — Sua voz foi sumindo, pois estava claramente decepcionada e senti um nó se formar em minha garganta. — Continue!

— Então ela começou a falar sobre você e Sophie. — Vi que tensionou o corpo quando mencionei o nome da filha. — Disse que Sophie poderia não ser filha de Ethan, que poderia ser minha por eu defender tanto vocês. Disse que contou a ele depois do casamento a desconfiança que tinha de nós dois, acho que pode ter sido isso o motivo da mudança dele contigo. Fico com medo do que ela pode espalhar e o que pode refletir em Sophie.

Mamãe me disse uma vez que quando mexem com a cria de uma mãe, seja ela humana ou animal, em seus olhos pode se ver o fogo queimando, pronto para atingir quem magoou seu filhote.

Eu vi isso acontecer uma vez quando tinha oito anos e um menino mais velho me empurrou do escorregador. O que me rendeu um braço quebrado e gesso pelo mês todo. Mas minha mãe virou uma onça, procurou pela mãe do garoto e tirou satisfações dela, que não estava olhando as maldades que o filho estava fazendo. Eu realmente vi os olhos da minha mãe queimando.

Estava presenciando aquilo de novo nos olhos doces da Alysson. Sua respiração estava acelerada e o peito subia e descia rapidamente.

— Aquela mulher está precisando de uma lição, alguns corretivos que provavelmente não teve quando criança. Emma errou com os dois filhos e eles me fizeram sofrer por cinco anos, pelo menos um deles ouvirá tudo o que eu tenho a dizer, já que com o outro eu quase deixei me destruir. E se ela disse isso a ele mesmo e que realmente tenha mudado por causa de suas maldades, não importa mais. Passou! — Piscou os olhos e sorriu olhando para mim. — Vamos lá, está tarde e precisamos liberar a Ashley.

Se virou e abriu a porta sem olhar para mim, ouvi o barulho do salto

dela pelo corredor até que parou na porta do quarto e entrou. Preciso dizer que aquela “calma” me assustou um pouco. Achei que surtaria e xingaria todas as gerações daquela família, mas AJ em silêncio poderia ser mais perigosa do que uma surtada.

A segui até o quarto e vi quando ela abraçava Sophie e lhe dava um beijo na testa. Em seu ato carinhoso e protetor vi que estava pronta para atacar qualquer um que mexesse com a cria.

Ela se virou para a babá, que a observava com um sorriso no rosto, e também sorriu.

— Muito obrigada por tomar conta da minha menina, Stacey. Quanto eu te devo?

A menina sorriu.

— Foi um prazer, Sophie é um doce de menina. Tenho duas irmãs menores e ela me lembra muito delas. Você não me deve nada, senhora Turner. O hotel que acerta as contas, foi um prazer conhecer vocês, vou indo porque meu pai já deve estar me esperando no saguão. Tenham uma boa viagem de volta.

Stacey se despediu de todos e saiu nos deixando a sós, Sophie me olhava com curiosidade e chegou até fazer aquele gesto de colocar a mão na cintura e virar a cabeça de lado, que indicava que estava aprontando alguma.

— Vocês estão com aquele brilho de novo. Tem alguma coisa que precisam dividir comigo?

Arregalei meus olhos, com a impetuosidade de Sophie e pedi ajuda para Aly, que encarava a filha com curiosidade. Então ela olhou para mim e disparou em uma risada gostosa.

— Meu Deus, minha mãe me disse que ela iria me copiar, mas não pensei que seria tão parecida. Senhorita Sophie, é a mamãe que usa essa fala.

A pequena se virou para a mãe e deu o sorriso mais doce.

— Mas eu quero ser igual a você, então já estou treinando.

— Minha nossa… — Continuou a dialogar com a filha e sorria o tempo todo.

Esperei que o papo de mãe e filha terminasse e, então, Alysson olhou para mim e fez um gesto positivo com a cabeça. Eu me aproximei e agachei ficando da altura de Sophie.

— Ei, gatinha! Nós temos uma coisa para contar sim.

Sophie estreitou os olhinhos e sorriu.

— Acho que já sei.

— Sabe, é? — Fiz um carinho em seu pequeno nariz e sorri, era bem capaz de saber mesmo. A menina era muito esperta para a idade dela. — Então, me diz o que é? Se acertar, vai ganhar um sorvete amanhã.

O sorriso da pequena apenas se ampliou, olhou para mãe.

— Vocês casaram!

Alysson olhou para mim com surpresa no olhar, acredito que mais pela naturalidade com que a filha disse do que do que ela disse mesmo. Com os olhos arregalados, ela se juntou a nós e pegou a mão de Sophie.

— E por que diz isso, filha?

— Você tá muito bonita, mamãe. A vovó disse que quando você encontrasse sua alma gêmea ficaria ainda mais linda do que é. Isso é se casar, não é?

Não fiquei surpreso com as assimilações que ela fazia, crianças entendem as coisas da maneira delas, o casamento para Sophie era felicidade. Só me perguntava como ela classificava o relacionamento dos pais, já que claramente ela percebia que a mãe era infeliz.

— E quando sua avó disse isso? — Alysson parecia ter um nó na garganta dificultando sua voz.

— Antes do papai morrer, um dia que você estava muito triste eu perguntei a ela o porquê. — Deu de ombros e se soltou do meu abraço. — E ela me disse isso. Então, eu vou ganhar meu sorvete?

Olhou entre nós dois e apenas assenti sem conseguir dizer nada na verdade. Sophie tinha o poder de nos chocar da melhor maneira e nos tirar as palavras com simples declarações.

— Oba! Agora eu vou dormir pra amanhã chegar logo e ganhar meu sorvete. — Se atirou nos braços da mãe e a beijou estalado. — Boa noite, mamãe!

— Durma com os anjos, minha filha! — Aly abraçou a menina apertado e sorriu quando ela se soltou.

Sophie se virou para mim parecendo um pouco confusa por um instante, então logo sorriu e me abraçou também.

— Boa noite, tio Drew!

— Boa noite, princesa! — Dei-lhe um beijo na testa e ela foi para o quarto fechando a porta.

Me virei para Alysson, que permaneceu no lugar sorrindo e olhando para a porta fechada.

— Acho que nunca terei que me preocupar sobre as convicções da minha filha. A personalidade dela é forte demais para alguém dobrar, não acha?

Sorrindo, me levantei e a puxei comigo, encostei meus lábios nos dela e respirei fundo o perfume que desprendia de seus cabelos.

— Eu acho que você está criando uma mulher de fibra, fico com pena dos garotos que se apaixonarem por ela… Ou não.

Alysson riu e balançou a cabeça parecendo extremamente à vontade.

— Você é muito bobo, nem pense em Sophie com namorado. Meu Deus!

Deslizei meu nariz por seu pescoço delicado em uma carícia provocativa.

— Não vou pensar, agora só quero estar com você, Cinderela. Ainda temos alguns minutos antes da meia-noite. Não virei sapo ainda.

— Hum, e isso é bom! Mas será que vai virar abóbora? Tenho que confessar que não sou muito fã de abóbora, me dá indigestão.

— Engraçadinha, eu quero dormir com você. Posso?

Ela se afastou e olhando em meus olhos assentiu. Suspirei aliviado, estava com receio de que recusasse por causa de Sophie.

Fomos para o quarto e nos despimos, ela vestiu uma camisola e eu fiquei com o robe do hotel, eu não quis usar só cueca como era meu costume de dormir, não sabia se Sophie tinha costume de entrar no quarto da mãe e por respeito à menina permaneci um bom garoto.

Mas confesso que passar a noite abraçado com Alysson foi simplesmente perfeito.

O dia amanheceu rápido demais, eu não virei nem sapo nem abóbora, Aly fez questão de frisar. Tomamos café no quarto e então fui para o meu arrumar a mala para irmos embora. A viagem de magia tinha acabado.

Assim que chegamos ao saguão, Sophie cobrou o sorvete e eu prontamente atendi ao seu pedido. Esperamos que terminasse e fomos para o aeroporto como uma verdadeira família. Conversamos e prometemos voltar no ano seguinte para comemorar mais um aniversário da princesa.

Aquele lugar era mágico e Sophie ficou encantada com cada coisa que descobriu e conheceu.

Quando chegamos ao aeroporto esperamos por algum tempo para que chegasse a hora do nosso voo e, quando nos levantamos para fazer o *check-in*, demos de cara com o homem que queria pegar a minha AJ.

Alysson sorriu enquanto ele se aproximava.

— Comporte-se! — sussurrou sem me olhar.

Eu apenas estreitei os olhos para ele, que sorria daquele jeito de conquistador que eu conhecia bem. Afinal, também fui um desses anos atrás. Bem, pelo menos parecia que foi há anos.

— Olá, Alysson! Sophie! Já estão voltando para casa?

Não, seu besta. Estamos só passeando pelo aeroporto. Revirei os olhos com a pergunta idiota do cara.

O sem-vergonha nem olhou para mim, e olha que eu estava om o braço em volta dos ombros de Alysson.

— Sim, hora de voltar à realidade.

Ele riu e olhou para os filhos que estavam parados atrás dele entretidos com o videogame.

— É sempre muito difícil me separar dos dois. — Suspirou e sorriu olhando de volta para Aly. — Mas fazer o que, né? Vamos levando.

O filho da puta estava me ignorando de propósito. E parecia confidenciar coisa de pais solteiros com a minha mulher.

— Espero que sua noite tenha sido proveitosa, Brad! Conseguiu companhia para fazer o tour pela cidade? — Estava na hora do idiota admitir minha presença ali.

Me encarou como se me visse apenas naquele momento.

— Oh, não! Acabei ficando no quarto com os meninos assistindo TV e falando dos nossos planos para o resto ano. Quero levá-los para o Egito, eles são loucos para conhecer as pirâmides.

Dei um sorriso forçado.

— Ah, então foi bom porque já que você fica pouco com eles. Passar mais tempo com seus filhos pode ser melhor do que servir de vela, não? Agora temos que ir, passar bem.

Dei um puxão em Alysson, que tentava segurar o riso, então ela se despediu e fomos até o balcão de atendimento.

— Não acredito no que você disse, Andrew.

Entregamos nosso passaporte e passagem e então olhei para Alysson, que segurava a mão de Sophie.

— Meu amor, só disse o que estava claro. Ele precisa aproveitar os

filhos quando são crianças, depois que crescerem vai faltar tempo de todos os lados. Alguém tem que alertar esses pais. — Dei de ombros me fazendo de desentendido e ouvi a risada das duas.

Quando fomos liberados embarcamos no avião, prontos para retornar à nossa casa. Sim, eu dizia nossa, porque onde quer que aquelas duas estivessem seria o meu lar.

A viagem foi tranquila, Sophie não parava de falar que contaria as amigas da escola como foi o aniversário e que agora a mãe estava casada, portanto, ela tinha uma nova família. Vi que Alysson estava tensa, mas se esforçou para não dizer nada.

Nossos dedos ficaram entrelaçados todo o caminho e eu olhava a aliança na mão direita dela como se estivesse vendo uma obra-prima.

— Por que você me deu uma aliança? Não é costume aqui.

Sua voz doce me despertou e sorri olhando para ela quando percebi que Sophie havia parado de falar e estava entretida com o desenho animado.

— Não sei, precisava levar algo seu comigo sempre e queria algo meu com você. Pensei numa tatuagem, mas acredito que você não iria querer marcar sua pele com meu nome, certo? — Pisquei um olho de brincadeira e Alysson sorriu.

— Eu adorei!

— Eu sei…

Só aquela admissão me deixou completamente satisfeito. Saber que eu estava acertando com ela era mais do que poderia pedir.

Alysson passou o resto do tempo em silêncio e de olhos fechados. Assim que desembarcamos já planejamos passar em meu apartamento, pegar algumas coisas e ir direto para a casa de praia. Queria ficar o máximo de tempo ao lado delas, ainda nem tinha contado sobre a missão, o que daria bastante dor de cabeça.

Só não tínhamos ideia que nossos planos poderiam ser frustrados por

alguém que estava nos esperando no aeroporto.

— Ora, ora! Vejo que já se recuperou da perda do meu filho, não é, Alysson?

Parecia que nossa batalha estava começando antes mesmo do que previámos.

26

Alysson

Confesso que abaixei a cabeça muitas vezes quando a mãe de Ethan tinha alguma coisa a me dizer. Ficava mal, me sentia insuficiente para estar ao lado do filho dela. Passava dias achando que devia ter algo errado comigo por ser tão errada.

Olhando para Emma eu percebi o quanto estava equivocada em toda a situação. Acredito que só fizeram de mim o que bem entenderam porque eu deixei. Contudo, eu já havia acordado daquele feitiço, não estava sufocada no sono da obediência. E aquela família não brincaria mais comigo.

— Olá, Emma! O que está fazendo aqui?

Me surpreendi com a força em minha voz e tentei não sorrir de satisfação. A mãe de Ethan pareceu surpresa também e arregalou os olhos parecendo chocada.

— Vejo que continua espertinha. Eu vim ver minha neta e lhe dar feliz aniversário, já que você resolveu sumir com ela.

Ela nunca perderia aquela pose de superior, era algo que estava enraizado nela e que eu precisaria de força para mostrar a ela que as coisas haviam mudado.

— E não podia ter esperado estarmos em casa para fazer isso? — Arqueei uma sobrancelha olhando-a firmemente. — E eu não *sumi*, a levei para passear, claro que não lhe devo satisfações sobre o que eu faço com a

minha filha.

Emma nunca foi conhecida por ser uma mulher calma ou que levasse desaforos para casa. Quando tinha que ser grossa, era implacável. Eu nunca a vi sem palavras como naquele momento.

Andrew me puxou para perto dele com um braço, enlaçando minha cintura, dando o apoio que eu nem sabia que precisava ao enfrentar a mãe do Ethan.

E aquele gesto de carinho e proteção não passou despercebido por ela, que assentiu depois de alguns segundos nos encarando e sorrindo com escárnio.

— Eu vou para casa e nos falamos depois, *Alysson*. — Virou-se e foi embora, se misturando com as pessoas.

Nem mesmo olhou para Sophie ou falou com ela. Engraçado que tinha ido ali apenas para ver a neta, como havia dito.

Respirei fundo sentindo meus nervos à flor da pele, eu sabia que não tinha acabado. Logo ela voltaria com reforços e eu estava pronta para enfrentar o que quer que precisasse.

Abaixei a cabeça e olhei para minha filha, que já me observava com atenção. Sophie sorriu e apertou minha mão um pouco mais, nem havia percebido que ela estava segurando tão firmemente.

— Não fica nervosa, mamãe, você foi muito bem!

Franzi minha testa tentando entender como eu fui cega em não perceber que minha menina estava ligada a tudo que acontecia a sua volta e provavelmente viu as várias vezes que eu sofri com a pressão e sufocamento daquela família.

— Obrigada, minha linda. — Com a mão livre eu fiz um carinho em seu queixo e Sophie sorriu carinhosamente. — Agora, vamos logo que ainda temos que fazer aquela lasanha gostosa que prometemos ao Drew. Tá pronta para colocar a mão na massa?

Ela assentiu entusiasmada. Me virei para Andrew, que observava a nossa interação com um sorriso nos lábios. Ele me encarou e piscou um olho, aquele gesto simples e talvez automático tinha tantos significados que não conseguiria enumerá-los. Eles me davam tanto apoio que tive que me segurar para prender o choro.

Respirando profundamente, entrelaçando meus dedos nos dele e segurando firme a mão da minha filha, fomos juntos em direção a uma batalha iminente. Mas ao lado deles eu sabia que poderia vencer qualquer coisa.

***

Depois que chegamos da nossa viagem foi complicado voltar a rotina do dia a dia. Sophie tinha que ir à escola, eu precisava cuidar da livraria, Andrew precisava resolver algumas coisas — que eu não sabia o que era, mas não me incomodava porque confiava nele. Sentia falta dos dois a cada minuto em que passava longe, mas era bom me dedicar ao que amava. Ver um leitor sair feliz com seu livro predileto, era sempre uma grande realização.

A cada dia que se findava era mais um dia em que agradecia a Deus a força que sempre me dava. E ao chegar em casa encontrava os dois à minha espera. Andrew passou a dormir comigo todas as noites e fechar os olhos na proteção de seus braços era como um bálsamo para que eu enfrentasse o dia seguinte.

Estava sempre à espera de alguma coisa acontecer, ficava tensa e com medo. Tudo estava quieto demais, algo não estava bem!

Na sexta decidi que não iria abrir a livraria nem levar Sophie para escola. Queria ficar com os dois, o dia todo, e Andrew concordou prontamente comigo. Preparamos uma cesta com muitas guloseimas e fomos para um piquenique perfeito num dia de sol maravilhoso.

Enquanto caminhava pela areia, com os pés descalços, e observava

Andrew correndo atrás de Sophie numa brincadeira de pega-pega, fiquei pensando em tudo que havia feito da minha vida. O que tinha construído até ali e percebi que faria tudo outra vez se o resultado fosse exatamente aquele.

Sempre fui apaixonada pela forma como Andrew cuidava da minha menina. Era com uma dedicação que simplesmente me deixava encantada. Em certo momento da diversão dos dois, ele a pegou no colo e a girou fazendo com que a risada da minha menina pudesse ser ouvida do outro lado do mundo. Ela ficava tão feliz com ele que era difícil acreditar que eles não tinham laços consanguíneos, mas na verdade quando o coração escolhe a quem amar *é* mais forte do que qualquer ligação de parentesco. É uma ligação de almas, de vida!

Após mais alguns giros e gritos de felicidade, ele a colocou no chão e se virou para mim, sorrindo. Disse algo para Sophie e veio correndo em minha direção.

— Se continuar me olhando assim corro um sério risco de me apaixonar, princesa — declarou assim que me alcançou fazendo com que eu desse uma parada em minha caminhada.

Então pegou a cesta da minha mão e entrelaçou os nossos dedos se inclinando para cheirar o meu pescoço.

— Hum, pensei que já estivesse!

Andrew se afastou e olhou para mim parecendo estar se divertindo muito.

— Estou sim, e muito! Agora só falta você admitir que sente o mesmo.

Olhando aqueles olhos incríveis eu sabia que havia chegado o momento para nós dois, mas decidi que seria depois do dia perfeito que iríamos passar. Não dizem que se melhorar estraga? Era exatamente assim que me sentia.

Assenti concordando com ele, que sorriu voltando seu olhar para a praia e Sophie que estava pegando conchas na areia.

— Quantas dessas ela já tem?

Eu sorri ao me lembrar do dia que Sophie me disse que estava colecionando conchas. Foi no primeiro dia em que nos mudamos para a casa na praia.

— Muitas, ela pegou o baú de brinquedo e está enchendo de conchas. O engraçado que nenhuma é repetida, ou parecida. São todas bem distintas uma da outra. Disse que será seu tesouro e que vai enterrá-lo qualquer dia para que possa fazer um mapa do tesouro e assim poder brincar com os filhos um dia. — Ela era tão doce, minha menina perfeita!

— É um bom passatempo. Acho que todos nós deveríamos ter um tesouro para cuidar e assim dividir com outras pessoas que amamos, não é? Eu tenho vocês duas e faço o que for preciso para mantê-las seguras.

Tinha muita tensão na voz dele, até estanhei, fiquei um pouco assustada com sua intensidade. Parecia que ele se referia a outras coisas, não só a proteção natural. Mas então ele sorriu e apontou para um lugar atrás das pedras onde uma árvore enorme fazia a sombra perfeita.

— Vamos parar ali? Acho que é um bom local para arrumarmos nosso piquenique.

— Perfeito! Leva a cesta que vou chamar a Sophie.

Andrew assentiu e caminhou para o pedacinho de areia perfeito para o nosso dia. Minha filha tinha parado e olhava as ondas quebrando com uma concentração que chegava a ser intensa demais para a sua idade.

Minha princesa estava tão linda com o vestido florido e o maiô por baixo. Aquele chapéu de palha ficou um charme.

— Ei, minha linda. O que está pensando? Tá tão concentrada…

Ela se virou um pouco surpresa por não ter me notado.

— Oi, mamãe! Cadê o tio Drew?

— Foi arrumar nosso piquenique. — Apontei para onde Andrew já havia estendido a toalha.

Ela se virou e sorriu, suas mãos estavam cheias de conchas e então ela

olhou para baixo.

— Acho que essas são as mais lindas que encontrei até agora.

Olhei para as suas mãozinhas e vi apenas conchas simples, algumas diferentes, mas nada tão bonito quanto as que ela tinha em casa. Porém, eu queria saber o porquê de ela achar que aquelas eram especiais.

— É mesmo? E tem algum motivo diferente para você achar isso?

Sophie assentiu com um aceno e se sentou na areia colocando as conchas no vestido, me abaixei ao seu lado e esperei. Minha filha contou as conchas e então olhou para mim com os olhos brilhantes.

— Elas são mais bonitas porque eu estou feliz, mamãe.

Sua voz estava tão séria e cheia de significados que engoli em seco tentando processar o que ela tinha dito.

— Eu concordo com você, meu amor. Essas são as mais lindas. — Seu sorriso compensou qualquer coisa. Ela era o tesouro que eu protegeria a qualquer custo. — Então, vamos lá comer alguma coisa? Depois daremos um mergulho, o que acha?

Sophie juntou suas conchas e estendeu para mim, as peguei e olhei para ela esperando alguma instrução especial.

— Quero que fique com elas, mamãe. Para se lembrar desse dia em que estávamos muito felizes.

Meu coração se enterneceu de amor. Aquele bebê que peguei no colo e prometi minha vida estava crescendo e se transformando numa pessoa maravilhosa.

— Obrigada, meu amor!

Ela apenas acenou e se levantou, correu para Drew, que ao recebê-la pediu para que o ajudasse com a arrumação do piquenique.

Olhei as conchas em minhas mãos e as coloquei no bolso do vestido branco que usava. Ao me aproximar senti que meu coração não poderia ter escolhido uma família melhor.

Me juntei a eles, as pessoas que eu mais amava no mundo. Enfim, eu estava em casa, estava em paz.

O dia foi tão perfeito que não queria que terminasse, nadamos, comemos as delícias que minha mãe fez, falamos de nossos planos para o futuro, Sophie nos presenteou com seus sonhos de menina, me apaixonei ainda mais por aqueles dois… Mas infelizmente não mando no tempo e já estava tarde, já que nos distanciamos bastante de casa precisávamos ir embora antes que escurecesse.

Juntamos nossas coisas e voltamos para o nosso ninho. Assim que entramos em casa, Sophie foi logo para o banheiro e passei a guardar as coisas na cozinha e colocar outras para lavar. Peguei um pote de vidro no armário e peguei as conchas do meu bolso as colocando dentro do pote.

— Pensei que Sophie estivesse juntando. — A voz de Drew atrás de mim me fez sorrir.

— Ela me deu essas, disse que era para que eu lembrasse o dia perfeito que tivemos. — Me virei para Andrew com o vidro na mão, que agora estava enfeitado com conchas. — Vou colocar na cabeceira da cama. Ela tem razão, o nosso dia foi maravilhoso. Obrigada por isso!

Andrew negou com a cabeça e me abraçou. Encostando o queixo em minha cabeça, suspirou pesadamente.

— Eu não sou responsável por isso, vocês são. As maiores alegrias da minha vida.

Percebi que havia chegado a hora de dizer o que eu sentia, precisava que soubesse o que tinha em meu coração. Era ele que fazia com que eu quisesse ser eu mesma, era ele que dava coragem a não desistir de lutar. Sempre havia sido!

— Preciso te dizer uma coisa, Aly.

Droga, eu que ia falar agora, precisava dizer logo para não perder a coragem. Confesso que era um pouco covarde na questão de admitir os sentimentos, eles foram tão ignorados por tanto tempo, que ainda doía muito.

Mas alguns minutos não fariam diferença, tínhamos a vida toda pela frente.

— Eu também tenho que te dizer algo.

Ele sorriu e suspirou, soltando-me de seu abraço. Aquilo estava ficando estranho. De feliz, Andrew ficou de repente muito triste.

— Eu te disse que faço de tudo para proteger você e Sophie, não disse?

Franzi a esta e assenti estranhando ainda mais aquela conversa.

— Sim, e acredito em você!

Ele engoliu em seco e abaixou a cabeça por um segundo.

— Bom! — Olhou para mim parecendo estar com medo de alguma coisa. — Eu recebi uma ligação semana passada sobre alguns fatos importantes e tudo virou uma bola de neve que preciso consertar.

Engoliu em seco mais uma vez e se virou desviando o olhar do meu.

— O que está querendo dizer com isso?

Ele se voltou para mim com os olhos sombrios, triste, com receio e o mais surpreendente, determinados.

— Estou indo a uma missão no domingo.

Meu coração simplesmente parou por um segundo.

Eu sabia que ele ainda voltaria para a guerra, porém eu estava me iludindo com ele ao meu lado. Andrew não era obrigado a ir a missões mais. Porém, ele amava isso. Poder fazer algo de bom, ajudar aquelas pessoas, tentar mudar o mundo. Era o que o motivava e o tornava vivo.

Engoli em seco e assenti cruzando os braços e andando até a janela para olhar para a praia.

— E você pretendia me contar quando? Ia esperar estar partindo para me dizer?

Senti que ele se aproximou, mas não me tocou.

— Estou contando agora, amor. Eu só não queria estragar nossa felicidade.

Bufei olhando para as ondas que quebravam na praia, era tão melancólico aquilo. Elas iam e vinham cada vez diferentes da outra, nunca as mesmas, mas sempre ali, molhando a areia, trazendo novas lembranças.

— Entendo…

Ele havia feito exatamente como Ethan fazia. Ele não perguntava minha opinião, apenas informava suas decisões. Me virei para Andrew, que tinha a testa franzida e os lábios pressionados em uma linha fina, com a preocupação evidente no olhar.

— Eu não quero enterrar mais ninguém, Andrew. Ainda mais nessas condições. Sophie não pode perder mais alguém que ama desse jeito.

— As pessoas morrem todo o tempo, Alysson.

— Eu sei! Mas eu não posso estar com alguém que esteja em perigo de morte o tempo todo. Preciso viver em paz com minha filha.

Ele respirou fundo e se aproximou, pegou meu queixo entre seus dedos e colou os lábios nos meus em um beijo suave e intenso que deixou meu coração apertado de emoção.

— Espera eu voltar, será a última vez. Eu juro! Depois eu não quero mais, ficar longe de vocês duas vai me matar.

Eu não podia deixar de amá-lo, infelizmente. Então, eu apenas assenti esperando que essa última missão não fosse a última da sua vida.

27

Andrew

Confesso que minha determinação em ir naquela missão fraquejou quando vi o medo nos olhos de Alysson. Tive receio de que ela encerrasse nossa noite quando a confirmação de um de seus maiores temores estava se concretizando, mas vi a resignação em suas atitudes, ela percebeu que nada que fizesse ou dissesse mudaria minha decisão. Eu me amaldiçoei por isso.

Não queria ser mais um que não se importava com seus sentimentos. Queria ser aquele que a fazia se sentir bem e acabei agindo como todos os outros. Deixei para lhe dizer na última hora para que não corresse o risco dela me afastar.

À noite meus dedos trilharam um caminho em seu rosto e braço, fazendo um carinho suave enquanto, de olhos fechados, ela apenas recebia aquele gesto. Não havia falado muito durante o jantar, mas não me ignorou o que já era uma grande coisa.

Meu coração estava apertado pelo que eu estava fazendo, por estar deixando-as. Porém, eu precisava ir, era só mais aquela missão. Tinha dito a verdade. Não suportaria a distância, não depois de tê-la em minha vida.

Não podia explicar meus motivos, mas fiz o possível naquele sábado para que Alysson percebesse o quanto era importante para mim. Acho até que a sufoquei, vi algumas vezes que franziu a testa e se afastava um pouco. Certo momento, à tarde, ela me observou atentamente.

— Já contou a Sophie sobre a missão? — Olhando aqueles lindos olhos

eu notei que ela sabia que eu não tinha dito nada. Era um covarde mesmo!

Sacudi a cabeça negativamente e abaixei os olhos.

— Não consegui ainda. Mas vou fazer…

Suspirei chateado, acreditava que Sophie não levaria tão bem quanto aparentemente a mãe o fez.

— Não deixe para falar quando estivermos te levando para o aeroporto, é injusto com ela.

Alysson olhou para mim, colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha enquanto cortava um pão de forma para o lanche da tarde. Estávamos naquela tarefa há vinte minutos quando decidimos ver um filme. Eu separei as fatias de frios e coloquei à sua frente em cima da mesa.

— Você tem razão. Vou conversar com ela agora.

— Boa sorte!

Pude perceber certo sarcasmo em sua voz. Ela conhecia bem a filha e sabia que Sophie não receberia a notícia com felicidade.

Engoli em seco e suspirei pesadamente. Saí da cozinha e fui em direção ao quarto de Sophie. Ela tinha dito que ia brincar enquanto fazíamos os sanduíches. Bati duas vezes na porta e entrei.

— Oi, princesa!

Ela levantou a cabeça e olhou para mim, sorrindo.

— Oi, tio Drew. Vem cá sentar comigo. Estou ensinando algumas coisas pra minha filha.

Arqueei uma sobrancelha e me aproximei, ajoelhando-me ao seu lado. Sophie tinha uma mesa de chá montada com duas bonecas sentadas de frente uma para outra.

— Ah, é? E qual é a lição?

— Confiança, mamãe sempre disse que é a coisa mais importante do mundo. Uma filha tem que confiar na mãe, então estou ensinando isso a elas.

Arregalei meus olhos olhando para aquela menina de apenas cinco anos e me perguntando de onde vinha tanta sabedoria? E como depois disso eu diria a ela que estava indo embora após prometer que nunca a deixaria?

— Sua mãe é muito sábia!

— Hum-hum!

— Eu queria falar algo com você, princesa. Pode me ouvir um instante? — No mesmo momento ela largou a boneca que estava em seus braços e me encarou. Respirei fundo. — Amanhã eu terei que fazer uma viagem. Tem uma última coisa que preciso resolver.

Os olhos dela imediatamente se encheram de lágrimas. Ela olhou para longe de mim por um segundo e então me observou novamente.

— Você está nos deixando igual o meu papai?

— De jeito nenhum, meu amor. Eu vou voltar, prometo!

— Mas você já quebrou uma promessa. Como vou confiar?

Deus! Meu coração estava tão pequeno que acreditei ter parado de bater.

— Eu sei e sinto muito, minha gatinha. Aconteceram algumas coisas que precisam de mim. Mas juro que volto, pode confiar!

Ela torceu a boca de lado parecendo muito com a mãe. Sophie pegou a boneca do chão e começou a pentear os cabelos dela. Achei que estava sendo ignorado, mas sua voz suave foi como um canto dos pássaros para o meu ouvido.

— Ok, vou confiar em você. Só não me faça me arrepender disso.

Aquele era o voto de confiança mais bonito que tinha recebido. Abracei Sophie e por alguns minutos pensei em como a vida era injusta. Eu tinha meus maiores tesouros nos braços e precisava deixá-las paras depois tê-las em paz.

— Eu não vou, princesa. Eu juro que não vou!

***

E por mais que estivesse acostumado a me despedir, toda vez que tinha que ir sentia um gosto amargo na boca. Claro que agora era ampliado milhares de vezes, porque antes Alysson era uma amiga e Sophie minha afilhada. Agora, meu coração pertencia as duas e ficar longe me mataria.

Porém, precisava ir nessa missão, a segurança das minhas meninas dependia do sucesso dela.

O restante do sábado nos desligamos de todas as preocupações. Assistimos desenhos animados, comemos sanduíches de vários sabores e então dormimos abraçados no tapete da sala. Amanheceu rápido demais e a despedida foi inevitável.

No avião repensei tantas vezes em voltar e dizer ao meu comandante que tinha mudado de ideia, mas ninguém faria aquele trabalho como eu. Ninguém tinha a mesma motivação que a minha e o sucesso seria certo comigo liderando os homens.

Ao chegar ao centro de comando e encontrar Max ele me explicou toda a operação, o que iríamos fazer e quem procurávamos, por sorte tinham conseguido uma foto do homem e como eu era bom fisionomista consegui guardar na memória exatamente como era o meu alvo.

— Você vai ter que tomar cuidado, Andrew! Ele já sabe que você não morreu e pode estar esperando uma retaliação por causa da morte dos homens.

Assenti sabendo exatamente que tipo de gente eu estava lidando.

— Eu sei disso, pode deixar que terei o maior cuidado possível.

Max me encarou por um minuto e então respirou fundo.

— Estarei aqui orando por vocês. Faça o seu melhor! Vamos livrar esse mundo de mais um lixo!

— Eu não volto sem ter sucesso, pode contar com isso! Agora vou

reunir os homens e explicar a estratégia.

Bati continência para meu superior e fui ao encontro dos homens que me acompanhariam na missão. Ao chegar ao galpão que eles estavam reunidos, eu os cumprimentei com respeito.

— Essa missão é muito mais do que nosso trabalho, é algo pessoal. Nós vingaremos nossos amigos abatidos e ainda livraremos inocentes de uma vida de tortura. Podemos não retornar vivos, mas morreremos lutando com honra em busca do melhor. Vocês estão comigo?

— Sim, senhor! — gritaram em uníssono.

Assenti satisfeito e ciente de que teríamos êxito naquela missão. Voltaríamos vivos ou mortos, mas com sucesso.

Com nossas ordens devidamente dadas seguimos a viagem, que foi permeada de tensão e expectativa. Desembarcamos e logo colocamos tudo em prática. Em dois dias eu consegui observar a rotina do alvo. Estava tudo planejado para que no terceiro dia atacássemos. O plano era perfeito. Tínhamos um homem infiltrado, estava tudo esquematizado.

Eu queria que acabasse logo, meus pensamentos eram apenas voltar para a casa. Voltar para as minhas meninas.

Quando anoiteceu já estávamos reunidos em volta do enorme complexo altamente vigiado. Dei o sinal para meus homens que se posicionaram em seus lugares com as armas em punho. Um assovio se ouviu ao longe e era nosso sinal.

Quando as luzes se apagaram colocamos nossos óculos de visão noturna e agimos. Um portão havia sido arrombado e em dois minutos estávamos dentro do complexo.

De dentro da casa podia ouvir a agitação por conta da luz que havia sido cortada, os homens procuravam a fonte da pane e aproveitamos para nos aproximarmos ao máximo. Por meio de gestos ensaiados avançamos para mais perto de nosso alvo.

De repente, as luzes foram acesas e nossa posição estava em risco. Estávamos preparados para qualquer imprevisto, menos para darmos de cara com o alvo ao virar um corredor.

— É melhor ficar parado! — ordenei logo que ele percebeu quem éramos.

Não sabia se o cara falava inglês, se entenderia o que eu disse, mas ele apenas piscava nos olhando e não moveu um músculo. Sua fisionomia era cruel e ele não demonstrava nenhum sentimento.

— Vocês vão morrer se ficarem aqui, dê meia volta e retornem.

Ele falava inglês sim e, apesar do sotaque, o entendi claramente. Principalmente a maldade por trás daquela calma toda.

— Você vai pagar por tudo que fez, seus pecados serão cobrados. Não retornaremos sem sua carcaça viva ou morta.

Seu sorriso era de vitória. Ele parecia saber de algo que não sabíamos. O homem era um terrorista contrabandista humano. Seu prazer era a maldade. Já havia vendido pessoas para vários tipos de gente e sua ficha era mais suja do que um chiqueiro. Podia esperar qualquer coisa vinda dele.

— Na verdade, não serei eu quem terá uma carcaça morta por aqui. Sei muito bem que vocês estão aqui para vingar a morte de seus amigos. Mas eles mereceram o que tiveram, assim como você e aquelas mulheres terão.

Por alguns minutos tive dificuldade em entender do que ele estava falando, então me lembrei do motivo de eu estar na missão. O chefe do tráfico humano havia descoberto minha identidade e provavelmente já sabia de toda a minha vida.

Meu sangue ferveu quando ele mencionou Alysson e Sophie. Ninguém ameaçava minhas meninas.

Em um impulso, eu virei o fuzil e o acertei no meio do nariz. O cara caiu para trás, surpreso por um segundo, e então sorriu limpando o sangue da boca.

— Acredito que sabe bem a quem estou me referindo. Sabe que estão com os dias contados, não é?

— Filho da puta!

Avancei para cima dele pronto para acabar com sua vida maldita, mas fui contido por um de meus amigos.

— Não faz isso, cara. É isso que ele quer, acabar com a sua paz. Ele não pode chegar perto delas.

Eu olhava para ele querendo que dissesse mais para que eu agisse, mas ele apenas sorria enigmático.

— Eu não vou arriscar… Amarrem-no, não dá pra esperar muito tempo ou seremos alvejados.

Meus homens concordaram e me soltaram vendo que eu havia me acalmado. Assim que me inclinei para levantar o filho da puta, ouvi gritos em outra língua e o homem à minha frente sorriu, dando a resposta.

Tudo foi muito rápido, me abaixei pegando meu fuzil e desmaiei o desgraçado para que ficasse quieto. Vi pelo canto do olho que meus homens estavam me dando cobertura e então senti algo quente escorrendo por meu olho. Tudo ficou em silêncio, a não ser o zumbido alto em meus ouvidos. Perdi a força nas pernas e me ajoelhei naquele chão amaldiçoado olhando para o rosto desacordado, e sorridente, do alvo, precisava ter certeza de que ele não se levantaria. Coloquei a mão em minha bochecha, achando que devia estar suando de nervosismo e foi quando vi a cor escarlate que manchava meus dedos.

— Merda! — Eu mal consegui reconhecer a minha voz, estava fraca, baixa e grogue.

Eu havia sido ferido. Minhas forças já estavam me deixando, eu não tinha noção de mais nada e, de repente, comecei a ver o teto da casa e a movimentação dos meus amigos à minha volta, ouvi os gritos e ordens, xingamentos e barulhos de lutas, tiros… Tudo ficou turvo até que não enxergava nada, nem ouvia coisa alguma.

Meu último pensamento antes de perder a consciência completamente foi para Alysson e Sophie. Eu não as abandonaria, de jeito nenhum!

Tinha uma promessa a cumprir, não poderia fazê-las se arrependerem de forma alguma.

-

28

Alysson

Eu não sabia o que era pior, tentar esquecer ou ficar pensando em como ele estava. Já havia se passado três dias que Andrew havia partido, tentei tocar minha vida normalmente e não mencionar o nome dele. Contudo, em cada canto da casa eu o sentia, o via…

Não disse nada a ele sobre os meus sentimentos, sei que foi covarde de minha parte, porém precisava resguardar meu coração. Parecia que se eu não dissesse em voz alta, não seria tão real.

Contudo, estava enganada, o sentimento apenas aumentava em meu peito, assim como o temor de perdê-lo.

Na quarta-feira, o dia estava nublado e não havia sol, fazia frio. Algo que não deveria acontecer naquela época do ano, pois estava quente a semana toda. Porém, era o que acontecia. Por não estar esperando, senti muito a mudança brusca de temperatura e quase não fui trabalhar, mas ficar em casa me deixaria louca. Então resolvi tocar meu dia como qualquer outro, apesar de meu coração estar apertado sem motivo aparente. Parecia mais uma premonição…

Deixei Sophie na escola e fui para a livraria, abri antes do horário e foi bom, porque aproveitei para ajeitar alguns volumes que estavam fora do lugar. Naquele horário não teria clientes, ainda mais com o tempo virado daquela forma, as pessoas da cidade tinham medo do frio.

Estava em cima da escada organizando a estante de romances quando ouvi o sino da porta. Eu conhecia meus clientes pelos nomes e seus costumes eu já havia gravado fazia tempos, então nem me importei em olhar quem estaria ali. Logo viria me procurar para perguntar alguma coisa.

— Ainda insiste em tocar essa espelunca, não sei por que meu irmão não a obrigou a fechar.

Parei com o livro no ar quando a voz de Ellen chegou aos meus ouvidos. Sem me virar, arrumei o volume em seu lugar e desci as escadas, preparando-me para a batalha que estava esperando e na verdade havia demorado.

Respirei fundo e me virei olhando-a nos olhos. Não a reconhecia mais, a mulher havia se tornado amarga ao longo dos anos e realmente transparecia o seu interior, triste e maldoso.

— O que você quer aqui, Ellen?

Ela sustentou o meu olhar, mas vi que notou a diferença em minha voz. Eu havia falado firmemente sem baixar o tom de voz, estava pronta.

— Não posso mais visitar a minha cunhada? Preciso de um motivo? — Queria tirar aquele sorriso sarcástico de seu rosto.

Sorri com a cara de pau dela em se fazer de desentendida. Aos olhos de alguém de fora, Ellen parecia uma mulher linda, estonteante até, com aqueles olhos incrivelmente verdes chamava atenção aonde ia. Porém, quem a conhecia realmente não demorava a entender quem ela era de verdade.

— Sem enrolação, por favor! Você não me engana há muito tempo. O que a traz aqui?

Ela estreitou os olhos e cruzou os braços na frente do corpo em uma pose que demonstrava que havia ido ali para o que eu achava que era. Para atacar!

E sem delongas logo soltou a primeira rajada de veneno.

— Fiquei sabendo que você viajou com o Andrew…

— E? — Arqueei uma sobrancelha.

Ela bufou com raiva, provavelmente esperava uma explicação ou uma negativa. Contudo, não encontraria mais isso vindo de mim.

— Não acha muito precoce já estar se esfregando em homens? Meu irmão nem mesmo esfriou na cova.

Eu já disse que costume é uma merda, não é? Pois bem, aquilo me atingiu, me senti culpada e errada, mas não demonstrei nem um pouco. Passei por ela e fui pegar uma pilha de livros para arrumar na estante ao lado.

— Eu não sei o que isso te interessa, Ellen. Já disse isso a sua mãe e repito para você. Minha vida não diz respeito a ninguém, a não ser a mim e a minha filha.

Dei as costas para ela, mas senti o peso de seus olhos maliciosos em minhas costas. Passei a arrumar os livros, tentando ignorá-la. Talvez fosse embora mais rápido. Só queria manter distância de sua maldade.

Mas ela não deixaria barato o fato de ser ignorada, era muito mimada para isso. Não demorou um segundo para que explodisse.

— Você é uma sem-vergonha mesmo, Alysson! Maldita hora que meu irmão ficou cego por você, maldita hora que foi engravidar, maldita hora que sua filha foi nascer… Ethan ficou preso. Acho até que a menina pode nem ser dele, deve ser do cafajeste do Andrew. — A sua voz de deboche combinada com toda aquela merda que disse fez com que o meu pavio terminasse de queimar.

Nunca havia sentido tanto ódio na minha vida, o sangue fervia em minhas veias e simplesmente deixei os livros caírem no chão e me virei com a mão aberta, acertando em cheio o rosto de porcelana daquela cobra. A puxei pelos cabelos perfeitamente arrumados e inclinei seu rosto para perto do meu, já que eu era mais baixa, precisava falar bem de perto para que não houvesse nenhum engano.

— Nunca mais toque no nome da minha filha e nem ouse falar mal dela. O seu irmão foi um frouxo por ter escutado as duas cobras que o criaram, mas

também não o culpo, fizeram uma lavagem cerebral no pateta desde pequeno. Só que nunca mais diga nada sobre Sophie, sua maldita, ou irá se ver comigo.

Dei-lhe um empurrão e ela cambaleou com os olhos arregalados e levou a mão ao rosto que tinha a marca exata dos meus dedos.

— Sua vadia! Por que fez isso?

Sua voz chorosa dava até graça. Será que era tão sonsa que não percebia o veneno que destilava, ou era só mais uma máscara para tentar dobrar os outros? Acredito que era apenas isso. Alguém como ela não tinha um pingo de senso.

— Sério que você não sabe, Ellen? Sabe de uma coisa? Eu tenho pena de você como tenho do Ethan. Vocês são frutos da falta de educação que tiveram. É uma mulher mal-amada que apenas quer ver a infelicidade dos outros porque não suporta que sejam melhores que você. E se Sophie fosse filha de sangue do Andrew ela teria sido muito mais feliz do que foi sendo do seu irmão. — Respirei fundo pensando nos sonhos dela que ele tentou esmagar. — Pena que eu fiz uma escolha errada, não mais. E não pense que eu não sei que envenenou Ethan quando nos casamos dizendo a ele sobre sua desconfiança sobre mim e Andrew. Como seu irmão era fácil de ser influenciado, provavelmente essa sua infantilidade foi uma das causas de ter tornado meu marido em um pau-mandado, amargo e desconfiado. Agora saia da minha livraria e nos deixe em paz, já que acha que somos tão malditas não vale a pena termos contato…

Seu peito subia e descia freneticamente e podia ver o ódio em seus olhos. O silêncio dela era mais perturbador do que as palavras afiadas, significava que ela estava pensando em seu próximo passo.

— Isso não vai ficar assim, Alysson. Ninguém me bate e fica por isso mesmo. Ainda não acabou.

— Devia ter apanhado mais, às vezes não teria ficado tão ridícula achando que pode falar o que quer às pessoas sem ter consequências. Pode vir que estarei te esperando. A Alysson que você aterrorizou não existe mais, não

vou abaixar a cabeça diante de ninguém.

Ela sorriu e assentiu pegando a bolsa que havia caído no chão quando lhe dei o tapa.

— Quem sabe essa crista não baixa quando perder o que mais ama? Me aguarde, vadia… — ameaçou com um sorriso irônico.

E saiu da livraria com o queixo em pé e o rosto marcado dos meus dedos. Aquela marca ficaria ali por algum tempo ainda. Não fiquei pensando no que ela disse, não havia nada que ela pudesse fazer para me ferir e sabia que eram ameaças vazias e vinda do desespero de alguém que não tinha um pingo de amor.

Arregalei meus olhos ao perceber o quanto eu me sentia bem depois de ter dito tudo o que queria a ela, não tudo na verdade. Tantos anos sendo manipulada tinha uma bela bagagem que precisava eliminar, mas por enquanto estava de bom tamanho. Estava leve e tinha vontade de gritar e pular, foi o que fiz.

Em meio à livraria comecei uma dança que há muito tempo não fazia.

— Vejo que tem gente feliz aqui. Que bom, minha filha, porque estou congelando nesse frio infernal. Essa cidade não era ensolarada?

Aquela voz que não ouvia fazia tempo me deixou completamente surpresa. Virei-me e a encarei com um misto de felicidade e saudade.

— Dana!

Minha amiga revirou os olhos e abriu os braços.

— E quem mais poderia ser? Eu vi sua cunhada saindo daqui com um belo vermelho na cara. Fez um ótimo trabalho, minha amiga.

Ela sorria carinhosamente enquanto passava a mão distraída em sua barriga volumosa.

— Mulher, que barrigão! Por que você sumiu, sua vaca?

Dana se aproximou fazendo um biquinho ridículo.

— Não queria ver minha amiga se definhando. Mas agora que a vejo de volta, vim para te dar uns sacodes, caso ainda estivesse em estado catatônico. Agora me dá um abraço, estava com saudades.

E sem pensar ou dar espaço para mágoas por ter sido “abandonada” pela minha melhor amiga, eu a abracei apertado como deu porque a barriga dela impedia. Ter sua amizade, mesmo depois de tantos anos sem vê-la, fez com que meu coração se enchesse de alegria.

Ela se afastou enxugando os olhos.

— Droga de hormônios, eu não sou assim, viu? É esse menino que me deixa igual uma manteiga derretida. Não era para ele soltar testosterona no meu corpo, meu Deus!

— Nossa, se você ficasse mais bruta do que já é, tenho certeza de que ninguém te aguentaria. É um menino então?

Ela fungou e sorriu, assentindo. Estava tão linda grávida.

— Sim, Davi. É um meninão, precisa ver. Ele nasce no próximo mês e quero que você seja a madrinha, não aceito desculpas.

— É claro, minha amiga. Será um prazer enorme e uma honra. Agora me conta, o que veio fazer aqui?

Seus olhos estavam arrependidos.

— Vim pedir desculpas pela minha ausência, não sabia como iria encontrá-la, mas não suportava mais a ideia de que você estivesse só. Sinto muito, AJ.

Sorri carinhosamente e acariciei sua barriga sentindo uma saudade repentina de quando estava naquele estado.

— Eu te entendo, Dana! Não fui eu mesma por muito tempo, mas agora me encontrei novamente… e não estou sozinha.

Ela assentiu distraidamente e então arregalou os olhos.

— Mentira! Quem é o sortudo?

— Você o conhece, foi uma loucura de uma noite na praia.

— Jesus, me abana. O Andrew virou homem? Amém, senhor, a igreja glorifica de pé. Demorou para aquele lá aprender. Me conta tudo, vadia. Quero todos os detalhes sórdidos.

Passei uma manhã maravilhosa ao lado da minha amiga, nem mesmo me lembrava de que Ellen havia passado por ali. Quando Dana foi embora, já era hora do almoço e disse que iria de noite à minha casa para conversarmos e para que ela visse Sophie.

Não posso negar que sua ausência me magoou muito. De todos que me abandonaram quando eu mais precisei, Dana foi a que mais senti falta. Porém, como aprendemos a pedir desculpas quando erramos temos que aprender a perdoar também. Eu a amava como minha irmã e sentia falta dela todos os dias.

E não a culpava totalmente, se o caso fosse ao contrário também não suportaria ver a minha amiga se transformando em outra pessoa. O que seria Dana sem toda aquela brutalidade e alegria de viver?

A tarde passou muito rápido, mas talvez tenha sido porque fiquei pensando sem parar em meu confronto com a Ellen e tudo que ela disse. Pensei em como eu me deixei manipular por aquela família e como o comodismo de uma relação me deixou catatônica.

E ao pegar Sophie na escola vi que precisava ter uma conversa urgente com a minha filha. Não a deixaria com meias-verdades, Ellen poderia envenená-la e eu não daria brechas. Fora o fato de que nunca poderia deixar na minha princesa a impressão de que tudo que ela tinha visto a mãe se transformar era o correto.

Precisava dizer a ela o que era certo.

Assim que chegamos em casa, Sophie foi logo para o quarto guardar as coisas e então voltar para a cozinha. Era hora do nosso chá da tarde e por consequência falávamos de nosso dia.

Logo que se sentou decidi começar de uma vez antes que perdesse a

coragem. Mexer naquelas feridas doía muito, ainda mais admitir para a minha filha o quanto minha vida havia sido equivocada.

— A tia Dana está na cidade. Depois ela vai vir aqui com o Scott. E adivinha?

Sophie era curiosa de natureza, então não foi surpresa quando ficou ansiosa esperando o que eu iria contar. Quase pulava na cadeira com os olhos arregalados.

— O quê?

Sorri.

— Ela está esperando um bebê.

Aquele sorriso lindo me deixava em estado de alegria imensa. Apesar de tudo era visível que minha menina era feliz.

— Ai que lindo, um priminho pra mim. Vai ser como um irmão, né, mamãe?

Assenti e ela adorou a ideia de ter um bebê para cuidar. Acreditava que se Dana morasse perto minha filha não sairia de perto do Davi. Apesar de tudo, eu precisava conversar com ela ainda e não sabia como ela lidaria com aquilo tudo.

— Sophie, a mamãe precisa conversar com você, pode ser? É muito sério e quero que você preste atenção. — Ela largou o biscoito na mesa e assentiu olhando atentamente para mim. — É uma coisa complicada para a mamãe, mas tenho certeza de que irá entender. Você sabe que eu não era feliz, não sabe?

— Sim.

Direto ela atingiu meu coração engoli em seco e continuei:

— Pois bem, a culpa disso foi na maior parte minha. Eu achava que precisava mudar para que as pessoas me amassem, para que tudo desse certo e errei. Nós não devemos mudar o que somos, esquecer de nossos sonhos para que nos amem. As pessoas têm que nos amar pelo que somos e não o

contrário. Entende?

— Aham, é igual a vó Emma. Ela quer que eu seja uma pessoa que não sou, eu não gosto dela.

Sua sinceridade e entendimento me atingiram.

— E você nunca deve deixar de ser quem é. Porque o que somos é o que nos faz sermos únicos nesse mundo cheio de gente igual. Ser mulher, mãe, esposa, amiga, filha, tia, sobrinha… Não quer dizer que deve abaixar a cabeça para tudo, concordar com tudo, modificar-se. Você tem sua opinião e deve lutar por ela a qualquer custo.

— Eu sei.

Aquela voz tão séria me surpreendeu, percebi que ela realmente entendia o que eu estava dizendo.

— Meu coração nunca foi do seu pai, ele pertencia a outra pessoa e eu me forcei a amá-lo, e o amei, mas não da forma que deveria ser. E consequentemente deixei de ser eu.

— Você ama o tio Drew! Eu sei, mamãe.

— Tem pessoas que podem querer dizer pra você coisas ruins e não quero que acredite. Eu amei seu pai o quanto pude e amo você mais que o infinito.

Sophie se levantou da cadeira e caminhou até parar ao meu lado, então envolveu meu pescoço em seus braços carinhosos.

— Papai não merecia seu amor. Ele queria mudar você, e mamãe é perfeita do jeitinho que é. Eu *te* conheço, mamãe, não aquela outra que era quando você se escondia, mas essa que tá aí dentro.

Como não chorar tendo uma filha tão perfeita? Meus olhos não conseguiram segurar as lágrimas, eu a abracei forte e deixei que meu coração se enchesse daquela paz e inocência da minha menina.

Em sua simplicidade de criança, ela disse tudo que eu precisava saber para ficar em paz, ninguém conseguiria modificá-la. Sophie não era fraca

como eu, lutaria por tudo que acreditava e eu estaria ao seu lado.

— Meu maior tesouro é você, minha menina. Por você eu vou até o infinito!

— E você é meu amor, mamãe.

Parecia que estávamos protegidas por uma bolha e nada poderia nos atingir porque, enquanto estivéssemos juntas, nosso amor superaria qualquer coisa.

Pensei que a apreensão e premonição que senti de manhã tinha sido por causa da Ellen, porém a cada minuto o frio em minha espinha se intensificava atrapalhando o amor que eu sentia com Sophie ao meu lado.

O telefone tocou interrompendo nosso momento, eu não a afastei, levei-a no colo comigo e sentei na cadeira que ficava ao lado do aparelho.

— Alô!

Aquele silêncio do outro lado da linha, muito parecido ao que ouvi meses atrás, tinha voltado para me assombrar. Parecia um *déjà vu*.

— Alysson, preciso que mantenha a calma. — A voz de Max era como um mau presságio.

-

29

Andrew

Às vezes, na vida, você dança. Outras você canta, algumas caminha, em inúmeras você corre. E tem aquelas vezes que você fica parado. Parece que não tem pra onde ir, não há saída ou escapatória. Você simplesmente fica estático sem reação alguma, apenas vendo o rumo que a vida anda te levando.

Porém, tudo que acontece na vida da gente tem um motivo, uma ação que desencadeou naquela reação.

Escolhas erradas, talvez? Sim e não! Contudo, a gente nunca sabe para onde vai o rio do destino até que ele esteja lá.

E foi assim que acabei deitado naquele chão maldito com a cabeça sangrando. O destino havia me levado ali, eu tinha apenas que esperar para ver onde iria terminar aquele rio.

Levar um tiro foi estranho, eu nunca tinha sido alvejado e não foi uma experiência muito boa, ainda mais sendo na cabeça. Parecia que não sentia nada, ou talvez fosse meu sistema nervoso que me desligou de tudo para que meu coração não parasse de tanta dor. Um pouco de exagero, talvez, mas aquele projétil havia feito um estrago na minha mente.

Porém, não seria por esse motivo que ele pararia de bater, meu coração não me pertencia e por isso não corria esse risco. Contudo, aquele atentado me fez perceber que nada acaba saindo como planejamos.

E confirmei aquele velho dito popular: Minha vida definitivamente

passou em frente aos meus olhos.

Vi cada momento em que passei ao lado dela, os bons e também os ruins. Revivi o momento em que a vi pela primeira vez, quando nos tocamos, o nosso primeiro beijo, quando a tive em meus braços novamente… Infelizmente nem tudo havia sido feito de flores.

Fui obrigado a reviver cada um de meus erros, principalmente o que se referia a Alysson. Achei até que era um tipo de castigo, passar a eternidade revivendo algo que poderia ter sido diferente se eu não fosse tão arrogante.

Por que as coisas são do jeito que são? Por que não podemos mudar nossos destinos da forma que queremos? Por que é tudo tão complicado?

Viver deveria ser tão fácil e simples quanto morrer.

A tentação de fechar os olhos e se entregar a inconsciência era muito atraente.

Porém, havia um motivo para que eu lutasse pela vida, precisava cumprir algumas promessas que fiz. Não poderia ser alguém que quebrava promessas, não para elas.

Em minha recuperação, tinha dias que eu pedia pela morte, minha cabeça latejava incansavelmente, meus olhos pareciam enormes, tinha a impressão de que saltariam a qualquer minuto. Minha boca parecia seca, era como se tivesse comido um quilo de sal e não pudesse beber uma gota d’água. E então vieram os tremores. Muito frio e calor, sensação terrível na pele, parecia ressecada e gosmenta. Tinha certeza de que em alguns dos delírios eu chamei pela minha mãe, pedindo para que me salvasse. Era difícil continuar e mesmo assim eu lutei.

No final do meu inferno venci a batalha mais intensa da minha vida.

Quando acordei soube que já haviam se passado vinte dias e a bala havia passado de raspão em meu crânio, me poupando da morte, mas eu havia pegado uma infecção por conta do hospital não ter as melhores condições, já tinha sido transferido para um lugar melhor, porém ainda estava em outro país.

O pior de tudo foi ter que ficar mais alguns dias internado até que tivessem a certeza de que a infecção havia sido controlada e que minha cabeça estava boa.

Não saberia dizer qual sensação era pior: estar desacordado sem saber do meu real estado, ou estar consciente sem poder fazer muita coisa para mudar a minha situação.

Quando pude, enfim, ir para casa já havia se passado um mês.

Como Alysson estava? O que havia pensado ao receber a notícia? E Sophie? Prometi voltar rápido e tinha levado todo esse tempo para que pudesse ir ao encontro delas.

Logo que fui liberado peguei as poucas coisas que tinha e entrei no primeiro avião que consegui. Nem mesmo avisei na base que estava voltando, claro que eles já deveriam saber, porque estavam controlando cada passo dos médicos que cuidavam de mim. Mas não fiquei para saber.

Precisava abraçar as minhas meninas!

E olhando no espelho, dentro daquele banheiro do avião no qual eu estava pontuando a minha “sorte”, percebi que não estava em meu melhor estado. Havia perdido peso por conta da infecção e também da perda de sangue do meu ferimento na cabeça. Meu cabelo havia crescido um pouco, tirando a parte onde haviam suturado. E olheiras enormes faziam com que eu parecesse que realmente tinha saído de um campo de guerra.

Precisava estar preparado para a reação assustada delas quando me vissem. A única coisa que importava para mim era estar com elas, poder sentir que era real, que estavam seguras, que nada poderia tirá-las de mim.

Eu venceria qualquer coisa para mantê-las bem.

Só que assim que pisei em terra notei que não seria tão fácil ir ao encontro das minhas meninas. No aeroporto, Max me esperava com uma cara não muito amigável. Bom, pior para ele. Eu não esperaria nem mais um segundo para ir pra casa.

— Espero que tenha vindo aqui apenas para me dar as boas-vindas ao mundo dos vivos. Não tenho tempo para sermões, muito menos para bater papo — disse assim que me aproximei o bastante para que ele pudesse ouvir.

Max sorriu, desfazendo aquela pinta de superior e se aproximou dando-me um abraço.

— Na verdade não, sabia que iria sair daquele buraco. É o meu melhor homem! — Piscou um olho e estendeu um envelope com papel timbrado do governo para mim. — Vim te entregar uma coisa muito importante.

Peguei de suas mãos como se fosse uma bomba-relógio prestes a explodir. Olhei para o meu comandante e ao invés de meu superior eu estava lidando com um amigo.

— Max, eu não vou voltar para o campo. Não quero ficar longe delas e não posso sujeitá-las a isso nunca mais. Nem sei como estão se sentindo. Pelo que fiquei sabendo receberam apenas um telefonema, né?

Ele assentiu e cruzou as mãos para trás.

— Sim, eu que liguei para a Alysson.

Fechei os olhos tendo a certeza de que tudo virou de pernas para o ar. Apesar de Alysson estar mudada, ainda era vulnerável.

— Merda! Ela deve ter lembrado quando Ethan morreu. Eu preciso ir, não posso mais ficar sem fazer nada, preciso ver como ela está, depois nos falamos.

Precisava vê-la e ter certeza de que estava tudo bem, que estávamos bem. Não sabia se ela suportaria viver com alguém que sai de casa sem a certeza de que irá voltar. Não que isso não possa acontecer com qualquer um. Para morrer basta estar vivo. Porém, por ela ter passado por uma situação similar, era de se esperar que estivesse com medo, no mínimo.

Max levantou uma mão me impedindo de passar.

— Espera, Andrew, preciso que veja o que está no envelope.

Apesar de saber que eu precisava ir embora logo, minha ética falava

alto e também o respeito por meu comandante. Não quis me sentar, nem ir a outro lugar reservado. Abri a pasta ali mesmo e fiquei tenso quando vi o seu conteúdo. Dentro daquele envelope havia um relatório da missão, todo detalhado do início ao fim, explicando o motivo pelo qual fomos recrutados e então sua finalização e nele dizia que as pessoas responsáveis pelo tráfico, chefes e subordinados, haviam sido presos e que o alvo principal não tinha resistido.

Olhei para Max sem entender.

— Como assim? O que aconteceu? Eu vi o desgraçado, ouvi o que ele disse, as promessas de vingança. Aquele desgraçado queria ir atrás da Alysson e da Sophie.

Max assentiu concordando com tudo que eu disse e então apontou para um determinado ponto no relatório.

— A bala que pegou você de raspão acertou em cheio no alvo. Ele morreu na hora e como me disseram que você prometeu a ele, levaram só a sua carcaça inútil. Se não fosse sua infecção saberia disso mais cedo. O homem foi morto por sua própria gente.

— Maldito! Já foi tarde…

Os desgraçados só faziam mal as pessoas, levavam tristeza, morte e degradação por onde passavam. Seu destino foi até leve se levasse em conta o que deveria pagar pelos crimes que cometeu.

Abri mais uma pasta, um pouco diferente da outra e me deparei com um documento. Era um pedido de transferência para que eu trabalhasse no serviço interno, na verdade eu estava sendo promovido e faria missões dentro da base, ensinando aos recrutas tudo o que eu sabia. Seria um instrutor de estratégias.

— O que é isso?

Max deu de ombros e sorriu.

— Você é muito importante, não podemos te perder, por isso o

colocamos como o nosso estrategista oficial.

— Isso existe?

— Claro que sim! Fora o fato que como herói nacional era de se esperar que subisse de patente. Parabéns, tenente!

Estava meio em estado catatônico com toda aquela novidade. Eu iria pedir baixa da Marinha para não expor mais Alysson e Sophie àquela vida complicada e havia sido promovido ganhando um trabalho onde poderia ficar com elas e fazer o que mais amava.

— Muito obrigado, Max!

— Eu não fiz nada de mais. — Tinha certeza de que tinha sim mexido seus pauzinhos, eu era ainda mais grato por isso. — Agora vai embora encontrar as suas meninas, elas devem estar ansiosas para te ver.

Assenti entregando a ele o relatório e guardando a pasta com a minha promoção.

— Obrigado por tudo, de verdade!

— Eu que agradeço, meu amigo! Seja feliz!

— Com certeza!

A minha pressa era tanta que nem mesmo lembrei-me de lhe dar um abraço de agradecimento, mas ainda teríamos tempo para isso. Max era um bom amigo que sempre soube do amor que eu tentava esconder a qualquer custo e que agora podia vivê-lo sem remorso.

Peguei um táxi e pedi para que me levasse a livraria da Alysson. Pela hora ela devia estar trabalhando. Era meio da semana e o movimento ficava intenso.

Mas quando chegamos lá encontrei tudo fechado e nenhum sinal de que a livraria era aberta há dias. Isso não estava bom, Aly amava seus livros e seus clientes, ela não fecharia assim sem motivo.

Pedi para que o motorista me levasse à casa de praia, Sophie devia estar na escola, mas Alysson estaria em casa. E mesmo se não estivesse, eu não

tinha ideia para onde ir mais.

Quando paramos paguei ao taxista e corri para a varanda, estava ansioso, bati na porta freneticamente, não havia ninguém. Meu coração estava acelerado, precisava vê-las, estava com saudade. Onde estariam?

Pensei em ir até a escola de Sophie, ligar para Beth, ir até lá correndo, pensei em milhares de coisas e nenhuma me parecia correta e então me lembrei de onde elas poderiam estar.

Idiota, por que não pensou nisso antes?

Larguei minha mochila na varanda e tirei o sapato, vestia uma calça cargo e uma camiseta branca. Ainda bem, porque correr pela praia no calor que fazia de roupa pesada não seria nada fácil.

Com a respiração rápida, caminhei pela areia atento a qualquer sinal das duas. Meus olhos procuraram em todos os cantos, sem sucesso. Já estava ficando desanimado e quase voltando para rever minhas opções para encontra-las, foi quando vi Alysson e Sophie sentadas na pedra ao lado de onde tínhamos feito nosso piquenique.

Ah, minhas meninas! Minhas princesas…

Alysson tinha a filha sentada em seu colo enquanto olhava para o mar, Sophie brincava com as conchas em seu vestido de cabeça baixa, ambas estavam muito sérias e pareciam concentradas. Enquanto as observava percebi que estava onde deveria ter ficado, nunca deveria ter saído do lado delas. Meu coração havia retomado sua cadência normal somente em estar ali.

E no momento em que Sophie me viu seus olhos pareciam não acreditar. Ela pulou do colo da mãe e gritou meu nome sem parar, correndo em minha direção.

Eu não consegui me mover olhando para elas. Caí de joelhos e apenas abri os braços na espera daquele abraço que desejei em cada minuto do maldito mês. Mesmo desacordado eu só tinha um pensamento: voltar para casa.

Sophie grudou em meu pescoço num misto de choro e gargalhadas, prendeu os bracinhos em mim e prometeu nunca mais me soltar.

— Você não precisa, gatinha. Eu não vou a lugar algum, tudo bem? — Ela assentiu ainda grudada em mim e eu sorri feliz por estar com ela.

— Se você for, eu vou te colocar de castigo! — disse em meio aos soluços.

— Eu sei que vai, linda! Mas não irá precisar, eu voltei para ficar com vocês.

Quando Alysson se aproximou, eu apenas levantei meus olhos e a observei atentamente, estava chorando igual criança por estar de volta e não me importei se o amor da minha vida me visse naquele estado. Eu só queria olhar para ela eternamente, memorizando cada detalhe de sua beleza perfeita.

— Senti sua falta, princesa!

30

Alysson

Sempre tive uma ligação com o mar. Era como se de alguma forma as ondas me acalmassem, sentia a brisa em meu rosto e fechava os olhos deixando que toda a tristeza fosse retirada de meu coração. Parecia que renovava a minha alma.

Perdi a conta de quantas vezes me sentei na areia da praia para pensar e me permitir sentir tudo que sufocava o meu coração. Muitas coisas boas da minha vida aconteceram na praia, uma delas foi quando conheci Andrew, outra foi após descobrir que estava grávida de Sophie.

Estava tão desesperada para sair da vida em que eu havia sido presa e aquela notícia me deixou confusa demais. Então fui caminhar na praia. Sentei-me na areia, deixei que as ondas molhassem meus pés, imaginei que uma próxima vez que estivesse em desespero, não estaria sozinha, e foi a primeira vez que senti tanto amor. Tinha uma vida em meu ventre que eu já amava com todas as minhas forças, que nunca me deixaria sozinha.

Mas a praia também protagonizou momentos difíceis, muitos choros, saudades, lembranças proibidas, lamentações e tristeza.

Quando acordei naquela manhã não senti a menor vontade de me levantar, senti a depressão me alcançando e percebi que estava me enfiando em um buraco tão complicado quanto aquele que eu havia saído. Não poderia permitir isso!

Então levantei e chamei Sophie para dar uma volta na praia. Minha filha

tinha crescido tanto naquele mês, era uma mocinha que estava ao meu lado, me apoiando, em cada momento. Eu tinha razão, nunca mais estaria sozinha na vida.

De mãos dadas caminhamos pela areia, olhando o mar, sentindo o vento, apreciando o sol. Deixei que meus sentimentos viessem à tona e senti lágrimas escorrendo por meu rosto a cada passo que dava.

Tudo havia se acumulado em meu peito e achei que explodiria, a única coisa que me segurava era aquela pequena mão que apertava a minha transmitindo segurança e carinho.

Sophie não disse uma palavra enquanto andávamos pela areia, nem mesmo quis pegar conchas. Foi quando percebi que não podia fazer isso com ela, minha filha precisava tocar a vida, esquecer as tristezas… ser criança!

— Estou querendo começar uma coleção de conchas, você pode me ajudar a escolher algumas bem bonitas?

Minha menina olhou para cima com a testa franzida, surpresa com a minha declaração. Seus olhinhos estavam tristes e desanimados. Eu sabia que havia um turbilhão de sentimentos dentro dela, por conta de Andrew, sem contar que Emma e Ellen haviam sumido de nossas vidas, graças a Deus, mas Sophie gostava delas. Afinal, havia crescido as amando como avó e tia, só que as duas não davam a mínima. Percebi naquele mês que elas não amavam minha filha, apenas queriam infernizar nossas vidas. E uma criança sofre com esses abandonos.

— Por que quer começar uma coleção de conchas? Vai guardar como tesouro também? — Ela era tão linda, não sabia como alguém poderia não se apaixonar pela doçura de Sophie. Era uma menina muito especial.

Neguei com um aceno e respirei fundo olhando para o mar.

— Elas me lembram do que eu sinto quando estou aqui. Acho que será muito bom vê-las quando acordar, iguais as que você me deu, olho para elas toda manhã e me recordo do dia maravilhoso que passamos na praia.

Olhei para Sophie que parecia pensativa e olhava para o chão, achei que

ela não se animaria e já preparava uma nova estratégia. Ela começou a caminhar, me puxando pela mão e então em determinado ponto ela se soltou abaixando-se para pegar uma concha que o mar acabara de trazer, virou-se para mim e estendeu a mão.

— Acho que essa é uma ótima concha para começar uma coleção, mamãe.

Ela colocou a concha em minha palma e sorriu quando andou mais um pouco para pegar mais. Eu olhei para a concha e agradeci a Deus pelas belezas que nos deu. Coisas simples tem o poder de transformar nosso dia em algo grandioso e especial.

Sophie havia se animado e pulava pela areia à procura de mais itens para minha coleção. Colhemos mais algumas conchas, uma diferente da outra. Ela não gostava de repetidas. E quando percebi onde estávamos, estaquei. Não queria pensar nele, tentei ignorar o motivo de estarmos tristes, de eu não querer nem mesmo abrir minha livraria. Mas estava cada vez mais impossível.

Eu sabia que ele não tinha morrido, porém Max tinha dito que ele estava mal no hospital, que uma infecção havia derrubado Andrew, e, desde então, não tinha tido nenhuma notícia. Eu também não procurei, tinha medo do que poderia me dizer.

Mas quando chegamos perto da pedra em que passamos uma tarde maravilhosa foi inevitável não me lembrar de seu sorriso, sua bondade, carinho e amor. Tudo de bom que ele proporcionou em nossas vidas, toda a bagunça que ele consertou em meu coração.

Eu não disse a ele que o amava e poderia nunca ter a oportunidade.

— Mamãe, quando o tio Drew volta?

A voz de Sophie me tirou de meus pensamentos e olhei para a minha menina, que estava com as mãos cheias de conchas e em seus olhos vi que se lembrava dele assim como eu fazia, e também tentava ignorar o que sentia. Como não percebi que Sophie se parecia tanto comigo? Pensei por um minuto em uma forma de dizer a ela que eu não sabia, mas tentei ser otimista quanto

ao retorno de Andrew.

Me abaixei e peguei suas mãozinhas nas minhas, tirei as conchas e as coloquei nos bolsos de seu vestido, que, aliás, era idêntico ao meu. Fiz um carinho com o polegar em seus pulsos tentando passar segurança a ela, e também pegar um pouco para mim.

— Espero que logo, meu amor. Está com saudades? — Ela assentiu e fez um biquinho triste. — Eu também, tenho certeza de que ele está contando os minutos para voltar para nós. Vamos torcer para que não demore, e ele logo estará conosco, ok?

Sophie assentiu, um pouco triste, e deu um pulo se aninhando em meu pescoço. Com ela no colo, caminhei para a pedra ao lado de onde ficamos e me sentei abraçando minha menina como fazia quando ela estava triste. Coloquei as conchas que havíamos pegado em seu colo e, aos poucos, ela foi se soltando, olhando para elas e se distraiu analisando os nossos tesouros.

Respirei fundo e olhei minhas mãos cruzadas ao redor de Sophie, a aliança que Andrew havia me dado estava em meu dedo me lembrando de como nossos momentos haviam sido especiais. Sentia tanta falta dele, tinha tanto medo de perdê-lo sem nem mesmo ter tido a oportunidade de tê-lo realmente, que meu coração ficava apertado.

Respirei fundo e levantei os olhos tentando me distrair do nó que se formou em minha garganta. Adorava ver as ondas quebrando, indo e voltando. Era uma terapia que tinha certeza de que melhoraria o meu humor. Estar perto do mar me fazia feliz. E assim eu esperava que funcionasse naquele dia, para mim e para Sophie.

O tempo passou, e a melancolia aumentava em meu interior, cheguei até esfregar meu peito para ver se melhorava aquela sensação. Sentia como se algo fosse acontecer, porém não sabia o que poderia ser. Estava inquieta e pensei em voltar para casa, não estava funcionando ficar na beira da praia.

Já iria levantar e chamar minha filha para irmos embora quando, de repente, Sophie levantou a cabeça e pulou do meu colo correndo e gritando o

nome do Andrew. Eu demorei um longo minuto para focalizar o homem ajoelhado na areia com minha filha nos braços. Meu coração parecia uma escola de samba, quase não conseguia ouvir, era como se os barulhos das ondas estivessem dentro da minha cabeça.

Com as pernas trêmulas e não querendo ter muitas esperanças, porque poderia ser apenas um sonho ou uma ilusão, desci da pedra e me aproximei devagar dos dois que estavam abraçados, muito apertados. Ouvi que eles murmuravam algumas coisas e quando cheguei bem perto Andrew levantou os olhos e sorriu daquele jeito que me deixava apaixonada.

— Senti sua falta, princesa!

E só tinha uma coisa que eu poderia fazer. Sorri assentindo dizendo em silêncio que também tinha sentido a falta dele e me juntei aos dois naquele abraço que esperávamos não por um mês, mas por uma vida inteira.

Nós três estávamos completos agora, juntos estávamos bem.

***

Estar em seus braços era quase como um sonho, Sophie estava em êxtase desde que Andrew apareceu à nossa frente. Abraçados, caminhamos até a pedra em que eu estava sentada e ele se acomodou, envolvendo nós duas em seus braços. Ficamos com a cabeça deitada em seu peito, uma de cada lado, e, em silêncio, ouvimos a batida cadenciada de seu coração.

Andrew tinha retornado para nossas vidas e era simplesmente demais para dizer qualquer coisa.

Minha menina tinha os olhinhos apertados e sorria. Parecia achar que era um sonho e não queria acordar.

— Psiu! — A chamei baixinho e ela abriu os olhos, me encarando. — É real…

Sophie sorriu de lábios fechados, um sorriso tão doce e sincero, então

assentiu fechando os olhos de novo. Percebendo nossa interação, Andrew nos afastou um pouco e enxugou os olhos, sorrindo.

— O que vocês estão falando aí?

Olhei para Sophie e pisquei um olho, era um segredo de mãe e filha, uma cumplicidade de meninas.

— Nada não, coisas de mulher.

Ele estreitou os olhos e bagunçou os cabelos de Sophie carinhosamente.

— Hum, nada de tramarem contra mim.

Andrew continuava o mesmo, seu sorriso, a voz, os olhos expressivos, seu toque e calor. Mas estava diferente de alguma forma, parecia mais decidido, e também mais magro. Não pude deixar de notar.

— O que aconteceu com você? Está tão magro… — Precisava ter certeza de que ele estava bem, e também tinha que saber o que havia acontecido com ele. O porquê daquela missão tão de repente.

No calor do momento quando ele foi nem quis saber, mas depois de anos como um SEAL não ter levado nenhum tiro e então naquela missão específica ele foi atingido de uma forma quase fatal.

Claro que ele percebeu em minha expressão que eu tinha milhares de dúvidas.

— Eu estou bem, Aly. Vou ganhar peso de novo. Assim que tive alta corri para ficar junto de vocês, não pude esperar melhorar cem por cento, estava ansioso demais e muito preocupado.

— Então está tudo bem? A infecção foi controlada? E por que teve que ir nessa missão tão de repente? — Respirei fundo, não queria estragar nosso momento de reencontro, mas não poderia deixar para dizer o que sufocava meu peito. — Eu não posso mais fazer isso, Andrew. Não quero passar por esse medo uma terceira vez.

Ele assentiu e abaixou a cabeça por um momento. Meu coração acelerou com o medo de que ele dissesse que então iria embora.

— Eu estou bem, a infecção foi controlada e não corro risco. — Levantou os olhos me encarando seriamente. — E você não precisará ficar com medo de eu não voltar, Aly. Não sou mais um SEAL ativo no campo, posso ficar com as duas para o resto da vida, se me permitirem, claro.

Eu estava sem entender o que ele estava dizendo então Andrew sorriu e pegou meu queixo entre o indicador e o polegar.

— Fui promovido pelo meu heroísmo e agora sou um estrategista da Marinha. Não preciso ir para missões.

Não sabia como agir, estava sem graça por insinuar que ele escolhesse entre nós e sua carreira. Mas não poderia expor Sophie àquela agonia de não saber o que esperar. Contudo, ele já havia acertado tudo, antes mesmo de eu dizer qualquer coisa.

— Tem certeza disso?

— Sim, tanto quanto tenho certeza de que amo vocês. Não posso ficar longe e nem expor as duas a tantas maldades do mundo. Estarei aqui para sempre! Preciso contar uma coisa para vocês duas.

— O que foi?

Andrew respirou fundo e olhou para nós com angústia no olhar.

— Na missão que Ethan morreu, era para eu estar lá. A emboscada era direcionada a mim e acabou que ele morreu em meu lugar, sinto muito!

Engoli em seco com aquela notícia e olhei minha filha, que o observava com atenção. Não sabia se ela entendia aquilo, mas eu percebi a culpa enorme na voz de Andrew.

— Mas a equipe toda morreu, Andrew. Não foi só o Ethan!

Ele me olhou e assentiu.

— Sim, mas era pra eu ter morrido também.

Por ele ter dito aquilo senti um aperto enorme no peito. E vi que ele não sabia se dava graças a Deus por não ter estado na missão junto com os homens ou se sentia culpado.

— Olha, não adianta ficarmos pensando no que poderia ter acontecido. Aquelas pessoas são más e Ethan acabaria morrendo do mesmo jeito, porque ele estava na missão. Não se culpe por estar vivo!

Andrew olhou entre mim e Sophie, provavelmente procurando uma acusação ou algo do tipo, mas ele só encontrou amor.

— Eu sou grato por ter as duas! Estarei aqui para protegê-las todos os dias.

Minha respiração acelerou e só podia olhar para ele agradecendo a Deus por tudo que havia me dado. Tinha as duas pessoas que mais amava ao alcance das mãos.

Sophie, que olhava para nós com curiosidade, provavelmente não entendendo muito a nossa conversa, deu um pulo da pedra e aterrissou na areia com um barulho surdo. Ela ria e pulava.

— Vocês vão se casar?

Arregalei os olhos e virei-me para minha filha com uma pergunta enorme em minha expressão. De onde ela tinha tirado aquilo?

— O quê?

Ela colocou as mãos na cintura e quebrou o quadril de lado, como costumava fazer quando tinha que explicar algo óbvio. Acho até que revirou os olhos.

— Ué, mãe! Para ficar juntos para sempre, é como a Cinderela. Ela casou e viveu feliz para sempre com o príncipe encantado. E tio Drew, eu não te culpo, tá? — Ela abraçou Andrew e os dois pareciam conectados.

Eu sabia que não era bem assim que as coisas reais funcionavam e minha filha saberia disso uma hora ou outra, porém eu entendi o que ela queria dizer e também não iria destruir os sonhos dela explicando a realidade assim como Ethan fez tantas vezes.

Sem saber muito bem como agir, olhei para Andrew, que parecia um garoto que havia acabado de ganhar seu presente predileto. Riu encantado.

— Por mim me caso com você hoje. — Meu Deus! Como dizer que eu não queria me prender a leis e expectativas? Porém, ele me conhecia muito mais do que eu sabia. — Mas eu acho que deveríamos fazer algo diferente. Eu não preciso de nenhum papel dizendo que você é minha mulher, mas sei que nós merecemos uma união, não acha? Nossas almas merecem para que possam ficar em paz, uma união de amor. Não preciso de documentos, AJ. — Ele se levantou e ficou ao lado de Sophie ajoelhando-se no chão e estendendo a mão. — Aceita se casar comigo aos olhos de Deus e somente Ele nos abençoar?

Meu coração estava acelerado, olhei para Sophie que tinha as mãozinhas em cima do coração e suspirava encantada. Sorri para ela e me virei para o homem que fez com que eu encontrasse o verdadeiro sentido de ser eu mesma.

E observando como me encarava, percebi que não havia outra coisa que pudesse me fazer mais feliz e que completasse a minha vida definitivamente.

— Aceito sim!

31

Andrew

“Dê a quem você ama: asas para voar, raízes para voltar e motivos para ficar.”

(Dalai Lama)

Para o nosso dia não queríamos nada grandioso, algo simples e feito com amor era a escolha certa, então uma reunião na praia em frente à casa de Alysson foi a escolha perfeita.

Não convidamos muitas pessoas, era particular, na verdade eu preferia que fôssemos apenas nós três. Mas Alysson disse que já que selaríamos um compromisso tão importante, tínhamos que ter as pessoas que nos amavam por perto.

E isso excluía totalmente a família do Ethan. Meu amigo foi alguém muito especial para mim, encontrei nele um irmão que não tive, porém, infelizmente, ele não foi livre em sua vida, foi manipulado e usado como um boneco tendo suas vontades jogadas pelo canto. Acredito que se tivesse sido criado com amor e respeito, tendo opinião e personalidade própria, se não tivesse sido um peão, não tinha escolhido se casar com Alysson. Além de serem pessoas completamente diferentes, idealizou nela uma mulher que não existia e isso só levou tristeza para a vida de todos.

Mas eu o respeitava acima de tudo e esperava que estivesse feliz por nós agora.

Ellen e Emma nos procuraram após a minha volta, duas semanas atrás. Queriam tirar satisfações, estavam revoltadas por termos assumido nossa relação, acusaram Alysson de trair a memória de Ethan e ainda que deveríamos ter um caso antes de sua morte.

— Vocês não tem consideração pela memória de meu filho, ficam de sem-vergonhice, Sophie não deveria presenciar isso. O que ela vai pensar? — Emma parecia mesmo acreditar naquilo que dizia.

— Então quer dizer que deveríamos nos esconder? Não estamos fazendo nada de errado, Emma! E saiba que Sophie é muito feliz estando conosco. — Eu não consegui ficar quieto vendo as duas nos atacarem daquela forma.

Ellen parecia um dragão soltando fogo.

— Eu já disse, mãe, acho que ela é filha dele. Ethan foi feito de trouxa a vida toda! — Como se os olhos de Sophie não fossem idênticos aos do pai!

Elas eram completamente loucas, desequilibradas e, acredito eu, maldosas mesmo, porque não há desculpas suficiente para fazer tanto inferno na vida de outra pessoa.

Alysson respirava rapidamente e segurava a mão da filha o tempo todo.

— O que vocês querem, hein? Não tem mais nada aqui pra vocês, se acham que Sophie não é de Ethan não precisam procurá-la mais, já que sabemos que vocês não a amam. Nos deixe em paz, não me provoquem. Porque se fizerem minha menina sofrer eu acabo com vocês! — Alysson disse que elas não amavam a menina e eu tinha que concordar, porque ignoraram totalmente que Sophie estava ali assistindo tudo e que poderia se magoar com a confusão e o que diziam.

— Olha, eu acho que vocês devem ir embora, não vou permitir que magoem nenhuma das duas!

Tentei intervir, não queria que elas passassem por nada que as duas tinham a dizer. Na verdade, minha vontade era sacudir as duas até que recobrassem o juízo.

Mas Aly passou à frente.

— Sinceramente, Emma, eu não vejo o porquê de ainda ter que te dar satisfações. Eu não sou mais a mesma que aceita todas as suas opiniões e abaixa a cabeça, já te disse isso.

Olhei para a mãe de Ethan e percebi que não era nada mais do que uma mulher amarga, sem perspectivas e que não suportava ver os outros melhores que ela. Acredito que esse tipo de coisa é um círculo vicioso onde você acaba passando esse tipo de sentimento para os outros e, ao mesmo tempo, os controlando. E era o que Ethan tentava fazer com Alysson e Sophie.

— Você está se achando muito segura de si, Alysson. Não esqueça que temos direitos com Sophie. Se eu achar necessário ainda tiro a menina de seus braços, apenas para lhe ensinar algumas coisas.

Alysson respirou fundo e olhou Sophie que assistia tudo com os olhinhos arregalados. Eu estava ao lado delas desde que bateram na porta e pediram para conversar, deixamos as duas entrarem para por um ponto-final naquele capítulo de nossas vidas.

— Eu já deveria ter dito isso a vocês duas, mas fui fraca demais para fazer. Depois que passei a entender que não preciso tentar ser alguém que não sou para que me aceitem, não vou permitir que controlem minha vida, mandar no que posso ou não fazer, decidir com quem vou me relacionar. E depois de tudo que fizeram, acham que tem o direito de vir a minha casa, ameaçar a mim e a minha família? Eu não vou permitir isso! — Ela se soltou do braço que usei para confortá-la e deu um passo à frente impedindo que Sophie as visse. — Vocês não amam a minha filha. Nunca amaram, para vocês ela era apenas mais um boneco para controlar. Mais uma alma para ver apagando, mas sempre se frustraram de alguma forma, não é? Eu nunca permitiria que machucassem minha filha, e acabei deixando por um tempo. Não vão mais aterrorizar minha menina, ouviram? Estão proibidas de chegarem perto dela se for para fazê-la sofrer. São duas fracassadas na vida que só querem ver a desgraça dos outros. E mandem vir até o presidente pra ver o que eu faço!

Eu estava orgulhoso da minha AJ, ela as enfrentou, disse tudo que estava engasgado em sua garganta, desabafou mesmo e proibiu as duas de chegarem perto de Sophie se a intenção delas era fazer a menina sofrer.

Ellen parecia prestes a explodir de tanto ódio, olhou para mim e pareceu ficar com mais raiva ainda.

— Eu acho que você esqueceu que me agrediu, né? Posso prestar queixa contra você, Alysson! Meu irmão foi idiota demais, deveria ter mostrado mais firmemente quem manda.

— Você tá querendo dizer que ele deveria ter me batido, né? Olha, quer dar queixa? Vamos lá, vou ligar agora para a polícia pra poupar seu trabalho de ir à delegacia.

Claro que ficaram indignadas e teve mais brigas, xingamentos e gritaria. Foi quando Alysson cumpriu a promessa de mover céus e terras para proteger a filha. Naquele instante ela ligou para a polícia dizendo que duas loucas haviam invadido sua casa e estavam ameaçando ela e sua família. As duas ficaram lívidas e prometeram nunca mais voltar para ver a menina, que desconfiavam não ser do sangue delas e que não valeria a pena gastar tempo com ela. E mesmo que fosse, sem o filho para criá-la, Sophie ficaria insuportável como a mãe.

Foi cruel, duro e doeu muito ver como a pequena se encolhia a cada palavra proferida. Naquele momento eu não me aguentei e tomei à frente colocando-as para fora da casa sem dar chance para que ferissem ainda mais as minhas meninas.

Quando a polícia chegou, elas já tinham ido embora, os oficiais encontraram Sophie muito abalada e queriam registrar queixa, mas Alysson tinha certeza de que elas não as importunariam mais depois daquilo, e eu torcia por isso. Então dispensou os policiais.

Sua desconfiança realmente se mostrou real. Duas semanas se passaram e nenhum sinal das duas, a não ser do advogado que queria tirar a pensão de Ethan de Alysson e Sophie para que Ellen e Emma recebessem, alegou que

houve traição e que a menina não era filha dele. Mas claro que não iria para frente. Essas coisas não são assim e ele sabia, acredito que queria mesmo era assustar Aly para que ela cedesse a pensão com medo de um processo. Mas mesmo se fosse tão fácil quanto ele queria que acreditássemos, AJ estava pronta para lutar pelos direitos da filha.

Com tudo que aconteceu, não foi fácil, magoou ambas e as deixaram tristes por algum tempo, eu percebi Alysson e Sophie mais leves depois do ocorrido. Parecia que elas tinham exorcizado um fantasma que há tempos as assombrava. Elas sorriam cada vez mais e viviam sem medo de decepcionar alguém.

Alysson tinha voltado totalmente a ser quem era, quando eu a conheci, até mesmo me chamou para namorar na praia várias noites. O melhor de tudo era que tínhamos cúmplices. Beth e Dana, que tinha decidido ficar na cidade até a nossa união, ficavam com Sophie para que passássemos momentos especiais na areia daquela praia.

E momentos estes que ficariam gravados em nossa memória para sempre e que também tinha certeza de que se repetiriam muitas vezes durante o nosso futuro.

Futuro este que já estava começando…

A noite estava linda para uma cerimônia como aquela, o céu estava enfeitado de estrelas e a lua estava alta, iluminando o que seria o “casamento” de almas mais bonito que já se tenha ouvido falar.

— Eu acho que você fez a coisa certa, idiota!

Olhei para Dana, que estava ao meu lado, com o marido a tiracolo e a barriga enorme à espera do Davi. Ela sorria amplamente e, apesar do xingamento, percebi que, dessa vez, estava feliz e satisfeita comigo.

— Demorou um pouco, mas cheguei lá, não é?

Dana bufou e revirou os olhos.

— Demorou demais! Mas eu te entendo, acho que forçar ela a desistir

do que queria, seria semelhante ao que o falecido fez, que Deus o tenha. — Levantou as mãos para o céu dramaticamente.

Sorri com a impetuosidade da amiga de Alysson. Desde que tinha voltado, elas ficaram muito tempo juntas recuperando o tempo perdido e eu pude conhecer um pouco mais dela do que quando nos encontramos em Vegas no casamento com Ethan.

— Pode ser, mas o que passou ficou para trás, o que importa é o daqui para frente.

Dana sorriu olhando para a casa e fez um aceno.

— Acho que você tem um futuro lindo ao lado de duas princesas, não acha?

E mesmo que se passassem milhares de anos, nunca imaginaria ver uma cena tão linda quanto a que se apresentava à minha frente.

Sophie caminhava em minha direção, com os olhos mais brilhantes que já tinha visto, e Alysson esperava na varanda, meio encoberta pela noite, apenas conseguia ver o reflexo que a lua fazia em seu vestido e o sorriso maravilhoso que refletia em meu coração.

A minha pequena princesa estava linda, ela usava um vestidinho amarelo com flores brancas e uma faixa na cintura. Carregava uma cesta de pétalas de rosas e jogava pela areia, sorrindo para todas as pessoas.

Quando ela se aproximou, eu me ajoelhei e estendi a minha mão, ela colocou a sua pequena na minha e sorriu. Eu a beijei como os príncipes de seus contos de fadas que ela amava e arqueei as sobrancelhas.

— Que princesa mais linda, me dá a honra dessa dança?

Ela pareceu envergonhada por um segundo, suas bochechas ficaram rosadas e Sophie ficou ainda mais encantadora.

— Obrigada! Mamãe disse que ia combinar com o vestido dela e a sua roupa. Gostou, tio Drew? Você parece um príncipe!

Eu usava uma calça branca e uma camisa de botão amarela.

— Sim, meu amor. Nunca vi princesa mais linda!

Sophie sorriu encantada e revirou os olhos se aproximando com uma mão na boca como se fosse me confidenciar uma coisa.

— É porque ainda não viu a mamãe, acho que vai desmaiar. — Ri com ela e olhei para a varanda onde Alysson estava parada minutos atrás.

E naquele momento a música tocou, Kenny G tocava suave e romântico. Levantei-me e olhei para o final das cadeiras que havíamos colocado em frente à casa de Alysson. Os assentos eram ocupados apenas por nossos melhores amigos. Steve e seu filho, Dana e o marido, meus pais e a mãe de Aly, Max e alguns caras da Marinha. E não precisávamos de mais ninguém, afinal, era a nossa união de almas.

Quando eu encontrei as duas naquela mesma praia senti que precisava de alguma coisa que nos unisse, uma bênção para o nosso amor. Eu sabia que Alysson não queria se casar mais no papel, mas não precisávamos disso para sermos felizes.

E ter as duas de volta em meus braços me fez entender que já éramos uma família, antes mesmo de nos darmos conta disso. Apesar de qualquer coisa, família se apoia, sente saudades e se ama.

E vê-la caminhando em minha direção, sorrindo, linda, perfeita da forma que só ela era, quase me colocou de joelhos mais uma vez. Só que agora não seria de propósito, seria o simples fato de eu não me aguentar de tanta paixão. Meu peito se enchia de amor e eu só pensava em gritar e cantar pela nossa felicidade.

Ela usava um vestido marfim, com uma fita amarela na cintura, não carregava nada nas mãos, vinha livre para mim.

Literalmente livre e toda para mim!

Quando me alcançou seu sorriso alcançava seus olhos e ela resplandecia.

Imaginei milhares de coisas para dizer quando a tivesse ao meu lado e

naquele momento fiquei mortalmente sem palavras. Precisava apenas afirmar o óbvio que todos ali presentes viam.

— Você está linda!

Ouvimos risadinhas ao redor e Alysson sorriu e olhou nossos poucos, mas verdadeiros amigos, que nos assistia. Ela os cumprimentou e agradeceu com um aceno.

— Obrigada, você também não está tão mal para um cara que pode virar sapo.

Pisquei os olhos tentando espantar as lágrimas que queriam se libertar e olhei para nossa menina que nos observava atentamente.

— Fiz o melhor possível, princesa!

Peguei na mão dela e Alysson abaixou a cabeça olhando nossos dedos unidos, quando levantou os olhos para me encarar perdi o chão. Tudo que eu esperei por sete anos estava à minha frente. Sua aceitação, seu amor, sua amizade, a alma tão linda, e o coração tão bondoso.

— Tá pronto?

Assenti nervoso e engoli em seco, nós não tínhamos uma pessoa para celebrar a nossa união, nada de padre, reverendo ou qualquer um, nós iríamos abençoar nosso amor.

Alysson sorriu e respirou fundo olhando em meus olhos.

— Era você! Quando eu me vi no fundo do poço, era você que me resgatava. Os dias em que perdia o chão, era em você que eu pensava. E desde o momento que te conheci, sempre soube que só você que conseguiria me fazer feliz. Nossa vida tomou rumos diferentes, fiz escolhas que não deveria ter feito, mas faria tudo de novo se o resultado fosse esse, Andrew. Acredito que tudo na vida é uma reação de uma ação. Quando você foi para a missão que quase o tirou de mim eu iria te falar o quanto te amava e não o fiz por medo. Não posso mais, eu te amo com todo o meu ser. Quando eu me encontrei, era você que estava ali ao meu lado para me apoiar e me dedicar

todo o seu amor. E te amo ainda mais por me ajudar a me permitir ser eu. Nossa união é abençoada porque respeitamos quem somos! Obrigada por não desistir de mim mesmo quando eu desisti…

O que dizer depois disso tudo? Não havia palavras suficientes para que eu dissesse tudo o que sentia, meu coração estava tão cheio de amor que parecia explodir a qualquer minuto. Pelo canto do olho vi que nossos amigos estavam emocionados e então vi minha menina ao lado da avó, e ela também chorava.

Abaixei-me e a chamei para perto de mim. Sophie se aproximou e a peguei no colo, olhei para Alysson que sorria em meio às lágrimas. Não poderia fazer meus votos sem a peça fundamental da nossa união.

— Vocês duas são meus maiores tesouros, a luz que ilumina a minha vida, eu sempre voltei para ver o sorriso de vocês. Para poder ouvir suas vozes, sentir que estavam comigo. Mesmo quando você não era minha Alysson, se eu precisasse de força para enfrentar qualquer coisa, era em vocês que eu pensava. Amo Sophie como minha filha. — Olhei para ela, que me encarava atentamente. Nunca havia dito isso a ela por medo de confundir seu coração. — Eu sempre amei seu pai como um irmão, princesa. E nunca quis e nem quero tomar o lugar dele. Mas eu preciso que saiba que em meu coração você é minha filha, minha menina que Deus me deu. Entende o que quero dizer?

Sophie assentiu e estendeu a mãos colocando as palmas abertas em meu rosto.

— Sim, em meu coração sempre teve espaço para dois pais. Você que está aqui agora e o meu pai anjo que me olha lá de cima.

Assenti chorando e olhei para Alysson.

— Era você em todos os momentos, AJ!

E eu não precisava dizer mais nada! Nossa vida estava ligada por laços maiores do que a vida terrestre, nossas almas estavam unidas com algo muito mais forte do que leis humanas.

Não era esperado de nós nada mais do que o amor livre que sentíamos um pelo outro.

Epílogo

Alysson

“A liberdade só será possível quando você estiver tão inteiro que também possa enfrentar a responsabilidade de ser livre.”

(Autor desconhecido)

Por mais que a vida possa traçar caminhos para nós, somos os responsáveis pelos quais escolheremos caminhar. Uma escolha mal feita pode acarretar muitos arrependimentos, mas essas escolhas não ditam o resto das nossas vidas.

Em nossos caminhos vamos encontrar vários tipos de pessoas, cada uma com sua personalidade, com sua particularidade. Sempre acreditei na beleza da diferença. Qual seria a graça se fôssemos todos iguais, termos os mesmos desejos e sonhos, nos comportarmos da mesma forma. O legal do ser humano é a diversidade!

Porém, algumas coisas podem nos fazer mudar, querer ser quem não somos, querer se enquadrar em um padrão idealizado por pessoas vazias desesperadas e egocêntricas. Muitas vezes essas pessoas só querem ser livres e não conseguem, com isso “precisam” impor suas vontades, querem que você tenha certo comportamento, que obedeça as regras…

E por falar em regras…

Isso é uma droga! A única regra que devemos seguir é aquele velho

ditado: “O seu direito acaba onde começa o dos outros”.

Se todos seguissem *essa* regra à risca, não teríamos tantos desentendimentos, tantas guerras.

E por falar em pessoas…

Quantos relacionamentos destrutivos você já presenciou na vida? Não precisa ser entre um casal. Pode ser dentro de uma família, ou até entre amigos. Pare e pense: Quantas dessas pessoas que passaram por sua vida tiveram suas vontades ignoradas, sua voz silenciada, sua personalidade esmagada?

E agora me responda: Você já vivenciou um relacionamento destrutivo?

Agora a maior questão: O que você fez para mudar isso? Para ajudar quem precisava, ou até mesmo para *se* ajudar a ver através do poço escuro que são os padrões impostos?

Existem muito mais relacionamentos destrutivos, regado a dependência emocional do que imaginamos. Ele pode estar mais perto do que sequer podemos cogitar.

Bom, eu posso dizer que nada disso é fácil e muitas vezes nem mesmo percebemos que estamos em um relacionamento fadado à tristeza, dor e hostilidade. Porque fica tão comum, tão banal, deixar de ser você, que acaba pensando que é assim mesmo, mas não é. E tem aquelas pessoas que não querem ajuda, elas estão tão enraizadas naquela vida viciosa que talvez por comodismo, ou por não ver uma saída preferem viver daquela forma. Não por ser mais fácil, porque deixar tudo que é de lado é uma tortura, mas por ser a única coisa que conhece, ou que não se sentem merecedoras de carinho ou respeito.

Um relacionamento saudável é aquele que ama sim, muito, mas que também respeita o espaço de cada um. É o amor que sente saudades sim, mas respeita as escolhas do outro. É o amor que apoia, que elogia, que eleva.

Você não precisa prender quem ama para que ele fique ao seu lado, dê motivos para ele querer estar ao seu lado, mas exatamente porque ele quer, e

não porque é obrigado.

Não se pode obrigar uma pessoa a tomar certas atitudes, pensar de certa forma, agir de uma maneira que não faça parte dela. Ninguém é igual a ninguém, então por que se deve abaixar a cabeça e tentar se encaixar em certos estereótipos que não nos cabem?

E quando deixamos de ser quem somos, deixamos de sermos únicos para fazer parte de uma massa ensaiada e escrava da sociedade.

Nunca deixe de ser quem é, encontre em meio à escuridão uma saída, ache a chave de sua prisão dentro da sua alma, procure nos cantos escuros o seu coração que se perdeu. Olhe no espelho e note o quanto é especial, o quanto Deus, em sua perfeição, nos deu o livre-arbítrio para que possamos escolher nossos caminhos.

Não deixe que te diminuam, não deixe seus sonhos de lado, não deixe sua voz se calar. Você pode se encontrar!

Por anos eu deixei de ser quem era para tentar me encaixar em um padrão perfeito de mulher. A esposa perfeita de um militar, a mãe perfeita de uma menina. E foi esperado que criasse minha filha de forma exemplar.

Fui vendo aos poucos minha personalidade se esvaindo, minha voz se calando diante de críticas e censuras. Eu já não tinha minha individualidade, era uma verdadeira boneca manipulável.

E depois que percebi que o maior vilão de toda a história era o meu subconsciente inseguro, sedento por aprovação, e então agora eu sabia que para que fosse “aceita”, não precisava me encaixar em nada. Para ser amada não precisava me esforçar a nada. Para ser respeitada não precisava me silenciar.

Eu tinha, simplesmente que ser eu mesma e me amar acima de qualquer coisa que o resto viria consequentemente.

— Você sabe que a visão mais linda das minhas manhãs é ver o quanto sou abençoado por ter alguém tão especial do meu lado, não é?

Me virei e olhei Andrew nos olhos e logo fui abraçada por ele. Seu rosto com uma barba rala arranhou meu pescoço quando ele abaixou a cabeça para beijar meu pescoço.

— Sabia sim, você me diz isso todos os dias!

— É porque eu não quero que esqueça — falou com a boca colada em minha pele.

— Sei disso também! — E por mais que eu me lamentasse pelas escolhas que fiz na vida, não poderia fazer de outra forma, porque elas me fizeram ser quem eu era, dar valor ao que valia a pena… e elas me levaram aquele momento. — Já terminou o trabalho por hoje?

Andrew me virou e me abraçou por trás, olhando para o mar como eu fazia antes dele chegar.

— Sim, agora sou todinho de vocês. Quais são os planos para o final de semana?

Era tão bom saber que ele estava pronto para qualquer coisa. Estar com ele era um sonho. Andrew era um companheiro maravilhoso, um amigo especial e o amor que eu sempre sonhei.

— Pensei em apenas ficar por aqui, não estou a fim de aventuras.

Senti seu sorriso em meu pescoço e ele respirou fundo sentindo meu perfume. Ele adorava fazer isso, me tocava a todo instante, me beijava sempre que podia, mas o meu cheiro, ele dizia que podia se lembrar dele de quando ficamos juntos pela primeira vez. Dizia que era o que o fez se apaixonar por mim.

— Princesa, todos os nossos dias são aventuras maravilhosas, não dá pra fugir.

Me virei e olhei aqueles olhos lindos, o sorriso que me encantava, o homem que amava.

— Adoro me aventurar com você.

— Eu sei que sim, tenho provas disso. — Piscou um olho com

cumplicidade.

— Ah, é?

— Hum-hum! — Abaixou a cabeça e roçou a boca em meu rosto e maxilar, subindo aos poucos em busca de um beijo.

Nossos lábios se encontraram num beijo suave e cheio de promessas. Suas mãos estavam enfiadas em meus cabelos e apoiei as minhas em seus ombros enquanto nos perdíamos um no outro. Acreditava que sempre seria assim, nunca tinha o suficiente dele.

Escutei risadinhas de crianças e me afastei, sorrindo. Sem olhar eu já sabia quem estava nos espionando.

— Sophie e Adam! O eu já disse sobre chegarem sorrateiros?

Sabia que não adiantava chamar atenção daqueles dois, Andrew piscou para mim e olhou para as crianças que nos observavam sorrindo com as bochechas vermelhas, um pouquinho envergonhados, por terem sido pegas.

— Eu fiquei com saudades, cadê o abraço do papai? — Andrew se abaixou e abriu os braços.

Os dois pularam no pescoço de Andrew e o abraçou apertado. Presenciar o que o futuro me reservou, me fez ter a certeza de que eu tinha feito a escolha certa ao me amar e amar aquele homem. Dois meses depois do nosso “casamento” fiquei grávida pela segunda vez. Foi uma surpresa e uma promessa de esperança. Drew surtou, ficou muito feliz e Sophie se encantou. Com trinta e nove semanas, nasceu o nosso pequeno Adam, o tesouro preferido da Sophie.

Minha filha dizia que não precisava mais das conchas, porque tinha um irmãozinho para amar e ensinar o verdadeiro sentido do amor.

Mesmo com a diferença na idade, Sophie e Adam eram melhores amigos. Eles se amavam, se respeitavam e se apoiavam.

Passou-se três anos e nossas vidas estavam cada vez melhores. Minha menina crescia cada vez mais, se tornando uma mocinha linda e com

personalidade forte. Adam era uma criança doce, cheia de sonhos, feliz e carinhosa. Era a cópia escrita do pai, física e emocionalmente. Principalmente no quesito charme.

Andrew era o pai perfeito, aquele pai amigo que todos desejam. E eu era grata pelo tesouro que tinha guardado.

No meio da algazarra dos três, Sophie se soltou do pai e do irmão, que partiram numa viagem para a lua em uma espaçonave imaginária. Ela parou ao meu lado com os braços cruzados, olhou para o mar e sorriu se voltando para mim. Minha princesa já tinha quase dez anos e cada vez mais se parecia comigo.

— Você está feliz, não é, mãe?

Um dia eu prometi cuidar e proteger a minha menina a qualquer custo. Enfrentei tantas coisas para conseguir isso, venci desafios e superei obstáculos, só não sabia que ela acabaria me protegendo e cuidando de mim também. Assenti olhando para os meninos brincando e depois para ela, que me observava, e sorri com carinho.

— Estou sim, princesa. Estou muito!

Abracei minha menina e olhei para o mar mais uma vez, ela se aconchegou em meu abraço e novamente éramos sós nós duas e o oceano.

Minha vida era recheada de companheirismo e respeito por todos que amava, tinha filhos maravilhosos, uma melhor amiga em minha primogênita, um homem especial que só trouxe felicidade para mim, um filho doce e tão carinhoso.

Estava em paz agora e sabia que cada vez que me sentisse sufocar, teria com quem contar para me trazer de volta. Nunca estaria sozinha.

Nossa vida tinha muitos caminhos a serem traçados e provavelmente vários desafios a serem superados, mas juntos, estávamos bem.

FIM

Bônus

Sophie

— Sophie, você pode ver se Adam terminou o banho? Já está no banheiro faz tempo!

Sorri e olhei minha mãe, ela estava cada vez mais linda. Seis anos de felicidade plena, ela sempre dizia isso!

— Claro, mãe! Mas sabe como é, ele nem deve ter tomado banho ainda.

Ela respirou fundo e assentiu!

— Provavelmente está na banheira brincando com os barcos. Desde que Andrew trouxe, ele não larga aquelas coisas.

— Eu sei, ele sempre diz que será um SEAL também.

— Ai meu Deus!

Nós rimos juntas e me levantei da mesa para verificar meu irmãozinho. Nós tínhamos seis anos de diferença na idade, mas nos dávamos bem demais. Ele me entendia como nenhuma outra pessoa, a não ser minha mãe, claro.

Já no corredor pude confirmar a bagunça que Adam fazia no banheiro, até podia ver, o lugar devia estar alagado. Abri uma fresta da porta e espiei meu irmão na banheira. Estava com muito mais espuma que o normal e tinha muitos brinquedos não só na água, mas em todo o chão. Ah, e Adam não estava do lado de dentro. Ele ainda estava vestido do lado de fora brincando com seus barcos e tanques de guerra.

Abri a porta sem que ele ouvisse, mas também não o faria, Adam

gritava ordens para os soldados. Cruzei os braços e fiquei observando-o.

— Preparem-se, nós já vamos invadir. Você da direita, pula esse muro logo ou seremos atingidos. Ei, seu bunda mole, nada de preguiça. Isso, vamos. Atacar!

E foi aquela bagunça, mais água pelo chão, mais brinquedos jogados pelos ares e a roupa dele ensopou. Acreditei que alguém estaria em apuros.

— Acho que você vai ficar de castigo!

Adam parou a meio caminho de se jogar na banheira de roupa e tudo. Arregalou os olhos e me encarou.

— Nossa, você me assustou. Pensei que fosse a mamãe.

— E você acha que conseguiria esconder dela essa bagunça toda?

Ele revirou os olhos e deu de ombros. Meu irmão era tão pentelho, mas não tinha nenhuma noção das coisas.

— Eu não vou te ajudar dessa vez, Adam!

Sério, para um menino de seis anos ele era muito esperto, sabia dobrar qualquer um. Adam fez um biquinho e se aproximou com as mãos juntas como fazemos em oração.

— *Por favorzinho,* irmã mais linda do mundo.

— Não adianta me bajular, pestinha!

— Ela vai tirar minha TV.

— E vai ser bem feito, olha essa bagunça.

Ele fungou e abaixou a cabeça.

— Mas foi sem querer!

Estreitei meus olhos e tive que ser muito forte para não cair na dele, estava quase indo. Por que tinha que ser tão fofo? Mas não podia. Ele precisava aprender.

— Vamos fazer o seguinte? Limpa tudo, junta esses brinquedos e me ajuda a secar o chão. Depois que você tomar banho eu vou com você até a

cozinha para contar para a mamãe.

Ele franziu a testa e pensou por um segundo e concordou com um aceno, logo começou a juntar os brinquedos no cesto, que ele havia arrastado até ali. A opção era melhor do que nossa mãe ver o banheiro naquele estado.

Depois que juntou toda a bagunça de tanques de guerra, bonecos, aviões e barcos ajudei-o a secar toda aquela água, deve ter demorado um pouco, mas conseguimos.

Adam tomou banho sem reclamar e vestiu o pijama, apesar de ser cedo ainda, ele já se arrumou para dormir. Quando terminou olhou para mim e sorriu.

— Vamos, Soph!

Peguei em sua mão e fomos em direção à cozinha, mamãe já estava colocando a mesa para o café da tarde.

— Nossa, vocês demoraram! — Ela nos olhou e franziu a testa. — O que tá acontecendo? Por que o Adam tá com essa carinha de cachorro perdido? O que aprontou, filho?

Mamãe colocou as mãos na cintura e esperou. Aquela expressão no rosto do meu irmão já era conhecida, sempre que aprontava ficava daquele jeito para tentar se safar.

Cutuquei ele, que me olhou fazendo uma careta.

— Fiz bagunça no banheiro, mãe. Sinto muito!

Minha mãe se segurava para não rir do jeito que ele falou. Era fofo demais!

— Hum… — ela resmungou querendo saber mais.

Adam olhou para mim pedindo ajuda, revirei os olhos. Homens!

— Mas ele guardou todos os brinquedos e ajudei a enxugar a água, mãe. Nada com que se preocupar.

— Sei, então quer dizer que não quis esconder a bagunça dessa vez e

está me contando por livre e espontânea vontade?

Ele arqueou as sobrancelhas e olhou para mim de novo.

— Eu disse a ele que tinha que te contar, mas que precisava consertar as coisas primeiro.

Mamãe sorriu carinhosamente e assentiu.

— Então ok, se tá tudo arrumado, vem cá tomar seu lanche.

Adam franziu a testa e respirou fundo, sentou-se pegando o achocolatado e alguns biscoitos. Comeu ainda pensativo e só fiquei esperando.

— Então não estou sem TV?

Eu sorri e minha mãe também.

— Não, você fez bagunça, arrumou tudo e ainda me contou, mentir que é feio e tentar esconder o que fez. Mas está tudo bem!

Depois do café da tarde eu deixei minha mãe com Adam na sala assistindo televisão e fui até a varanda observar as ondas. Tinha pegado esse costume da minha mãe, ela adorava o mar.

Eu aprendi tanta coisa na minha vida e só tenho doze anos, muitas vezes paro para pensar quantas coisas ainda há para aprender. Para uma menina da minha idade é esperado coisas que eu não faço, sempre foi esperado alguma coisa de mim que não atingi as expectativas. E quem esperava essas coisas? A sociedade! Mas eu sempre fui contra padrões. Aprendi isso com a minha mãe. E por falar nela, foi com sua paixão que eu encontrei a minha.

Minha mãe é dona de uma livraria e eu cresci rodeada de sonhos em palavras. Acabei encontrando o meu. Amo escrever, desde que aprendi não parei, escrevo cartas, poemas, escrevo em meu diário, bilhetes, pensamentos… Enfim, tenho muita coisa em meu coração e adoro colocar no papel. Claro que minha mãe me incentivou. E era por ela que me sentei na varanda aquele dia com o meu caderno e uma caneta. Tinha uma carta especial para escrever.

Olá, papai!

Sei que você nunca lerá essas palavras, que nunca vai pegar a minha carta, que nunca irá saber como me sinto. Porém, eu preciso desabafar sobre tudo que há em meu coração.

Você se foi há muito tempo, já se passaram anos, e, infelizmente, tenho que lhe dizer que me lembro muito pouco de você. Mas não te esqueci, eu acho que nunca poderia. Afinal, foi você que me deu meu primeiro coração quebrado. Sim, desculpe, mas é verdade! Li em algum lugar que nunca nos esquecemos de coisas que nos marcam: boas e ruins.

Você partiu meu coração duas vezes, quando fez minha mãe sofrer e quando nos abandonou, eu sei que não foi sua escolha a segunda parte. Ninguém escolhe morrer afinal. Mas a primeira foi sim e eu te odiei muito por isso. Mas na minha inocência de criança não entendia o que sentia e me culpei por sentir aquilo. Sabe, pai, você não deveria ter tentado mudar a minha mãe ou a mim. Por que fez isso? Não éramos boas o suficiente pra você? Meus sonhos eram grandes demais para suportar? Ou será que os seus eram e não conseguia realizá-los?

Agora entendo que você não foi mau, mas por um tempo pensei que fosse. Quando vi que minha mãe poderia ser feliz sem você eu tive muita raiva porque ela demorou muito tempo para entender tudo. Eu já entendia isso antes dela se dar conta. Apesar de ela não ser quem era realmente, não permitia que eu mudasse por ninguém. Sempre me incentivava e apoiava. Mamãe me amou como eu sou desde o primeiro minuto, e você quis me mudar.

Triste, né? Pois então, eu aprendi algumas coisas nesses anos. Quer saber o que são essas coisas? Eu vou te contar:

Aprendi a amar. Sim, eu aprendi a amar de todas as formas e tipos de pessoas.

Aprendi a amar minha mãe e admirar a mulher maravilhosa que ela é.

Aprendi a amar você, pai, porque percebi que tenho parte de ti dentro de mim e amo ela, por isso eu te amo. Aprendi a amar o tio Andrew, ele me leva para todo lado, ele me incentiva, me faz sorrir e me segura quando estou triste. Ele ri comigo e de mim. Aprendi a amar meu irmãozinho, às vezes ele é bem pentelho, mas eu amo aquele pedaço de morango (eu o chamo assim porque fica vermelho à toa e dá vontade de morder). Aprendi a amar sua família, que também é minha, eles não me amam, na verdade não amam nem a si mesmos. Mas eu os amo, então tá bom.

Mas, acima de tudo, minha mãe me ensinou a amar a mim mesma.

Eu nunca serei quem você esperou que fosse, sinto muito. E na verdade nem me importo com isso, porque as pessoas devem nos amar como somos e não querer nos mudar para que se encaixe no que eles desejam.

Decidi escrever essa carta porque estou virando uma página em minha vida. Hoje, eu decidi uma coisa, mas antes precisava falar com você, sabe? Eu não sei se voltarei a te contar sobre a minha vida. Talvez sim, mas se não deixo um grande abraço da sua filha que te ama.

Sophie.

Olhei para as ondas que traziam a maresia e respirei fundo. Senti-me mais leve depois de tudo que escrevi. Estava pensando em fazer isso fazia tempo, sentia que já estava na hora de começar outra página da minha história, deixar o passado aonde ele pertencia.

— Ei, Sophie, pronta para uma partida?

Andrew estava parado do lado de fora de casa, segurando um taco de beisebol e luvas, ele sorria porque sabia o quanto eu amava aquele esporte, na verdade eu era apaixonada. Planejava jogar profissionalmente, no time masculino.

Levantei-me e guardei o caderno no quarto, quando voltei ele já estava se aquecendo, com o passar dos anos eu me especializei em minha tacada. Ele perdia sem que me deixasse ganhar. Coloquei meu boné por cima dos meus

cabelos loiros e sorri.

Cheguei perto dele e peguei o taco de suas mãos.

— Vamos lá, papai!

Andrew me olhou com os olhos arregalados e percebi o quanto ficou emocionado, eu nunca o tinha chamado de pai, era sempre tio Andrew. Mas ele tinha sido meu pai muito antes do meu biológico morrer, esteve sempre ao meu lado e cuidava de nós muito bem. Estava na hora de nomear o amor que eu sentia por ele. E então sorriu me abraçando pelos ombros.

— Acho que hoje eu ganho de você, princesa.

Sorri de lado e o empurrei com o ombro.

— Vai sonhando, coroa.

— Droga, já tá me chamando assim? Preciso te mostrar quem manda nesse lugar.

Ele começou a correr pela areia indo em direção ao ponto onde costumávamos jogar. Eu ri da cara dele e fui atrás. Nossa vida era muito boa, eu tinha uma família linda, um pai amoroso, uma mãe dedicada e minha melhor amiga, um irmão pentelho para eu amar e cuidar. Como AJ dizia, juntos estávamos bem!

Agradecimentos

Esse livro me surpreendeu muito mais do que imaginei que faria. Comecei a história de uma forma, pensando em certo enredo e tudo virou de cabeça para baixo. Uma história que me ensinou mais do que pensei que poderia, uma personagem que mexeu demais comigo. Alysson veio para a minha vida como uma forma de entendimento. Passei a ver algo muito pessoal de outra forma e queria de coração que todas as pessoas que passam por esse tipo de situação encontrem alguém capaz de amar incondicionalmente, como o Andrew a amou e como ela se amou, depois de perceber que não poderia passar a vida se encaixando em padrões.

O livro teve altos e baixos, felicidades e tristezas, mas, acima de tudo, teve amor. Amor de uma mãe pela sua filha, de um homem por uma mulher, de uma mulher por si mesma.

E agradeço de coração a todas as pessoas que me acompanharam no livro. Aos leitores que torceram, me apoiaram, me entenderam e esperaram. Não canso de dizer que vocês são o combustível para que eu possa continuar. Então, muito obrigada por cada palavra de carinho e amizade! Sem vocês eu não conseguiria.

Agradeço a minha família e, principalmente, ao meu esposo por ser um marido maravilhoso que me respeita e apoia, que me acompanha em todos os momentos e que me ama do jeitinho que eu sou. Ao filho lindo que Deus me deu, ao menino doce que me inspira a ser melhor a cada dia.

A todos que estão ao meu lado enfrentando junto comigo os obstáculos. MUITO OBRIGADA!

Eu vou ficando por aqui com o desejo de que esse livro possa ter tocado alguém de alguma forma, que Alysson possa inspirar muitas pessoas que possam ter sentido com ela a superação de cada obstáculo.

Milhares de beijinhos,

Gi Souza.

Biografia



GISELE SOUZA

Nasceu em Volta Redonda, no Rio de Janeiro, em 1 de maio de 1987. Leitora compulsiva, apaixonada por livros filmes e séries. Começou a se aventurar no mundo da escrita em 2013 e assim encontrou sua verdadeira vocação. “Inspiração” é seu primeiro romance publicado. Considera-se uma pessoa simples com uma vida descomplicada. Casada e mãe de um menino lindo de cinco anos.

REDES SOCIAIS DA AUTORA:

Site oficial:

www.giselesouza.net

Fanpage:

https://www.facebook.com/autoragi.souza

Instagram:

https://www.instagram.com/giisouza.autora/

E-mail:

giisouza.autora@gmail.com

Outras obras

SÉRIE INSPIRAÇÃO



INSPIRE!

Vol. ½, um prequel da série *Inspiração*

À VENDA NO FORMATO DIGITAL:

http://www.amazon.com.br/dp/B00LOCVZK2

Conheça Layla Bonatti em seus doze anos, uma menina doce e feliz.

E seu irmão Lucas, um encanto de herói.

Prequel do livro *Inspiração*. Inspire-se e se emocione!



INSPIRAÇÃO

Vol. I da série *Inspiração*

À VENDA NO FORMATO DIGITAL:

http://www.amazon.com.br/dp/B00IN36H2G

Para Layla Bonatti, não havia pessoa mais importante do que o seu irmão, Lucas. Criá-lo desde pequeno cobrou seu preço e seus próprios sonhos foram anulados, exceto um: a música, paixão que cultivava desde que era uma menina.

Cantar no bar era o seu único prazer, em suas apresentações deixava transparecer todos os seus sentimentos. Desta forma, encontrou a recompensa tão sonhada: ser amada e valorizada, seus anseios mais secretos.

Porém, o fantasma da perda ainda rondava o seu coração.

Layla será capaz de esquecer toda a dor e finalmente abrir o seu coração para um intenso romance?



IMPULSO

Vol. II da série *Inspiração*

À VENDA NO FORMATO DIGITAL:

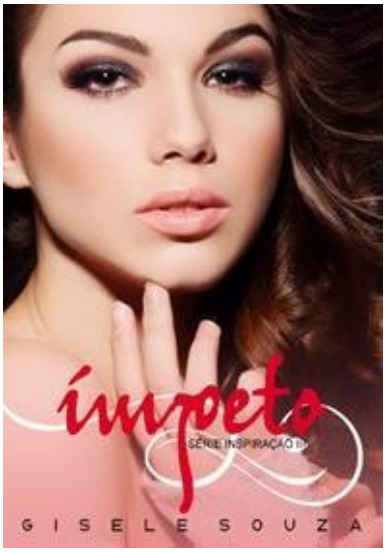
http://www.amazon.com.br/dp/B00NQLT88A

Lucas Bonatti nasceu para ser brilhante. Criado pela irmã, sua vida foi regada de responsabilidades, amor e companheirismo. Contudo, sempre escondeu a ânsia de amar incondicionalmente. Quando, enfim, acreditou ter encontrado a mulher da sua vida, seu coração foi despedaçado. Então, Lucas não via mais motivos para ser o bom moço da família.

Sabrina Petri, a caçula de quatro irmãos, sempre foi cercada de cuidados e amor. Uma garota alegre e extrovertida que teve a vida virada pelo avesso subitamente. Quando conheceu o homem que poderia fazê-la feliz, ela já não podia se entregar.

Um romance tórrido e intenso. Uma atitude movida por impulso pode fazer a vida dos dois mudar completamente.

O amor será capaz de consertar dois corações feitos em pedaços?



ÍMPETO

Vol. III da série *Inspiração*

À VENDA NO FORMATO DIGITAL:

http://www.amazon.com.br/dp/B0121UD2UG

Ana Luíza Petri é uma enfermeira dedicada, bem-humorada, alguns diriam ferina e com uma língua afiada, mas ela gosta de ser assim. Usa o sarcasmo e humor ácido como uma arma para se proteger de eventuais desilusões, mas nem sempre foi assim. Ana era uma mulher sonhadora e romântica, até que viu sua vida e sonhos ruírem de uma só vez. Passou por uma boa pancada do destino ao qual ela prometeu nunca mais se deixar ficar tão vulnerável. Após os acontecimentos que mudaram sua vida, decidiu tomar conta de tudo, controlar cada passo que dava e nunca, nunca, se envolver com alguém que ela realmente sentisse desejo. E isso incluía o homem que trazia à tona todos os fantasmas que a assombravam e que teimavam voltar. Para alguns poderia ser fácil apenas se afastar e nunca mais precisar ver aquele que causava tanta dor, certo? Pra ela não. Infelizmente, ele fazia parte da família.

Alberto Brenner é um pediatra apaixonado pela profissão e totalmente dedicado às suas crianças. Em sua vida, nada foi tão complicado quanto amar uma mulher que o fazia querer desistir de toda a liberdade que conquistou com tanto suor. Cercado por lindas mulheres, ele nunca se negou ao prazer da carne. Após o término não muito amigável com Ana, ele escolheu viver a “La Vida Loca”, e anos depois não consegue esquecer a única mulher capaz de tirá-lo do sério. Porém, uma proposta irrecusável é feita. Um acidente muda tudo. E ele vê a vida como ela realmente é: frágil. Por isso, decide recuperar todos os anos perdidos. Ou tem o perdão da sua amada ou toca a sua vida, segue em frente, sem olhar para trás.

Só que o destino resolve testá-los mais uma vez. Será mesmo que o passado tem o poder de voltar e nos assombrar? Tenha o ímpeto de embarcar nessa história repleta de drama, humor, romance e sensualidade. O terceiro livro da série Inspiração promete mexer com todos os seus sentidos. Envolva-

se!



INSINUAÇÃO

Vol. IV da série *Inspiração*

À VENDA NO FORMATO DIGITAL:

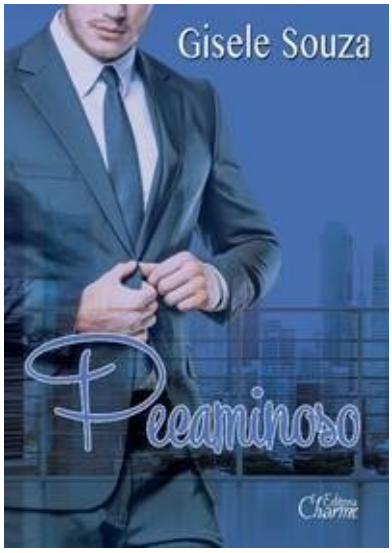
https://www.amazon.com.br/dp/B01EQK6A1W

A beleza da vida está na simplicidade das coisas. Um olhar carregado de insinuações pode transmitir muito mais do que palavras conseguem traduzir.

O misterioso Heitor Teles é um homem de origem humilde, que batalhou por cada conquista na vida. Apesar do bom humor e charme cativante, o dono do “Beer At The Bar” caminhou nas sombras por muitos anos, expurgando seus pecados. Quando tudo parecia ter se perdido, ele encontrou a paz que tanto almejava e a esperança de redenção.

Liz Queiroz conheceu Heitor em seu momento mais frágil, de alguma forma se conectou a ele muito mais do que deveria e precisou se afastar. Mas seus sentimentos eram fortes e reais demais para ignorá-los. Por mais que fosse se machucar, ela precisava dar uma chance.

Só não contava que os fantasmas do passado retornariam. Um segredo capaz de destruir o que restava da esperança precisava ser revelado. Como perdoar o erro que custou mais que sua alma?



PECAMINOSO

À VENDA NO FORMATO IMPRESSO:

AMAZON | SARAIVA | LOJA DA CHARME | CULTURA | CIA. DOS LIVROS

Quando Isabella Leal foi trabalhar em uma empresa de processamento de dados como estagiária, não imaginou que, ao ser efetivada, passaria por uma situação tão inusitada… E deliciosa!

Ela se deparou com um vício: Blake Miller. Além de ser lindo e ardente, o jovem CEO da empresa era irritantemente arrogante.

Após um encontro arrebatador, Isabella percebe que se tornou um erro. Mas ela não vai deixar isso barato! Blake vai descobrir o que uma mulher determinada e com o sabor do pecado é capaz de fazer.



MOMENTOS

À VENDA NO FORMATO DIGITAL:

http://www.amazon.com.br/dp/B00R0EN7GI

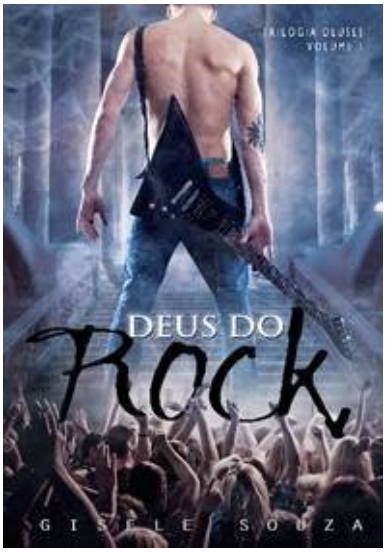
Joana viveu sua vida cercada de momentos bons, ruins, alegres e tristes. Momentos estes que mudaram sua vida completamente. Quando conheceu Bernardo e André, viu naqueles dois garotos uma linda amizade. Os três se tornaram inseparáveis. Até que, por uma brincadeira do destino, tudo passou a ser sombrio.

Depois de anos vivendo cercada de culpa e tristeza, uma chance lhe é dada. Só que nem tudo é como gostaríamos que fosse. A vida muitas vezes nos prega peças e somos desviados de nosso caminho.

Momentos plenos de felicidade se tornam apenas lembranças.

O amor pode ser incondicional até que ponto?

TRILOGIA DEUSES



DEUS DO ROCK

Vol. I da trilogia *Deuses*

À VENDA NO FORMATO DIGITAL:

http://www.amazon.com.br/dp/B016HGHR1K

Para viver um grande amor, você se condenaria ao inferno?

Com uma vida cercada de privilégios, riqueza e poder, Apolo, o filho prodígio de Zeus, é um homem determinado e acostumado a ter tudo que deseja. O poderoso deus do sol tornou-se também o deus do rock. Sua herança seria o trono do Olimpo e foi nisso que regeu sua vida, sempre à disposição, esperando, aprendendo, obedecendo.

Contudo, o destino ainda o colocaria à prova, talvez a doce Angélica fosse apenas um teste de força, uma tentação que ele precisava resistir. Só que, ao ver os olhos daquela menina tímida, perdida nos bastidores do show business, ele já havia perdido a batalha.

Agora restava apenas vencer a guerra para viver seu grande amor. As garras afiadas das Moiras não lhe dariam trégua, um mal precisava ser feito para o bem vencer. Alianças serão travadas, amizades destruídas, a confiança será quebrada… Uma união de corpo e alma que acarretará num conflito entre deuses e mortais, um jogo de poder que poderá custar muito mais que a imortalidade.

Recomendado para maiores de 18 anos.

[1] Nome de cidade fictícia criada pela autora.